ALLY CARTER

Best seller do New York Times

EM QUEDA LIVRE



Da série:

SEGREDOS DIPLOMÁTICOS

GUARDA-CHUVA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ALLY CARTER

Tradução: Renato Aguiar

EM QUEDA LIVRE

Primeiro livro da série

SEGREDOS DIPLOMÁTICOS

1a edição
Rio de Janeiro, 2015

GUARDA-CHUVA

Para Kristin Nelson, agente literária extraordinária.

CAPÍTULO UM



“Quando eu tinha doze anos, quebrei a perna pulando do muro entre o Canadá e a Alemanha”, digo, mas a mulher diante de mim nem pisca. Não me pergunto se ela já conhece a história. É provável que já a tenha ouvido, tenho quase certeza, mas continuo a contar.

“Meu irmão disse que a queda provavelmente me mataria. Mas só quebrei o fêmur direito em três lugares. É, eu mostrei a ele!”

“Sei”, diz a mulher, impassível, e eu sigo adiante. “Fraturei meu antebraço esquerdo quando tinha dez anos, e desloquei o ombro direito cinco meses depois. A senhora já esteve em Fort Benning?”, pergunto, mas nem espero a resposta. “Bem, a senhora pode até achar que dá para subir naquela árvore grande que fica na frente do Clube dos Oficiais. Mas pode acreditar – não dá. Então... Onde eu estava mesmo? Ah, aos quatorze foi o ano da concussão. Foram duas. Nós estávamos alocados em San Diego na época. Eu só quebrei o tornozelo depois que nos mudamos para o Alabama.”

Respiro fundo. “E então vim parar neste lugar. Aqui estou.”

“E nem está sangrando”, diz a mulher. “Que excelente começo nós temos pela frente.”

“Então, respondendo à sua pergunta, senhora Chanceler...”

“Ah, é senhorita Chanceler, Grace. Não sou casada.”

“Desculpe-me. *Senhorita* Chanceler. Eu não quero confusão. Mas a confusão meio que me encontra.”

Atrás dos óculos de armação escura, dá para ver um lampejo nos olhos castanhos da senhorita Chanceler. Sua boca se repuxa em algo que não é exatamente um risinho irônico, mas que definitivamente não é um sorriso. Dá para notar que ela não acredita em mim, mas também sei que ela bem que gostaria. Todo mundo quer que eu seja diferente do que é alardeado por aí. Grace: nova edição revisada.

O que a senhorita Chanceler não percebe de jeito nenhum é que ninguém quer isso mais do que eu.

“Bem, esperemos que a confusão não tenha sido informada sobre seu novo endereço”, diz ela. “Seu avô gostaria que este fosse um novo começo para você, Grace. Uma nova cidade. Um novo lar. Nós gostaríamos que fosse uma chance para você se afastar dos seus problemas.”

Bem que ela poderia ter tentado ser legal neste ponto. Ser... sabe como é... diplomática. Essa é a finalidade deste lugar, afinal. Mas acho que a diplomacia nem sempre se estende a adolescentes com o meu tipo de reputação.

“Isso é tudo?”, diz a senhorita Chanceler, dando um sorrisinho. É quase como se estivesse me desafiando a superar a mim mesma.

“Bem, é verdade que vi minha mãe morrer diante dos meus olhos quando tinha treze anos. Mas você já sabia disso, não sabia, *senhorita* Chanceler?”

Ela se retrai quando digo isso. As pessoas sempre se retraem. Para falar a verdade, essa é meio que a razão pela qual faço isso. Quer dizer, evitar o assunto do incêndio não vai trazer minha mãe de volta. Não vai me fazer deixar de ver o que eu vi. Além disso, sei que a senhorita Chanceler quer muito me perguntar

sobre isso, para ver se eu sou tão doida quanto dizem por aí. Essa é a chance dela. Se ela for doida o bastante para tentar.

Mas não é.

Em vez disso, ela se levanta e começa a andar em direção à porta.

“Bem, Grace, posso levá-la até o seu quarto?”, pergunta ela, mas eu quase consigo ouvir o que ela está pensando – a corrente subterrânea de perguntas e dúvidas. Minha vida é uma conversa infinita de coisas que as pessoas não dizem.

A senhorita Chanceler sorri. “Aposto que você gostaria de se ambientar, não?”

Quando a sigo ao longo do corredor, é impossível não olhar para a porta dupla do gabinete vizinho. Ela é grande e pesada – imponente –, com o brasão dos Estados Unidos no centro e duas bandeiras a flanqueá-la. Parece tão oficial e tão sólida, mas o fato mais importante sobre esta porta é que está rigorosamente fechada. Até para mim.

“Ele está?”, pergunto.

Não o vejo há três anos.

“Não, Grace. Seu avô é um homem ocupado. Mas ele me pediu para garantir que você se acomodasse.” Ela faz um aceno um pouco ansioso demais, dá um sorriso um pouco brilhante demais. “Venha. Vou lhe mostrar a casa.”

“Eu já estive aqui”, digo, seguindo-a até a escadaria.

“Claro, mas *eu* nunca tive o privilégio de apresentá-la a você.”

“Morei aqui todos os verões até minha mãe morrer. Eu conheço a casa.”

“Claro que conhece, mas eu e você nunca tivemos realmente a oportunidade de nos conhecermos. Eu gostaria que fôssemos amigas, Grace.” A senhorita

Chanceler para no degrau mais alto, a mão sobre o corrimão. A claridade que entra por uma grande janela circular capta a luz em seus cabelos ruivos. É bonito. Ela é bonita. Aposto que era uma gata aos vinte anos, mas ela é só alguns anos mais nova do que meu avô, o que a deixa com pelo menos uns sessenta anos agora. Seus cabelos ruivos, então compreendo, provavelmente vêm de um pote de tinta.

“Chocolate?” Ela tira dois bombons embrulhados num papel azul do bolso de seu paletó bem talhado, me oferece um e fica com o outro para si.

“Eu tenho dezesseis anos”, digo a ela.

“E daí?”

“Não sou uma criancinha. Você não precisa me subornar com doces.”

“Que bom. Vou poder comer o seu.” Ela desembrulha um e o atira na boca.

CAPÍTULO DOIS



A senhorita Chanceler acha que o quarto no final do corredor é o meu.

Estou tão pasma com o erro que nem sei como dizer que ela está errada. Por isso, limito-me a ficar parada, observando as lâmpadas piscarem e zunirem quando ela liga a luz. A impressão que dá é a de que o quarto não está conseguindo acordar direito do seu longo sono. Ele não é usado há anos, afinal.

Três anos.

As tomadas são todas esquisitas, e no banheiro anexo tem uma torneira de água quente e outra de água fria. Isso tudo me faz lembrar de onde estou – da enorme distância que viajei. Não é só mais uma mudança de uma base do Exército para outra. Desta vez, estou bem no meio do território inimigo, e terei que me virar sozinha.

A senhorita Chanceler abre a janela e deixa o ar fresco encher o quarto. A brisa tem cheiro de mar.

Todo ano, o embaixador suíço dá de Natal ao meu avô uma imensa caixa de chocolates, e eu sei por experiência que o bombom que a senhorita Chanceler está oferecendo é cremoso e doce, e diferente de tudo o mais que possa haver na Terra. Então, eu pego o meu bombom, desembrulho-o e o seguro na mão por um

segundo antes de dar uma mordida. Uma fina camada de chocolate cobre meus dedos quando termino.

“Tome”, diz ela, estendendo-me um lenço.

Eu esfrego as mãos na minha calça jeans.

A senhorita Chanceler vê, e interpreta isso como uma prova de que a neta do embaixador é exatamente tão bárbara e indomável quanto dizem.

Começo a descer a escada e evoco meu mais régio timbre ao dar uma olhadela por sobre os ombros. “Acho que temos um *excelente* começo pela frente.”

A embaixada parece menor do que eu me lembrava. Sei que as construções supostamente encolhem quando a gente cresce, mas não esperava tanto. Na escada, minhas mãos dão a impressão de serem grandes demais para a balaustrada. Fico imaginando o que a senhorita Chanceler faria se eu montasse no corrimão e escorregasse até o piso quadriculado em preto e branco, como sempre fazia quando Jamie me dizia para não fazê-lo.

“Há 55 empregados americanos na embaixada”, diz a senhorita Chanceler, voltando discretamente ao seu modo guia, como se eu fosse apenas mais um dignitário em visita. Realmente não posso culpá-la – eu dou muito trabalho mesmo, sou uma responsabilidade para a qual ela não foi especificamente treinada.

“Poucos deles residem na embaixada. A maioria vive na cidade. Nós somos a face dos Estados Unidos aqui em Adria. Fazemos um trabalho importante para uma causa importante. E agora, Grace, você é uma de nós!”

“Eu sei”, digo, mas ela simplesmente continua como se tudo fosse novidade para mim. Como se eu não tivesse passado aqui cada verão da minha vida até três anos atrás.

“Algumas pessoas que trabalham aqui têm filhos mais ou menos da sua idade”, diz a senhorita Chanceler. “Imagino que você vá fazer grandes amigos por aqui, Grace.”

“Oba.”

Se capta o meu sarcasmo, ela o ignora.

“Nós também temos quarenta cidadãos adrianos que trabalham conosco. Não para nós. Nunca *para nós*.” Ela acrescenta esta última parte quase murmurando.

Ao chegarmos ao final do corredor, vejo a grande janela redonda com um assento acolhedor abaixo dela. Pesadas cortinas de veludo pendem de cada lado, prontas para bloquear o mundo lá fora. A luz ondula através do vidro frisado, e sinto que estou parando, olhando fixamente.

À distância, posso ouvir uma mulher contar.

“Vinte e sete. Vinte e oito. Vinte e nove.”

Uma criança ri.

Ouvem-se passos nas escadas.

“Pronta ou não, lá vou eu!”, grita a mulher, e a risada fica mais alta.

“Gracie!”, ecoa a voz da mulher pelo corredor. “Gracie, onde está você?”

“Grace?” A voz é mais alta – mais próxima. Ela corta a neblina que preenche a minha mente. “Grace”, diz a senhorita Chanceler, e eu estremeço ao lembrar onde estou. *Quando* estou.

“Grace”, tenta ela novamente. “Está me ouvindo?”

“Estou”, digo, balançando a cabeça. “Eles trabalham conosco. Nunca *para* nós. Entendi.”

Ela me observa, sem saber se deve ficar preocupada ou irritada. “O que estava dizendo, *depois* disso, é que a segurança é nossa principal prioridade aqui. Adria é um posto muito amistoso, mas nós vivemos num mundo perigoso. É por isso que os protocolos de segurança não são opcionais. Nossas portas não ficam abertas. Nós não revelamos códigos de acesso a ninguém. E nós nunca, jamais pulamos de muros.”

Ela tira os óculos e me olha fixamente, os olhos da mesma cor castanha que seus cabelos, e eu sei que não foi uma piada.

“Enquanto estiver neste prédio, você está em solo norte-americano. Este é o seu país. Este é o seu lar. Mas basta sair destes muros para você se tornar uma visitante em Adria – uma visitante com uma responsabilidade muito importante. Grace, eu preciso saber se você está compreendendo.”

“Claro”, digo, pois já ouvi tudo isso antes. Já fiz tudo isso antes. Já ignorei tudo isso antes.

“Nós temos que respeitar nosso país anfitrião e *temos que respeitar nossos vizinhos*.” Ela baixa a voz outra vez e fica mais séria. Mais concentrada. E não está para brincadeira quando me adverte: “Às vezes, os muros que nos separam dos vizinhos são tudo o que existe entre o nosso país e a guerra.”

“Eu entendo. Não se preocupe. Não vou causar nenhum problema.”

Naquele momento, eu falei sério. Falei mesmo, de verdade. A senhorita Chanceler deve ter visto isso nos meus olhos, pois estendeu a mão. Porém, assim que seus dedos tocaram meu ombro, eu senti um choque e me afastei bruscamente. Tenho quase certeza de que senti cheiro de fumaça.

“Grace?” A voz da senhorita Chanceler é muito suave – muito distante. “Grace, sabe por que o seu avô convidou você para vir morar com ele?”

“Porque a unidade do meu pai foi enviada para o Oriente Médio e zonas de guerra não são mais tão receptivas a crianças quanto eram antigamente?”

“Não. Você está aqui porque seu avô trabalhou em Adria por quase meio século. Ele se casou com uma mulher daqui. Criou sua família aqui. Este foi o lar de sua mãe, Grace. É o *seu* lar. E seu avô quer que você saiba disso, e que você o ame tanto quanto ele. Ele sempre quis que você viesse para cá.”

“Tudo bem.” Eu não vou perguntar a ela – já que vovô gosta tanto assim de mim – como é possível que eu não o tenha visto uma vez sequer desde antes da morte da minha mãe.

A senhorita Chanceler sorri para mim. Ela acha que nós acabamos de criar um laço. Eu não tenho coragem de dizer que ela está errada.

Estou aqui porque não há nenhum outro lugar para onde eu possa ir.

“Pois bem, eu sei que providenciamos despachar a maior parte das suas coisas para cá, mas... Ah, que bom, alguém trouxe sua bagagem aqui para cima.” Ela faz um gesto indicando a grande mala de rodinhas e a bolsa de roupas ao lado da cama. “Creio que você tem tempo suficiente para desfazer suas malas antes do jantar. Gostaria de alguma ajuda?”

Ela para e me observa por um momento, mas o silêncio fica pesado demais e ela deixa escapar: “Então, o que acha?” Ela dá um sorriso excessivamente radiante; eu tenho a sensação de que muita coisa está em jogo com esta resposta, seja ela qual for. “Gosta do quarto?”

Alguém tinha posto flores sobre a escrivaninha e eu estendo a mão para tocá-las. Examino as cortinas de renda branca e a grande cama de casal com uma sinuosa

cabeceira espiralada e um dossel cor-de-rosa claro. O quarto dos sonhos de toda garotinha. Pena que eu não sou uma garotinha.

Pena que eu não sou a minha mã...

“Talvez esteja havendo algum engano”, digo com precipitação. “Eu sempre fico no quarto amarelo.” E aponto na direção do quarto menor, a três portas de distância. “Aquele é o meu quarto.”

“Bem, seu avô e eu achamos que você ficaria mais à vontade neste quarto. Já que vai ficar por mais tempo desta vez. Ele é maior, como você pode ver. E, é claro, tem um banheiro próprio e...”

“Este é o quarto da minha mãe”, digo. Como se ela não soubesse. Como se não fosse óbvio.

Os sinais estão por toda parte, desde a caixa de joias com a bailarina na tampa que fica na penteadeira até os bichos de pelúcia no banco abaixo da janela. Em todos os verões da minha infância, minha mãe fazia uma peregrinação de volta a um quarto que nunca mudava. Ela cresceu, mas o quarto não. Quando eu era criança, achava que ele parecia uma máquina do tempo. Agora, parece um relicário.

“Nós podemos redecorar”, diz a senhorita Chanceler. “Claro, é você quem deve escolher as suas próprias coisas. Nós temos uma adorável seleção de móveis no sótão. Você gosta de antiguidades?”, pergunta, e então compreende o quanto isso parece bobo. “Claro que não gosta de antiguidades. Bem, talvez a gente possa mandar trazer alguns dos seus móveis dos Estados Unidos, se você preferir.”

“Não precisa”, digo. “Eu também não tinha casa lá.” Por um segundo, ela me olha como se eu fosse a orfãzinha mais triste do mundo, então aponto para mim mesma e digo: “Cria do Exército”, como se morar em dez bases em quinze anos tivesse me deixado invulnerável a mudanças. Como se o que aconteceu fosse só mais uma coisa de que eu pudesse me afastar e me esquecer.

“Ah”, diz ela, e concorda com um leve aceno de cabeça. “Bem, que tal darmos uma olhada no sótão, em todo caso? Ou você pode se mudar para o quarto amarelo, se achar melhor.”

Enquanto ela fala, eu afasto a cortina de renda e olho fixamente para fora. O velho quarto da minha mãe fica nos fundos da embaixada, bem pertinho da antiga muralha erguida em torno dos limites da cidade. Do lugar onde estou, no terceiro andar, tenho uma visão panorâmica da bandeira russa que tremula no alto do edifício vizinho. Do outro lado, posso ver a Alemanha e um pedacinho do Canadá – dezenas de embaixadas arranjadas como dominós num anel em volta da cidade. De repente, sinto um medo esmagador de que eu vá derrubá-las todas. É só uma questão de tempo.

É por isso que, mesmo com a janela aberta, estou tendo dificuldade para respirar. A senhorita Chanceler está dizendo alguma coisa sobre planos para o jantar e um toque de recolher à meia-noite. Ela não percebe que os muros estão se fechando. Seus punhos não estão coçando a ponto de ela querer enterrar as unhas neles até sangrar. Ao abrir o armário e separar um vestido de verão vermelho, ela não ouve a voz no banheiro chamar: “*Gracie, meu amor, você pode fechar meu zíper?*”

Eu fecho os olhos e dou um passo para trás, mas a senhorita Chanceler não nota. Ela não está prestando atenção suficiente.

“Grace?”, diz a senhorita Chanceler. “O que acha?”

Eu acho que tenho que dar o fora daqui. Preciso sair correndo. Respirar.

“É...”, começo a dizer, fazendo força para respirar.

“Grace, você está bem?”

Eu tenho que fazer a senhorita Chanceler sair daqui, penso ao virar-me para a janela e notar a árvore que cresce para o céu, seus grandes galhos facilmente ao

meu alcance. “É perfeito.”

Quando a senhorita Chanceler se retira, eu sei que devo desfazer as malas e tratar de me ambientar. Mas não consigo nem tocar nas minhas coisas. Há uma escova de cabelos numa gaveta do banheiro. Uma capa de chuva e um guarda-chuva velhos pendurados no gancho atrás da porta. As gavetas da penteadeira estão vazias, mas as prateleiras estão cheias de livros. Os livros da minha mãe. Nancy Drew e Agatha Christie. Ela sempre gostou de um bom mistério.

E a única coisa que eu sei com certeza é que não quero estar aqui. Não neste quarto. Não nesta embaixada. Não na cidade de Valancia ou neste país, Adria.

Eu. Não. Quero. Estar. Aqui.

O grito está na minha garganta, querendo sair, mas não ouso soltá-lo. Em vez disso, escancaro a janela. Já passei uma perna sobre o peitoril e estou me esticando para pegar o galho de árvore mais próximo, quando escuto uma vozinha dizer: “Onde é que você vai?”

Fico paralisada.

Aqui é sempre sossegado. Tinha me esquecido disso em relação à Ala das Embaixadas. Seria de imaginar que toda essa diplomacia fizesse algum tipo de barulho – um zumbido pelo menos. Mas tudo o que ouço são pássaros, o vento agitando a árvore. Talvez um pouquinho de tráfego à distância, mas a maior parte do tempo tudo fica silencioso. Estou absolutamente imóvel, esperando a voz retornar.

“Oi! Aqui!”

Então eu a vejo, sentada no alto do muro, em linha reta à minha frente, um braço magro acenando na minha direção. Não pode ter mais que doze anos. Ela tem a pele pálida e os cabelos platinados. É como olhar para um fantasma.

“Para onde você está indo?”, pergunta a garota outra vez. Seu sotaque é do norte da Europa – alemão, talvez.

“Lugar nenhum”, digo.

“Mas parece que você está saindo!”, grita ela.

Eu desço, voltando ao quarto da minha mãe, e saio correndo porta afora.

Eu não vou ter um ataque de pânico. Não vou deixar que ele venha e me domine. Não vou dar razão para ninguém chamar meu pai nem os médicos, para me darem remédios ou me fazerem falar. Eu juro solenemente que nunca mais vou falar, se puder evitar. Então, corro mais rápido. Os degraus passam de dois em dois, girando, espiralando. Eles me levam para longe do quarto da cama de dossel, da escova de cabelos e dos mistérios, dos problemas que não posso resolver.

Mas, assim que chego ao patamar, posso ver o fundo da escada e o menino que já está lá, esperando.

Congelo, estupefata.

Ele não devia estar ali.

Quando ele diz: “Ora, ora, se não é Grace, o Ás”, eu sei que é tarde demais para fugir. Onde quer que eu me esconda, ele vai me encontrar. Ele sempre consegue me encontrar.

“Não é assim que o seu irmão chama você?”, pergunta o menino, mas não espera a resposta. “De qualquer forma, bem-vinda de volta.”

Ele sorri como se isso fosse a coisa mais fácil do mundo. Como se ele estivesse exatamente no lugar onde deveria estar. Mas não está. Só o sotaque já basta para

dizer que ele está do lado errado do muro.

Ele não devia estar aqui.

Por um segundo, quase desejo que a senhorita Chanceler ainda estivesse comigo. Eu me sinto muito pequena novamente, a embaixada é muito grande. Como se eu tivesse dez anos e estivesse prestes a me meter em encrenca. Trancada num armário, depois repreendida por ir atrás dos garotos e mandada de volta para o quarto. Sinto um desejo repentino de pular o muro ou a janela, só para provar que posso.

“Então, quando você chegou?”, pergunta o garoto.

“Desculpe”, digo, me forçando a chegar mais perto dos olhos azuis que estão me olhando fixamente, grandes demais, intensos demais. É um olhar que poderia me queimar se eu deixasse, então decido não deixar. Nem um pouquinho. Viro e o encaro. “Nós nos conhecemos?”, pergunto.

O menino dá uma risada. “Bela tentativa, Grace. E aí, como vai o Jamie?”

“Está ótimo. Como sempre. Se você conhecesse mesmo o meu irmão, saberia disso.”

“Ah, mas eu *conheço* o seu irmão”, diz o garoto, com o sotaque ainda mais carregado. “Na verdade, eu conheço *você*.” Ele não pisca, mas me dá aquele tipo de sorriso que vem junto com uma piscadela.

“Ah, nossa, peço desculpas por não me lembrar”, digo ao chegar ao térreo e virar para entrar no corredor. “Pelo visto você não me impressionou muito.”

“Mas é óbvio que impressionei. É claro, na última vez que nos vimos eles estavam catando o que restava de você do pátio alemão, então faz sentido que a sua memória esteja abalada.”

“Canadense”, digo. “Eu estava no pátio canadense. Nunca caí na Alemanha.”

Comecei a forçar a passagem por ele, mas o garoto bloqueou o caminho.

“Por quanto tempo você vai ficar fazendo esse joguinho, Gracie?”

“Não faço ideia do que você está falando.”

“Então permita que eu me apresente”, diz ele, curvando-se num cumprimento debochado. “Alexei Volkov, aos seus serviços. Eu moro na casa ao lado.” Com um aceno de cabeça, ele indica a janela da embaixada russa.

Porque é assim que as coisas são na Ala das Embaixadas. O garoto da casa ao lado é provavelmente russo.

Ele *não devia estar aqui*.

“Neste caso, você não deveria ir para casa?”, pergunto. “Seria péssimo se a gente provocasse um incidente internacional. Eu voltei hoje. É o meu primeiro dia aqui.”

“Na verdade, é por isso que estou aqui. Veja bem, seu irmão me encarregou de tomar conta de você.”

Depois dessa, eu tinha que rir. “Ah, ele encarregou, foi?”

“Foi. Eu devo... e estou usando as palavras dele... ‘impedir que Grace se mate ou mate outra pessoa’. Especialmente eu mesmo. Ele foi muito enfático nesta última parte.”

“Eu não preciso de babá.”

“Não foi o que ouvi dizer.” Alexei cruza os braços e se recosta à parede, bloqueando meu caminho. Mas há algo em seus olhos ao me fitar. “Você cresceu, Gracie.”

“As pessoas crescem. Mesmo as irmãzinhas.”

“Você será sempre a irmãzinha do Jamie.”

“Ele gosta de ficar me lembrando desse fato. Mas isso não faz de mim um problema seu.”

“Acho que neste ponto nós vamos... como é que vocês americanos falam? Concordar em discordar.”

Alexei vive na Ala das Embaixadas desde os três anos de idade. Frequentou a escola internacional, cuja língua é o inglês, desde os cinco. O inglês dele é tão bom quanto o meu, mas ele gosta de fazer este jogo. Todos eles gostam. Eu não jogo nenhum jogo que não possa ganhar.

“Como vai você, Gracie?”, pergunta ele. Agora sua voz está suave demais. Sincera demais. E eu odeio o som dela. Fico pensando no que ele sabe. O que Jamie contou a ele?

Por bem ou por mal, eu baixo a cabeça e digo: “Viva.”

“Que bom”, diz Alexei. Então seu rosto assume um ar sombrio, e pressinto as palavras antes mesmo de ele inclinar a cabeça e dizer: “Fiquei muito chateado ao saber da sua mãe. Ela sempre foi muito gentil comigo.”

“Eu...”

As portas da sala de estar formal estão abertas e, ao olhar além delas, *vejo cobertores apoiados nos encostos das cadeiras. Alguém construiu um forte*.

“Jamie!”, chama uma garotinha loura. “Alexei!”

Mas os meninos não estão em lugar algum que ela possa ver.

Uma mulher entra rapidamente na sala e pega a garotinha nos braços. “Gracie, o que foi?”

“Eles me deixaram aqui.” A voz da garotinha está tremendo, carregada de lágrimas que ela não deixa escorrer. “Jamie e Alexei foram embora!”

“Ah, Gracie.” A mulher a abraça mais forte. “É por isso que eu estou aqui. Nunca vou deixar você.”

“Nunca me deixe”, sussurro.

“Grace?” A voz de Alexei alcança os meus ouvidos. Mas é mais profunda do que antes. Ele e Jamie nunca mais vão construir um forte. “Grace, você disse alguma coisa?”

“Eu... Eu tenho que ir.”

“Grace...”

“Eu tenho que ir agora!”, grito, porque ele está perto demais. O passado está perto demais. As emoções que mantenho trancadas dentro de mim estão vindo à tona. E, acima de tudo, estou cansada. Estou tão cansada. E se tiver que ficar dentro deste edifício por mais um segundo posso não resistir. Posso simplesmente me desintegrar feito cinza e ser levada pelo vento.

Há um pequeno quintal atrás da embaixada. Repleto de roseiras transplantadas da Casa Branca e de bancos isolados – pequenos caminhos sinuosos entrecruzam o terreno.

Quando estendo a mão para a porta, Alexei diz: “Grace, você não pode ir por aí.”

Eu dou meia-volta, levanto os braços e grito: “Ah, é? Então olha só!”

Eu forço a porta, empurrando-a com toda a minha força. O problema é que eu sou maior do que era antes. Mais forte. E as portas se abrem com demasiada facilidade ao meu peso. A escadaria é escorregadia e eu perco o equilíbrio assim que passo pela porta. Percebo que estou escorregando, caindo.

Uma mão me agarra por trás, mas é a sensação errada na hora errada. Parece uma corda se esfiapando dentro de mim, desfiando lentamente até...

Arrebentar.

Eu me viro e golpeio com força. Um grito desponta na minha garganta, instintivo e bruto, e então estou me soltando e mergulhando. Caindo. Quando aterrisso nas roseiras, sinto os espinhos de uma delas dilacerando a minha pele, agarrando-se às minhas roupas. Mas não posso ficar ali parada. Tenho que ir embora, então faço força para me pôr de quatro e rastejar na terra, mas minha cabeça está girando. Estou vendo estrelas.

Não... Estrelas, não. Luzes brilhantes lampejam numa tempestade de cliques rápidos. Tiro o cabelo da frente dos olhos e levanto a cabeça, então vejo uma verdadeira coletiva internacional de imprensa à minha volta, câmeras na mão, capturando todos os meus movimentos. Deve haver pelo menos cinquenta pessoas no quintal. Do outro lado da multidão, vejo o pai de Alexei, olhando para mim horrorizado.

“Por isso”, diz Alexei, tão baixinho que mal consigo ouvir.

Só então compreendo que não estou sozinha no chão. O embaixador russo cospe e engasga ao meu lado. Sangue escorre do seu nariz, e ele leva a mão à boca como se tivesse levado um soco.

Porque *tinha* levado um.

Olho as minhas mãos. Estão tremendo. E há uma leve mancha de sangue nos nós dos meus dedos.

“Olá, Grace, querida.”

Instantaneamente, reconheço a fala arrastada do sul dos Estados Unidos, que, mesmo depois de décadas de afastamento, ele ainda não perdeu. Aperto os olhos

para enxergar na claridade. Distingo vagamente um terno escuro, uma gravata vermelha e cabelos brancos – um sorriso que não vejo há anos.

Limpo a terra do rosto e dou uma última olhadela no russo, claramente irritado.

Então me viro para o homem que me estende a mão e digo: “Oi, vovô.”

CAPÍTULO TRÊS



Ouço claramente os gritos, mas não consigo distinguir as palavras. Talvez porque as portas do gabinete do embaixador são praticamente à prova de som. Talvez porque a maior parte dos gritos é em russo.

Há um guarda no final do corredor. Ele usa uniforme de camuflagem e porta uma semiautomática. Definitivamente, a gente não está mais nos Estados Unidos, compreendo, sentada numa cadeira dura, balançado as pernas para a frente e para trás, tentando não sangrar no tapete da Rússia, que é bem bonito.

“Eu não queria ter feito isso”, murmuro depois de um tempo.

“Eu sei”, diz Alexei. Ele permanece absolutamente imóvel, escutando as palavras que passam por baixo da porta.

“Foi um acidente”, digo. “Ele devia saber que não se sai por aí agarrando pessoas.”

“Ele estava tentando ajudar você!”

“Não tinha nada errado comigo”, digo, minhas palavras já automáticas. Elas não precisam ser verdadeiras. Só tenho que fazer os outros acreditarem nelas.

Mas Alexei nunca foi como os outros.

“O que aconteceu lá?”, pergunta ele.

“Você estava lá. Viu o que aconteceu.”

“O que *você* viu?”

Tenho um sobressalto, mas não há como Alexei saber das visões, dos flashes e das memórias. Não é possível que ele tenha adivinhado que eu vi minha mãe – que ouvi a voz dela e que senti seu toque. Eu não estou vendo fantasmas. A embaixada não é assombrada. Mas *eu* sou. E, sentada naquela cadeira dura, percebo a verdade: o que vi três anos atrás vai me assombrar pelo resto da vida.

Não percebo que estou balançando para a frente e para trás até Alexei pôr a mão nas minhas costas. Eu gelo, e em seguida me afasto.

“Não me toque”, aviso.

“Como quiser, Gracie.”

“Não me chame de Gracie.”

“Está bem”, concorda Alexei, balançando lentamente a cabeça. “Está tudo bem. Pelo menos espero que esteja.”

Quando Alexei olha para a porta fechada, compreendo que não sou a única que está com medo.

“O que você está me escondendo?”, pergunto, mas Alexei não diz nada. “Alexei, o que está acontecendo?”

“As coisas têm andado meio... tensas... ultimamente.” Ele continua dando olhadas rápidas para a porta.

“Nós somos os Estados Unidos, vocês são a Rússia. As coisas estão sempre meio tensas.”

“Pioraram.”

Relações diplomáticas são como um iceberg. Cerca de 90% delas existem abaixo da superfície, invisíveis para o mundo em geral. Mas estão sempre lá. E, se não tomar cuidado, podem afundar você. Sei que não caí apenas numa coletiva de imprensa. Caí em águas traiçoeiras – e tornei as coisas ainda piores.

“Gracie”, diz meu avô ao abrir a porta poucos minutos depois.

Eu me levanto e vou mancando até ele. Ainda há terra nas minhas roupas e as palmas das minhas mãos estão vermelhas.

“Desculpe-me”, digo, pelo que parece ser a milionésima vez.

“Não peça desculpas a mim, Gracie.” Vovô dá um passo para trás e aponta para o seu colega russo. “Peça a ele.”

O homem tem a idade do meu avô, mas seu cabelo é mais ralo e não tão branco. Ele está sem gravata e o sangue mancha sua camisa branca. Tem um curativo no pescoço, onde as roseiras o arranharam. Seu olho esquerdo já está ficando roxo, e ele me olha fixamente, como se eu estivesse me aproximando com um canivete.

“Senhor embaixador”, digo a ele, “sinto muitíssimo pela minha falta de cuidado. Foi um acidente. Acho que não conheço a minha própria força.”

Tento forçar uma risada. Quero desesperadamente que essa situação seja engraçada, mas o homem que me encara com fúria não pensa assim.

Não precisamos transformar isso num drama!, quero gritar, mas não serviria para nada. O embaixador russo está sangrando e isso aconteceu em solo norte-americano – pelas mãos de uma cidadã norte-americana –, de modo que respiro fundo e abaixo a cabeça.

“Peço sinceras desculpas.”

O embaixador russo faz um aceno de cabeça e vai embora. Eu poderia me sentir aliviada, mas o pai de Alexei vem na minha direção. “Muito bem”, diz ele. E depois, abruptamente: “Alexei. Venha.”

Quando Alexei se levanta e segue pelo corredor, compreendo uma coisa: ele também está com problemas.

O pai de Alexei para no final do corredor e olha para mim por sobre os ombros. A expressão no seu rosto é óbvia. Estou no país há menos de oito horas e já corrompi o filho dele.

“Boa noite a todos”, diz o pai de Alexei. “Confio que este incidente será deixado para trás.”

“Grace, você está bem?”, pergunta a senhorita Chanceler, me arrastando da embaixada russa para a rua. Nem esperamos pelo meu avô, que, presumivelmente, continua se despedindo lá dentro. “Você está ferida?”, pergunta ela, mas a resposta é irrelevante. Ela está ocupada demais me examinando, como se eu estivesse quebrada.

“Sinto muito. Eu não queria...”

Ela levanta uma mão para me interromper, o sinal universal de *nem perca o seu tempo*.

“O que exatamente você estava fazendo no quintal?”, pergunta ela.

“Eu quis dar uma volta.”

“Pensei que você fosse desfazer as malas.”

“É. Eu ia, mas...”

“Mas o quê?”

“Eu quis tomar um pouco de ar.”

“Um pouco de ar?” Ela põe a mão no quadril e tira os óculos num gesto rápido. “Você queria tomar um pouco de ar, aí decidiu atacar o embaixador russo no meio da cerimônia anual de plantio da árvore? Você sabe por que o seu avô planta uma árvore todo ano com os russos?”

“Eu não o *ataquei*. Foi um acidente.”

“É para simbolizar o nosso compromisso renovado de cooperação e de esperança no futuro.”

“Foi um acidente”, repito, mais suavemente desta vez. “Eu tinha que tomar um pouco de ar, sair do quarto e...”

“E o quê?”, vocifera a senhorita Chanceler. “Por favor, Grace, me diga o que era tão urgente a ponto de você fazer um homem sangrar.”

Não posso contar a verdade. Estou exausta demais para inventar uma mentira. Então, não digo absolutamente nada.

Passado um momento, meu avô se junta a nós na rua. Ele parece cansado, mais velho do que eu me lembrava. De todas as mudanças que eu esperava, essa não é uma delas. Quer dizer, velho é velho. Nunca pensei nisso como algo que tivesse gradação. Mas seus cabelos estão mais brancos. Sua pele está um pouco mais solta. E suas sobrancelhas estão definitivamente mais peludas. Por um minuto, me pergunto o que ele deve achar de mim.

“Sinto muito”, digo, antes de ele começar qualquer que seja o sermão que provavelmente vai me dar. Estou cansada demais para ouvir.

“Eu sei que sente, Gracie”, diz ele, como se me visse toda semana há séculos, como se anos não tivessem se passado. Ele põe a mão no meu ombro e me guia

em direção aos nossos portões. “Então, como vai o seu irmão?”

“Bem”, digo.

“Soube que ele ingressou na Academia de West Point.”[1]

“É, sim, senhor.”

“Aposto que seu pai está todo prosa com isso.”

“Ele tem muito orgulho do Jamie”, digo olhando para baixo, para as minhas mãos sujas.

Ninguém está orgulhoso de mim.

“Como foi seu voo?”, pergunta ele, num tom tão casual que poderia ser usado para falar do tempo ou para perguntar sobre a minha saúde.

Aí compreendo que não, que a minha saúde é a última coisa sobre a qual ele perguntaria. Mesmo um simples bate-papo é um campo minado agora, então apenas dou de ombros e digo: “Meu voo foi tranquilo.”

“Eleanor me disse que você não gosta do seu quarto.”

Desvio os olhos para a mulher. “Eu não disse isso”, minto.

“Ela está morta, Grace. Não vai mais precisar dele.”

Algumas pessoas chamariam meu avô de rude, de insensível. Frio. Na verdade, ele não é nada disso. E ele é todas essas coisas.

“Sua mãe gostaria que você ficasse com o quarto antigo dela”, continua, e com isso eu vejo o núcleo fofo e sentimental da sua carapaça diplomática. “Ela foi feliz aqui. Você será feliz aqui. Você tem que deixá-la partir, Gracie.”

Deixá-la partir. O tranco dessas palavras me faz parar. Eu me viro para ele.

“Você acha que eu não sei que ela morreu?”, grito. “Eu estava presente, lembra? Eu a vi morrer. E agora *você* está *me* dizendo para deixá-la partir? Não. Você não tem o direito de voltar casualmente à minha vida e dizer como lidar com nada. Não agora. Não depois de três anos.”

Meu avô balança a cabeça. “Isso foi coisa do seu pai. Quando ele e seu irmão vieram para o funeral... nós discutimos. Depois, durante um tempo, ele não quis que você e Jamie viessem me visitar.”

“E aviões só voam numa direção?”

“Seu pai achou que podia ser melhor dar algum espaço a vo- cês, porque...”

A voz some, mas eu reconheço o silêncio que se segue.

“Porque eu pirei”, completo. “Tudo bem, vovô. Pode falar.”

“Porque você estava passando por um momento difícil.”

“Então esse é o termo que estamos usando agora.” Por alguma razão, tenho que rir. “É muito... diplomático.”

“Grace”, diz a senhorita Chanceler, uma advertência na voz.

“Quer saber sobre o incêndio?”, pergunto a ele, ignorando-a. “Eu estava lá. Eu me lembro de tudo”, digo, mas sem elaborar muito. Posso ser louca, mas não sou idiota. Existem termos que eu eliminei completamente do meu vocabulário.

Assassinato.

Incêndio premeditado.

Homicídio.

Cicatriz.

Sei que não adianta nada, e por isso não falo do homem que vi – o que não aparece em nenhuma câmera de vigilância e que não foi visto por nenhuma outra testemunha. Não adianta falar da cicatriz que ele tinha no rosto – um sujeito tão clichê e tão maniacamente sinistro que todo mundo achou que a minha imaginação o tivesse tirado diretamente de uma agência de atores.

Não digo ao meu avô que a loja de antiguidades da minha mãe foi saqueada. Não digo que, quando o prédio foi engolido pelo fogo, houve um barulho que parecia uma bomba.

São coisas como essas que eu nunca mais falo para ninguém. Não porque não queira – eu quero gritá-las. Mas porque são coisas que ninguém mais aguenta ouvir.

“Foi um acidente, Grace. Sua mãe morreu num terrível, trágico acidente.” Sua voz fraqueja. Lágrimas brotam dos seus olhos.

“Eu não sou louca.” A *minha* voz permanece firme. Os *meus* olhos não lacrimejam. Por uma fração de segundo, sinto-me vitoriosa. Mas não ganhei coisa alguma.

“Vá para a cama, Gracie.” Ele cruza os portões da embaixada, passando pelos fuzileiros que fazem constantemente a guarda. “Você fez uma longa viagem e teve um longo dia hoje. Amanhã será mais longo ainda. Há muita coisa a fazer.”

“Boa noite, querida”, me diz a senhorita Chanceler, terminado o sermão.

Não digo nada em resposta. Apenas saio, suja e com frio, arrastando os pés rumo à porta.

---

1 Também conhecida como Academia Militar dos Estados Unidos, é uma instituição federal em que os cadetes recebem educação acadêmica e treinamento militar. Para serem aceitos, os candidatos devem

receber uma nomeação, em geral de um membro do Senado ou da Casa dos Representantes, ou mesmo de um presidente ou vice-presidente dos Estados Unidos. (N.E.)

CAPÍTULO QUATRO



Sou capaz de dormir em qualquer lugar. Aviões. Trens. Sofás. Espreguiçadeiras. Pode-se dizer que é o lado bom da vida de “Cria do Exército”. Acho que nunca ter casa significa que todo lugar é sua casa. Não existe absolutamente nenhum lugar ao qual eu anseie por voltar. Mas a situação agora é diferente.

Não estou tentando dormir num lugar novo. Estou num lugar que já conheço. É por isso que me encontro deitada na cama da minha mãe, olhando fixamente para o dossel cor-de-rosa acima da minha cabeça, estudando as sombras que dançam nas paredes com o sopro do vento nos galhos da árvore em frente à janela. Quando finalmente pego no sono, sonho que estou presa numa armadilha, meus punhos amarrados. Fico agitada e me reviro. Até o meu subconsciente quer encontrar uma maneira de se libertar.

“Ei.”

A voz é suave na minha mente. Penso por um instante que Alexei invadiu meu sonho, então me viro e resmungo um insulto qualquer.

“Ei”, diz a voz, mais alta.

E então uma mão pousa no meu ombro descoberto. Nem me dou ao trabalho de acordar, não mesmo. Meu irmão estuda em West Point. Meu pai é da tropa de elite do Exército. O meu eu-adormecido é capaz de lidar com isso.

Ainda grogue, faço um rolamento e agarro a mão. E, antes mesmo de eu ter saído da cama, o garoto já está no chão. Quando enfim me vejo plenamente acordada, estou por cima dele.

“Grace!”, diz ele, num grito sussurrado.

“Me dê um motivo para não matar você.”

Meu cabelo cai sobre os olhos. A velha camiseta que estou vestindo é cerca de três tamanhos maior do que eu e sobra para todo lado de maneira esquisita, deixando um ombro despido. É provável que eu pareça tão estranha quanto me sinto. E fico satisfeita com isso.

Torço a mão do garoto mais para trás, segurando o polegar dele com a minha outra mão.

“Eu posso quebrá-lo.”

Mas o menino não grita. Não geme um “ai”. Ele só olha para mim. E sorri.

“Oi, Grace. Eu sou Noah”, diz ele. “Estou aqui para ser o seu melhor amigo.”

Nunca morei tempo o bastante em lugar nenhum para ter um melhor amigo. Vai ver foi por isso que eu o solto no chão, e não protesto enquanto ele vai tateando pelo quarto escuro.

“Vem. Coloca uma roupa”, diz ele. “Temos que ir.”

“Ir aonde?”, pergunto. “Quem é você? Será que vou me arrepender de não ter quebrado a sua mão? Olha que não é tarde para isso. Com certeza, ainda posso quebrar a sua mão.”

“Eu sei que pode.” Ele olha para a pilha de roupas, pega a que está por cima e joga para mim. “Aqui. Veste isso.”

“Isso é uma bolsa de pano.”

“Tá. Então põe outra coisa. Mas a bolsa é bem bonita. Tenho certeza de que ressaltaria a sua...”, diz ele, fazendo um gesto extravagante, “...personalidade”.

Até que foi engraçado. Ele é meio engraçado. Mas eu não rio. Em vez disso, me aproximo devagar e pergunto de novo: “Quem. É. Você?”

Sei que o melhor é não gritar. Há sempre guardas fazendo patrulha no pátio e perto dos portões. A suíte do meu avô fica neste andar. Tenho quase certeza de que a senhorita Chanceler botou escutas, grampos e armadilhas no meu quarto. Gritar não é uma boa ideia.

“Desculpe.” O garoto levanta uma das mãos. Ele tem cabelos pretos e espetados e olhos escuros que captam o luar quando ele me informa: “Eu sou Noah”, volta a dizer, dando a impressão de estar só um pouquinho irritado. “Noah Miguel Esteves.”

“Noah Esteves?”

Ele dá de ombros. “Mãe israelense. Pai brasileiro. O que posso dizer? Sou a personificação da Ala das Embaixadas. Você deu muita sorte no departamento de melhores amigos.”

“Eu não sabia que alguém tinha sido designado para mim.”

“Mas é claro. Minha mãe e a senhorita Chanceler foram colegas no grêmio estudantil ou algo do tipo. Seja como for, eu devo moldar você à minha imagem diplomática. Anda logo, vamos. A gente tem que ir.”

“A senhorita Chanceler *pediu* a você para invadir o meu quarto no meio da noite e me arrastar para fora da embaixada, pelas ruas escuras de uma cidade

estrangeira?”

“Bem, tecnicamente, ela me pediu para apresentar o lugar a você. Exatamente quando e como, ela deixou que eu decidisse. E eu sempre digo que não há momento melhor do que o presente. Então vem. Estamos atrasados.” Ele olha para mim com impaciência. “Veste uma roupa.”

Eu o encaro de volta e então algo lhe ocorre.

“Ah, você quer que eu me vire? É pra já. Já estou virando.”

Três minutos depois, Noah e eu estamos andando pelos corredores na escuridão da embaixada. Há mosaicos no teto e anjos com ornamentos de ouro junto às escadarias. Sei que as embaixadas modernas normalmente parecem fortalezas – arame farpado e blocos de cimento, decorrentes da guerra contra o terror. Mas não em Adria. Este país é como uma terra esquecida pelo tempo, e mesmo aqui, onde tecnicamente é solo americano, dá para perceber isso. O prédio foi originalmente construído por um barão das especiarias, em 1772. Tornou-se a embaixada dos Estados Unidos depois da Primeira Guerra Mundial. E foi o único lar que a minha mãe conheceu.

Ao seguir o garoto de cabelos pretos espetados e olhos castanhos escuros, eu me sinto como uma ladra. Uma invasora. Tenho um pouco de medo de admitir que estou gostando. Que até gosto de Noah. Mas, quando chegamos à porta lateral, eu paro.

Ele se vira para mim. “Alguma coisa errada?”

Ainda posso ouvir as palavras do meu avô chacoalhando na minha cabeça. Posso sentir o olhar severo e penetrante daqueles russos muito irritados. E sei que tenho duas opções:

Posso ser a pessoa que todos querem que eu seja.

Ou posso ser a pessoa que todos já esperam que eu seja.

“Não posso ir”, digo. “Eu acabei de chegar. Não posso...”

“Está tudo bem”, diz Noah. “Considere isso como parte do seu treinamento. Além disso, você está comigo.”

Então, como se quisesse provar seu argumento, Noah empurra a porta e marcha rumo ao portão.

“Ei, Martin”, diz ele ao fuzileiro ali postado. O fuzileiro o cumprimenta como se Noah fosse seu amigo mais antigo e mais querido.

“Comporte-se, camarada”, diz o fuzileiro.

“Eu sempre me comporto”, diz Noah. “Ah, esta é Grace. Ela está comigo.”

“Sou eu quem mora aqui”, protesto, mas o fuzileiro apenas me observa.

“Bem-vinda de volta, senhora”, diz ele.

“Obrigada”, digo.

E então estamos do lado de fora, livres... Ou foi o que pensei, até que Noah para junto ao portão e ergue um dedo no ar.

“Vamos lá”, diz ele. “Primeira lição.”

Noah abre as pernas, firmando-as no limiar do portão, do lado de dentro da embaixada. “*Dentro* dos Estados Unidos”, diz ele. Então, com os dois pés, ele pula para a calçada. “*Fora* dos Estados Unidos.” Rapidamente, ele pula de volta para perto de mim. “*Dentro* dos Estados Unidos.” Outro salto cruzando o portão. “*Fora* dos Estados Unidos. Dentro. Fora. Dentro...”

“E essa é a parte em que eu dou uma porrada em você?”

Noah levanta um dedo. “Você poderia. Mas seria preferível fazer isso enquanto estivesse”, e então ele salta de volta para o meu lado, “*dentro* dos Estados Unidos”.

Eu ponho ambas as mãos no peito dele e o empurro delicadamente, impulsionando-o para fora, para a rua escura e vazia. Noah apenas ri e recupera o equilíbrio, depois me olha de relance.

“Imunidade diplomática, Grace. Não é a maravilha que dizem por aí.”

Eu me junto a ele do outro lado da grade e deixo o portão da embaixada bater atrás de mim. A risada do fuzileiro Martin é o único som que ouvimos ao desaparecermos nas sombras, caminhando colina acima numa rua estreita ladeada de mansões.

Noah é mais alto do que eu, com pernas longas e magricelas que bamboleiam como se ele fosse um filhote de cachorro ainda em fase de crescimento. Ele praticamente quica pela rua, os braços bem abertos, ao dizer: “Esta é a Ala das Embaixadas!”

“Eu sei”, digo, mas parece que ele nem ouve.

“Ganhou este nome por causa das embaixadas que ladeiam a rua.” Ele faz um gesto que lembra um comissário de bordo apontando as saídas de emergência. “Frequentemente, os recém-chegados à cidade ficam fascinados ao saber que Valancia na verdade foi traçada como um gigantesco círculo, cercada pela antiga muralha que protegeu nossa bela cidade de invasores durante mais de sete séculos.”

“Eu não sou uma recém-chegada”, digo, mas Noah continua falando, como se fosse o guia turístico mais exageradamente entusiasmado do mundo.

“Na verdade, a Ala das Embaixadas fica no perímetro externo do círculo formado pela cidade, com muitas propriedades encostadas à própria muralha.

Originalmente, esta região era de terras de cultivo que deveriam contribuir para o abastecimento da cidade caso ela fosse sitiada, mas o que aconteceu foi que os cidadãos mais ricos de Valancia preferiram construir suas propriedades aqui. No final da Primeira Guerra Mundial, as casas foram compradas pouco a pouco pelas várias nações cujas relações diplomáticas em Adria são tão, tão importantes. Quarenta e sete ao todo – e isso somente na Ala. Existem muitas outras embaixadas e consulados menores dentro da cidade."

Uma das mansões é tão branca quanto a areia da praia que se estende até as muralhas. Ela tem muros altos e portões reforçados. Ao passarmos, Noah aponta para a bandeira azul e branca que tremula na torre mais alta.

"É nessa que eu moro."

"Israel", digo. "E não no Brasil?"

"Só nos fins de semana." Noah enfia as mãos nos bolsos. "Minha mãe e meu pai não foram feitos para a harmonia matrimonial."

Noah continha a caminhar. Se esta história tem mais detalhes, ele não está muito a fim de compartilhá-los. Pelo menos isso nós temos em comum.

"Cada embaixada é solo soberano do país que representa. Cada país é sagrado."

Caminhamos sob o brilho de postes de luz que são verdadeiras antiguidades, ainda alimentados a gás – mesmo no século XXI. De repente, percebo que a cidade não mudou nada nos últimos três anos; na verdade, não mudou nada nos últimos trezentos anos. Estou caminhando sobre pedras de calçamento arredondadas, que ficam escorregadias com o ar úmido da noite. Queria ter trazido um casaco.

"Obrigado, Noah." Paro debaixo de um poste de luz. "Este foi o passeio mais agradável-ainda-que-totalmente-redundante que eu já fiz. Verdade. Muito legal. Mas é tarde e estou cansada da viagem. E agora você já pode dizer à senhorita

Chanceler que cumpriu seu dever, e pode voltar a fazer seja lá o que você faz quando não está ocupado sequestrando a nova garota da cidade.”

Eu me afasto lentamente, rumo à embaixada, à cama da minha mãe e a quaisquer que sejam os pesadelos que estão à minha espera.

Noah parece um pouco magoado e grita: “Aonde você vai?”

“De volta aos bons e velhos Estados Unidos da América.”

“Você não pode ir embora”, diz ele. “Estamos quase lá.”

“Quase onde?”, pergunto.

Noah aponta para o final da Ala, para um caminho escuro e sinuoso que leva direto a uma ladeira íngreme, desaparecendo na escuridão. No silêncio da noite, eu ouço música, a batida de um baixo mantendo o ritmo como ondas quebrando. Um som que não distingue nenhuma língua. É o mesmo em todos os lugares do mundo. E eu sei o que espera por nós muito antes de Noah me dizer.

“Não.” Balanço a cabeça.

“Qual é! Você tem que vir.”

“Não, obrigada”, tento novamente no meu tom mais diplomático.

“Só me escuta rapidinho”, diz ele quando começo a dar meia-volta. “Grace, espera.”

“Não.” Saio de baixo da luz do poste, retomando a longa ladeira, agora rua abaixo.

“Para com isso. Uma hora você vai ter que conhecer as pessoas. Vai estar todo mundo lá e...”

“Não precisa me falar sobre a festa, Noah. Eu conheço esta festa. Já estive nesta festa. Em Fort Sill e em Fort Benning. Você devia ter visto a fogueira que eles fizeram em Fort Dix. Tive queimaduras de segundo grau.”

“Ah, Grace”, diz ele, mas eu vou embora. Estou quase na Itália quando ele grita: “Está com medinho?”

Noah é o meu melhor amigo há vinte minutos. Já me conhece bem até demais.

O caminho é sinuoso e íngreme, cercado por um matagal. Arbustos espinhosos arranham a minha perna. Galhos baixos se agarram aos meus cabelos. Noah procura ser um cavalheiro e manter galhos e trepadeiras fora do meu caminho, mas o coitado acaba de ser quase engolido por um arbusto, e eu tive que resgatá-lo. Quem dera eu tivesse trazido uma lanterna. Na folhagem densa, não há luar. Nós tropeçamos, praticamente cegos.

“Então, qual é o evento?”, pergunto a ele. Apesar do terreno acidentado e da ladeira íngreme, não estou nem um pouco sem folêgo. “Espero que seja alguma coisa especial, que faça valer todo esse esforço.”

“É o último dia de aula e o primeiro das férias de verão, é noite de lua cheia, você está aqui. Pode escolher.”

“Eu?”

A folhagem fica um pouco mais rala acima de nós, e o luar trespassa por ela, iluminando o rosto de Noah. Foi a primeira boa olhada que dei nele. Deu para ver suas sardas.

“Sangue novo, Grace”, explica Noah, sua voz suave sob a pulsação cada vez mais forte da música. “Os tubarões sentem o cheiro. Vem. Chegou a hora do passeio de verdade.”

Quando Noah pega a minha mão, concentro todo o meu esforço em não ir embora. Não correr colina abaixo, de volta à embaixada e à cama de dossel, não espernear por razões que nem de longe ele poderá entender. Mas ele me olha como se eu fosse uma garota normal, e isso me segura ali. Ninguém me olha daquele jeito há muito tempo.

Ele me leva pelo caminho sinuoso. A cada passo, a trilha se torna mais silvestre e eu sei que a coisa mais inteligente a fazer é dar meia-volta e retornar à segurança da embaixada. Mas a sensação de *déjà vu* que está me assombrando há horas começa lentamente a se dissipar. Percebo que Noah pode estar me levando para o único lugar na Ala das Embaixadas aonde a memória da minha mãe não vai me seguir.

“Que lugar é este?”, pergunto, ao perceber quanto já tínha- mos subido.

“Tecnicamente falando, aqui é *lugar nenhum*. Quer dizer, antigamente era o terreno de uma das embaixadas, mas o país o vendeu de volta a Adria e virou isso aí.”

Noah mostra com um gesto o caminho cheio de mato que nos cerca.

“Ah, é *uma graça*”, digo, na minha melhor voz de senhorita Chanceler.

Noah ri. “Espera só.”

“Esperar o quê?”

“Até ver *isto*.”

Ele afasta um último galho e sai do terreno coberto de musgo e folhas para a pedra sólida. Acima das nossas cabeças, a cobertura de árvores desaparece e eu contemplo um platô que se estende por uns trinta metros diante de nós. Além dele, só existe o mar azul- escuro e a maior lua que eu já vi. Ela brilha tanto quanto qualquer poste da rua, só que no ponto mais alto da cidade.

“Bem-vinda ao lado secreto da Ala das Embaixadas”, diz Noah enquanto avanço, adentrando o cenário. A música está mais alta, assim como a arrebentação das ondas contra a costa rochosa. Avanço com todo o cuidado e olho direto para baixo, de cima de um penhasco que tem pelo menos uns cem metros de altura. Talvez mais.

“Ei, cuidado aí”, diz Noah, pegando meu braço e me puxando gentilmente para trás.

Sinto a névoa no vento que vem da água. O ar é úmido e salgado. Meus cabelos grudam na testa, e, mesmo sem dormir há dois dias, estou completamente alerta em plena noite no alto de um penhasco com um garoto que, tecnicamente, invadiu a embaixada dos Estados Unidos e fugiu com a neta do embaixador.

“Aposto que você não viu *isto* quando era pequena”, diz Noah com um sorriso malicioso. Ele parece estar inteiramente feliz consigo mesmo. Não sabe nem da metade das coisas. Olho para o caminho coberto de vegetação atrás de nós, esperando minha mãe aparecer, mas desta vez ela não veio.

Eu examino os rochedos e o mar e depois deixo meu olhar recair sobre as terras abaixo de nós, a imensa muralha que cerca a cidade, as bandeiras erguidas no alto das mansões da Ala, tremulando à luz dos holofotes que riscam a noite. E então um arrepio frio se infiltra nos meus ossos.

“Espere aí, se lá são os Estados Unidos”, digo, apontando a bandeira familiar que tremula à distância, “então ali é a Rússia, o Japão, a Itália”, e então olho para baixo, para a embaixada mais próxima dos rochedos, “isso quer dizer que aqui é...”

Desvio o olhar para Noah, que enfia as mãos bem fundo nos bolsos. Ele se inclina para trás sobre os calcanhares. “Irã.”

“Estamos no Irã!” Nem tento esconder o terror na minha voz, mas Noah se apressa em afastar meu medo.

“Tecnicamente, o Irã revendeu estas terras para a cidade ao mesmo tempo em que desistiu das relações diplomáticas com Adria. O Irã ainda é dono do prédio, claro. Mas o acesso à propriedade é liberado.” Ele aponta para a base do penhasco, para o pedaço de praia que se estende do mar até os fundos do prédio abandonado.

“É uma pena. É a única embaixada com acesso a uma praia particular. Tentei convencer nosso embaixador a comprá-la, mas por alguma razão os israelenses não acham que os iranianos estariam dispostos a uma permuta imobiliária.”

“Imagina só”, digo.

Noah suspira, fingindo surpresa. “Pois é!”

“Quer dizer que a galera local sobe aqui para fazer festas... no lugar onde antes era o Irã?”

“O que eu posso dizer? Somos engenhosos. Mas Grace...” Ele se aproxima de mim. “Nós não ultrapassamos a cerca. Quer dizer, se quiséssemos, seria possível. Mas não, a gente não quer. Porque ninguém aqui fica muito animado com a perspectiva de iniciar uma Terceira Guerra Mundial. Então, *nós não ultrapassamos a cerca*.” Ele me olha detidamente, como se estivesse esperando uma reclamação que nem chego a fazer. “Repita comigo, Grace. *Nós não ultrapassamos a cerca*.”

“Noah.”

“Repita.”

“Nós não ultrapassamos a cerca”, digo a ele.

“Porque não queremos começar a Terceira Guerra Mundial.”

“Não queremos começar a Terceira Guerra Mundial”, acrescento.

“Boa menina.”

Noah sorri e anda um pouco em direção à festa. Por um segundo, ele não consegue me encarar direito. É um olhar (ou melhor, um não olhar) que eu conheço bem.

“Então, o que foi que a senhorita Chanceler disse sobre mim?”, pergunto.

Noah encolhe um pouco os ombros. “Não muito.”

“Suas narinas se alargam quando você mente.”

“Eu já sabia disso”, diz ele, as narinas se abrindo de novo.

As nuvens estão se fechando sobre a lua e, por um segundo, somos envolvidos pela penumbra, bem no alto dos penhascos rochosos. Alguém muda a música e há silêncio por uma fração de segundo. Mas isso é tudo de que preciso para ver a expressão que enche o olhar das pessoas quando pensam que sabem a verdade ao meu respeito e sobre o que aconteceu. Sobre a morte da minha mãe e o que eu vi ou deixei de ver. Não é medo; é pena. E isso eu odeio ainda mais.

“Eu não sou louca”, digo a ele.

“Sei disso também”, diz ele. Desta vez, fica óbvio que ele está dizendo a verdade. Ou pelo menos acha que está.

“Você quer me perguntar alguma coisa sobre isso?”, pergunto quando a música volta.

Noah pega a minha mão. “Nem sei do que você está falando.”

Ele me leva para a festa. Não é grande coisa, como de hábito nas grandes demonstrações de rebelião adolescente. Ao me aproximar, sinto os olhares fixos

de quarenta desconhecidos pousarem sobre mim. Noah solta a minha mão. Não se trata de um encontro. Não somos um casal. Só então percebo que as pessoas não estão olhando só para mim.

“À nossa esquerda”, começa Noah devagarinho, falando baixo em meu ouvido, “temos os ricos da região”. Ele aponta um pequeno grupo de garotos falando francês, espanhol e árabe. Eles usam relógios caros e roupas finas, e param imediatamente de falar quando passamos, seguindo-nos com o olhar como se não devêssemos estar ali.

“Os talentosos locais.” Os garotos fazem um aceno de cabeça para Noah, mas não falam comigo. Eles usam calças jeans bem apertadas e camisetas de bandas de rock que eu não conheço. “Os populares das embaixadas.” Passamos por um pequeno grupo de garotos sentados em volta de uma fogueira. Parece uma versão em miniatura e mais bonita das Nações Unidas. Há provavelmente uma dúzia de países representados apenas neste pequeno grupo. Uma menina pergunta alguma coisa em espanhol. Um garoto responde em francês. Mas os olhares que eles me dão são universais. Eu sou a garota nova da área em qualquer idioma.

“E, finalmente, a galera das embaixadas que só quer mesmo voltar para casa.” Noah aponta o último grupo. Eles estão na extremidade da festa, balançando seu peso de um pé para o outro, checando toda hora seus telefones.

“Sim, e o fator que une todo mundo é... qual?”, pergunto. “Vocês todos frequentam a escola internacional?”

“Uma correção.” Noah levanta um dedo. “*Nós* todos frequentamos a escola internacional. Ou frequentaremos, quando chegar o outono. Hoje à noite, somos os filhos do verão.”

Ele levanta as mãos dramaticamente, gesticulando para a fogueira e para os grupos de adolescentes conversando, para os rochedos e para a arrebentação das

ondas que varrem a costa abaixo de nós.

“Os filhos do verão?”, tento provocar.

“Soava melhor na minha cabeça.”

“E onde você se encaixa nisso tudo?” Olho de relance para trás, para as panelinhas cuidadosamente separadas.

“Sou um homem sem país. Ou um homem com muitos países – pode escolher. Em última análise, tanto na política global quanto na hierarquia de poder da escola, dá no mesmo. Quer uma água ou algo assim? Espere aqui. Vou pegar uma água para você.”

Concordo com um gesto de cabeça e Noah se afasta na noite, deixando-me só com o vento, com o mar e, finalmente, com uma vozinha que diz: “Oi.”

Por um segundo, penso que devo ter sonhado. Eu me viro, procurando quem falou, mas é como se a palavra tivesse vindo do vento.

“Oi”, diz a voz novamente. “Estou aqui embaixo.”

E então eu a vejo, numa saliência que se projeta do rochedo abaixo de mim – não estava agarrada a nada, não estava com medo, estava apenas sentada lá, a cabeça virada para cima, olhando para onde eu estava. É a garota do outro lado do muro que vi pela minha janela. Mais uma vez, ela é tão pálida e solitária que por um instante eu penso que realmente pode ser um fantasma. Não consigo evitar dar uma olhada em volta, me perguntando se sou a única pessoa que pode vê-la.

“Você é a nova americana”, diz ela.

“Foi o que me disseram.”

“Quer ver um truque?”

“Claro”, digo.

Ela se levanta e, no momento exato em que se põe de pé, dispara a correr direto para uma árvore que cresce na lateral do penhasco, e não posso fazer nada a não ser ficar parada lá, embasbacada, quando a menina simplesmente salta no ar e se agarra ao galho mais baixo. A força do seu movimento a impulsiona em volta do galho, e ela gira num grande círculo, não uma, mas duas vezes, antes de se soltar e voar novamente, pousando com toda a segurança diante de mim, como se aquilo fosse tão fácil quanto andar para a frente.

“Uau”, digo. “Isso foi... Uau.”

“Eu ia ser ginasta. Mas não sou. Grande demais”, explica ela, embora para mim ela pareça absolutamente minúscula.

Então, sinto vontade de dizer o que as pessoas sempre me dizem: “Isso pareceu bem perigoso. Talvez você não devesse fazer mais isso.”

A garota dá de ombros. “Meu nome é Rosie. Alemanha. Doze.”

Pela maneira como ela diz isso, entendo que essas são as coisas que importam por aqui, o equivalente para a galera das embaixadas a nome, patente e número de série.

“Grace. Estados Unidos. Dezesseis”, digo. Ela balança a cabeça, assentindo como se tivéssemos criado um laço. Acho que talvez tenhamos mesmo.

“Seus pais sabem que você está aqui?”, pergunto.

Rosie cruza os braços. “Os seus sabem?”

“Bem, minha mãe já morreu e meu pai está levando tiros por aí, então não acho que estejam em posição de se preocupar. Agora é a sua vez de responder à pergunta.”

“Sabia que existem quinhentos quilômetros de túneis debaixo da cidade?”, pergunta Rosie como se eu não tivesse falado absolutamente nada. “Pelo menos quinhentos. Pode haver mais. Aposto que tem mais. Foram os romanos que construíram. As pessoas morriam lá embaixo o tempo todo. Tem ossos e coisas assim. Posso mostrar a você, se quiser. Sou tipo uma especialista no assunto.”

Antes que consiga responder, vejo uma garota bonita andando na nossa direção. Pele oliva e olhos admiravelmente negros. Mas há algo mais. Ela me lembra alguém, acho, mas não consigo ima- ginar quem.

Antes que eu possa dizer uma palavra, a garota bonita começa a gritar.

“Não. Não. Não. Vá embora. Vá embora já! E não finja que não está me ouvindo. Vá. Embora. Agora.”

Por um segundo, apenas fico parada, aturdida. Então, compreendo que ela não está falando comigo. Está falando... com alguém atrás de mim.

Eu me viro e vejo Rosie às minhas costas, minha sombra loura branquela. Ela é tão pequena que devia estar quase imperceptível lá, mas a garota das maçãs do rosto perfeitas não se deixa enganar.

“Você não devia estar aqui”, grita a menina bonita.

“Como é que é?”, respondo.

“Não estou falando com você”, diz ela num tom que deixa claro que sou irrelevante demais para ela se dar ao trabalho de me desprezar. “Estou falando com *isto*.” Ela aponta para Rosie, que se planta desafiadora, sem ceder terreno.

A garota olha ao meu redor. “Você não é bem-vinda aqui.”

“Os rochedos não são seus”, dispara Rosie em resposta.

“Mas a festa é minha”, corrige a menina bonita.

“Engraçado”, ironiza Rosie, “não estou vendo seu nome escri- to nela”.

“Escuta aqui, sua tampinha loura, eu já avisei, e você está testando a minha paciência. *Auf Wiedersehen*.”

“Ei”, digo. “Deixe ela em paz.”

Quando a garota de cabelos escuros olha para mim agora, é como se estivesse me vendo pela primeira vez. Ela me examina da cabeça aos pés, incluindo meu rabo de cavalo e meus tênis velhos e sujos. Estou pronta para qualquer insulto que ela possa jogar na minha cara, mas, em vez disso, ela cruza os braços e diz: “Você é nova aqui.”

“Você percebeu isso sozinha?”, retruco.

“Suponho que eu deva me apresentar. Eu sou Lila. E sou...”

“Ah, eu sei quem você é”, interrompo, e ela sorri, satisfeita por sua reputação precedê-la.

“Sabe?” Quando ela joga os cabelos, eles captam o luar; tão lindos que quase parecem falsos. Uma piada. Mas ela está tão séria quanto possível.

“É claro que conheço você”, digo, e os olhos dela se suavizam. Quase consigo ouvir seus pensamentos, contemplando a ideia de me dar um tratamento de beleza, de me modelar à sua imagem. Sou o *antes*, eu sei. Ela, com toda certeza, é o *depois*.

“Estive em sete escolas em dez anos”, explico. “Então, pode ficar tranquila que eu conheço você. Você é a menina que pensa que ser cruel é a mesma coisa que ser inteligente. Você acha que levantar a voz é o mesmo que estar certa. E, acima de tudo, você é a garota que é muito, muito bonita. E também muito, muito... comum. Pode acreditar em mim. Existe pelo menos uma igual a você em cada

escola.” Observo suas feições mudarem. “Ah. Espere. Você achava que era *única*?”

Seu rosto enrijece, dá para ver que ela não está magoada; está ofendida. Dou um sorriso malicioso, incapaz de me conter. “Ah, meu Deus, você *achava*, não achava? Você pensava que era especial? Eu sinto muito.”

Mas não sinto.

Estou num lugar onde nunca estive antes, olhando para uma completa desconhecida. Mas este momento é tão familiar para mim que eu poderia roteirizar cada suspiro, cada insulto, cada sarcasmo.

Eu sei o que ela vai dizer antes de ela sequer abrir a boca: “Eu não gosto da sua atitude, garota nova.”

E isso faz o meu sorriso virar uma gargalhada. Ele tem que virar. É de longe a melhor arma que tenho nesta situação.

Então, eu rio mais alto. “Ah, meu Deus, você está falando sério. Você realmente acha que eu devia ter medo de você. Ah, que coisa mais meiga.” Isso a confunde. Seus olhos escuros se apertam. “E lamentável.” Estendo a mão para dar um tapinha na mão dela. “Sinto muito. É que na verdade você não é grande coisa para mim. Mas tudo bem.”

A garota tira a mão antes que eu possa tocá-la.

“Ninguém me disse que a garota nova era uma aberração!”, diz ela, com ódio.

“Isso mesmo”, digo, uma gentileza debochada escorrendo da minha voz. “Mantenha a cabeça erguida. Você vai acabar encontrando alguém que se interesse pela sua opinião. Sinto muito por não ser essa pessoa.”

Por um momento, há silêncio nos rochedos. Deve ser por isso que a voz chega a mim tão claramente, não havendo nenhuma possibilidade de engano quando

ouço: “Lila, você está bem?”

Eu me viro ao escutar isso e vejo outra garota atrás de nós. E, antes mesmo de perceber o que estava dizendo, deixo escapar: “Megan, é você?”

É claro que é ela, percebo. Mas não consigo evitar a impressão de que Megan parece diferente. Na verdade, ela se parece... com Lila. Bem, não *igual* à Lila. Megan é filha de uma americana de origem indígena, e também é uma cabeça mais baixa que Lila. Mas ambas usam echarpes de seda no pescoço e faixas bordadas nos cabelos. Saias curtas e pelo menos uma dúzia de braceletes no punho. Megan é a mesma menina que eu conhecia, só está mais reluzente. Muito, muito mais reluzente. Quando ela se aproxima, percebo que a Ala das Embaixadas não mudou, mas Megan, sim.

“Grace?”, diz Megan, parecendo aturdida. Como se nunca tivesse pensado que poderia me encontrar outra vez – como se tivesse ouvido que eu estava morta, em coma ou coisa pior.

Sem dúvida, ela ouviu que eu estava *pior*.

E a parte ruim é que é verdade. E Megan sabe disso. Eu estava gostando muito mais da festa quando estava cercada por desconhecidos.

“Eu não sabia que você tinha voltado”, diz ela.

“Surpresa.” Forço um sorriso e sinto que qualquer impulso que tivesse contra Lila escapa aos poucos. A borda do penhasco parece mais perto do que devia.

“Vocês se conhecem?”, pergunta Lila, confusa.

“Grace costumava passar os verões aqui. Com o avô dela. O *embaixador*.” Megan enfatiza a última palavra, e percebo que seu significado foi compreendido.

Meu avô é o embaixador dos Estados Unidos. Ele também é o chefe da mãe de Megan. Isso faz de mim uma pessoa importante na Ala das Embaixadas. Este fato faz Lila mudar, mas não faz ela gostar disso.

“Você era amiga *dela*?”, Lila pergunta a Megan num sussurro que ela definitivamente quer que eu escute.

Olho para Megan e Megan olha para mim. A mãe dela é importante na embaixada. Estimada. Todos os verões da minha infância, quando eu chegava à Ala das Embaixadas, a mãe de Megan a trazia junto com ela. Dia após dia.

Megan perguntava se eu tinha bonecas. Eu perguntava se ela sabia onde minha mãe tinha escondido meu estilingue. Ela me convidava para chás. Eu a convidava para ficar de vigia enquanto eu seguia Jamie e Alexei pulando o muro.

Nós não éramos amigas.

Éramos apenas aquelas crianças que são deixadas juntas com tanta frequência que, finalmente, acabam sem razões para não brincar.

Fico olhando para ela agora, e percebo que nenhuma de nós tem a menor ideia de como responder à pergunta de Lila. E, se esse for caso, a resposta com toda certeza é *não*.

“Escute”, diz Lila finalmente, para mim desta vez. “Você é nova aqui, então me deixe esclarecer uma coisa para você. Este é um lugar importante. Nossos pais são pessoas importantes. Todos aqui são significativos de alguma forma. Não estou na liderança porque quero, mas porque alguém tem que estar.”

A coisa mais assustadora não é o que ela está dizendo – é o fato de ela acreditar mesmo naquilo. E que, de certa perspectiva, ela pode até estar correta.

“Você sabe o que aconteceria caso alguém se machucasse nas nossas festas?”, pergunta Lila. “Se a sua amiguinha alemã fizesse um mortal para trás e caísse em cima da filha do embaixador japonês? E se os australianos ou os franceses trouxessem álcool e os sul-africanos tentassem dirigir na volta e batessem no carro dos egípcios? Isso poderia acontecer, você sabe. E, pode acreditar quando digo, nenhum de nós estaria pronto para as consequências.” Ela cruza os braços e acalma os nervos, totalmente segura de que seu lugar na hierarquia foi restaurado. “Tem que haver ordem. Tem que haver regras. Não é culpa minha se todo mundo me procura para fazê-las.”

“Meus parabéns”, digo a ela, curvando-me num pequeno cumprimento. “Espero que você e os seus delírios de poder sejam muito felizes juntos. Agora, se vocês me derem licença, está na minha hora de ir.”

Eu me viro, examinando aquele grupo em busca de Noah. “Grace”, diz ele, aproximando-se cautelosamente com duas garrafas de água nas mãos. “Oi. Talvez você e eu devêssemos...”

“Sai daqui, seu babaca”, diz Lila, dando-lhe as costas.

“Opa.” Tento respirar fundo, mas meu sangue está fervendo. “Agora você foi longe demais.”

“E o que foi que eu fiz?”, pergunta ela com desdém.

“Sacaneou o meu melhor amigo.”

Desta vez é Lila quem ri. “Ele não é *seu amigo*.” Ela cruza os braços. “Ele é *meu irmão*.”

Disparo um olhar para Noah, que dá de ombros. “Irmãos gêmeos, para ser mais específico.”

E finalmente percebo com quem Lila se parece.

Lila estende a mão na minha direção – para fazer o quê, eu não sei. É como se estivesse se movendo em câmera lenta. Ela é menor do que meu pai, mais lenta do que Jamie. Não é páreo para mim, mas a mão dela nunca chega aos meus ombros.

Antes que eu entenda o que está acontecendo, uma manchinha loira surge como um raio entre nós. Rosie agarra Lila, puxando a bonita echarpe azul e branca do seu pescoço.

“Você!”, berra Lila.

“Deixe a Grace em paz!”, grita Rosie, e eu a puxo para trás.

“Chega. Todo mundo deixa *todo mundo* em paz”, digo.

“Ei, me dá isso”, grita Megan para Rosie. Ela agarra a echarpe, puxando-a das mãos de Rosie. Mas o vento sopra justo neste momento e a echarpe flutua, voando livre. Por um instante, tudo o que podemos fazer é observá-la voar sobre a beira do penhasco e descer colina abaixo. Está ganhando altura sobre as árvores e indo em direção ao mar quando o vento muda e sopra na direção do único prédio às escuras na Ala das Embaixadas. O silêncio é total, exceto por um suspiro coletivo quando a echarpe fica presa no telhado, agitando-se à brisa sobre o que, tecnicamente, ainda é território do Irã.

“Caramba. Isso não é bom”, diz Noah. Seus olhos estão arregalados e aterrorizados. “Isso é muito, *muito* ruim.”

Sinto os ânimos mudarem à minha volta. Lila aponta para o céu noturno como se não acreditasse no que está vendo. Rosie treme e fica repetindo: “Desculpa. Desculpa mesmo”, tão silenciosamente que parece estar presa em algum pesadelo horrível.

Então, Noah segura a mim e a Rosie, e tenta nos puxar para a trilha.

“Noah?”, diz Rosie, olhando para ele.

“Vá para casa, Ro”, diz ele calmamente. “Você não esteve aqui. Nós nunca estivemos aqui. Ei, vocês todos!”, grita ele. “A festa acabou!”

“Ela *estava* aqui!”, grita Lila, apontando para Rosie. “Este pesadelo humano estava aqui e a culpa é dela.”

Megan dá um passo na direção dela. “Lila, é...”

“Não fale comigo!”, berra Lila.

“Tudo bem, Lila, vamos embora.” Noah pega o braço da irmã. “Vão para casa, Rosie e Megan. Pessoal, vamos...”

Eu tenho um hábito. Não é um bom hábito. Não tenho orgulho dele nem nada, mas às vezes acho as coisas engraçadas quando elas realmente não são.

É uma echarpe num mastro de um prédio abandonado, penso ao olhar para as pessoas em pânico à minha volta, e nem tento segurar minha gargalhada.

“Grace, deixa disso, vamos”, diz Noah, me estendendo a mão.

“É uma echarpe”, digo. “Uma *echarpe*.”

Estou acordada há quase 48 horas. Meu fuso horário está todo trocado e estou exausta, cansada dessas pessoas e do seu dramalhão.

“Não é como se fosse um incidente internacional.” Olho de Lila para Megan e então para Rosie, e, finalmente, deixo meu olhar se demorar em Noah, que caminha devagar na minha direção, baixando a voz.

“Na verdade, Grace, meio que é, sim. Nós somos israelenses. E *aquilo* é o Irã.”

Ao olhar para trás, para a echarpe azul e branca, percebo que, à distância, ela aparenta uma semelhança notável com a bandeira da pátria-mãe de Lila e Noah.

“O embaixador de Israel deu aquela echarpe de presente à nossa mãe. Para falar a verdade, ele dá echarpes iguais àquela para *todas* as mulheres do seu primeiro escalão”, diz Noah. “Se alguém a vir lá em cima...”

Lila segura Megan e as duas começam a andar em direção às árvores. Boa parte dos outros já havia começado a descer pela trilha do matagal.

“É só não deixar que ninguém veja.” Dou de ombros. “Vá pegá-la.”

“Não podemos!”, retruca Noah rispidamente. Ele não está com raiva. Ele está com medo. E eu sei que ser meu amigo já é muito mais problema do que ele pediu. “A gente não pode simplesmente dar um passeio pelo Irã quando dá na telha.”

“Eu posso pegá-la”, digo.

“Pode mesmo, Grace?”, pergunta Noah. Dá para ouvir a impaciência dele, seu nervosismo. “O que você vai fazer?”

“Isto”, digo.

Eu não paro por nada. Nem pelos protestos, nem pela lógica. Estou pouco ligando para a altura do penhasco ou para as rochas que margeiam a praia.

Corro com toda força e velocidade que posso na direção da borda e então abro os braços e salto, mergulhando de cabeça no mar.

CAPÍTULO CINCO



Adria tem a costa mais profunda do Mediterrâneo, e é por isso que eu sei que a queda não vai me matar. Ainda assim, meu estômago fica no penhasco enquanto meu corpo despenca, atravessando o ar salgado. Eu me sinto livre e só ligeiramente ciente de que posso estar errada. Eu sei, bem lá no fundo, que deveria estar apavorada. Mas não estou. Então, fecho os olhos e expiro ao atingir a água. O frio me engole. Meus pulmões queimam. E é assim que eu sei que ainda estou viva.

Enquanto nado para fora d'água, para a areia da praia, eles desligam a música. Ou talvez eu só não consiga ouvi-la daqui. Não há nada, exceto o barulho das ondas arrebentando na praia e retrocedendo, voltando lentamente ao mar – como uma infantaria tentando tomar a costa, onda após onda, sem chegar a lugar nenhum.

O vento está frio e me atinge, me enregelando através da calça jeans e da camiseta molhada. Tiro os cabelos do rosto e compreendo que sobrevivi à queda, mas que uma boa pneumonia tem todas as chances de me pegar. E decido que está tudo bem.

Noah tinha razão. O terreno da embaixada iraniana realmente se estende até a praia. Cambaleio na areia fina e úmida, própria de um resort cinco estrelas. Quando as nuvens se movem, vejo uma cerca caindo aos pedaços, insuficiente para manter o mundo à distância.

As tábuas da cerca estão apodrecendo. Uma placa carcomida pelo clima anuncia *Entrada proibida* em cinco línguas diferentes, pendurada com um único prego por cima de um lugar onde a areia já havia sido levada pelo mar. É por aí que eu passo, rastejando lenta e cuidadosamente, como qualquer recruta aprende durante o treinamento básico. Eu fazia esta corrida de obstáculos só por diversão sempre que aparecia uma oportunidade. Estranhamente, eu me sinto como se estivesse voltando para casa enquanto serpenteio devagar, centímetro a centímetro, avançando pelo território da nação soberana do Irã.

Do outro lado da cerca, espero para ver se alguma coisa vai mudar. Uma luz acender. O som de uma sirene. Por um instante, fico em silêncio no escuro, o coração martelando no peito, mas nada muda. Ninguém aparece. Estou sozinha quando cruzo o trecho final da praia particular rumo ao alto muro de pedra que cerca toda a cidade, incluindo os fundos da mansão.

Um portão de ferro se eleva entre a muralha e a base dos rochedos. Há um vão em forma de arco que de fato *atravessa* a imensa muralha que rodeia a cidade. Esta velha passagem é a razão pela qual os iranianos têm a única embaixada na Ala com acesso privado à praia. A passagem provavelmente era bem escondida quinhentos anos atrás, mas os iranianos certamente estavam mais interessados em chegar à praia do que em impedir a entrada de invasores, de modo que a deixaram lá, exposta para todo mundo ver. Qualquer guarda que um dia possa ter sido postado aqui já foi embora há muito tempo.

Uma vez ultrapassada esta barreira, sei que não há mais volta, nenhuma boa desculpa. Isso deveria me preocupar, tenho certeza. Se eu tivesse bom senso. Se eu tivesse a quantidade apropriada de medo e de respeito pela autoridade. Mas não estou pensando na senhorita Chanceler nem nas suas advertências; estou ocupada demais pensando em Lila e no seu sorriso debochado.

Entro no pátio.

Há poucas mesas e cadeiras. Árvores ladeiam a parede, mas o espaço está tomado principalmente por capim, ervas daninhas e arbustos que há décadas crescem sem cuidados.

Ouço um ruído esvoaçante, o leve som de uma corrente batendo contra metal. Mesmo no escuro, é fácil ver a echarpe azul e branca que se enrolou no mastro da bandeira, no ponto mais alto do prédio.

Procuro os fundos do edifício de quatro andares, mas não há uma saída de incêndio ou nenhuma escada que eu possa ver. Não há uma calha nem uma árvore que eu consiga escalar com rapidez. Mas *há* uma janela quebrada. Alguns cacos de vidro ainda se prendem ao interior da moldura, de modo que tomo bastante cuidado ao enfiar o braço para destrancá-la, suspender a parte quebrada e entrar.

As tábuas do piso estão podres, pelo menos no lugar onde estou pisando. Não tenho como saber quando a janela quebrou, mas provavelmente foi há anos. Talvez décadas. Chuva e areia arrasaram o lugar, e quando começo a andar sinto as tábuas do assoalho se deslocarem. Sinto cheiro de mofo, de poeira e de abandono. Quase sinto pena do prédio.

Ao me afastar da janela, o chão começa a parecer mais sólido. Acima de mim, há lustres outrora maravilhosos, agora empoeirados e opacos. Parte de mim quer esticar a mão para ver se o interruptor funciona, mas sei que isso não seria uma boa ideia. Na melhor das hipóteses, o prédio não tem eletricidade. Na pior, ele tem, e a luz acesa vai trazer à tona tudo o que estou tentando evitar ao vir aqui. Por isso, vou engatinhando com cuidado no escuro.

Atravesso uma grande sala com uma mesa de jantar com trinta lugares. Na sala de estar, há pinturas empoeiradas e móveis cobertos com capas de proteção brancas agora encardidas. Vejo cômodo após cômodo, todos mobiliados e um dia habitados, hoje vazios e abandonados. A impressão que se tem é a de que uma

família muito grande simplesmente fez as malas e foi embora para uma temporada fora, como se fossem voltar assim que algum misterioso drama terminasse. Mas alguns dramas nunca terminam, eu acho.

Ao chegar à ampla escadaria em curva, ando mais depressa. Parece a embaixada dos Estados Unidos, de modo que meus pés ficam mais seguros ao correr, e vou de dois em dois degraus.

A lua cheia entra pelas janelas, a única luz neste espaço escuro e empoeirado. Atravesso teias de aranha ao chegar ao segundo andar e depois ao terceiro. É onde encontro uma escada menor, de serviço, e sigo por ela até o último andar.

O teto é mais baixo aqui, os cômodos são menores. Se eu estiver certa, o mastro da bandeira está bem acima de mim. Tem que haver um caminho para chegar lá, então olho por uma janela e localizo uma pequena plataforma de metal. Saio com cuidado e vejo uma escada subindo da plataforma para o telhado.

Sou cautelosa ao subir. A escada é velha e não é usada há milênios, mas ela aguenta o meu peso. A pior parte é que agora estou na lateral do prédio. Alguém pode me ver da embaixada vizinha, a italiana; e eu poderia ser vista da rua. Então procuro ser o mais rápida que me atrevo a ser escalando o flanco do edifício, até que chego à área plana do telhado onde está o mastro.

Visto daqui, o mar é deslumbrante. Viro para a esquerda e gasto um precioso segundo para examinar a longa fila de embaixadas. Consigo distinguir treze mastros, um após o outro, as bandeiras tremulando sob a luz de seus refletores, guarnecendo a muralha como soldados.

Um carro da segurança passa na rua, o farol de busca varrendo os exteriores das embaixadas, suas cercas e portões. Quando passa repentinamente pelo telhado do Irã, eu caio, batendo forte com a barriga. Levanto ligeiramente a cabeça, apenas o bastante para ver o feixe de luz capturar a pontinha esvoaçante da echarpe. E aí a luz desaparece.

Espero um segundo, depois fico de pé como um raio e começo a soltar a echarpe do mastro. Mas ela está tão enroscada que, para cortar partes da seda, tenho que tirar do bolso o canivete minúsculo que meu pai me deu de aniversário.

Logo ela está nas minhas mãos e eu a enrolo em volta do punho repetidas vezes, antes de descer a escada tão rápido que quase escorrego.

Passo a perna sobre o peitoril da janela e entro depressa no corredor do quarto andar da embaixada, bato a janela atrás de mim e disparo escadaria abaixo.

Estou indo rápido demais. Vou cair. *Alguém vai me ouvir*, penso, antes de compreender que não há ninguém aqui para me ouvir. Contudo, não consigo me livrar do sentimento de que estou enganada.

Busco ouvir a voz da minha mãe, mas ela não vem. Não tenho nenhuma memória dela aqui, neste edifício onde nunca estive. Mas posso jurar que estou ouvindo passos, que alguém está atrás de mim.

Ao chegar ao térreo, dou uma guinada e me precipito por um corredor na direção de um beco estreito que vi do telhado. Tenho que sair daqui. Tenho que devolver a echarpe de Lila e voltar à minha própria embaixada, à cama da minha mãe. Existem fantasmas dentro destas sombras, tenho certeza. Posso senti-los. Então, corro ainda mais rápido.

Eu me arremesso numa curva, e então derrapo para conseguir parar, respirando com dificuldade, os olhos arregalados diante de um buraco gigantesco, escancarado no chão. As beiradas estão podres e quebradiças. O que um dia foi provavelmente um tapete persa incrivelmente caro hoje pende das bordas como um naco de asfalto que não foi completamente tragado por um abismo. No fundo, vejo um brilho de água e ouço o *plic*, *plic*, *plic* de mais gotas d’água caindo numa imensa piscina ornamentada que fica no subsolo.

Fico à beira do precipício, ouvindo a água escorrer – meu coração aos pulos.

Ao ouvir uma voz dizer: “A gente não devia se encontrar aqui”, não consigo ter certeza de que não estou sonhando. O homem fala adriano, mas é a língua que a minha mãe falava comigo, exatamente como a mãe dela falava com ela. Mesmo sem me esforçar, entendo cada palavra.

“Em Adria, as paredes sempre têm ouvidos”, responde outra pessoa. “Não há razão melhor do que essa para nos encontrarmos no Irã.”

A gargalhada do homem é grave e sombria. Talvez seja o prédio em decadência, mas ela soa sinistra e ameaçadora. Começo a pensar que há tubarões nadando em círculos na piscina, ou um cabo que derrama ácido nela, pronto a me fazer mergulhar para a morte.

Recuo, mas rápido demais, e o assoalho range sob meus pés. Por um instante, penso que vou despencar pela madeira podre, aterrissando nos homens abaixo de mim. Mas não caio. Em vez disso, fico absolutamente imóvel, esperando.

“O que foi isso?”, pergunta um dos homens.

“Seus nervos já não são mais o que eram, meu amigo”, disse o outro.

E então um deles anda até a piscina. Olha para baixo, para a água quase parada. Em silêncio, eu arquejo, mas me obrigo a ficar completamente imóvel, sabendo que, se ele olhar para cima, me verá. E se ele me vir...

Eu me recuso a pensar no que aconteceu da última vez que alguém me viu.

Por um bom momento, o homem mantém seu olhar fixado na piscina, quase como se estivesse divagando, perdido em pensamentos.

“Nós vamos ter problemas?”, pergunta o homem fora do meu campo de visão.

“Não tenho razões para achar que sim”, diz o homem ao lado da piscina.

“Mas e se algum problema...”

“Eu lido com ele.” O homem coloca as mãos nos bolsos e se vira para o seu companheiro. “Eu sempre lido com eles.”

O subsolo é escuro – o corredor só recebe a luz do luar. O edifício inteiro é um caleidoscópio de escuridão e de luz combinando-se em sombras circulares. Por um instante, porém, eu o vejo claramente – vejo mesmo. Cabelos escuros salpicados de fios grisalhos. Um terno bem cortado. Mandíbula forte.

Uma cicatriz.

Tenho certeza absoluta de que vejo uma cicatriz.

E é por isso que minhas mãos começam a tremer. Meus lábios estremecem e eu os aperto, engolindo o grito que cresce na minha garganta, lutando contra as lágrimas que enchem meus olhos.

E então eu *ouço* a voz da minha mãe. Um grito assombroso. *“Grace, não!”*, me diz ela.

É a última coisa que ela me dirá para todo o sempre.

Assim que o Homem da Cicatriz sai do meu campo de visão, eu cambaleio para trás. De algum modo, consigo me obrigar a andar bem devagar, em silêncio, pelo corredor. Ao chegar à janela quebrada, eu me jogo através dela e meus pés começam a correr cada vez mais rápido, refazendo em disparada o caminho por onde vim, o pátio coberto de mato e o portão quebrado, cruzando a praia de areia fina.

Sinto raiva das minhas pegadas, de como será fácil alguém saber por onde andei. Mas não ouso parar e alisar a areia atrás de mim.

Estou rastejando sob a cerca de madeira para chegar à terra pública, quando meus ombros saem totalmente do chão. De repente, sou empurrada com força contra a cerca em decomposição. Posso sentir as letras em alto relevo da placa

de *Entrada proibida* através do tecido da minha camiseta molhada quando levanto o rosto para os grandes olhos azuis que me encaram.

Estremeço quando Alexei diz: “Grace, o que foi que você fez?”

CAPÍTULO SEIS



Já não sinto mais o calçamento. Alexei agarra o meu braço tão apertado que meus dedos começam a formigar. Mas ele não diz mais nada. Ele só meio que me empurra, meio que me carrega para a Ala das Embaixadas. Minha cabeça ainda está na piscina. Quando começo a tremer, culpo as minhas roupas molhadas, o vento frio. Não me atrevo a dizer uma palavra de protesto. Deixo Alexei me puxar.

“Grace”, alguém grita.

Eu paro, mas Alexei me puxa com mais força. “Vou levar você para casa”, diz ele com os dentes cerrados.

“Grace!” Os passos de Noah são pesados e ruidosos na rua atrás de nós. Quando finalmente nos alcança, ele nos intercepta e depois se dobra sobre a cintura, ofegante. “Tudo bem com você?”

“Estou bem”, digo.

“Não vai estar depois que tivermos uma conversa”, rosna Alexei.

Então vejo Lila e Megan. Eles saem da penumbra diante da embaixada alemã. Rosie já deve estar lá dentro.

Lila não está olhando para mim, entretanto. “Oi, Alexei”, murmura ao se aproximar.

“Oi.” A voz de Alexei é áspera. Ele não relaxa um segundo o apertão no meu braço. “Estou levando Grace para a embaixada. Eu sugeriria que todos vocês fossem para casa também.”

“Como você me encontrou?” Minha voz falha e não consigo parar de tremer, mesmo com o calor da mão de Alexei no meu braço.

“Megan me telefonou. Ela estava preocupada.”

E agora eu sei a resposta à minha pergunta: Megan definitivamente não é minha amiga.

“Era isso ou ligar para a minha mãe”, diz ela, desafiadora.

Mas Noah apenas continua a olhar para mim.

“Não posso acreditar que você esteja bem”, diz ele. Uma risada nervosa escapa dos seus lábios, mas é alta demais na rua silenciosa, e ele leva as mãos à boca para abafá-la. Isso não esconde a expressão em seus olhos, no entanto. Alívio. “Você está bem”, repete ele. “Quando você pulou, eu pensei...”

“Dê boa-noite, Grace”, diz Alexei, dando um puxão no meu braço.

Emprego todas as minhas forças para manter minha postura e estender a peça de seda agora esfarrapada e rasgada na direção de Lila.

“A sua echarpe”, forço-me a dizer.

“Obrigada”, diz Lila, mas ela continua a olhar para mim como se o que quer que eu tenha de errado pudesse ser contagioso.

Então, eu dou um puxão para soltar meu braço da mão de Alexei e saio à frente dele. No alto, os lampiões da rua tremeluzem e enfraquecem. A sombra me envolve quando chego à curva da rua e faço uma pausa, encostando-me com força contra as grades que cercam a embaixada dos Estados Unidos. Estou quase em casa. Ou no prédio que será a minha casa pelo futuro próximo. Estou quase em segurança.

E talvez seja por isso que tenha parado. Ao apoiar-me na pedra, o frio toma conta de mim. Minhas roupas ainda estão molhadas. Meu cabelo começou a secar e gruda no rosto e no pescoço. Quero um banho quente, sentir o oceano e a areia sendo levados, senti- los escorrer pelas minhas costas.

“No que você estava pensando?”, pergunta Alexei ao fazer o contorno e me encontrar. Mas, antes que eu possa responder, o melhor amigo do meu irmão está de novo me estudando. Alexei põe a mão no meu braço e eu sei que estou balançando ligeiramente para a frente e para trás. Os outros surgem e eu vejo as expressões nos seus rostos, que me olham fixamente, e sei o que estão pensando.

Eu sei porque já as vi antes. As expressões preocupadas e as olhadelas enigmáticas. Quase posso ouvir os sussurros que seguirão meu rastro.

Quando fala, Alexei soa como Jamie. “O que há de errado com você?”

Mas desta vez estou prevenida. Desta vez, eu minto.

“Está tudo bem. Só estou com frio. Cansada.”

“Grace...”

“Me deixa em paz, Alexei.” Tento forçar a passagem. A adrenalina está voltando numa torrente impetuosa e esmagadora. Minha voz é puro gelo: “Eu não sou problema seu.”

“Você é problema do Jamie. E como o Jamie não está...” Ele deixa a presença das palavras se prolongar, e sorri para mim – uma expressão que é em parte desafio, em parte charme, e isso me faz odiá-lo. Como a vida deve ser fácil para ele. Eu queria ser maior, mais forte. Homem. Queria ser capaz de fazer as pessoas pararem de se preocupar comigo e com a minha suposta fragilidade. E, se eles não conseguissem deixar de se preocupar comigo, bem que eu gostaria que se esquecessem de mim de uma vez por todas.

“Você não precisa ficar me dizendo o que fazer o tempo todo só porque sou uma garota, sabia?”

“Não.” Ele se aproxima. Uma parte de mim fica contente com o calor, mas o restante quer cortar esta parte fora e jogá-la no mar. “Eu tenho que fazer isso porque você é a irmã caçula do Jamie, e o Jamie não está aqui.”

“Bem, isso é problema dele.”

“Não. É problema meu”, diz Alexei, inclinando-se mais para perto, e eu tremo ainda mais. “Você tem ideia de onde estava? Do que teria acontecido se alguém – qualquer um – tivesse visto você lá dentro?”

Eu sei. Eu sei exatamente, mas não posso dar a ele a satisfação de me ouvir dizendo isso. Além disso, o sermão vai acontecer, não importa o que eu diga. Se tem uma coisa que a minha vida me ensinou é que *sempre* vai haver sermão. É por isso que não falo nada sobre os dois homens; não menciono a cicatriz. Vou agir como se nada tivesse acontecido.

Com alguma sorte, até mesmo *eu* vou finalmente esquecer que isso aconteceu. Mesmo sabendo que aconteceu.

“Eu fiz uma visita aos vizinhos. Me processe por isso.”

“Vou fazer coisa muito pior do que isso”, grita Alexei. Depois, ele amolece. “Você é filha de um major do Exército dos Estados Unidos. Você é neta do

principal embaixador dos Estados Unidos na Europa. Você não pode invadir embaixadas de governos hostis, Grace. Não sabia que alguém tinha que soletrar isso para você, mas estou soletrando agora."

"Me deixa em paz, Alexei", digo, a voz falhando. Detesto o quanto estou tremendo. Queria arrancar esta minha língua traiçoeira da garganta.

"Há alguma coisa que você não está me contando", diz Alexei. Ele sempre conseguiu fazer isso – ver o que está se passando dentro de mim. Antes eu pensava que era por causa do Jamie, que comentava com ele tudo o que eu falava. Mas Alexei cresceu nesta rua sinuosa. Ele sabe todas as línguas. Até a minha.

"O que é, Grace? O que você está escondendo?"

Penso nos homens no subsolo, nas vozes, no *plic*, *plic*, *plic* agourento da água pingando. E, mais uma vez, tenho um calafrio. Não digo as coisas que jurei jamais dizer de novo.

Em vez disso, dou boa-noite.

Alexei não me detém quando começo a andar em direção aos portões, mas posso ouvir seus passos atrás de mim, ecoando os meus.

"Você está me seguindo", digo.

"Sim, estou."

"Isso é muito irritante."

"Tenho certeza de que deve ser mesmo."

Eu paro. "Eu posso cuidar de mim mesma." Acima de nós, o gás nos postes de luz tem um pico de repente. As luzes ficam mais brilhantes, mais fortes. Não há sombra em lugar algum quando ele olha para mim.

“É exatamente isso que me preocupa.”

Ele não diz mais nada enquanto ando ao encontro do portão e do fuzileiro que faz a guarda.

Ninguém questiona a minha aparência nem a hora – a tarefa deles é manter as ameaças do lado de fora, não manter adolescentes do lado de dentro.

Não passo por uma alma sequer ao correr escada acima, para o quarto da minha mãe, fechando a porta com segurança atrás de mim.

A janela está aberta. O vento frio entra e eu corro até ela. Não quero nem sentir este vento novamente. Porém, ao botar a mão na esquadria, vejo Rosie em cima do muro, olhando para mim. Lentamente, ela levanta uma mão em algo que não é exatamente uma saudação, tampouco um aceno.

Eu aceno de volta, fecho a janela e, depois, silenciosamente, puxo as cortinas.

CAPÍTULO SETE



Quando acordo, levo um bom tempo para me lembrar de onde estou. Depois, mexo os braços, tentando me assegurar de onde *não* estou. A cama é macia e quentinha, por isso sei que não tive um incidente ontem à noite. Mas também sei que o que aconteceu não foi um sonho. Ah, como eu queria que fosse um sonho...

O Homem da Cicatriz estava lá.

Fico deitada, completamente imóvel, tentando controlar minha respiração, desesperada para me convencer de que eu poderia ter visto coisas. Poderia ter ouvido coisas. Afinal, eu estava exausta e com o fuso horário trocado, comprometida por descargas de adrenalina e pela iluminação abaixo do normal. Tento dizer para mim mesma que não havia nenhum Homem da Cicatriz na noite passada – que eu não tinha absolutamente nada a temer. Mas isso foi antes de eu rolar e dar um chute na mulher sentada na ponta da minha cama.

“Bom dia, Grace”, diz a senhorita Chanceler. Ela está usando um terninho roxo hoje, quase uma cópia do que ela usava ontem. “Está na hora de acordar, querida.”

“E que horas são?”

“Quase sete.”

Bufo e me viro. Eu estava entrando às escondidas num país hostil apenas cinco horas antes, mas não posso dizer isso à senhorita Chanceler.

“Estou com *jet lag*”, digo, botando o travesseiro sobre a cabeça para bloquear a luz que entra pela janela. Ela deve ter aberto as cortinas.

A senhorita Chanceler tira meu travesseiro. “A melhor maneira de combater o *jet lag* é se colocando no novo fuso horário o mais rápido possível. Venha, acorde. De pé. De pé. De pé.”

Ela ri ao dizê-lo, fazendo uma provocação. Ela quer realmente ser minha amiga, compreendo, e de repente sinto pena dela. Ela não sabe o quão terrível é querer isso.

“*Ele* já se levantou?”, pergunto, sentando-me.

“Seu avô sempre foi madrugador. Bem, ele é assim desde que o conheci. Mas infelizmente ele não poderá se juntar a nós para o café da manhã. Ele tinha uma reunião cedo no palácio.”

“Bem, já que ele foi chamado ao *palácio*...”

A senhorita Chanceler força um sorriso. “Por que não se veste, Grace? Desça. Temos algo a ser discutido durante o café da manhã.”

Quando a senhorita Chanceler sai, vou até o banheiro. Minha mãe costumava prender fotos na moldura do espelho. Há provavelmente uma dúzia delas, e não tenho escolha a não ser estudá-las enquanto escovo os dentes.

Mamãe e a avó que eu nunca conheci. Minha mãe e sua melhor amiga, sorrindo na praia. Mamãe quando criança, sentada na escrivaninha do vovô. Parte de mim quer gritar, berrar e jogar cada pedacinho da minha mãe morta pela janela. Mas tudo o que faço é pôr a minha escova de dentes na caneca ao lado da dela. Penteio os cabelos puxados para o alto da cabeça e desço.

Ao chegar à porta da sala de jantar, vejo a senhorita Chanceler atrás de uma cadeira à cabeceira de uma mesa de pelo menos quarenta lugares. Talvez cinquenta. Não paro para contar. Estou ocupada demais olhando a prataria, e depois me perguntando se a gente continua a chamar aquilo de prataria, se for feito de ouro.

“Entre, Grace”, diz a senhorita Chanceler.

“Normalmente, eu como na cozinha.”

“Entre”, diz ela novamente. “E feche as portas.”

“Sim, senhora.”

Tomo o cuidado de fazer exatamente o que ela diz ao contornar a sala pela borda, tão longe da mesa ornamentada quanto possível.

Os utensílios lá de casa sequer combinavam, eu me dou conta. Um dos aspectos negativos de ficar se mudando a cada seis meses ou um ano e meio. Aprendi desde pequena a nunca ter nada que eu não quisesse que acabasse em um milhão de pedaços no fundo de um caixote.

“Pensei que você estivesse se vestindo”, diz a senhorita Chanceler, e eu olho para a camiseta com que dormi, minhas calças de ioga com manchas de alvejante na bainha. Levanto a mão, toco meu rabo de cavalo puxado para o lado no alto da cabeça, e lamento todas as decisões que já tomei na minha vida. Todas. O que deixa esta manhã perfeitamente na média. Apenas com melhores baixelas de prata (ou ouro).

“Ah, sim. Me desculpe. Sabe, acho que deixei o ferro ligado lá em cima e...”

“Grace, se você tiver usado um ferro de passar nos últimos seis meses, eu como este garfo”, diz a senhorita Chanceler.

“Qual deles?”, tento provocar. “Há muitos garfos, não sei que garfo você está falando.”

“*De que garfo*, Grace. As pessoas falam *de* alguma coisa.”

“Claro. Entendo perfeitamente... *de que* está falando.”

Forço um sorriso e vou até a cabeceira da mesa, tomo nas mãos o encosto da cadeira, mas, antes que a puxe, a senhorita Chanceler cantarola: *“Não esta cadeira.”*

“Certo”, digo, indo para a cadeira ao lado.

“Ainda não”, diz a senhorita Chanceler, caminhando para a cabeceira da mesa. “Você pode se sentar depois dos lugares à cabeceira da mesa, Grace. Nunca antes.”

“Certo”, digo, enquanto ela adota uma postura régia ao se sentar. Quando ela assente, tomo o lugar ao seu lado.

“Você já teve aulas de etiqueta, querida?”

“Claro. Meu pai e meu irmão levaram isso muito a sério. Foi logo depois de terem me ensinado a limpar e armazenar armamentos portáteis de uso militar, é claro.”

“Grace.” Sua pronúncia é uma advertência.

“O quê?”, perguntei.

“Estou falando sério.”

“Eu sei. Sinto muito.” E a parte esquisita é que eu realmente sinto muito. Eu quero ser boa, pegar o garfo certo e usar um vestido bonito de linho no café da

manhã. Quero ser a garota das fotos lá em cima. Mas não dá. Aquela garota está morta.

“Sua chegada aqui é muito oportuna. Você sabia disso?” A senhorita Chanceler pega o guardanapo e o coloca delicadamente sobre o seu colo.

Imito seu gesto e digo a ela: “Bem... não. Não sabia.”

Não havia me parecido muito oportuna.

Só pego meu garfo de ouro quando a senhorita Chanceler pega o dela. Imito tudo, inclusive o pedacinho de presunto que ela corta e põe na boca.

“Veja, Adria é um lugar que leva suas tradições muito a sério. A história é importante aqui, no melhor sentido possível. E um dos eventos tradicionais mais importantes está quase chegando.”

“Ah.” Eu me preparo para dar outra mordida. “E qual seria?”

“Todo ano, os embaixadores que estão alocados aqui devem visitar o palácio e apresentar suas credenciais ao rei. É uma tradição muito antiga e muito importante.”

“Certo”, digo, e arrisco um golinho d’água.

“Sempre limpe a boca antes de tomar alguma coisa, Grace.”

“Certo”, digo mais uma vez, sem brigar. Estou apenas feliz de finalmente estar comendo.

“Coincidentemente, a cerimônia de apresentação das credenciais será amanhã à noite no palácio.”

“Que legal”, digo, ainda sem saber se tudo isso possivelmente teria alguma coisa a ver comigo.

“Ah, é *muito* legal.” A senhorita Chanceler dá um risinho. “Na verdade, tecnicamente, trata-se de *um baile*.” Limpo a boca para tomar um pouco de suco, enquanto a senhorita Chanceler termina. “E você vai acompanhar o seu avô.”

Foi aí que eu cuspi o suco em cima da senhorita Chanceler e do seu belo terninho roxo.

CAPÍTULO OITO



“Não.”

Nem espero a senhorita Chanceler se erguer antes de me levantar como um raio. É a prova que faltava para eles saberem que estão atrás da garota errada. Para deixar tudo bem claro, deixo meu guardanapo cair.

“Não. Não e ponto”, digo.

“Grace.” A senhorita Chanceler tenta vir atrás de mim, mas estou andando rápido. “Grace, escute.”

“Sinto muito”, digo, virando-me brevemente para olhá-la de relance. “O que eu queria dizer é não, *muito obrigada*.”

Quando chego à porta, tento empurrá-la – mas deve haver algum tipo de truque para soltar o trinco, pois ela não se mexe.

“É uma tradição de trezentos anos.”

“Então eles sabem o que fazer sem mim!”

“É uma parte essencial da manutenção do nosso lugar na sociedade diplomática! Sem isso, os Estados Unidos não teriam mais status diplomático aqui.”

“Outro motivo para deixar tudo nas mãos de profissionais”, digo.

A senhorita Chanceler pega as minhas mãos, que tremem, e as tira da porta. “Grace, você é oficialmente a dama desta casa. É o seu dever estar ao lado do seu avô em eventos como este. Goste ou não, seu país precisa de você.”

Ela sabe como me emboscar – vou fazer esta concessão à senhorita Chanceler. Honra. País. Código. São coisas que foram enfiadas na minha cabeça a vida inteira.

“Grace”, diz ela, segurando as minhas mãos com mais força, “faz muito tempo que o seu avô não tem alguém ao lado dele. Os outros embaixadores trazem suas esposas. Seus filhos. Mas seu avô... Por favor, faça isso. Por ele. Pela sua mãe. Ou, melhor ainda, por você mesma.”

Ela está olhando para mim agora – não para as minhas calças de ioga manchadas e para o meu cabeço bagunçado. Ela está olhando para *mim*, como se talvez uma parte de mim se parecesse de fato com a garota da cama de dossel cor-de-rosa. Como se talvez eu fizesse parte daqui, afinal.

Mas ela está errada. E não tenho coragem de dizer isso a ela.

“Eu...”, começo devagar. Minha voz é mais um sussurro do que um grito. Admitir é mais difícil do que deveria ser: “Eu não sei o que fazer.”

A senhorita Chanceler sorri. As portas escolhem este momento para deslizar e se abrir, e vejo Noah parado ali. Ele deve tê-las mantido fechadas o tempo todo.

“É para isso que eu estou aqui”, diz ele.

Antes que eu possa dizer alguma coisa, a senhorita Chanceler dá um abraço em Noah. Ele está usando uma camisa polo com um blazer azul-marinho e calças cáqui sociais. Seu cabelo está penteado para trás e sua postura é perfeita. Ele

parece a diplomacia personificada, e não consigo deixar de pensar que ali está um garoto que sabe como se virar com talheres de ouro.

“Muito obrigada por vir”, diz a senhorita Chanceler, e então se vira para mim. “Grace, este é Noah Esteves. Ele se ofereceu para nos ajudar. Além disso, achei que você dois devessem se conhecer.”

“Eu...”, começo a dizer, mas Noah rapidamente estende a mão, me interrompendo.

“Olá, Grace. Que bom finalmente conhecê-la”, diz ele. Quando a senhorita Chanceler olha para o outro lado, ele dá uma piscada.

“Ah, sim. Muito prazer em conhecê-lo também”, digo.

“A mãe do Noah é uma das minhas amigas mais queridas e uma das mulheres mais cultas que conheço”, diz a senhorita Chanceler.

“Mas ela estava ocupada, então vocês vão ter que se virar comigo, sinto muito”, diz Noah num gracejo, e abre aquele sorriso de orelha a orelha que os adultos adoram. “Não se preocupe, Grace. Faço isso há anos. Uma reverência aqui. Uma mesura lá. Você vai conseguir.”

“Sim. Você me conhece. Eu *vivo* para mesuras.”

A senhorita Chanceler ignora o meu sarcasmo, e Noah me oferece seu braço.

“Vem comigo, menina.”

Sei que não conheço Noah de verdade. Uma excursão ao luar não conta muito no grande esquema das coisas. Mas olho para o garoto ao meu lado, tão confiante e à vontade. Ele é diferente do garoto nos rochedos. Não está em nenhum dos seus países, mas não consigo afastar a sensação de que Noah está de volta ao seu hábitat.

“Vamos começar por uma valsa?”, sugere a senhorita Chanceler.

“O que me diz, Grace?”, pergunta Noah. “Vamos?”

Não há mobília no cômodo vizinho. Compreendo o porquê assim que a senhorita Chanceler nos conduz para dentro, se dirige a uma antiga vitrola e pousa a agulha sobre um disco de vinil. O disco ganha vida com uns poucos estalidos, e logo não somos mais dois adolescentes do século XXI arrastados a uma tradição arcaica. Não. Somos dois jovens transportados no tempo. A sala grandiosa faz sentido. Meus cabelos bagunçados quase foram esquecidos quando Noah põe a mão na minha cintura.

“Sim. Muito bem. Muito bem”, diz a senhorita Chanceler. “Atenção, Grace. Queixo para cima. Ombros para trás. E deixe o Noah conduzir.”

“Ouviu isso, Grace?”, pergunta Noah. “Você tem que me seguir.”

Quando começamos a dançar, não me queixo. Noah é muito bom nisso. Ao menos, eu piso mais nos pés dele do que ele nos meus.

Há um piso de parquete sob os meus pés e candeeiros antigos nas paredes. O disco tem décadas e, por um instante, eu me sinto eterna, leve e destemida.

Ao chegarmos ao outro lado da sala, Noah se inclina um pouco mais para perto e abaixa a voz.

“Ontem à noite...”, começa ele, e, num ímpeto, tudo aquilo me volta à mente.

Os rochedos.

A festa.

O Homem da Cicatriz.

Começo a tremer à medida que Noah continua. “Não vamos ter uma repetição daquela sua performance tão cedo, vamos?”

“Foi o Alexei quem mandou você dizer isso ou você pensou nesta pérola sozinho?”, pergunto.

Nós dançamos um pouco mais. Do outro lado da sala, posso ouvir a senhorita Chanceler cantarolando: “Um, dois, três. Um, dois, três.”

“O que você fez foi perigoso. Você sabe disso, não sabe? Foi insano, esquisito e absurdamente perigoso.”

Eu olho fixamente para ele. “Foi um risco calculado.”

“Queixo para cima, Noah. Ombros para trás!”, repreende a senhorita Chanceler.

“Além disso, se não estou enganada, eu meio que salvei a pele da sua irmã”, digo. Queria que isso o atingisse como uma ferroada, mas, em vez disso, ele sorri.

“Obrigado.” Ele olha para o outro lado. “Não faça isso de novo. Mas obrigado.”

“Não é *você* quem deve me agradecer”, destaco.

Ele concorda, inclinando a cabeça. “Sim, mas a Lila é... a Lila. Sou muito agradecido a ela por não ter me devorado no útero.”

“Grace, querida, a valsa não é exatamente o que as pessoas chamariam de uma dança engraçada”, repreende-me a senhorita Chanceler, quando começo a rir.

“Noah?”, digo, depois de recuperar a compostura.

“O quê?, pergunta ele.

“As pessoas ainda vão até lá?”

“Até onde?”

“Lá”, digo.

“Até *a embaixada iraniana*?”, sussurra Noah, dando uma olhada para a senhorita Chanceler, que está do outro lado da sala, examinando a pilha de discos. “É isso que você está perguntando? Se pessoas *ainda entram na embaixada iraniana*?

“Vou entender isso como um não.”

“Não. Isso é um ‘*você está louca?’*. Espere aí. O que estou dizendo”, cisma ele, balançando a cabeça. “Você saltou de um penhasco. *É claro* que está louca.”

“É só...” Não consigo encontrar as palavras – ou talvez a força – para continuar.

“É só o quê?” Há uma intensidade na voz de Noah. Ele me conhece há menos de 24 horas e já sabe que deve se preocupar com o que vai vir em seguida.

“Eu ouvi uma coisa.” Ao dizer isso, a música acaba. Na minha mente, posso ouvir o piso rangendo, a correria de insetos. E as vozes. Posso ver o homem com a cicatriz.

Não consigo me esquecer do homem com a cicatriz.

“Quando eu estava lá”, continuei, “pensei ter *ouvido alguma coisa*”.

“O lugar está abandonado há anos. O prédio deve estar quase desabando. Metade dos ratos de Valancia mora lá. Tenho certeza de que você ouviu um monte de coisas.”

A agulha arranha. Desta vez, a música realmente para. No silêncio, eu cochicho: “Vozes, Noah. Eu ouvi vozes.”

“Você não ouviu vozes.”

“Mas...”

“Ninguém entra lá, Grace. Ninguém. E isso inclui você. Certo?”

“Certo”, digo.

“Certo”, a senhorita Chanceler repete a palavra, mas não o tom. Ela bate palmas, obviamente satisfeita com a nossa manhã até aqui. “Creio que estamos prontos para a fase dois.”

CAPÍTULO NOVE



Noah se despede, apesar de eu implorar para ele ficar. É muito menos provável que eu mate a senhorita Chanceler se houver uma testemunha.

“Meninos não são admitidos na fase dois”, caçoa a senhorita Chanceler ao me puxar para o corredor além da porta. “Olhe, Grace. Não são bonitos?”

Ela parece uma garotinha quando anda na direção das araras de roupas que enchem o que normalmente seria a sala de estar formal. A mobília foi empurrada para os lados. Há longas araras com rodinhas, cobertas de vestidos. Pilhas e mais pilhas de caixas de sapato.

Mas a pior parte não são as fileiras de roupas e de sapatos. É a garota que está do outro lado da sala, olhando fixamente para mim.

“Megan!”, diz a senhorita Chanceler, abrindo eloquentemente os braços. “Olá, querida.” Ela dá um grande abraço em Megan, e então se afasta. “Você viu que a Grace voltou?”

Ela me viu, sim. Ela me viu saltar de um penhasco e rastejar por baixo de uma cerca iraniana. Megan viu muita coisa. Só consigo prender a respiração, esperando a resposta dela.

“Oi”, diz Megan, virando-se para mim. “Bem-vinda ao lar.”

Lar. A palavra me atinge. Passei toda a minha vida pensando que não tinha um, mas, agora que voltei, não posso negar que a Ala das Embaixadas não foi apenas a casa da infância da minha mãe. De certo modo, foi a minha também.

“Obrigado”, digo a Megan. Então me viro para as fileiras e mais fileiras de vestidos. “Onde foi que você arranjou tudo isso?”

“Com todos os estilistas, querida”, diz a senhorita Chanceler. “É o evento da temporada em Adria.”

“Então eu não devia ir”, digo, olhando somente para a senhorita Chanceler, tentando fazê-la entender.

“Bobagem”, diz ela, antes de encenar um sussurro teatral para Megan. “Grace não acredita que o baile possa ser divertido. O que você acha que devemos fazer para convencê-la?”

“Corridas com obstáculos ajudam”, digo. “Eu sou muito, muito boa em corridas com obstáculos.”

“Aposto que é uma excelente rastejadora.”

A voz de Megan é trivial. Nossos olhares ficam presos um ao outro. É assim que as coisas vão ser, dá para ver. Ela sabendo de coisas que podem me destruir. Eu esperando que ela jogue a granada ou ponha o pino de volta.

“Sim”, digo devagar. “Sou uma pessoa boa para se ter por perto na hora de uma crise.”

Se leu as entrelinhas do nosso diálogo, a senhorita Chanceler não demostra.

“O que acha deste aqui para Grace?”, pergunta Megan, escolhendo um vestido longo, fofo e muito, muito cor-de-rosa. “A cor vai ficar muito bem com a sua pele.”

Quero fuzilá-la com os olhos. Sou tão pálida quanto gelo no inverno, exceto quando fico irritada ou envergonhada; aí meu rosto fica vermelho.

Em outras palavras, meu rosto quase sempre está vermelho.

Megan talvez tenha a pele mais bonita que eu já vi. Seus cabelos são lisos e pretos, perfeitamente sedosos e sempre brilhantes. Meu cabelo é fino, vai até os ombros e se parece com aqueles emaranhados que a gente tira da máquina depois de secar um monte de toalhas amarelas.

Megan, porém, apenas segura o vestido contra a minha pele, como se quisesse provar seu argumento.

“Ah, eu adorei este aqui”, diz a senhorita Chanceler.

O vestido tem cor e textura de algodão-doce, com um corpete apertado e a saia longa e cheia. Deve ter hectares e mais hectares de tecido.

“Este é o chamado corte princesa”, diz a senhorita Chanceler, me observando por cima dos óculos. *Mas eu não tenho nada a ver com princesas*, tenho vontade de dizer.

“Nunca vi você usar cor-de-rosa antes, mas sempre achei que devia”, me diz Megan, e algo nas suas palavras me faz entrar em pânico. *Sempre achei que devia*.

É então que compreendo que Megan me conhece.

Pior, que Megan me *conhecia*.

Antes.

Um biombo foi instalado no canto do cômodo. Eu congelo ao reconhecê-lo, ao me lembrar.

“Grace...” Minha mãe sai de trás do biombo e dá uma rodada. Seu vestido é longo e branco com um belo laço negro cobrindo o corpete. Ela realmente parece uma princesa. “O que você acha?”

“E então, Grace...” A voz de Megan é alta demais. Eu estremeço. “O que você acha?”

“O quê?”, pergunto.

“Do vestido?” Os braços de Megan parecem estar carregados de algodão-doce. “Quer experimentar este aqui?”

“Não vai servir”, digo. “Olha só. Está arrastando no chão.”

“Isso é uma cauda, querida”, diz a senhorita Chanceler, e ela e Megan compartilham uma risadinha dissimulada à minha custa.

“Você tem que experimentar”, diz Megan.

“Não tenho que fazer coisa nenhuma”, contra-ataco.

“Claro que tem. É tão fácil quanto, vejamos, saltar de um penhasco.” Megan cruza os braços, e eu sei que ela me tem nas mãos, então vou para trás do biombo e tento me espremer dentro daquela geringonça. Mas há tantas alças, fechos e ganchos que Megan tem que vir me ajudar.

Enquanto me livro da minha roupa, ela tira o vestido do cabide. Ele empoça no chão como se fosse um vulcão cor-de-rosa claro.

“Então, como tem passado?”

Está ela perguntando por interesse da senhorita Chanceler ou pelo seu próprio? Honestamente, não sei, então digo: “Bem.”

Ela me ajuda a entrar no vestido e o faz subir pelos meus quadris.

“Sinto muito pela sua mãe”, diz ela ao encontrar o zíper.

“Obrigada.”

“Pensei que fosse ver você no funeral, mas...”

“É. Eu não consegui. Fiquei retida.” Se percebe a amargura na minha voz, ela a ignora.

“Prenda a respiração.”

Faço o que ela diz.

“Recebeu as minhas cartas?”, pergunta ela.

“Recebi. Obrigada”, digo. “Eu ia responder, mas...”

“Tudo bem. Eu sei.”

E a parte assustadora é que eu acho que ela realmente sabe.

Quando Megan fala novamente, sua voz é um sussurro. “Então, vai me contar o que aconteceu ontem à noite?”

“Você estava lá. Viu o que aconteceu.”

“Não. Ontem à noite... Aquela não era você.”

“A última vez que você me viu, Megan, eu estava pulando de um muro.”

O olhar firme de Megan me queima por dentro. Ela não recua. “Você sempre foi uma pessoa audaciosa, mas nunca teve impulso suicida. A garota que eu conheci estava sempre correndo em direção a alguma coisa. Ontem à noite... você estava fugindo.”

“Megan, eu estou bem”, repito, mas ela apenas balança a cabeça.

“Não, não está.”

Ela fecha o zíper. Alisa o tecido para ajeitar o vestido no lugar. Então, vai embora. Ouço a porta abrir e fechar, e não há nenhuma dúvida na minha mente de que ela partiu.

“Grace?”, chama a senhorita Chanceler por cima do biombo. “Grace, vamos ver este vestido.”

“Não.” Eu balanço a cabeça enfaticamente, como se ela pudesse me ver. Sou capaz lidar com situações estressantes. Estou equipada. Preparada. Pode me colocar numa zona de guerra que eu vou ficar bem. Mas isso aqui é diferente.

“Grace, a noite de amanhã será muito importante para o seu avô.” A voz da senhorita Chanceler é baixa. Suas palavras soam como uma leve ameaça.

“Então ele devia vir falar comigo pessoalmente!” Não quero gritar, mas não sou capaz de me conter. O vestido é apertado demais e não consigo respirar.

“Ele devia falar comigo”, prossigo. “Ele não me quer aqui. E ele realmente não precisa de mim numa festa toda chique em que tudo o que vou fazer é deixá-lo constrangido.”

A senhorita Chanceler não revida. Não é ríspida. Apenas avança calmamente e me puxa para fora do biombo. “Ele quer que você vá, Grace. Ele está sozinho nas suas obrigações há muito tempo. E vai querer que você vá com ele amanhã.”

Ela para e dá um passo para trás, apontando para o espelho de corpo inteiro que alguém tinha encostado na parede do outro lado. Vejo a garota que aparece lá. Um cor-de-rosa longo e rodado envolve a pele clara. O mesmo tom arrebata as minhas bochechas.

A senhorita Chanceler sorri. “E ele vai querer que você use isto.”

O dia seguinte é uma confusão de ajustes no vestido, aulas de dança e visitas a vários salões com a senhorita Chanceler. Alguns dos instrumentos de tortura dela são quentes. Alguns são frios. Alguns são duros e alguns são moles. Todos são perigosos, decido. Se o Exército soubesse da existência de pranchas alisadoras e modeladores de cachos, o treinamento básico poderia ser muito, muito diferente.

Já são quase seis horas quando descemos as escadas.

“Costas eretas, Grace”, diz a senhorita Chanceler, como se eu tivesse alguma escolha na questão. O vestido está tão apertado que eu não poderia relaxar nem se quisesse. Tenho quase certeza de que eles terão que me amarrar ao capô do carro para me levar até o palácio.

“Você está encantadora, Grace”, diz a senhorita Chanceler com um sorriso. O vestido dela é longo e preto. Ela usa um xale azul lustroso sobre os ombros e tem os cabelos ruivos empilhados no alto da cabeça. Não consigo identificar se seus brincos de safira são verdadeiros, mas reconheço que devem ser. A senhorita Chanceler simplesmente *não* é o tipo de mulher que admitiria imitações.

“Você está bonita também”, digo a ela. Seguro bem firme o corrimão. Realmente não quero cair.

“Obrigada, Grace.” Ela me dá um sorriso e pega a minha mão livre. “Será uma noite maravilhosa.”

Sei que ela está sendo sincera – está, sim. Este é o mundo dela. Seu domínio. Política e intricados acordos de bastidores, alianças comerciais forjadas à base de champanhe e coquetéis de camarão.

“Veja só, aí estão as minhas garotas!”

Meu avô tem uma voz cheia e estrondosa que preenche qualquer salão. Ela flutua escadaria acima e nos cumprimenta.

E então ele abre dramaticamente as portas. “Vamos.”

Eles não me amarram ao capô da limusine estendida que estava esperando por nós do lado de fora. Mas eu bem que gostaria que amarrassem. Eu meio que me sento, meio que me encosto no assento, de costas para o motorista. Vovô e a senhorita Chanceler se sentam à minha frente, do outro lado. Eles não se tocam. Mas há um desembaraço entre eles, um conforto nascido de 25 anos de noites até tarde e de manhãs bem cedo, de tempos bons e ruins.

“Você ficou outra coisa, garota”, diz meu avô, mas sem olhar para mim. Ele dá um tapinha na mão da senhorita Chanceler. “E eu... como estou?”

“Você parece um homem que nunca soube lidar com gravatas-borboleta.” Ela pega seus ombros e o vira, para ficarem frente a frente. “Deixe-me ver.”

Quando a senhorita Chanceler começa a ajeitar a gravata, ele transfere o olhar para mim.

“Você também, Gracie. Quase não a reconheci sem a sujeira de sempre. Chegou a trocar de pele?”

“Ainda não, senhor.”

“Que bom.” E então ele olha o meu vestido. “Diga-me, quantas pessoas tiveram que enfiar você nesta coisa?”

“Só ela. Mas ela é mais forte do que parece.”

A senhorita Chanceler aperta o nó da gravata. Ele dá um grunhido.

“Nem me fale”, diz meu avô.

“Você deve saber, William, que Grace está muito empolgada por participar da sua primeira função oficial.”

“A sua primeira!” Vovô soa quase nostálgico. Ele se vira e olha o cenário que passa pela janela de vidro fumê. Edifícios antigos e ruas de calçamento de pedra. Ciclistas e bancas de frutas. À medida que subimos rumo ao centro da cidade, podemos vislumbrar cada vez mais o mar.

“A minha primeira aconteceu seis meses depois de eu chegar aqui. Lá estava eu, recém-desembarcado, na época apenas um subalterno do Departamento de Estado, e me mandaram comparecer ao palácio. Era o pai do rei que estava no trono na época. Um sujeito grande, poderoso. Jogador de polo de nível internacional, diziam, mas, se alguém me perguntasse, com tão poucas pessoas jogando polo, qual seria a dificuldade de ser um jogador de nível internacional?” Meu avô reflete sobre isso por um instante e depois continua a falar.

“Enfim, o presidente deveria visitá-lo naquele dia, mas aconteceu alguma coisa de última hora e ele precisou cancelar. Em vez de ele mesmo telefonar para o rei, o embaixador na época *me* enviou ao palácio, de chapéu na mão, para apresentar nosso pedido de desculpas.”

Vovô ri um pouco ao recordar-se. Tento imaginá-lo jovem, inseguro e assustado, mas a imagem mental simplesmente não se encaixa. Só consigo vê-lo como um estadista de alto escalão.

“Então, os funcionários do palácio me puseram num elevador e me conduziram ao subsolo. Pensei que estava indo para um escritório, um estúdio ou algo assim – provavelmente para ver algum assessor. Mas não. Era a piscina. Fontes termais correm por baixo de toda a cidade, sabia? E lá estava o próprio rei, saindo da água. Nu como veio ao mundo. Rá!” Vovô bate na perna. A senhorita Chanceler cobre com reserva o sorriso afetado nos seus lábios. “Então, Sua Alteza Real simplesmente continua ali de pé, completamente nu durante toda a conversa. Muitas reverências e desculpas na minha parte. Então o rei, o *rei nu*, diz: ‘Bem,

nesse caso acho que tenho tempo para entrar de novo. Por que não me acompanha?’”

“O que você fez?”, pergunto.

“O que eu podia fazer? Entrei também!”

“Quer dizer que você tomou banho com o rei de Adria?”

“Tomei, sim, Gracie. Tomei mesmo.” Ele abre um sorriso muito malicioso. “Então, basta manter este vestido hoje à noite e você já ganhou de mim.”

“Prometo que vou tentar.”

Essas são as palavras que ainda estão no ar quando a limusine vira, passando pelos portões do palácio. Quando um homem uniformizado abre a porta do veículo, eu olho de relance para o tapete vermelho que se estende até as portas maciças do palácio. Meu avô sai do carro primeiro e me oferece seu braço.

“Você está pronta, Gracie?”, pergunta ele com uma piscadela.

Sorrio e olho para o homem de cabelos brancos que, para mim, é pouco mais do que um desconhecido.

“Prontíssima”, minto.

CAPÍTULO DEZ



“Embaixador William Vincent dos Estados Unidos da América!”

O homenzinho tem uma voz imensa. Ela retumba pelo salão de baile, por cima do ruído contínuo e baixo das conversas e do som discreto de um quarteto de cordas tocando à distância. Ele usa uma jaqueta vermelha com medalhas militares que não reconheço, divisas de uma patente e de um regimento que não identifico.

Vovô e eu estamos na fila há dez minutos. Já não sinto mais meus dois dedões dos pés. Mas, agora que fomos anunciados, devo andar. E sorrir. Consigo ver Noah no outro lado do salão. Quando atraio seu olhar, ele faz uma mesura exagerada parecida com a que a senhorita Chanceler me fez ensaiar.

Quero rir, mas não é engraçado. Cair de cara no chão na frente de setecentas pessoas raramente é.

Lentamente, avançamos na longuíssima fila de cumprimentos. Apertando mãos. Repetindo nomes. Sorrindo. Tenho a impressão de que meu queixo vai cair. Bem que eu queria que meus lábios estivessem tão dormentes quanto os meus dedões.

“Era sua avó quem vinha comigo, Gracie”, sussurra vovô enquanto esperamos para sermos apresentados à família real. “E, depois que ela morreu, sua mãe fazia este percurso comigo todos os anos.”

“Eu sei”, digo ao prosseguirmos lentamente pela fila.

“Não importava para onde o seu pai a levasse, ela sempre voltava e segurava o meu braço nesta noite.”

“Eu sei”, digo novamente.

“O que estou tentando dizer é que é bom, mais uma vez, ter a mulher da minha vida ao meu lado.”

Ele fala a verdade. Dá para ver. E por um segundo esqueço as mulheres com tiaras, as multidões que estão assistindo à procissão. Só tenho olhos para o velho senhor de cabelos brancos. Pela primeira vez em Adria, não me sinto inteiramente só.

“Sua Alteza Real.”

Leva um instante para eu compreender que meu avô não está mais falando comigo – que ele não está brincando, zombando de mim ou do meu vestido de corte princesa. Mas então eu a vejo e esqueço tudo em que estava pensando.

Seus cabelos escuros estão puxados para trás num elegante penteado alto com cachos encimados por uma tiara de diamantes. Seu vestido, observo, *não* é de corte princesa, mas não paro para comentar a ironia. Estou ocupada demais fitando a mulher à minha frente, me perguntando se ela pode ser a pessoa mais bonita que já vi na vida.

Quando meu avô se curva, eu me lembro de fazer a mesura. Baixo os olhos e a cabeça. Minha responsabilidade neste momento é simples: *não cair.* Estou indo muito bem, mas sei que é melhor não cantar vitória.

Então, a princesa alcança as duas mãos do meu avô e as toma entre as suas.

“Ainda não me acostumei a ouvi-lo me chamar assim, senhor embaixador”, diz a princesa.

Meu avô ri – realmente ri – e lhe diz: “Teria sido estranho gritar isso quando mandava vocês, meninas, pararem de escorregar no corrimão.”

E então a princesa ri também. Meu avô pega sua mão enluvada e a beija. E o momento é tão estranho – tão surreal – que quase me esqueço do que tecnicamente já sabia: a princesa Ann nem sempre foi a esposa do futuro rei de Adria. Há muito tempo ela era apenas uma moça comum de Valancia. Amiga da minha mãe.

Então vovô parece se lembrar de que estou ao seu lado. “Sua Alteza Real, posso apresentá-la à minha neta, Grace?”

Faço a minha melhor mesura. Ponho à prova meu sorriso mais sereno. Não dou um passo em falso, não caio nem bato em ninguém, mas tenho a certeza de que fiz algo terrível, terrivelmente errado, pois a princesa me fita com os olhos arregalados, aturdida. E parece que ela talvez esteja chorando.

“Você se parece com a sua mãe”, diz ela com suavidade, e então volta o olhar para o meu avô. “Ela é igualzinha à Caroline.”

A mão do meu avô está nas minhas costas. “Eu sei.”

Então, as mãos da princesa estão nas minhas e ela se inclina na minha direção, beijando as minhas bochechas e dizendo: “Olá, Grace. Estou muito contente de vê-la novamente.”

Novamente? Seu casamento esteve na capa de todas as revistas nos Estados Unidos. Quando ela elege um novo estilista favorito, isso realmente afeta o mercado. Ela é uma das mulheres mais famosas do mundo. E, mesmo com todos os meus problemas, tenho certeza de que se a tivesse encontrado eu me lembraria.

A princesa Ann apenas inclina a cabeça e diz: “Mas talvez você não se lembre. Foi há muito tempo. Você devia ter uns três anos de idade. Talvez quatro. Nós

fomos à praia um dia. Você e seu irmão andaram de carrossel. Sua mãe e eu nos deitamos na areia e rimos durante horas. Foi um dia feliz.” A mulher dá o mesmo sorriso que vejo nas capas de revistas há anos. Mas então o sorriso desvanece. “Eu não vou mais à praia.”

Fico esperando que a memória me ocorra, mas ela não vem.

“Sua mãe, Grace...” Posso sentir a fila aumentando atrás de nós. A esta altura, já devíamos ter seguido adiante, mas a princesa Ann ainda segura minhas mãos. “Sinto tanta falta dela. Estou tão contente em vê-la.”

“Estou morando aqui agora”, consigo deixar escapar de algum jeito.

Ela sorri. “Então talvez possamos andar de carrossel juntas um dia, não?”

Seguindo a fila outra vez, eu me sinto meio passo atrás do meu corpo. Já não penso nos meus pés doídos nem no vestido apertado. Minha mente está ocupada demais imaginando a princesa Ann e minha mãe escorregando pelo corrimão da embaixada e deitadas na praia. Finalmente compreendo por que a garota na foto da minha mãe parece tão familiar.

Faço uma mesura quando meu avô é cumprimentado pelo marido de Ann, o príncipe. E pela mãe dele. E, finalmente, pelo próprio rei, mas na minha mente estou no carrossel. Estou esperando para ouvir a risada da minha mãe.

“Senhor embaixador”, diz o rei, tomando a mão do meu avô.

“Sua Majestade”, diz vovô, curvando-se. Em sua mão livre, ele porta um canudo de papel de aparência muito formal. Está atado por uma fita vermelha e tem um lacre de cera. “Por favor, permita-me apresentar a minha nomeação, em nome do presidente dos Estados Unidos.”

Solenemente, o rei pega o canudo e o entrega cuidadosamente a um assessor.

“O prazer é meu de aceitar estas credenciais e lhe dar boas-vindas a Adria mais uma vez, meu amigo.”

Ao se cumprimentarem novamente com um aperto de mãos, os dois homens parecem realmente amigos.

Então vovô se curva novamente. Eu faço uma mesura. E nós nos afastamos.

“Pronto?”, pergunto, enquanto a senhorita Chanceler se aproxima.

“Bolos ficam prontos. Pessoas *concluem*”, diz ela naquele tom de cantarola que já estou começando a conhecer muito bem. Mas ela não está zangada. Pelo contrário, está radiante. “Vocês foram maravilhosos.”

“Eu só fiquei parada ali”, digo, apontando.

“E se comportou *muito bem*.”

“Quer abusar um pouco da sorte?”, pergunta vovô.

“Não exatamen...”

“Senhor primeiro-ministro!”, diz vovô com tanta vivacidade que quase grita. Há um pequeno grupo de homens formando um círculo e vovô anda direto para eles. Não tenho nem um segundo para objetar quando ele diz: “Permitam-me apresentar-lhes minha neta, Grace.”

“Olá, Grace”, diz o homem no centro do grupo, virando-se para me receber. Ele é alto, com um smoking clássico. Observo a maneira como ele olha do meu avô para mim.

Esta é a moça de que ouvi falar?, diz o olhar do primeiro-ministro.

É, sim. Seja gentil com ela, responde o sorriso do meu avô.

“Bem-vinda a Adria. Quanto tempo ficará conosco?”, pergunta o primeiro-ministro.

“Grace veio para ficar”, diz meu avô, todo sorridente.

“Excelente. Sabe, venho dizendo há séculos que precisamos de alguém para manter este senhor na linha”, brinca o primeiro- ministro.

“Acho que ela está à altura da tarefa”, diz vovô.

Sei que ele e o primeiro-ministro estão falando de mim, mas em nenhum momento tenho a impressão de que estão falando *comigo*. Daria na mesma se eu fosse uma estátua. Ou uma obra de arte. Sou apenas alguma coisa a ser comentada.

Vejo Alexei e seu pai a poucos metros. Sorrio, mas Alexei segue adiante, como se não tivesse me visto.

“Então, Grace, o que está achando da nossa pequena nação até agora?”, pergunta o primeiro-ministro.

“Muito agradável”, digo, e arrisco uma olhada pelo imenso salão. O pé-direito tem pelo menos quinze metros de altura e há muitos retratos alinhados nas paredes, muitos deles mais antigos do que o meu próprio país. “Nunca estive no palácio antes.”

“Ah, é mesmo? Bem, há muita história aqui, Grace.” Ele anda na direção de um dos retratos mais antigos e aponta para um homem imponente que usa uma coroa. “Frederico Primeiro. Ele foi um cavaleiro que parou aqui em seu caminho para casa depois da Terceira Cruzada, ao final do século XII. Tudo indica, porém, que Frederico ainda não havia terminado de lutar, pois desembarcou na nossa costa e conquistou Adria dos mongóis, que a controlavam. Antes dos mongóis, por um curto período, havia os turcos. Antes dos turcos, os bizantinos

e os romanos. Mas Frederico construiu a muralha, de modo que ele próprio e seus herdeiros conseguiram mantê-la. A menos que você considere...”

O primeiro-ministro anda ao longo da fileira de retratos e aponta outro. Este de uma mulher.

“Rainha Catalina. Era a filha mais velha do rei da Espanha, mas teve seu casamento arranjado com o rei Frederico *Terceiro* quando era nova, não muito mais velha do que você. Casou-se aos dezessete, creio. Seu marido morreu durante o sono cinco meses depois, e Catalina governou por sessenta anos.” Ele se inclina para aproximar-se mais de mim. Há um brilho nos seus olhos quando acrescenta: “Se quiser saber a minha opinião, ela o matou.”

Andamos em silêncio pela galeria, os retratos se avultando sobre nós – reis e rainhas ainda mantendo um olhar vigilante sobre a terra pela qual tantas pessoas morreram.

“E quanto a eles?”, pergunto, apontando para o único retrato no salão que mostra toda uma família.

“Ah, sim, de muitas maneiras, eles são os membros mais famosos da nossa família real.” O primeiro-ministro ri, mas não é um som alegre. “Este é o rei Alexandre Segundo, sua esposa, e seus dois filhos. Havia uma filha também, mas era apenas um bebezinho na época – tão jovem que sequer haviam encomendado um retrato dela ainda. Alexandre governou durante um terrível período de escassez. Os poços estavam secos. As safras, devastadas. E quase toda a região estava em guerra. O povo estava com fome e amedrontado, e passou a desconfiar cada vez mais da monarquia. Uma noite, a guarda real se rebelou. As pessoas invadiram o palácio e tiraram Alexandre e sua família das suas camas à força.”

“Eles foram assassinados?”, perguntei.

O primeiro-ministro assentiu austeramente. “O poder sempre corrompe, minha querida. Até mesmo a *promessa* de poder. É difícil olhar uma cerca por centenas de anos sem se perguntar como seria do outro lado.”

“Mas Adria ainda tem uma família real?”, pergunto eu, confusa.

“Temos, sim, certamente”, diz o primeiro-ministro. “Esta grande tragédia foi o estopim de um episódio que ficou conhecido como a Guerra das Duas Semanas. No final, os rebeldes se renderam e o irmão do rei assumiu o trono. A monarquia foi restaurada – desta vez *com* um parlamento e um primeiro-ministro.” Ele faz uma leve curvatura, como se a história tivesse feito o homem aparecer num passe de mágica.

“Quer dizer que de uma hora para outra tudo acabou? Os rebeldes simplesmente desistiram?”

“Sim, querida.”

“Mas por quê?”, pergunto.

Por um longo intervalo, o primeiro-ministro olha para mim como se a resposta fosse a coisa mais óbvia do mundo. Quando fala novamente, sua voz é branda.

“Choveu.”

Olho de novo para o quadro do rei, da rainha e das duas princesinhas, todos arrastados das suas camas e mortos. Pela primeira vez, percebo o quanto a paz pode ser arriscada. Admiro a corda bamba em que o meu avô tentou andar a vida inteira. E agora, mais do que nunca, me horroriza ainda mais a perspectiva de que vou fazer todos nós cairmos.

“Bem, Grace, desculpe-nos um momentinho, mas preciso tomar o seu avô emprestado. Assunto oficial”, diz o primeiro-ministro. “Coisa de homem.”

Antes que eu possa dizer alguma coisa, a senhorita Chanceler pega o meu braço. “Creio que está na hora de retocarmos a maquiagem.”

“Ele disse *coisa de homem*”, digo a ela enquanto andamos.

“De fato, querida.”

“E você concorda com uma coisa dessas? Por favor, me diga que não gosta desta expressão, *coisa de homem*...”

“Não gosto”, diz ela com um sorriso brilhante demais.

“Mas...”

“Mas a rainha Catalina esperou o momento certo e governou por sessenta anos, minha querida.”

“Quer dizer então que você vai matar o primeiro-ministro quando ele estiver dormindo?”, pergunto.

Em momento nenhum ela desfaz o sorriso. “Não. Mas isso não significa que eu não aprecie o poder da paciência. Agora, com licença, por favor. Estou vendo o embaixador chinês e preciso dar uma palavrinha com ele.”

Adquiro um novo respeito pela mulher que está se afastando. Seus quadris balançam sob o longo vestido preto. O xale azul capta a luz. Ela é uma convidada no palácio, mas não há dúvida de que é a bela do baile.

Eu me sinto muitíssimo feliz por ela estar do meu lado.

Também me sinto extremamente só no meio da multidão, olhando um quadro de duas princesinhas mortas, desejando intensamente poder falar com Jamie.

Eu poderia telefonar para ele, enviar uma mensagem de texto. Mas não é da voz nem das palavras que sinto falta – é dele. Sinto falta de não estar sozinha. De ter

alguém para ficar entre mim e os olhares estranhos, para mudar de assunto e me dizer que estou bem.

Mas eu não devia sentir tanta falta assim do meu irmão. E, quase como se o tivesse evocado do nada, sinto instantaneamente a mão dele – ou de alguém exatamente como ele – no meu braço. Mas ouço Alexei dizer: “Oi, Gracie.”

Jamie é a única pessoa que eu deixo me chamar de Gracie. Com certeza, outras (como o meu avô) também me chamam, mas Jamie é o único que tem a minha permissão explícita. Fico tentada a lembrar Alexei disso, mas, assim que me viro para encará-lo, tudo em que consigo pensar é que Alexei está aqui. Alexei está olhando para mim. Alexei está usando um smoking.

“Você está muito bonita esta noite.”

Seu sotaque é mais pesado quando ele diz isso. E, estando todo arrumado, barbeado e de smoking como ele está, uma garota mais ingênua ficaria impressionada – ela poderia até mesmo suspirar um pouco. Mas qualquer suspiro que eu venha a dar é inteiramente devido ao vestido apertado.

“Oi, Alexei. Eu ia retocar a maquiagem e...”

“Espere.”

Já estou me virando quando ele pega o meu braço e me puxa para si. Ele põe o braço em volta da minha cintura. A outra mão pega a minha e, antes que eu perceba o que está acontecendo, estamos dançando.

“Não estou falando com você”, digo a ele. “E você também não está falando comigo, se aquele olhar que você *não* me deu ainda há pouco indicar alguma coisa.”

“Entenda como quiser.”

“Na verdade, estou de saco cheio de você.”

“Certo.”

“Estou...”

“Acho que você não compreendeu bem o conceito de ‘não falar’, não é, Grace? Ou talvez meu inglês não seja tão bom quanto acho que é.”

Estamos girando, e eu observo o salão de baile passar. A família real na sua fila de cumprimentos, os músicos, as longas mesas repletas de comida. Sei que há outros pares à nossa volta, mas eles parecem manchas distantes. Só Alexei é real e seguro. Entre o meu vestido apertado, meus pés doendo e minha cabeça girando, ele deve ser a única coisa a me manter firme.

Eu meio que o odeio por isso. Ou talvez eu só me odeie.

“Você está mesmo bonita hoje, Grace. Estar limpa e sem hematomas parece combinar com você. Está gostando da festa?”

Fiel à minha palavra, fico calada.

Alexei dá uma risada rápida e continua a falar, seu sotaque ainda mais carregado.

“A maioria dos postos não é como este, sabia? A vida de embaixada geralmente não é tão... glamourosa. Mas Adria é diferente, segundo diz o meu pai. É como nos velhos tempos, com bailes e belas embaixadas. Alguns dizem que é assim porque é bom para o turismo – que é proposital e que eles têm uma imagem a zelar. Mas eu não sei. Em todo caso, você e eu temos muita sorte de as nossas famílias terem sido designadas para cá.”

“Não estou ouvindo o que você está dizendo”, aviso, olhando por sobre o ombro dele e me recusando a encontrar seu olhar. “Não tenho que prestar atenção em você. Ou me importar com você. Ou me interessar pela sua opinião.” Finalmente, eu o encaro. Olho bem dentro dos olhos dele quando digo: “Você não é o meu irmão.”

Eu espero que isso o magoe, que o machuque de alguma maneira. Mas ele apenas ri para mim, como se eu fosse hilária em minhas tentativas de ser independente.

“Eu sou o procurador do seu irmão, Grace.” Ele me aperta mais forte. “E, no corpo diplomático, nós levamos as responsabilidades de procuração muito a sério.”

Alexei me conhece há muito tempo, a maior parte da minha vida. E ainda me vê como uma criança. Mas poderia ser pior, imagino. Ele poderia ver no que eu me transformei.

A música termina e nós paramos, mas Alexei ainda está me abraçando.

“Grace, eu...”, começa ele, e então me solta.

Eu não caio. Mas, quando seu braço larga a minha cintura, eu piso em falso um instante, lutando para permanecer ereta enquanto meus pés dormentes procuram o lugar deles sob o meu peso.

Ele está olhando em volta, como se tivesse sido flagrado fugindo furtivamente, invadindo o Irã, fazendo o tipo de coisa estúpida que é geralmente reservado para mim.

“O que foi...”, comecei.

Alexei me interrompe: “Preciso ir, Grace. Me desculpe.”

Ele me cumprimenta, fazendo uma reverência genuína, e sai andando vigorosamente, justo quando o quarteto começa a tocar de novo. Não consigo me impedir de gritar: “Você tem muita dificuldade para fazer escolhas, sabia?”

Mas Alexei já se foi.

Saio da pista, que rapidamente está se enchendo de casais dançando. Parece um campo minado de sedas giratórias e lantejoulas cintilantes. Estou mais do que aliviada quando consigo sair da aglomeração.

Esquadrinho o salão em busca de Alexei, mas ele não está em parte alguma. Mesmo quando Noah se aproxima, não consigo parar de procurá-lo.

“Bem, se eu não soubesse das coisas, diria que você foi uma dama”, provoca Noah, mas estou ocupada demais examinando a multidão, procurando respostas.

“Aonde ele foi?”, pergunto.

“Quem?”

“Alexei. Ele estava aqui e depois simplesmente sumiu.”

“Ah, *Alexei*”, diz Noah, não parecendo surpreso. Ele olha para mim com ceticismo. “*Et tu*, Grace?”

“O quê?”, pergunto, distraída e aborrecida.

“Nada.” Noah balança a cabeça. “Bem ali.” Ele aponta para a grande escadaria imponente. A figura de Alexei é inconfundível ao subi-la.

“Só não se esqueça de quem é o seu melhor amigo!”, diz Noah quando me viro para sair. Mas então paro e giro de volta um instante, fico na ponta dos pés e dou um beijo no rosto de Noah. Ele fica vermelho, feliz.

“Guarde uma dança para mim”, digo a ele, embora tenha quase certeza de que é o vestido cor-de-rosa que está falando, não eu.

Em seguida, dou meia-volta e saio apressada pelo salão abarrotado.

CAPÍTULO ONZE



O tapete na escada é opulento, vermelho e tão viçoso que tenho a impressão de estar correndo numa floresta coberta de musgo ao ir atrás de Alexei. Ele não olha para trás, e, quando chego ao patamar, não o vejo em lugar nenhum. Então, seguro minha saia rodada com as duas mãos e tomo coragem para correr um pouco mais rápido ao longo do extenso corredor.

O pé-direito tem mais de cinco metros de altura. As pedras têm coloração cinza-escuro, e eu sei, mesmo sem alcançá-las, que serão frias ao toque. Do lado de fora, o sol finalmente se pôs e as luzes da cidade brilham como vaga-lumes através da escuridão. Além da muralha, o mar se estende, escuro e vasto, e eu entendo por que – há muitos e muitos anos – foi fácil pensar que o mundo era plano.

A música está tão baixa que é como se alguém tivesse deixado um rádio ligado em algum lugar nas profundezas do palácio. Estou tão sozinha neste corredor imenso que é fácil esquecer que há centenas de pessoas dançando e rindo a apenas um andar de distância.

Alexei, quero gritar, mas não ouso fazê-lo. Ao passar por outros retratos de reis, posso sentir seus olhos sobre mim. Algumas rainhas. Os retratos estão praticamente em tamanho real, as molduras elevando-se sobre mim, preenchendo cada centímetro da parede. Quase espero que eles falem e me digam para voltar à festa, ou que pelo menos me indiquem a direção que Alexei

tomou. Mas eles se mantêm em silêncio nas suas molduras. Não importa que segredos estejam guardando, não dizem nada.

O corredor leva a outro salão imenso. Com uma mobília formal e uma lareira tão grande que eu poderia andar lá dentro sem me abaixar. Há mais retratos e candelabros, mas nada do Alexei. Então, volto para o corredor, viro, e sigo em frente.

Já não se ouve mais a música. A festa está quase esquecida. Há uma força que não consigo nomear me puxando adiante. Quero gritar para chamar Alexei. E estou com medo de ele me ver. As duas coisas.

Ao virar novamente, ouço uma porta ranger ao abrir-se, mas ela não é fechada.

Congelo e me encosto a uma grande peça de mobiliário antigo, comprimindo a mim e ao meu enorme vestido contra a parede, repentinamente consciente da grande distância que percorri, meio a esmo, e dos problemas que terei se for pega.

Mas não me mexo. Não posso ir embora. Só diminuo o ritmo da respiração e escuto.

“Preciso falar com você”, diz alguém em adriano. Na minha mente, sinto frio e estou ensopada, como se meu vestido fosse um oceano e eu estivesse me afogando dentro dele.

“Agora não”, retruca a segunda voz, rispidamente.

Há alguém no corredor. Alguém se aproxima. “Isso não acaba aqui!”, diz a primeira voz. O segundo homem ri.

É um som cruel, arrogante e assombroso. E tenho certeza de uma coisa: eu já o ouvi antes.

“Claro que não”, diz o homem, finalmente. “Se eu estiver certo, tudo só está começando.”

Não sei ao certo quando comecei a tremer, mas estou apavorada de que eles me escutem. Estou apavorada de que me vejam. Exatamente como da vez que os entreouvi no Irã.

Porque se há uma coisa de que tenho certeza é que são as mesmas vozes que ouvi no Irã.

Eu me espremo um pouco mais no meu cantinho. Estou tentando desaparecer, querendo me fundir com a pedra e a madeira. E talvez o palácio tenha me ouvido e concedido o meu pedido, pois a parede atrás de mim começa a se mover, cedendo aos poucos à medida que eu a empurro lentamente para trás.

É um closet, penso, a escuridão me envolvendo. Entro o mais rápido que posso. A cauda do vestido fica presa e se rasga na porta, que eu fecho silenciosamente atrás de mim. Ainda entra luz suficiente por uma fresta na porta para eu ver movimento no corredor.

Mudo de posição para dar uma espiada. O chão range.

A figura sombria do lado de fora gira sobre os pés e olha. “Quem está aí?”, pergunta.

Minha respiração é tão pesada que levanto a mão para tapar a boca. Uma fina lâmina de luz cruza meu rosto, e o homem está tão perto que chego a sentir o cheiro da sua colônia. Ele se vira e observa o corredor de um lado ao outro, como se de algum modo soubesse que não está sozinho.

Ele para e abre a porta do armário em que me encostei. A sombra dele se estende sobre o meu rosto.

E é então que eu o vejo – eu realmente o vejo.

Desta vez, ele não está a mais do que alguns centímetros de distância. Diferentemente do subsolo iraniano, o corredor do palácio é bem iluminado. Nunca mais serei capaz de me convencer de que foi um efeito de luz, uma invenção da minha cabeça.

Não. O homem tem cabelos escuros salpicados de fios grisalhos. Está usando um smoking bem talhado com abotoaduras de ouro, um relógio caro e uma comprida gravata preta. Seu perfil é vistoso, perfeito e forte, com exceção da cicatriz irregular que vai da sobrancelha até a mandíbula.

A cicatriz que é muito real.

A cicatriz que é perfeitamente clara.

A cicatriz que assombrou meus sonhos a cada noite desde o momento em que a minha mãe morreu – desde o momento em que o Homem da Cicatriz a matou.

CAPÍTULO DOZE



Aperto a mão sobre a boca e engulo o grito que cresce na minha garganta. Não quero que o Homem da Cicatriz me veja. Que ele me descubra.

Que ele me mate.

Eu me aperto contra a parede do closet, pois minha cabeça está girando e estou com medo de desmaiar. Não há ar suficiente no closet, nos meus pulmões. Não há ar suficiente no mundo.

Porém, também não há tempo para entrar em pânico. É hora de analisar e agir. É hora de sobreviver.

“Grace, não!”, ouço minha mãe gritar.

Minha mãe ia querer que eu sobrevivesse.

Não sei quanto tempo fico no closet. Um minuto. Uma hora. Um ano? Quando finalmente abro caminho para sair e refazer meus passos, estou em parte esperando voltar a uma festa diferente. Mas o quarteto continua a tocar. As pessoas continuam a conversar e a dançar, sem se preocupar em absoluto com o fato de que o homem que matou minha mãe está aqui.

Ele está aqui!, quero gritar, berrar e gemer até alguém me ouvir. Até alguém finalmente se importar.

Mas as palavras não saem. Eu já disse tudo isso antes, afinal de contas. Descrevi o Homem da Cicatriz para o meu pai e para Jamie. Disse à polícia militar e aos policiais civis. Contei aos médicos tudo sobre ele.

Uma vez, até escrevi os detalhes num bilhete e enviei ao meu avô. Mas esta carta nunca teve resposta. Talvez ele nunca a tenha recebido. Ou talvez apenas não quisesse ser mais um a dizer que eu estava louca.

Foi um acidente.

Não havia nenhum Homem da Cicatriz.

Você não tem ideia do que realmente viu.

Mas eu sei. Sei o que vi, sei quem eu vi, e sei que estava certa naquela noite na embaixada do Irã.

O Homem da Cicatriz está em Adria. Finalmente o encontrei. Mas não me atrevo a deixar que ele me encontre.

“Grace, seu vestido está rasgado”, diz Noah. Ele está aqui há bastante tempo, finalmente percebo. Falando comigo. Tentando me estimular a dançar ou a comer alguma coisa. Mas agora ele não está mais fazendo isso. “Grace, o que aconteceu com o seu vestido?” E então ele repensa, e faz uma pergunta melhor. “Grace, o que aconteceu com você?”

“Eu... eu...”

“Grace, olhe para mim!” O pânico começa a se infiltrar na voz de Noah. Quero dizer a ele que tudo vai ficar bem – que eu vou ficar bem. Mas não consigo mentir para Noah. Mesmo sabendo que é isso o que ele quer ouvir.

“Senhorita Chanceler”, diz Noah, chamando-a.

“Veja só, vocês dois”, diz a senhorita Chanceler. “Você está muito bonito, Noah. Vocês formam um par muito impressionante.”

Há um brilho nos seus olhos, e eu sei o que ela está pensando. Ela está bancando a casamenteira. Está praticamente escolhendo o nome dos nossos filhos, querendo levar o crédito por Noah e pela excelente influência que ele tem sobre mim.

“Eu estava agorinha mesmo contando à embaixadora da França tudo sobre você, Grace. A sobrinha dela nos visitará no mês que vem, e eu disse que você adoraria...”

Só então a senhorita Chanceler olha para mim. Deve estar vendo o pânico nos meus olhos, a forma como toda cor se esvaiu do meu rosto. Tenho certeza de que já não compartilho mais o matiz rosado do meu vestido cor-de-rosa. Devo estar branca feito papel.

“Grace, você está bem?”

Tento falar, mas as palavras não saem.

“Noah, leve-a para casa”, ordena a senhorita Chanceler, mas Noah está um passo à frente dela. Ele já pegou meu braço e me guia para a porta.

“Preciso ir para casa”, murmuro.

“Eu sei”, diz Noah. “Venha. Vou levar você para a embaixada.”

“Não! Eu preciso ir para casa”, digo, mas então compreendo: minha mãe era a minha casa. Minha mãe está morta. E o homem que a matou esta usando smoking e um relógio caro, e ele está indo a festas. O homem que a matou está nesta festa.

“Onde está o meu avô? Eu preciso falar com o meu avô.”

“Ele está ocupado, Grace. Venha.”

Chegamos ao lado de fora e Noah diz alguma coisa para um dos homens uniformizados. O carro com as bandeiras dos Estados Unidos vem na nossa direção. Noah me leva até a porta.

“Você vai ficar bem, Grace”, diz Noah. “Você só deve ter comido alguma coisa estranha ou...”

Subo no carro, mas, antes que Noah possa entrar também, bato a porta e digo ao motorista: “Vamos! Vamos logo.”

CAPÍTULO TREZE



O carro não está em chamas.

Sei disso como sei meu nome. Minha idade. O número da minha carteira de identidade, e que tenho olhos castanhos. Tenho certeza desses fatos, entretanto me esqueço deles. O interior de couro preto se desfaz. A divisória entre mim e o motorista está levantada, e estou sozinha no estranho brilho vermelho que irradia dos controles do veículo no assento de trás. Pisco com mais e mais força, e sei que não estou chorando. Meus olhos só estão tentando se livrar de uma fumaça que não está lá.

Jogo a cabeça para trás e aperto com força as mãos contra os ouvidos, mas continuo a ouvir os gritos.

“Gracie, meu amor! Não!”

“Não.” Eu me agito.

“Não!”, grito.

“Grace”, ecoa a voz da minha mãe outra vez. *“Meu amor, corra!”*

“Não. Não. Não.”

As janelas da limusine são pretas, como espelhos à noite, mas posso ver através delas a pequena loja que minha mãe tinha nos Estados Unidos. Prateleiras e mais prateleiras de livros antigos e de primeiras edições de romances. Empoeiradas, abarrotadas.

Um *barril de pólvora*.

Essa foi a expressão que o comandante do corpo de bombei- ros usou.

Tanta madeira velha e ressecada. Tantas coisas inflamáveis.

Ela nunca teve chance. Não depois que a sacada do segundo andar desabou. Não depois que o fogo tomou as paredes.

“Grace, corra!”

“Não!”, grito.

Posso ouvir o estrépito das vidraças rachando. Posso sentir meus punhos começando a sangrar. O oxigênio entra com tudo pelas janelas quebradas e o fogo lambe a loja, jogando-me no chão, queimando meus cabelos e meus pulmões.

“Pare!”, grito, lutando através do espaço e do tempo contra labaredas que começaram três anos atrás e que, de certo modo, nunca se apagaram.

“Pare!”, grito, e começo a berrar.

“Você está bem?”

Olho para o motorista. A limusine não está andando e a divisória foi abaixada.

“Você gritou para eu parar, não foi? Você precisa baixar a divisória para eu poder ouvir. Ou usar o interfone.”

“Sim. Sim. Eu quero... Eu preciso...”

Não me dou ao trabalho de terminar. Simplesmente saio do carro e parto pela rua, segurando a saia do meu vestido de baile bufante e cor-de-rosa, a cauda apertada com força entre os punhos. Correndo.

Meus sapatos se perderam, esquecidos no assoalho do carro, e eu sinto a umidade dos paralelepípedos através da meia-calça que cobre meus pés. A sensibilidade está começando a voltar aos dedos. Eles vão de dormentes a frios e sangrando, mas eu apenas corro mais rápido.

O gás queima nos lampiões suspensos, que ficam mais radiantes, depois mais fracos, depois mais radiantes outra vez. As chamas bruxuleiam, e eu tenho que parar.

Minha respiração fica mais difícil do que o normal. Meu vestido está apertado demais e muito, muito pesado. Minha cabeça está girando também. Quando bato contra um muro, meu fôlego é penoso, raso demais, rápido demais. Preciso de um saco de papel para respirar, mas tudo o que tenho são hectares e mais hectares de pano fofo e cor-de-rosa.

Fecho os olhos e digo a mim mesma que não vou ter um ataque de pânico. Não vou permitir que eles me encontrem. Não direi uma palavra.

Os lampiões oscilam e se apagam, eu fico completamente sem ar. Deslizo devagar para o chão. Deve ter chovido, pois a pedras estão molhadas. Meu vestido não vai ficar apenas rasgado, vai ficar arruinado. Mas respirar é mais importante para mim. Tudo o que me importa é tentar não morrer.

Ao fechar os olhos, *ouço um tiro. Vejo o pequeno círculo de sangue que brota no meio do peito da minha mãe. Só uma gota de uma coisa escura – como se ela precisasse de um guardanapo. Mas já começou a se espalhar. Ela cambaleia para trás, trôpega.*

E aí a sacada cai. O barulho é tão alto. Há tantas centelhas – tanta poeira, fogo e perda.

“Não!”, penso que poderia gritar.

E então o homem está na rua. Ele olha para mim com uma indiferença fria. Ele cheira a fumaça. Fuligem e cinzas se agarram à sua jaqueta de couro marrom.

Eu recuo para me abrigar, longe do calor crescente das chamas. Olho fixamente para ele.

“Minha mãe!”, digo. “Ela está morrendo!”, grito.

Mas o homem apenas me olha. “Ela está morta.”

E então ele se vira e sai andando muito lentamente. Muito cruelmente.

À distância, ouvem-se sirenes. Alguém deve ter visto a fumaça. A loja tem alarme de segurança. Pessoas estão chegando para ajudar, mas o homem não está lá para salvar ninguém, muito menos a mim.

Ele se detém ao chegar próximo a um sedã escuro, vira-se e olha para o edifício em chamas. Toda a rua está alaranjada e vermelha. Não preciso de nenhuma outra luz para ver claramente a enorme cicatriz que cobre o lado esquerdo do seu rosto. Juro que nunca esquecerei aquele rosto enquanto eu viver.

Juro que, um dia, verei aquele rosto de novo.

* * *

“Grace?” Ouço uma voz na escuridão. Quando volta o brilho dos lampiões, posso ver uma figura sombria do outro lado da rua.

Recuo instintivamente, as mãos lutando contra a calçada, desesperada para pôr todos os centímetros possíveis entre mim e o homem que se aproxima com

firmeza.

“Grace, o que há com você?”, pergunta Alexei, e eu o amaldiçoo. Eu o odeio por sumir durante o baile e aparecer aqui de repente – quando estou chorando, humilhada e fraca.

Não posso deixá-lo me ver deste jeito. Ela vai contar à senhorita Chanceler ou ao meu avô. Ou, pior, vai contar a Jamie. E então tudo vai começar de novo. Será exatamente como *depois*. Com os remédios, os psiquiatras e os olhares.

Jamais posso voltar ao *depois*.

Eu me empurro para fora da calçada e saio mancando rua abaixo. Meus dedos dos pés estão em carne viva, mas pelo menos estou livre dos sapatos incômodos.

“Grace, pare.” Alexei atravessa a rua correndo e tenta bloquear minha passagem.

“Vá embora”, digo.

“Não.” Pela maneira como fala, ele deve estar pensando que a ideia é absurda. Ele deve estar pensando que *eu* sou absurda. “O que há de errado com você?”

“Meus pés estão doendo”, digo. “Salto alto... É muito pior do que dizem.”

Os lampiões oscilam e eu pulo de susto. Não tenho medo do escuro, mas da maneira como o fogo tremula e se move, como se fosse uma coisa viva, como se respirasse. E então me lembro de que é. Realmente é. Ele vive. Respira. E mata. Mas ele não matou a minha mãe. Ela foi morta muito antes de o fogo pegá-la.

“Toma.” Alexei tira o paletó do smoking e o coloca nos meus ombros. Quero rechaçá-lo, virar triunfalmente e ir embora. Mas o paletó ainda está morno do corpo dele e o calor se infiltra na minha pele. Parece que estou afundando num banho quente. Quero ficar ali de molho todo o tempo que puder.

Ele toma o meu braço, me mantém no lugar enquanto pergunta: “Onde você foi hoje à noite? Por que foi embora?”

“Eu?!”, exclamo, antes mesmo de perceber o que estava dizendo. “Foi você quem desapareceu! Você subiu a escadaria. Você estava lá?”, grito. “Responda, Alexei! Você estava com ele?”

“Com quem?”, diz ele, mas aí desiste de falar. “Vamos para casa. Nós temos que...”

“Eu não sou louca!” Estou gritando tão alto que cachorros começam a latir. Luzes se acendem em algumas janelas, donos de loja se mexem nas suas camas. Mas não consigo segurar as palavras.

“É isso o que você quer ouvir, não é? Quer dizer, foi isso que eles disseram para você. É por isso que o Jamie está tão preocupado com a irmãzinha doida. Porque – atenção, atenção – *ela é mesmo doida*.”

Eu disse esta última parte bem devagar. São palavras que eu carrego há tanto tempo que elas têm um peso próprio. Físico. Eu deveria me sentir mais leve agora, depois que as soltei, mas não houve alívio em dizer a verdade.

“Adivinha só, Ala das Embaixadas!”, grito. “O incêndio não foi um acidente! A minha mãe não morreu por causa da fumaça! Você ouviu, Alexei?” Eu zombo dele. “Ela foi assassinada. Ela levou um tiro.”

“Grace, por favor. Vamos para casa.” Ele está olhando para mim como se eu tivesse bebido, e não posso culpá-lo por isso. Meu vestido está rasgado e minha voz está enrolando. *Eu não sou eu mesma*, penso, mas então percebo uma coisa ainda mais assustadora: eu sou exatamente eu mesma.

A expressão nos olhos de Alexei me diz que ele tem razão de ter medo de mim. E que eu estava muito certa de esconder o que escondia.

“Ela foi assassinada, Alexei”, digo, mais suavemente. O paletó dele cai dos meus ombros e jaz como uma poça na rua. “Ela foi. Foi mesmo. E eu vi o homem que a matou.”

Então, o pânico volta. Tento respirar fundo, pensar em coisas que acalmem e aliviem. Mas o vento é frio na minha pele e a luz que enche as ruas é cor de fogo, e eu não consigo evitar.

“Eu o vi”, digo enquanto ele me abraça.

“O que aconteceu esta noite, Grace?”, sussurra Alexei.

“Eu o vi!”, grito novamente.

“Jamie me contou o que você acha que viu...”

“Ele estava aqui. Ele está aqui. Eu o vi”, digo pela última vez, mas duvido que Alexei sequer me ouça. Seus braços me seguram com mais força à medida que minhas pernas fraquejam, e logo ele me pega e me carrega nos seus braços.

Ao me aninhar no calor do seu peito, sei que devia lutar e protestar, falar dos meus direitos como mulher forte e independente. Mas o fato de não ter mais forças para andar arruina qualquer argumentação que eu possa usar.

Os ataques, quando vêm, são terríveis. Mas é o que acontece depois que me deixa arrasada, cheia de vergonha. Eles são tudo o que eu odeio. Eu sou aquilo que eu desprezo: fraca, submissa, frágil.

Estou tão frágil que é como se não tivesse músculos nem ossos. Tudo o que há é uma cabeça latejante e milhares de circuitos elétricos pulsando dentro do meu vestido cor-de-rosa.

Eu não sou nada quando repito uma última vez: “Ele está aqui.”

CAPÍTULO QUATORZE



Acordo ao som de vozes, abafadas mas altas. Como se fossem de pessoas que estão tentando gritar o mais baixo possível. Por um segundo, não lembro o que aconteceu. O céu lá fora ainda está escuro, então passo a mão no corpo e sinto o vestido cor-de-rosa claro no qual ainda estou embrulhada. Um paletó de smoking me cobre. Tem o cheiro de Alexei. Então eu entendo por que as vozes não conseguem parar de gritar.

“Alguém devia tê-la trazido para casa”, diz meu avô.

“Nós tentamos”, explica a senhorita Chanceler. “Noah disse que iria acompanhá-la, mas ela o deixou no palácio.”

Lentamente, trato de me sentar numa cama que não é a minha. Ponho os pés no tapete e vou andando devagar até a porta, tão suavemente quanto posso.

“Ela está machucada?”, pergunta vovô, mas a questão só encontra o silêncio. “Está?”

Leva uma eternidade para Alexei dizer. “Não sei. Eu nunca vi a Grace daquele jeito. Estava fora de si.” Então Alexei murmura alguma coisa em russo. “Eu tenho que contar ao Jamie.”

“Não!”, diz meu avô rispidamente.

“Ele é o meu melhor amigo, senhor. É o meu dever.”

“Eu sei que é assim que parece, meu jovem”, diz o meu avô, agora mais suavemente. “Mas, por favor, deixe-nos cuidar disso. O pai dela... bem, nós todos pensamos que o pior tinha passado.”

“Com todo o respeito, senhor”, diz Alexei devagar. É como se ele quase estivesse com medo ao concluir: “O pior de quê?”

Estou quase à porta. Há uma fresta aberta e consigo ver Alexei na pequena sala de estar que constitui a antecâmara da suíte do meu avô. A gravata dele está desfeita e suas mangas, arregaçadas. Ele dá a impressão de ter visto um fantasma. Então compreendo num sobressalto que ele viu um – ele viu o meu fantasma. Da garota que nunca deveria ter me seguido até o outro lado do oceano.

“Grace passou por momentos difíceis na época, meu rapaz”, diz meu avô com um tapinha no ombro dele. “Temo que ela não seja mais a mesma Grace que andava atrás de você e de Jamie.”

“É verdade”, digo, abrindo a porta. “Ver a mãe morrer diante dos próprios olhos faz isso com qualquer um.”

“Grace.” A senhorita Chanceler se volta para mim, chocada. “Nós achávamos que você estava...”

“Inconsciente?”, adivinho. “Louca?”

“Descansando, querida.” Ela anda na minha direção, mas para de repente. “Você deveria estar descansando.”

Eu olho direto para o meu avô.

“Eu o vi hoje à noite, vovô. Eu vi o homem que a matou. O homem com a cicatriz. Ele estava lá. Ele estava no palácio e... Eu o vi.” Respiro fundo. “Eu vi

o homem que matou a minha mãe.”

Por um segundo, ninguém fala. Nenhum deles ousa se mexer. É como se estivessem com medo de mim. Sou um castelo de cartas, e qualquer movimento apressado – uma respiração súbita – pode me jogar aos pedaços no chão.

“Alguém diga alguma coisa!”, grito.

Me avô se vira lentamente para Alexei e pega a mão dele. “Obrigado por trazê-la para casa, meu rapaz. Nós vamos cuidar de Grace a partir daqui.”

Essa foi a deixa para Alexei. Não há dúvidas de que ele foi dispensado. Contudo, ele continua lá, olhando para mim. Como se não confiasse na ideia de me deixar sozinha. Ou, mais provavelmente, como se não confiasse em mim para ficar só.

“Está tudo certo”, digo a ele. “Estou bem.”

Não estou bem, mas ninguém tem coragem de dizer. Ele vai até a porta da sala de estar.

“Boa noite a todos.” Olha para todos nós, um de cada vez. Por apenas um segundo, seu olhar demora sobre mim. “Durma bem.”

E então ele parte. Não pela primeira vez na minha vida, quero ir atrás dele. Ver aonde os garotos vão quando desaparecem. Mas a senhorita Chanceler fecha a porta firmemente logo depois que ele sai, e sei que não posso segui-lo. Não querem que ele ouça o que vem a seguir. Como na maioria das ruas, na Ala das Embaixadas a gente nunca quer que os vizinhos ouçam as nossas brigas.

“Gracie”, diz o meu avô, seu grande sotaque sulista estrondeando na pequena sala. “Bem, eu não sei o que você pensa que viu esta noite...”

“Foi ele. Eu vi o Homem da Cicatriz.”

“Você não viu nada disso!”, grita o meu avô, mas em seguida parece se arrepender de tê-lo feito. Ele é um diplomata. Sabe que há hora e lugar para a força e hora e lugar para a brandura. Entretanto, chefes de Estado são uma coisa. Faz muito tempo desde que ele tentou educar uma adolescente.

“Você está cansada, meu bem. Confusa. Não sabe direito o que viu”, diz ele.

“Como é que você sabe? Você não estava lá. Você não esteve por perto em momento nenhum depois que ela morreu.”

Isso o fere, eu posso ver. E só por isso já fico feliz.

“Grace, querida, nós vamos levá-la para o seu quarto. Tirar você deste vestido”, diz a senhorita Chanceler, fazendo uma tentativa. “Você vai se sentir melhor depois de um bom banho quente e...”

“Eu não preciso de um banho!” Agora sou eu que estou gritando. Não consigo evitar. “Preciso que alguém me escute! Preciso que alguém *acredite* em mim.”

Cruzo a salinha com duas grandes passadas e em seguida estou agarrada ao colete do meu avô. Tenho que fazê-lo me enxergar – ver que não estou mentindo. Ver que não sou a garota que avisaram a ele que eu tinha me tornado. Tenho que fazer alguém entender.

“Ele existe, vovô, ele é real. E ele está aqui. Eu o vi!”

“Não existe nenhum Homem da Cicatriz, Gracie.”

“Você não sabe disso!”, exclamo.

“É claro que sei. Quem você acha que pagou pelos médicos?”, diz ele, e se arrepende imediatamente.

Estremeço. “Sinto muito. Nunca quis ser um inconveniente tão caro”, digo, soltando-o. Não quero mais tocar nele. Não quero nem olhar para ele.

“Ora, Gracie, meu bem. Ouça-me. Você era tão novinha.”

“Eu tinha treze anos”, contraponho, mas ele continua.

“Foi uma experiência traumática. Você ficou confusa. Sua mãe...” E então a voz dele fraqueja. Ele já não pode mais olhar para mim. “A morte da sua mãe foi um acidente, Grace. Foi algo terrível e trágico, mas ainda assim foi um acidente.”

“Eu sei o que eu vi”, digo a ele.

“A polícia examinou todas as gravações das câmeras de segurança próximas. Não há sinal de homem nenhum. Não há nenhum indício de crime.”

“O ferimento a bala no peito dela me parece um prova muito boa”, digo.

“Você sabe que não havia nenhum ferimento a bala, Grace. Nós já dissemos isso a você. Eu mesmo li o relatório da autópsia, e as averiguações do médico legista foram muito claras.”

“Mas...”, começo a dizer, mas meu avô me interrompe com um grito.

“Foi um acidente!” Seu rosto está vermelho. Não saberia dizer se ele quer gritar ou chorar. Provavelmente ambos. Estou falando da filha dele, afinal de contas. “Foi um acidente, Gracie. Um *acidente*.”

Quando ele diz a palavra esta última vez, é quase um sussurro.

“Pense sobre isso, Grace.” A voz da senhorita Chanceler é suave. Ela tenta acariciar meus cabelos, mas eu me afasto bruscamente. “Você ainda está cansada da viagem. Eu sei que você não dormiu direito. Você está exausta.”

“Eu sei que estou exausta! Foi por isso que não disse nada quando...”

Quando o vi no Irã, penso, mas não ouso dizer.

“Quando o quê?”, diz meu avô com rispidez.

“Quando eu estava na festa”, concluo, de cabeça baixa. “Mas eu sei que era ele. Eu sei disso.”

“Esqueça o Homem da Cicatriz, Gracie. Tente ficar em paz. Deixe a sua mãe partir.” Ele tenta se acalmar. Pelo menos sua voz é mais suave quando ele olha pela janela para as luzes da cidade, a pequena faixa negra de mar. “Eu tive que deixá-la partir.”

Eu poderia protestar. As palavras estão crescendo dentro da minha garganta. Quero escancarar a janela e gritar para as ruas – correr à volta da muralha, anunciar a verdade à cidade inteira. Mas ninguém vai acreditar em mim.

“Posso ir para a cama agora?”, pergunto. Tento alisar a saia do meu vestido, que já foi tão bonito. Tão encantador. Mas ele está arruinado agora. De nada serve ficar aqui, sendo lembrada disso sem parar.

CAPÍTULO QUINZE



A embaixada de Israel parece diferente à luz da manhã. O prédio está situado muito mais ao fundo do que as outras embaixadas da rua, mas os israelenses construíram um muro novo, que se ergue diretamente encostado à calçada. É a única embaixada da Ala que tem dois muros.

“Olá”, cumprimento o guarda diante do portão principal. O guarda me examina, mas não diz nada. “Estou aqui para me encontrar com...”

“Grace?”

Ao me virar, percebo um pequeno portão só para pedestres na lateral do prédio. É onde Noah está, olhando para mim através das barras. Parece que o estou visitando na prisão. Ou, mais ainda, que ele está me visitando.

Há um zumbido alto, Noah empurra o portão e vem na minha direção.

“Ora, ora. Olá, Cinderela”, diz ele com um sorriso dos mais maliciosos. “Eu deveria saber que você ia voltar, à procura das suas pantufas. As damas sempre voltam. Mas você chegou tarde demais. A senhora deve ser informada que a condessa viúva de Capri mostrou imenso interesse pela minha pessoa depois da sua saída precoce ontem à noite.”

“Ah, que bom.”

“Na verdade, não. Ela é da idade da minha avó. Mas é mais irritável. Muito, muito mais irritável.”

Noah sacode o corpo inteiro, como se algo tivesse acabado de lhe provocar um calafrio.

“Então, onde é que você foi?” Pelo menos desta vez, Noah parece sério.

“Voltei”, digo. Não disse para onde. Ele não precisa saber que não estou falando da embaixada – que estou falando de voltar aos recantos mais obscuros da minha memória. De voltar no tempo.

“Podemos ir a algum lugar?”, pergunto.

“Eu já estou indo a algum lugar”, diz ele, mostrando a mochila que carrega como se fosse uma prova.

“Onde?”

“Para o Brasil. Vamos ficar com o meu pai esta noite. Lila já está lá. Vem. Vamos caminhar um pouco.”

“Não há outro lugar aonde possamos ir? Um lugar mais privado?”

Minha voz não soa como a de sempre. Fico olhando minhas mãos. Nas últimas doze horas, minhas cutículas viraram a coisa mais fascinante do mundo. Não consigo olhar ninguém mais nos olhos. Tenho medo do que mais eu possa ver.

“Grace, você me assustando.”

Lentamente, forço meus olhos a encontrarem os dele, e encaro seu olhar firme.

“Tudo bem”, digo a ele. “Porque estou apavorada.”

Não sei onde estou indo. Não exatamente. Mas, quando passamos para o outro lado da muralha, meus pés parecem me levar automaticamente a um lugar que não vejo há séculos. No passado, ele foi provavelmente encantador, mas os anos e a maresia deixaram suas marcas. E agora o carrossel com seus cavalos, cavaleiros e dragões está abandonado, a pintura desbotada, a melodia há muito silenciada.

“O que foi?”, pergunta Noah quando chegamos. “O que está acontecendo?”

Ele solta a mochila, eu subo no carrossel, passo a mão no dorso de um cavalo branco que já não faz mais seu sobe e desce.

“Minha mãe brincava aqui quando era garotinha. Era o lugar de que ela mais gostava em toda a cidade. Ela nos trazia aqui, Jamie e eu, pelo menos uma vez a cada verão. Preparávamos um lanche e comíamos bem aqui – nesta grande pedra achatada. Ontem à noite, na fila de cumprimentos, a princesa Ann disse que veio aqui conosco uma vez quando eu era pequena. Eu nem me lembro. Não é esquisito? Há coisas sobre a minha mãe nas quais eu penso a toda hora, todos os dias, mas outras... Parece que as bloqueei completamente. É estranho, não é? Fico me perguntando se é sempre assim.”

“Grace, eu...”

“Eu o encontrei, Noah”, digo, e fico agradecida a ele por não me perguntar quem – ele não exige respostas. Já deve me conhecer bem o bastante para saber que tenho que dizê-lo em meu próprio tempo, da minha própria maneira. Deve me conhecer bem o bastante para saber que estou com medo de que esta verdade possa me matar.

“Eu o encontrei, Noah”, digo novamente. “Eu encontrei o homem que matou a minha mãe.”

Ao ouvir minhas palavras, Noah dá uma cambaleada. Meio que tropeça na sua mochila, se endireita e tenta fingir que não foi nada.

“Não sabia que ele estava desaparecido.”

“Estou falando sério, Noah.”

“Eu também”, diz ele. “Quer dizer... Eu não sei... O que aconteceu? Pensei que a sua mãe tinha morrido num acidente ou algo parecido. Num incêndio.”

“É isso o que eles dizem.”

“Mas...”

“Mas eu estava lá. Eu vi acontecer.”

“Você viu a sua mãe morrer?”, diz Noah, as sobrancelhas levantadas. Ele não consegue esconder sua surpresa nem sua compaixão.

“Era tarde e estava escuro, mas, sim, eu vi acontecer.”

“Isso foi... o quê? Três anos atrás? Você tinha doze anos?”

“Treze.”

“Uau.”

“Não começa, Noah.” Dou a volta no cavalo branco e me escondo atrás de um urso dançante.

“Não estou começando nada”, diz ele. “É só que...”

“Sim, estava escuro”, retruquei. “Sim, eu era muito jovem, e foi traumático. Sim, eu nunca fui a garota mais confiável do mundo, mas eu sei o que vi. E estou lhe dizendo, eu vi um homem com uma cicatriz no lado esquerdo do rosto dar um tiro na minha mãe. Ouvi a bomba que incendiou e que destruiu completamente a loja dela.”

Minha respiração está ficando pesada, mas não é um ataque de pânico. A sensação é diferente. Eu me sinto diferente. O choque passou e tudo o que resta da noite passada é a minha fúria esmagadora.

“Eu vi a cara dele naquela noite, Noah. Tenho visto a cara dele todas as noites. E na noite passada... Estou dizendo para você que eu *o* vi na noite passada.”

“Você *o* viu ou você viu um homem com uma cicatriz?”

Não respondo. Não vou dar crédito ao que ele falou. Não vou dar crédito a *ele*. Já ouvi este discurso tantas vezes que o conheço melhor do que ele mesmo. Não quero ouvi-lo outra vez. Saio do carrossel e vou passeando pelo caminho em que viemos, talvez antes que ele pudesse compreender o que tinha dito e o que tinha feito.

“Grace, espere. Grace!”, chama Noah atrás de mim. “Eu acredito em você!”, grita ele, e isso me faz parar. “Vou com você para contarmos ao seu avô.”

“Eu já contei”, digo.

Noah assente e se aproxima. “Bom. Isso é bom. Agora ele e a senhorita Chanceler podem...”

“Eles não acreditam em mim. Eles acham que eu o inventei. Eles sempre acharam que eu estava inventando, e agora...” Noah olha para mim. “Eu não estou!”

“Eu acredito em você. É só... por que o seu avô não acredita? Quer dizer, você não fica por aí acusando homens com cicatrizes ou coisa assim, fica?

Eu devo ter ficado parada durante um tempo longo demais, pois Noah pergunta de novo: “Fica?”

“Claro que não!”, exclamo. “Simplesmente é mais fácil para ele me dizer que eu estava vendo coisas. É mais fácil para ele não acreditar em mim, mas se você

também não acredita, então...”

“Eu acredito em você!”, insiste Noah outra vez. “Acredito mesmo. Tá?” Ele se aproxima e põe a mão no meu braço. Estremeço ainda mais, mas não me afasto. Tenho a impressão de que provavelmente ele está tentando me consolar, mas nenhum de nós tem muita certeza de como essas coisas devem acontecer, então ele apenas mantém os dedos no meu cotovelo, como um abraço bem distante e bem desajeitado.

“Eu acredito em você. Mas, Grace, o que a gente deve fazer?”

Não dormi na noite passada. Não por causa do choro, nem por causa do trauma ou dos *flashbacks*. Nem mesmo a humilhação de Alexei ter testemunhado um dos meus ataques de pânico pôde me distrair dos pensamentos que encheram a minha cabeça depois que o choque e o terror finalmente passaram.

“Grace...”, começa Noah lentamente.

“Nós vamos encontrá-lo”, digo, segura e forte. Se for necessário, ponho abaixo a grande cidade murada, pedra por pedra. “Você vai me ajudar a encontrá-lo.”

Há gaivotas voando sobre nós. Dá para ouvir seus gritos e a arrebentação das ondas contra a costa. Na praia lá embaixo, um grupo de crianças pequenas está sentado em círculo na areia. Mesmo longe, a canção que elas cantam chega até nós com o vento.

Espere, princesinha, quieta e morta
Ninguém vai saber que você está de volta
Espere, princesinha, um-dois-três
Ninguém vai saber que chegou a sua vez

É a versão de Adria para a brincadeira do Corre, Cotia. Eu tinha me esquecido completamente até agora, mas a melodia assombrosa retorna. Lembro-me da nossa mãe cantando enquanto Jamie e eu brincávamos no jardim. Quando a

brincadeira termina, todas as crianças se levantam e correm atrás umas das outras como loucas. Tenho vontade de me juntar a elas. Essa musiquinha sempre me deu vontade de correr.

Noah esfrega a mão sobre o rosto, murmura alguma coisa que é uma mistura de hebraico com português. Então dá de ombros e solta o suspiro longo de alguém que já aprendeu a não discutir. “Só me diga o que eu tenho que fazer. Espera... A gente sabe o que fazer?”

Ele não olha para mim como Jamie ou o meu pai, como meu avô ou a senhorita Chanceler; Noah não está olhando para mim como se eu estivesse vendo coisas, ouvindo coisas, fragilizada e enlutada demais para viver.

Em resumo, pela primeira vez em três anos, estou falando sobre o homem que matou a minha mãe com alguém que não me olha como se eu fosse louca.

E é por isso que eu confio nele. É por isso que eu digo: “Venha.”

CAPÍTULO DEZESSEIS



“Olá, Grace. Noah.” Está claro, pela maneira como a senhorita Chanceler olha para nós, que ela pensa que seu plano está dando certo – que viemos lhe pedir para planejar nosso casamento, talvez para ser madrinha do nosso filho. “A que devo este prazer?”

A senhorita Chanceler segura uma pilha de arquivos e anda pela embaixada num par de saltos absurdamente altos. Eu já havia notado isto sobre a senhorita Chanceler: ela está quase sempre em movimento. E quase sempre calçando sapatos que me fariam querer ficar perfeita e absolutamente parada.

“Estava com esperanças de que a senhorita pudesse me ajudar”, digo, seguindo-a escadaria acima.

Ela apoia a mão esquerda sobre o corrimão liso, mas dá só uma olhadinha para trás.

“É claro que sim, se eu puder.”

“Depois da noite passada...”, começo.

Isso, finalmente, a faz parar. A senhorita Chanceler, dois degraus acima, gira sobre os calcanhares e olha para mim.

“Seu avô e eu já conversamos sobre isso, Grace, e infelizmente...”

“Não estou falando disso”, apresso-me em dizer.

“Não?”

“Não está, não”, acrescenta Noah. A senhorita Chanceler desvia o olhar para ele. Pelo menos há alguém do meu lado em quem ela pode confiar.

“Não. Meu avô tinha razão”, digo. “Tenho certeza de que estou apenas cansada. Tudo isso é novo para mim. Provavelmente só me senti um pouco oprimida.”

“É isso aí”, diz Noah, colocando-se ao meu lado. “Na verdade, Grace e eu estávamos conversando sobre o quanto isso tudo pode ser opressor. Tanta gente nova. Isso para não falar dos protocolos, das regras e...”

“E das pessoas”, deixo escapar sem pensar. “Tem tanta gente no- va. Foi...”

“Opressor”, interpõe Noah.

“Sim”, digo. “Opressor.”

A senhorita Chanceler cruza os braços, os arquivos e pastas bem apertados contra o peito. “Entendo.”

Noah vai em frente. “Então, eu estava comentando com Grace sobre o dossiê. Pensei que ela podia dar uma olhada nele – talvez memorizar alguns nomes e rostos, e aí...”

A senhorita Chanceler gira e volta a subir as escadas, e Noah vai atrás dela.

“Não sei do que você está falando, Noah.”

“Eu sei que vocês mantêm um livro. Um arquivo. Uma coisa com fotografias, nomes, empregos e informações de bastidores sobre todo o pessoal. Poxa, senhorita C., eu sei que vocês têm uma coisa dessas.”

“Você não sabe coisíssima nenhuma sobre isso”, diz ela.

“Então vocês seriam a única embaixada da Ala que não tem um.” É um bom argumento, dá para ver pela expressão no rosto da senhorita Chanceler que ele a pegou.

“Ora, senhorita Chanceler”, diz Noah, aproximando-se do lugar onde ela agora está, no alto da escada. “Diga uma coisa, a senhorita ia preferir que Grace arranjasse estas informações na rua? Ou aqui, na segurança da sua própria casa?”

A senhorita Chanceler olha de um para o outro, o cenho ligeiramente franzido. Percebo que nós a divertimos. Até a minha chegada, o trabalho dela provavelmente se resumia a cuidar de conferências e de papelada.

“Na verdade, Noah, prefiro que Grace obtenha as informações de que ela precisa de *você*. E agora, se me vocês derem licença, tenho que deixar estes arquivos no meu escritório e depois tomar um chá com a sua mãe, Noah. Grace, tenho certeza de que tudo vai dar certo. E isso, no momento, é o melhor que posso oferecer.”

Ela começa se afastar, mas então se vira e me olha por cima dos óculos. Parece que estou olhando para o Clark Kent e tendo um vislumbre do Super-Homem. Estou quase certa de que ela enxerga através de mim.

“Você tem certeza de que está se sentindo bem hoje, Grace?”

Eu sorrio.

Eu minto.

“Estou ótima.”

O sol está mais baixo quando Noah e eu entramos no pátio.

“Então, qual é o plano B?”, pergunto a ele.

“Calma aí”, diz Noah. “Eu devia propor algum plano B? Não tenho um plano B. Quer dizer, vai ver eu podia simplesmente sair por aí abordando desconhecidos, perguntando se não teriam visto um sujeito grande e assustador com uma cicatriz na cara. Estou supondo que ele seja grande e assustador. Ainda não confirmei esta parte.”

Noah dispara a falar quando fica nervoso. É uma das muitas coisas que estou começando a entender.

“Você não consegue arranjar o tal dossiê com Israel ou com o Brasil?”, pergunto.

Noah balança a cabeça. “Duvido. Não tenho acesso a esse tipo de coisa.”

“Eles têm uma lista dos convidados de ontem guardada no palácio, certo?”, digo. “Convites, verificações de segurança? Todo mundo passou pelo detector de metais. Tem que haver câmeras. Programas de reconhecimento facial. Eles têm que ter estas coisas, não têm?”

Noah olha para mim como se eu tivesse parado de tomar meus remédios. E parei mesmo. Mas isso não tem nada a ver com a questão. “Sim, acho que eles têm.”

“Muito bem, quem nós conhecemos no palácio?”

“Quem nós conhecemos no palácio?”, diz Noah, não conseguindo se controlar e rindo discretamente. “Correção. Quem nós conhecemos que nos entregaria imagens confidenciais de segurança e resultados do reconhecimento facial? Bem, deve haver uma lista superlonga. Aliás, o próprio rei parece ser um cara legal. Aposto que a gente pode ligar para ele e pedir este favor.”

“Bem. Alguma coisa a gente tem que fazer! Podemos hackear o servidor do palácio?”

“Claro!” Noah dá um tapa de verdade na própria testa com a palma da mão. “Por que não pensamos nisso? Claro. Vou entrar agora mesmo.”

“E quanto aos servidores da embaixada?”

“Quem é você?!”, grita Noah, como se eu estivesse sofrendo uma metamorfose bem na frente dele. Ele não sabe que esta versão minha está viva desde o berço. “Melhor dizendo, quem você pensa que *eu* sou?”

Pobre Noah. Tudo o que ele queria fazer hoje era ir à casa do pai, e olha só o que eu fiz. Tentei transformá-lo em hacker internacional e espião multifuncional.

Caramba, eu me pego pensando, *bem que eu queria conhecer um espião.*

Ouço o portão atrás de mim abrir, e logo Megan está vindo na nossa direção. Ela usa um short cor-de-rosa. Um top cor-de-rosa. Tem até uma faixa cor-de-rosa impedindo que sua brilhante franja negra caia sobre os olhos, enquanto seu brilhante rabo de cavalo balança de um lado para o outro, marcando o tempo. Estava dando uma corridinha, e sua pele morena tem um brilho que é... bem... cor-de-rosa.

Por um segundo, penso que Noah poderia realmente engasgar com a própria língua.

“Do que vocês estão falando?”, pergunta Megan.

“Nada”, digo, precisamente na hora em que Noah começa: “Oi, Megan!”

É como se ele tivesse reunido a coragem de falar e agora as palavras saíssem aos borbotões. “Você parece... suada. Mas de um jeito bom. Um bom suor, quero dizer.”

“Obrigada”, diz Megan, a palavra entrecortada, como se não tivesse bem certeza de como encarar tanto o cumprimento quanto o garoto que o fez.

Tenho esperanças de que ela entre, revire os olhinhos e vá fazer seja lá o que for que gente bonita e popular faz. Mas Megan simplesmente fica parada lá, de braços cruzados, olhando para mim.

“Vocês vão me contar o que estão armando ou não?”, pergunta ela finalmente.

“Não”, digo. Não é que eu esteja com medo de que ela conte para alguém. Estou com medo de que ela conte para todo mundo.

“É uma pena”, diz Megan, seguindo adiante. “Pensei ter ouvido vocês falando algo sobre hackear o servidor do palácio.”

“É o que acontece quando você pensa”, digo e dou de ombros. “Soube até que isso pode causar espinhas. Uma coisa terrível. Melhor evitar de uma vez por todas.”

Então, Megan se vira para mim.

“Eu nunca fiz nada contra você, Grace! Nunca fiz absolutamente nada. Tenho tentado ser sua amiga desde que tínhamos seis anos, mas acho que não sou boa o bastante para você. Nunca fui boa o bastante para você. Bem, esta sou eu, parando de tentar.”

Ainda estou meio atordoada com as suas palavras, quando ela gira e começa a andar rumo à porta. Já está quase lá dentro quando Noah grita: “Espere!”, e ela de fato para.

Noah parece tão surpreso quanto eu. Quando ela olha para ele, suas bochechas ficam vermelhas e ele começa a falar pelos cotovelos.

“Nós só estamos procurando um cara, e sabemos que ele estava na festa no palácio ontem à noite, mas não temos nenhuma maneira de encontrá-lo e...”

“Eu posso encontrá-lo”, diz Megan num tom totalmente corriqueiro. E olha para mim. “Se você não se incomodar.”

Mas tudo em que consigo pensar é: *Megan quis ser minha amiga?* Penso retrospectivamente em todas as vezes que nós duas fomos deixadas juntas: como último recurso. Sempre achei que ela não gostava de ter que vir brincar comigo. Por causa disso, eu odiava ter que brincar com ela. Mas talvez estivéssemos as duas erradas. Talvez fôssemos apenas duas garotinhas orgulhosas e teimosas demais.

“Sei que você acabou de voltar da sua corrida e está toda... suada”, diz Noah. Eu lhe dou uma cotovelada nas tripas. Forte. “Mas nós realmente precisamos da sua ajuda.”

Megan cruza os braços. “Então, o que vai ser, Grace? Eu posso ajudar você. Ou você pode ficar aqui, sendo cabeça-dura demais para deixar que eu ajude. Você decide.”

Conheci Megan quase a vida inteira. Essa foi a primeira vez que gostei dela.

“De quem é este escritório?”, pergunta Noah três minutos depois.

“De alguém que está tomando um chá neste exato momento com uma boa amiga em Israel”, digo a ele.

“Da senhorita Chanceler?”, diz Noah, parecendo que vai hiperventilar, então me apresso e fecho a porta. “Nós acabamos de invadir o escritório da... Tudo certo. Nada de pânico.”

“Isso mesmo. Não entrar em pânico, é isso aí”, diz Megan, passando por ele e sentando-se na confortável cadeira de couro da senhorita Chanceler. Assim que ela toca no computador, o brasão do Departamento de Estado aparece na tela junto com o *prompt* de comando para nome e senha do usuário.

“A senha deve estar escrita em algum lugar por aqui”, digo, olhando a mesa meticulosamente arrumada.

“Da senhorita Chanceler? Acho que não. Além disso, não preciso da senha.” As unhas cor-de-rosa cintilantes de Megan parecem um borrão ao voarem sobre o teclado. Sessenta segundos depois, ela anuncia: “Entramos.”

Estamos olhando para outra tela agora. Não se parece com nada que eu já tenha visto antes. Não é o desktop oficial do Serviço de Relações Exteriores dos Estados Unidos. É algo diferente. É como se estivéssemos dentro do cérebro do computador, e Megan fosse a sua mestra.

Ela se vira para nós, observando nossas expressões mudarem.

“Não deixem o brilho enganar vocês.” Ela agita as unhas brilhantes no ar, e então dá uma batidinha na própria testa. “É aqui que eu estou.”

“Estou vendo”, digo, no momento em que Noah sussurra bem baixinho: “*Eu amo você.*”

“O quê?”, pergunta Megan.

“Nada”, diz Noah, recuando e indo para o outro lado da escrivaninha.

“Então, o que é tão urgente?”, me pergunta Megan.

Mas ainda estou desconcertada com o que vi.

“Como você...?”

“Minha mãe é diretora de operações da CIA na Europa”, diz ela. “Eu presto atenção.”

“Estou vendo”, digo.

“Então, do que você precisa?”

“Preciso saber de todos os que estavam na festa no palácio ontem à noite.”

“Só isso?”, pergunta Megan, como se o mínimo que pudéssemos fazer fosse tentar desafiá-la.

Poucos minutos depois, ela clica em IMPRIMIR e logo estou olhando para uma lista de nomes. Minhas mãos começam a tremer quando compreendo que um deles deve ser do homem que matou a minha mãe.

Posso sentir Noah olhando por cima do meu ombro.

“Há alguma maneira de cruzar esta lista com fotos de identidade da embaixada ou algo assim?”, pergunta ele. “Nós não temos o nome. Só o rosto.”

“Vocês precisam de fotos?” Megan parece um pouco irritada por não termos mencionado isso em primeiro lugar.

“Sim. Por quê? Isso é um problema?”, pergunto.

“Não. Significa apenas que estamos procurando no lugar errado.”

Megan começa a trabalhar e três minutos depois estou olhando para uma tela cheia de pessoas em trajes formais caminhando lentamente em direção a uma câmera, pontos amarelos cobrindo seus rostos.

“O que é isso?”, pergunta Noah.

“É o programa de reconhecimento facial do palácio registrando todas as pessoas que entraram no baile ontem à noite.” Megan se recosta e cruza os braços. Ela sabe que estamos impressionados. *Ela* está impressionada. E eu tenho que admitir que tem razão de estar.

“A gente pode fazer uma cópia disso sem ninguém saber?”

“Já enviei para uma conta fictícia de e-mail.” Ela rabisca um nome de usuário e uma senha. “Mais alguma coisa?”

“Casa comigo?”, sussurra Noah.

Se ouviu, Megan ignorou a pergunta. Ela fica apenas olhando para mim enquanto balanço a cabeça lentamente.

“Isso foi...” As palavras me faltam. Não gosto de ficar devendo favores e detesto ser pega com a guarda abaixada. Trinta minutos com Megan e as duas coisas aconteceram. A Ala das Embaixadas está se tornando um lugar muito mais perigoso do que pensei que pudesse ser.

Saindo da embaixada, as pernas longas e desengonçadas de Noah o levam bastante à frente. Por um instante, eu e Megan fica- mos sozinhas.

“Bem, obrigada”, digo, e estendo a mão para o pedaço de papel, mas Megan dá um puxão, tirando-o do meu alcance.

“E então, vai me contar agora?”, pergunta.

“Contar o quê?”

Megan se volta para mim, parando e bloqueando o caminho.

“Eu sinto muito pela sua mãe, Grace. E sinto muito pelo que você passou. Mas isso”, diz ela, levantando o papel e enfatizando sua colocação, “o que quer que isso seja, não vai trazê-la de volta”.

“Não é...”

“Você não quer me contar o que está acontecendo? Tudo bem. Mas não minta para mim, certo?”

“Certo”, digo.

Ela me entrega o papel. “E Grace... Seja lá o que for, tenha cuidado.”

Megan empurra o portão e sai andando pela calçada. Pressinto claramente quando Noah chega ao meu lado.

“Você está pronta?”, pergunta ele.

Eu sorrio e tento me convencer de que a resposta é sim.

CAPÍTULO DEZESSETE



O Brasil está totalmente no escuro quando chegamos lá. Noah me leva por um portão lateral até uma pequena porta nos fundos do edifício. É menor do que muitas outras embaixadas, mas sempre foi uma das minhas favoritas. Muitos edifícios na Ala das Embaixadas são palácios, fortalezas. A embaixada do Brasil sempre pareceu, por fora pelo menos, uma casa.

Noah bate na porta. Quando ninguém responde, ele usa a chave e entra. Até onde sei, não há chaves na embaixada dos Estados Unidos. Só um monte de fuzileiros com armas portáteis semiautomáticas.

“Venha”, diz Noah. “A gente pode trabalhar lá em cima.”

“Não tem problema a gente estar aqui?”, pergunto.

“Já disse. Tenho dupla cidadania. É a noite que passo com meu pai.”

“Eu me refiro ao lugar, parece vazio.”

“Mas não está”, diz Noah com um sorriso.

“Cadê todo mundo?”

Então, como se tivessem recebido a deixa, há uma algazarra imensa e ensurdecedora. Gritos, aplausos e comemorações em português.

Só então percebo que o prédio não está às escuras. Não exatamente. As luzes no corredor estão apagadas, mas um brilho embaciado e vacilante vem de um cômodo próximo. Devagar, Noah e eu andamos furtivamente até lá. Ao passarmos, posso ver uma televisão tão grande que cobre praticamente toda a larga parede do cômodo. Dentro da sala, parece que toda a delegação brasileira está reunida em torno da TV, assistindo a uma partida de futebol que podia estar acontecendo em qualquer lugar do mundo.

Um homem está sentado bem no centro do grupo. Mesmo entre o que devem ser umas trinta pessoas, é impossível não notá-lo. Sua pele é morena e suave. Ele tem ombros largos e o tipo de olhar superintenso que é capaz de fazer a maioria das garotas derreter.

Mas não sou como a maioria das garotas.

Só fico um pouquinho abalada.

Ao ver Noah e eu, ele assente e sorri na nossa direção.

“Nossa”, murmuro para mim mesmo. “Este cara é um gato.”

“Este cara é o meu pai.” Noah comenta como se o tivesse feito muitas vezes. “O embaixador.”

“Ah.” Eu definitivamente não consigo esconder meu embaraço. “Devo cumprimentá-lo, me apresentar ou algo assim?”

“Você está brincando?” Noah reage como se eu tivesse acabado de sugerir pular de um penhasco. De novo. “É o time antigo dele que está jogando. A gente não interrompe o meu pai quando o time dele está jogando.”

“Seu pai era futebolista?”

Noah parece enojado. *“Jogador de futebol.”*

“Ah, sim. Desculpa.”

“E sim. Seleção Brasileira, Copa do Mundo, Jogos Olímpicos, é só escolher. Ele era, como vocês americanos dizem, um craque. Claro que isso corre no sangue da família. Agora vem.” Ele aponta as escadas. “Vamos trabalhar.”

“E quanto a esse aqui?”, pergunta Noah várias horas depois. Não sei que horas são, mas tenho certeza de que deve ser tarde. Periodicamente ouvimos gritos lá de baixo. O jogo acabou e começou outro, mas a maior parte da embaixada continua às escuras. Na verdade, não vimos nem a sombra da Lila, mas posso ouvi-la zanzando no quarto ao lado, barulhenta mas invisível. Como um *polteirgeist* muito arrogante, muito atormentado. Tenho medo de que a qualquer minuto ela passe flutuando pela parede.

“Grace?”, diz Noah, chamando minha atenção de volta para a tela.

Olho a imagem no laptop, me inclino para me aproximar do homem que aparece ali em preto e branco. Ele está olhando para o lado errado e não podemos saber se tem ou não uma cicatriz.

Balanço a cabeça. “Baixo demais.”

Noah aperta um botão e o filme avança para o próximo homem na fila. “Este aqui?”

“Nenhuma cicatriz”, digo.

“Certo. E quanto...”

“Estou dizendo, ele é branco, tem 1,85 ou 1,90 de altura. Agia como se soubesse o que estava fazendo. Como se tivesse treinamento e se sentisse à vontade consigo mesmo. Entende o que eu quero dizer?”

“Não.” Noah balança a cabeça. “Não entendo mesmo.”

“Eu vi esse tipo de pessoa a minha vida inteira. Cresci cercada por esses caras. Forças especiais – posso reconhecê-los a trinta metros de distância. É impossível ter tanto poder no corpo e não deixar que isso afete o modo como você age. Estou dizendo, ele parecia...” Minha voz some, tremo imperceptivelmente. Obrigo-me a fitar Noah nos olhos e concluo: “Ele parecia um assassino, Noah. Ele é o assassino da minha mãe.”

“Certo”, diz Noah calmamente, e então se levanta. Dá para ver que está cansado de ficar sentado, olhando para a tela. Está cansado de se sentir impotente, e ele não é o único. “Talvez ele não...”

“Eu o vi!”, exclamo, antes que Noah possa se juntar à longa lista das pessoas que me disseram que eu estava delirando.

“Eu sei”, apressa-se ele em acrescentar. “Eu sei. Só estava querendo dizer que talvez ele não esteja neste filme.”

“Pensei que todo mundo tinha que passar pelo controle.”

“Todos os *convidados*, sim. Mas talvez ele não fosse um convidado. Ou talvez tenha dado um jeito de não passar pelas portas principais. Ele pode ter se passado por um garçom e, depois, colocado o smoking dentro de um duto de ar ou coisa assim.”

“Isso aqui não é um filme de espionagem”, digo. Tenho a impressão de que ele talvez não esteja levando isso a sério.

“Só estou dizendo que ele pode não estar aí, Grace. E isso não tem nada de mais.”

Eu também me levanto. “Tem, sim. Eu tenho que encontrá-lo, Noah. Eu tenho que...”

“O quê?” Noah se aproxima de mim e olha direto nos meus olhos. “*O quê?* Não, estou falando sério! Vamos pensar um pouco. Vamos dizer que você o encontre... O que acontece em seguida? Sério, Grace. Estou perguntando.”

Tropeço ao dar um pequeno passo para trás. “Eu vou fazê-lo pagar.”

“E o que isso quer dizer? Diga *exatamente* o que você vai fazer.”

“Vou provar o que ele fez. Vou provar...”

Que não estou inventando tudo isso.

As luzes são ligadas no corredor. Há mais gargalhadas agora, mais conversa. As partidas devem ter acabado – a festa está acabando –, pois a embaixada brasileira está acordando quando o resto da Ala das Embaixadas está indo dormir.

Noah estende a mão atrás de mim e fecha cuidadosamente o laptop.

“Não fica assim”, diz ele. “Nós só estamos procurando há um dia. Amanhã podemos transformar em dois.”

Junto as minhas coisas e Noah me leva até a rua. Ele parece estranhamente protetor, de um modo que eu nunca tinha visto antes. Noah não pensa que eu sou criança; não quer me trancar no quarto para me manter longe dos perigos do mundo. Noah não é como Jamie – nem como Alexei. Ele só quer garantir que, quando esses perigos me encontrarem, eu esteja em posição de cuidar de mim mesma.

“Você acredita mesmo em mim, né?”, pergunto ao chegar ao pequeno portão que se abre para a calçada e para a curta caminhada até a minha casa.

“É claro que acredito em você.”

“E você é mesmo meu amigo.”

Noah dá um grande sorriso. “É o que parece. Algum problema?”

“Só um desdobramento inesperado”, digo a ele.

Noah fecha o portão de metal atrás de si. “É mesmo. Bom... bem- vinda à Ala das Embaixadas.”

Começo a voltar colina acima, rumo à bandeira dos Estados Unidos, à cama da minha mãe e a um prédio cheio de pessoas que jamais passariam um dia me ajudando, mesmo que não achassem que a busca é inútil.

“Nós vamos encontrá-lo!”, grita Noah através da cerca, observando enquanto eu me afasto. “Ele está por aí em algum lugar. E nós vamos encontrá-lo.”

Tenho que rir. Ele é tão bobo. Mas estou começando a perceber que uma coisa boa aconteceu: ele é o meu bobo.

O vento está forte, soprando do mar, e, nas alturas, todas as bandeiras se apresentam perfiladas em seus refletores como soldados, adejando e estalando à brisa. Penso sobre o que Noah está dizendo. Não estamos procurando um homem. Estamos procurando uma agulha num palheiro internacional.

“Nós vamos encontrá-lo!”, grita Noah outra vez.

Eu rio, me viro e aceno para ele. Tenho certeza de que ele não pode me ouvir quando digo: “Não, não vamos.”

CAPÍTULO DEZOITO



Não sei ao certo há quanto tempo perambulo pela cidade. Não estou tentando me perder. Não quero me meter em problemas. Mas, apesar de conhecer o caminho mais curto de volta, não consigo me decidir por tomá-lo.

Então, pego ruelas sombrias e amplas calçadas ladeadas por lojas às escuras. Subo tão alto por uma rua ventosa que dá para ver além da muralha e enxergar o mar. A lua é muito resplandecente aqui – tinha esquecido quanto ela parecia maior, como um refletor brilhando do paraíso. Queria que ela brilhasse sobre o Homem da Cicatriz, mas ele não cruza o meu caminho. A lua não pode me levar até ele, não importam as distâncias que eu esteja disposta a percorrer.

Quando os sinos da catedral batem à meia-noite, eu me certifico de que já estou do outro lado da cerca da embaixada. O fuzileiro de guarda arqueia as sobrancelhas – ele sabe que estou chegando em cima da hora. Mas tenho certeza de que todos os fuzileiros gostam de mim. Sou cria de militares. Membro da tribo. Além disso, minha presença aqui tem potencial para dar uma chacoalhada na monotonia dos seus dias.

Estou passando pela entrada da residência, a meio caminho do piso preto e branco, quando a voz da senhorita Chanceler me pega desprevenida.

“Espere um pouco.”

Congelo e me viro. A senhorita Chanceler ainda está de terninho e salto alto, e não consigo evitar imaginá-la se esgueirando furtivamente escada abaixo para um lanchinho à meia-noite. De salto alto. Esquiando nos Alpes. De salto alto. Fazendo mergulho submarino. De salto alto.

“Já entrei”, digo, forçando um sorrisinho. “Toque de recolher à meia-noite respeitado.”

“Grace, podemos ter uma conversa, por favor?” Ela pede como se fosse uma pergunta, mas não espera uma resposta. Apenas acredita que eu vá segui-la escada acima.

“Eu já entendi, está bem?”, digo. “Estou aqui. Estou de boca calada. Indo para a cama como uma boa mocinha.”

“Ah, querida.”

Não sei o que é mais inquietante, as palavras da senhorita Chanceler ou sua expressão. Ao parar no alto da escadaria, estou seriamente preocupada com a possibilidade de ela tentar me abraçar.

Por isso, dou um passo para trás. “Não sou a querida de ninguém.”

Ela tira os óculos e inclina a cabeça. “Você acredita mesmo nisso, Grace?”

“Do que você está falando?”

Nesse momento a senhorita Chanceler pega mais leve. Deve saber que estou prestes a pular no corrimão e fugir, escorregar e desaparecer porta afora, e nunca, nunca mais voltar.

Prefiro viver numa zona de guerra com meu pai do que com pessoas que me chamam de querida.

“Sabia que eu conheci a sua mãe?”, pergunta a senhorita Chanceler, afundando-se para sentar no último degrau. Sua atitude é estranhamente casual. Não combina com ela. “Ah, eu sei que *você e eu* nunca tivemos muitas razões para interagir quando vinha aqui menininha, mas eu entrei para a equipe do seu avô pouco depois que a sua avó faleceu. Sua mãe tinha mais ou menos a sua idade na época. E nós duas nos tornamos muito próximas. Ficamos amigas.”

“E daí?”, digo.

“E daí que eu estava presente quando a sua mãe conheceu seu pai. Estava aqui quando seu pai perguntou ao seu avô se podia se casar com ela – seu avô demorou um pouco para processar a informação, não preciso nem dizer. Eu estava com seu avô quando ele soube que Jamie tinha nascido. E quando você nasceu. Por isso, Grace... sei que você era a querida *dela*. E sei que agora – mesmo que ela tenha ido embora – você não está sozinha.”

“Tá. Tanto faz. Tudo bem.”

Está escuro, mas posso sentir a senhorita Chanceler olhando para mim – sinto como se fosse um toque físico, e a sensação é quase insuportável. Estou cansada de ter tantas emoções fortes correndo nas minhas veias. Meus nervos estão em carne viva e sangrando.

“Você estava ocupada hoje.” A senhorita Chanceler brinca com seus óculos e eu me pergunto se ela sabe que estivemos no computador dela. Será que Megan foi correndo contar? Não é nada disso, percebo depois. Ela não tem que saber necessariamente o que eu fiz – o que Noah e eu ainda estamos fazendo. Ela só tem que me conhecer.

Subo o último degrau e fico a centímetros dela. Minha voz é um sussurro quando eu me inclino e digo: “Você não pode mudar o que eu vi.”

“Eu sei”, diz a senhorita Chanceler. “Mas posso ajudar você a lidar com isso.”

Começo a me afastar. “Você teve a sua chance de ajudar.”

“Você perdeu sua mãe, Grace!”, grita a senhorita Chanceler atrás de mim. Posso sentir minha raiva aumentar, agravando-se mesmo quando a voz da senhorita Chanceler permanece calma. “Você a perdeu de uma maneira trágica e horrível. E é por isso que seu avô e eu decidimos que talvez você devesse conversar com alguém aqui em Adria. Como fez depois do acidente.”

“Alguém tipo um psiquiatra?”, pergunto.

“Alguém que possa ajudá-la a aceitar o que aconteceu. A deixar isso para trás. A seguir adiante.”

Ela não está perguntando se eu quero fazer isso – se acho que é uma boa ideia. Ela já tomou sua decisão. Ou, pior, ela já fez a cabeça *dele*.

“Quero ver o meu avô”, digo, já andando no corredor.

“Ele não está no quarto.”

Paro, dou meia-volta. “Onde ele está, então?”

“No momento, infelizmente, ele está...”

“Permita-me adivinhar”, digo, arqueando uma sobrancelha. “Ocupado?”

“Ele está com convidados, Grace.”

Tenho que rir. “Já passa da meia-noite. Que tipo de convidados ele recebe depois da meia-noite?”

A senhorita Chanceler não responde. Apenas olha de relance, quase involuntariamente, para as portas fechadas da grande sala de estar situada do outro lado do vestíbulo.

Não espero por mais informações.

“Grace!”, grita a senhorita Chanceler, lutando para se levantar, mas ela não tem a menor chance de me pegar quando saio disparada pela escadaria. Fuzileiros não conseguiriam me pegar. Nem um batalhão de tanques Sherman.

Só há uma coisa neste planeta que poderia me deter: a visão das portas deslizando e se abrindo.

Ouço gargalhadas. Conversas. Um sopro de fumaça de charuto escapa da sala e sobe a escadaria.

Estou olhando fixamente através da névoa, quando um homem avança no vestíbulo. Ele é alto e tem ombros largos, seu cabelo é escuro e cortado rente. Poderia ser qualquer um. Através da fumaça dos charutos, ele é simplesmente Homem Genérico Número Três. E talvez eu simplesmente continuasse a correr, não fosse pela maneira como ele se move, uma série de passos eficientes e fluidos, movimentos contínuos, fáceis, dentro de um corpo muito bem afinado. O tipo de corpo que foi preparado, apurado e treinado.

No lugar onde parei, no meio da escadaria, estou envolvida pela penumbra. Mas consigo enxergar. Posso ouvir gargalhadas. Outros homens se juntam a ele no vestíbulo. Eles se dão tapinhas nas costas e se cumprimentam.

“A gente se vê semana que vem na sua casa, Pierre!”, grita o meu avô para um dos homens, que ri e fala com sotaque inglês carregado. “E espero que você traga o meu dinheiro, para que eu possa recuperá-lo.”

Pelas portas da sala de estar, vejo uma mesa coberta por fichas plásticas de cores vibrantes e cartas de baralho. Noite do pôquer. Meu avô estava recebendo amigos na noite do pôquer.

Há embaixadores no vestíbulo. Reconheço o primeiro-ministro e vários dos homens que vi no palácio.

A cúpula do G-20 perderia feio se comparada ao poder reunido em torno da mesa de pôquer do meu avô. Os homens se despedem, seus hálitos sem dúvida cheirando a charuto e ao bom uísque do Tennessee de que meu avô gosta.

Há pelo menos uma dúzia de homens, mas nenhuma mulher. É como olhar por trás da cortina de um antiquado e todo-poderoso clube de rapazes. Há tanta testosterona pairando no ar que, por um segundo, perco de vista o homem de ombros largos.

Chego um pouco mais perto, me estico na ponta dos pés, tentando ver melhor.

O primeiro-ministro vai em direção à porta, levanta a mão num aceno de despedida. “Até semana que vem, meu amigo”, diz ele ao meu avô.

Alguém abre a porta.

O primeiro-ministro começa a se retirar.

Mas não sem antes o tal homem que abre a porta se virar para o meu avô e fazer um aceno de cabeça.

A luz do pórtico ilumina seu rosto e posso ver os olhos escuros e sem alma, as maçãs do rosto proeminentes. E a cicatriz que se estende das sobrancelhas até o queixo.

“Grace.” A mão da senhorita Chanceler está no meu braço. Percebo, longinquamente, que estou escorregando, tentando me sentar nos degraus frios. Meu avô e seus convidados ainda estão no vestíbulo, e eu sei que não podemos ter uma cena. Não posso causar um incidente. Agora seria um momento inoportuno para uma adolescente perturbada gritar: “Assassino!”, e sair em disparada escada abaixo.

Sei o que a senhorita Chanceler está pensando. Mas ela não tem que se preocupar com nada disso. Estou ocupada demais tremendo.

“Meu avô o conhece.”

Olho para a senhorita Chanceler. Ela deve estar vendo a traição nos meus olhos – a mágoa quando eu repito: “Meu avô o conhece!”

“Venha, Grace. Vamos esperar pelo seu avô lá em cima.”

CAPÍTULO DEZENOVE



“Grace, eu sei que você deve ter perguntas...”

Vovô nem me cumprimenta quando chega ao seu gabinete. Não pergunta o que eu estava fazendo fora até meia-noite, nem com quem estava – nenhuma das perguntas típicas que uma figura de autoridade adulta supostamente deveria fazer. Ele já havia sido informado pela senhorita Chanceler. Está pronto para esta briga.

O que é uma coisa boa, pois já estou de pé, gritando: *“Você o conhece?”*

“Escute, Grace...”, começa ele lentamente. Sua gravata está desfeita e o botão da camisa, aberto. Quando ele anda até o carrinho perto da janela e se serve de uma bebida, dá para ver que não é a primeira da noite. E, pelo andar da carruagem, é quase certo que não será a última.

“Eu fui até você e disse o que tinha visto. Fui até você e *você o conhece*. Sabia quem ele era o tempo todo e ainda assim me disse que eu estava vendo coisas!”

“Não.” A voz do meu avô é cortante. Ele não está mais bancando o gentil cavalheiro sulista. Este é o homem que negociou o Tratado de Cáspia. Este é o homem que lutou pelo desenvolvimento da União Europeia. É por isso que o presidente, o primeiro-ministro e meia dúzia de outros líderes mundiais o chamam de “meu amigo”.

Eu devia estar intimidada. Mas não estou. Estou enojada.

“Eu disse a você, Grace Olivia, que você *não* viu o homem que matou a sua mãe. E você não viu.”

“Quem é ele?”, disse, exigindo saber.

Vovô dá um golinho no seu uísque. Quando fala novamente, seu sotaque é o mais forte que ouço dele em séculos.

“Ele é um homem que conheço há anos. Um amigo.”

“Quem é ele?”, grito.

A voz do meu avô permanece suave. “O nome dele é Dominic Novak. Ele é o chefe de segurança do primeiro-ministro. Foi condecorado como herói de guerra e é o principal conselheiro de um dos homens mais poderosos da Europa. Ele tem a confiança de muitos, é respeitado e... Ele é apenas um homem que tem uma cicatriz, Grace. Isso não faz dele uma pessoa má.”

“Eu sei que nem todo mundo que tem uma cicatriz é mau”, disparo com rispidez. “Não vivo num desenho animado. Mas eu também sei...”

“Sabe *o quê*?” Exasperado, meu avô abre bruscamente uma das gavetas da sua escrivaninha e pega uma pasta. “Diga para mim, Grace, o que você sabe? Pois me lembro de quando você *sabia* que tinha visto o assassino da sua mãe dois anos atrás em Santa Fé.” Ele tira uma fotografia da pasta – um rosto que pensei que nunca mais veria.

“Ou o homem no aeroporto de Chicago.” Ele tira outra fotografia. E depois outra. E outra. “Este aqui era cabo em Fort Meade, não era?” Meu avô continua a tirar fotografias da pasta, jogando-as na escrivaninha. Um homem com cicatriz após o outro. “E não nos esqueçamos do padre em St. Louis. Você foi categórica ao afirmar que era ele. Mesmo depois que descobrimos que ele estava na

América do Sul quando a sua mãe foi morta. Mesmo assim, você gritou, insistiu e...”

“Tudo bem!”, grito. “Chega!”

“Você disse que estes homens mataram a sua mãe, não disse, Grace?”, pergunta ele, e eu fico em silêncio. *“Não disse?”*

Paro de tremer e olho em seus olhos.

“Tenho razão desta vez. Eu o vi.”

“Bem, deixe-me dizer o que *eu* vejo.”

Ele dá um passo na minha direção, faz um gesto com a mão que segura o copo. O líquido castanho espirra sobre a borda e mancha o seu caro tapete, mas meu avô não nota. Ou talvez não ligue.

“Vejo uma garota que testemunhou uma coisa horrenda e que nunca se permitiu lidar com o seu trauma. Vejo uma garota que, ao ver um homem que tenha uma cicatriz – *qualquer* homem com uma cicatriz –, tira terríveis conclusões precipitadas. Mas, acima de tudo, Grace”, e sua voz é pesada e cansada, “vejo uma garota *que já disse tudo isso antes*.”

“Eu sei o que está parecendo. Eu sei...”

“Você não sabe de nada!” A voz do meu avô é tão forte, tão alta, que quase espero que as janelas quebrem, que os alarmes de segurança disparem. “A minha Caroline morreu!”

É a primeira vez em três anos que o escuto dizer o nome da minha mãe. É a primeira vez na minha vida que o vejo chorar.

“Ela morreu num acidente terrível, trágico. E se eu pensasse... se eu pensasse que existe alguém que tivesse que ser punido por isso, eu o faria.” Sua voz fica

mais grave, fúnebre. Desesperada. “Deus me livre, eu o faria eu mesmo.”

Vovô olha fixamente para mim agora. E, pela primeira vez, é inevitável sentir que uma parte dele detesta uma parte de mim. Por trazer esta memória à sua porta. Por ser parecida demais com ela. Por tomar a filha dele mais uma vez.

“Dominic é um homem bom, Grace”, diz vovô, finalmente tirando os olhos de mim. “O melhor dos homens. Eu confiaria minha vida a ele. Confiaria a ele a vida da minha filha.” Com um gesto, ele me põe à distância e afasta minhas preocupações loucas, irracionais. “Ele não a teria machucado.”

Eu me sinto constrangida e furiosa. Ambos. Mas não discuto mais. “Por que não me disse isso ontem à noite?”

“Eu disse.” Ele dá um golinho, depois dá de ombros. “Ou tentei dizer. Não incomode Dominic, Grace. Deixe o pobre homem em paz. Fique longe dos assuntos do primeiro-ministro. Eles são pessoas ocupadas em tempos difíceis. Nenhum de nós precisa de mais preocupações, tensões ou teorias mirabolantes e não comprovadas à nossa volta.”

Tenho que dar um risinho. “Você realmente não confia em mim, confia?”

Meu avô me estuda. “É claro que confio.”

Mas as palavras são lentas demais, o contato dos nossos olhos, fugidio demais.

“Para um bom diplomata, você é realmente um péssimo mentiroso”, digo, e saio antes que ele possa dizer outra palavra.

CAPÍTULO VINTE



“Noah”, digo, sacudindo seus ombros. “Noah, acorde.”

Ele rola e murmura alguma coisa em hebraico que não consigo traduzir, mas que provavelmente é um equivalente israelense a “só mais dez minutos, mãe”.

Sacudo o ombro dele de novo e levo um tapa, como se eu fosse uma mosca que ele tentasse espantar.

Aí sou eu que dou um tapa nele. “Grace!”, grita Noah. E então parece se lembrar de onde está e abaixa a voz. “O que você está fazendo no meu quarto?”

“Quer dizer que você pode invadir o *meu* quarto, mas eu não consigo falar com você por telefone?”

“Eu estava... eu tive... quer dizer...”

“Relaxa”, digo a ele. “Lila me deixou entrar. Ela é bem alegre pela manhã.”

“É verdade.” Noah arrasta seu corpo entorpecido para fora da cama e joga os pés no chão. “Sabe, se você continuar fazendo isso, vou acabar ficando com uma reputação.”

“Você está usando um pijama do Homem-Aranha. Acho que não precisa se preocupar com a sua reputação. Agora vamos.” Jogo uma calça jeans na direção

dele. “Se veste. A gente tem que ir.”

“Ir aonde?”

Mas eu simplesmente saio para o corredor e espero ele ficar pronto.

“Grace...”

A brisa é fria, mas a voz de Noah é mais fria ainda. Estamos bem pertinho um do outro numa calçada, olhando fixamente para um prédio de três andares do outro lado de uma rua movimentada. Uma cerca preta de ferro e dois guardas estão posicionados entre a porta da frente e a calçada do outro lado.

De muitas maneiras, é apenas uma rua comum. Ônibus passam. Donos de cafés estão ocupados arranjando suas mesas na calçada. Sinto o cheiro de pão fresco. De todas as maneiras, é uma manhã perfeitamente adorável, exceto por uma coisa.

E é por isso que estou parada ali, sem me mexer. Agora não é hora de ser descuidada, apressada ou... *parecida comigo mesma*. É hora de fazer exatamente a coisa certa na hora certa. Agora é o momento em que tenho que ser paciente.

“Grace”, tenta Noah de novo. “Esta é a casa do primeiro-ministro.”

Tomo um gole de café e não permito que meu olhar se afaste nem por um segundo da porta. “Eu sei.”

“E estou certo de que o primeiro-ministro não tem uma cicatriz no rosto.”

“Eu sei.”

Um ônibus passa, bloqueando temporariamente minha linha de visão. Tudo o que posso fazer é não entrar em pânico até a visão ser restaurada. Mas, uma

fração de segundo depois, estou olhando de novo para a mesma cerca preta e alta de ferro. A mesma calçada vazia. O mesmo batente dourado e bem polido. Não consigo evitar. Parte de mim quer atravessar a rua e tocar a campainha – dizer ao primeiro-ministro que ele está sendo protegido por um assassino.

Então, outro pensamento, mais assustador, me ocorre: *Talvez ele já saiba.*

“Então, tenho certeza de que o primeiro-ministro não matou a sua mãe!”, conclui Noah, orgulhoso de si.

“Eu sei que o primeiro-ministro não a matou”, digo a ele.

Noah dá um suspiro realmente aliviado.

“Que bom. Por um segundo, pensei que você fosse dizer...”

Um bonde está vindo, sua sineta tocando no ar. Quando ele passa, eu espio o outro lado da rua, olho fixamente para um homem que está saindo da residência do primeiro-ministro, e digo: “Ele a matou.”

Conheço o modo como as pessoas me olham quando pensam que sou louca. É uma das consequências de ser eu mesma. Por isso, sei que Noah não pensou que eu estava inventando – que a minha cabeça estava me pregando alguma peça ou que era apenas o trauma falando. Mas ele ainda parece surpreso ao murmurar: “É ele.”

Surpreso e um pouco aterrorizado.

Procurar um assassino na segurança do seu quarto dentro de uma embaixada é uma coisa. É completamente diferente quando o assassino está prestes a atravessar a rua e vir na sua direção.

“É ele mesmo”, diz Noah outra vez.

“É”, digo. “É ele.”

“Temos que fazer alguma coisa”, diz Noah. “Temos que contar ao seu avô ou... sei lá.”

“Eu *contei* ao meu avô. Ele disse que o nome do Homem da Cicatriz é Dominic Novak. Que ele é o chefe de segurança do primeiro-ministro e que é de forma geral um cara legal. Ele acha que eu sou louca.”

“Ele não disse isso, Grace”, avalia Noah.

Noah é legal e fofo, um pouco ingênuo. Tenho que balançar a cabeça ao dizer: “Eles dizem *sempre*.”

Quando o Homem da Cicatriz atravessa a rua, chega a um metro e meio de nós, quase perto o bastante para eu esticar o braço e tocar a cicatriz no lado esquerdo do seu rosto. Por um segundo, fico tentada a fazer exatamente isso – para me convencer de que ele é real. Uma coisa foi olhar para ele através de uma pequena abertura na porta. Mas agora estou numa rua ensolarada. Posso ouvir pássaros cantando e as sinetas longínquas dos ônibus elétricos. Tudo à minha volta está vivo. Mas, assim que eu vejo aquela cicatriz, penso em morte.

“Grace”, diz Noah muito, muito devagar, “ele ainda está atrás de mim?”

“Está... não. Ele está andando agora.”

“Certo.” Noah respira fundo. “Certo. Bom. Agora a gente pode procurar alguém, ou fazer alguma coisa, ou...”

“Não há ninguém para a gente procurar, Noah.”

“Mas alguém tem que fazer alguma coisa!”

“Eu sei.” Meto a mão na bolsa que tenho a tiracolo e tiro os walkie-talkies que ganhei no meu aniversário de doze anos. “É por isso que vamos segui-lo.”

Noah e eu continuamos colados, tentando seguir o ritmo do homem. Ele é errático, contudo, como se soubesse que alguém pode estar aqui atrás. E então compreendo que, sim, ele provavelmente sabe.

“Só para eu entender direito”, diz Noah, a voz mais baixa do que precisaria ser, “este homem é o chefe de segurança do líder de um pequeno, mas importante, país europeu.”

Devo ter fuzilado Noah com os olhos, pois ele se afasta, magoado.

Ele joga as mãos para o alto. “Que foi? Só achei que alguém devia dizer o óbvio.”

“Tudo bem”, digo, enquanto o Homem da Cicatriz entra numa outra rua movimentada. Noah e eu esperamos um pouco e então continuamos, colina acima.

“O óbvio, no caso”, continua Noah, um pouco resfolegante, “é que é provável que ele seja um assassino supersecreto ou algo assim. E que eu não sou tão durão quanto pareço.”

“Não tem problema”, digo a ele. “Eu sou muito mais durona do que você parece.”

Noah baixa a minha bola com uma encarada furiosa. Ele não está provocando quando diz: “Você não acha que isso pode estar um pouco fora da nossa alçada?”

Não posso dizer que ele está errado. Nem que está certo. Não posso dizer a Noah nenhuma das coisas que ele provavelmente tem direito de saber, principalmente porque ainda não quero perdê-lo. Não quero queimar etapas e chegar logo à parte em que ele tem pena, não confia em mim ou até mesmo me odeia. Gosto do fato de ele ser diferente, desta maneira tão essencialmente dele, de todo mundo que já conheci.

Passamos por uma loja de antiguidades e, por um momento, eu paro. Congelada dos pés à cabeça.

Vejo o rosto da minha mãe na vidraça, ouço a garotinha perguntar: "Mamãe, você gosta deste medalhão?"

Mas minha mãe não responde. Ela nunca mais vai responder.

E é por isso que me viro para Noah e digo: "Somos os únicos que podem fazer isso. E, neste momento, somos tudo o que temos." É isso mesmo que eu quero dizer, com toda força. Com muito mais força do que ele jamais vai saber.

Quando o Homem da Cicatriz vira, entrando em outra rua, começo a segui-lo. Mas esta rua não é movimentada como a última. É estreita – não passa de uma viela, ladeada de apartamentos e casas. Calma e pacata, o tipo de rua onde um agente treinado saberia se tem alguém na sua cola.

"Temos que nos separar."

"O quê? Não! Não vou sair de perto de você."

"Foi por isso que a gente trouxe os walkie-talkies", digo a ele, já saindo pela rua.

"Grace, espere!"

"Só vai até o final do quarteirão. Espera lá. Vou lhe dizer onde a gente vai se encontrar. Aí você pega o meu lugar e a gente reveza – simples assim."

"Grace..."

"Eu vou ficar bem, Noah", digo a ele. Aperto o botão do walkie-talkie. "Viu?" Minha voz ecoa em estéreo. Arranhada e perturbadora. "Estou bem."

Uma das consequências de ter o mundo pensando que você é louca é que você tem sempre que lembrar a verdade a si mesma. Sempre. Ainda mais se você não

gosta necessariamente do que tem a dizer. E, neste exato momento, estou sozinha numa rua tão estreita que só ao meio-dia o sol brilha sobre ela. Estou andando a uns trinta metros do homem que matou a minha mãe, checando meu telefone, tentando agir como uma adolescente normal, inofensiva e bem ajustada.

Mas eu não sou nenhuma dessas coisas.

E não estou nem perto de estar bem.

"Olá, Grace", diz alguém uma hora mais tarde. Dou um pulo, assustada. Ela simplesmente apareceu do nada? Ou estou com tanta fome, tão cansada e focada no meu alvo que ela está me seguindo há meia hora e eu nem notei?

Em todo caso, tento parecer o mais calma possível ao dizer: "Oi, Rosie."

A garota minúscula chega mais perto. "O que você está fazendo?"

"Desculpe, Rosie, mas estou meio ocupada no momento."

Começo a dobrar a esquina; preciso estar pronta se e quando Noah disser que está na minha hora. Mas do que eu mais preciso é que Rosie se afaste de mim. Já é ruim o bastante que eu tenha corrompido Noah; não posso suportar o pensamento de pôr Rosie em perigo também.

Mas Rosie está segurando uma gargalhada. "Ah, dá para ver."

Já estou quase perguntando o que ela acha tão engraçado quando a voz de Noah soa no walkie-talkie, que estou segurando atrás das costas. "Grace, temos uma movimentação no lado sul do edifício. Repito, temos uma movimentação, e está indo na sua direção."

Olho para Rosie. Rosie olha para mim.

“Grace”, diz Noah após um instante. “Grace, está me ouvindo?...”

“Anda”, diz Rosie. “Responde.”

Devagar, levanto meu walkie-talkie. “Estou ouvindo.” Não consigo tirar os olhos da garotinha que tem um sorriso nos lábios, muito satisfeita consigo mesma.

“Você está fazendo tudo errado”, diz Rosie.

“Sinto muito, Rosie. Eu gostaria de poder ficar, mas eu...”

“Você está tentando seguir um dos homens que mais entende de segurança em Adria, isso sem falar que ele é paranoico”, diz Rosie. *“E você está fazendo tudo errado.”*

Por um momento, só fico olhando fixamente para ela. Não tenho a menor ideia do que dizer. Tudo o que sei é que *não* vou dizer que ela está louca – que está inventando aquilo tudo. Enquanto eu viver, nunca vou usar isso como arma contra outro ser humano.

Rosie olha para o meu queixo caído, minha expressão pasma. “Passei a vida inteira seguindo pessoas que pensam que são mais interessantes do que eu, Grace.”

“Mas...”

“Eu não sou uma idiota! Tenho só doze anos. Sou uma garota que tem doze anos e nenhum destes dois fatos é culpa minha.”

Eu tinha treze quando a minha mãe morreu, quando contei a minha história. Quando comecei a “passar por momentos difíceis”, como o meu avô gosta de dizer. Será que teriam me trancafiado se eu tivesse trinta? Se eu fosse um menino? São perguntas que não ouso fazer.

“Grace?” A voz chiada de Noah corta o ar. “Grace, você está aí?”

Antes que eu possa detê-la, Rosie pega o walkie-talkie da minha mão vacilante.

“Noah”, diz ela no aparelho. “Aqui é Rosie. Fique a vinte metros de distância e não atravesse a rua. Nós vamos ficar à frente dele.”

Ela me devolve o walkie-talkie. “É assim que se faz.”

Sou muito boa para subir em árvores, para nadar e para escalar janelas. Já Rosie, o que ela faz melhor é desaparecer.

Ela é pequena o bastante para se esquivar, totalmente invisível, entre as pessoas no mercado cheio. Ela se mistura facilmente com turistas reunidos à frente do palácio. E, quando o homem com a cicatriz para de uma hora para outra e dá meia-volta, passa direto por ela – *e Rosie o deixa passar* –, como se ambos estivessem exatamente onde deveriam estar.

Noah e eu fazemos o que ela manda praticamente o tempo todo. Quando ela diz para pegarmos um bonde, nós pegamos. Quando diz para nos separarmos e esperarmos em esquinas opostas na frente da catedral, nós o fazemos também. Somos alunos de uma ninja de doze anos. E temos muito o que aprender.

Quando o Homem da Cicatriz sai da igreja e toma uma rua que eu nunca tinha visto antes, eu sou a que está mais perto, então a tarefa de segui-lo é minha.

Os romanos construíram esta parte da cidade, e estou andando sobre pedras arredondadas de calçamento mil anos mais velhas do que meu país natal. O mundo mudou. Guerras causaram sua devastação e governos ascenderam e caíram, mas as ruas de Valancia continuam exatamente as mesmas. Cheia de curvas, entrelaçadas e subindo.

Ao seguir por uma rua sinuosa o homem que matou a minha mãe, há um momento em que percebo que não estou com medo. Na verdade, estou feliz por existir alguma coisa concreta que eu possa fazer. Se posso vê-lo, posso segui-lo.

E, se posso segui-lo, posso encontrar provas do que aconteceu três anos atrás. E então vou poder fazer o que tenho dito a mim mesma desde aquela noite fatídica: seguir em frente.

Há risadas na rua atrás de mim. Uma garotinha segura com força a mão do seu irmão.

"Jamie, vem!"

"Não tem nada aí, Gracie."

"Mas eu vi a mamãe vir por aqui."

"Não. Está vendo, Grace? A mamãe não está aqui."

"Grace?", diz Noah. "Grace, você está aí?"

Nós nos livramos dos walkie-talkies e fazemos uma conferência por voz no celular. Há um receptor de áudio no meu ouvido. Estou me sentindo como James Bond. Se é que James Bond já fez alguma missão com uma ex-ginasta de doze anos, claro.

"Está vendo ele?", pergunta Rosie.

"Ainda não", digo, pois a rua se curva ligeiramente. Avanço em silêncio, esperando ter uma linha clara de visão. "Eu", gaguejo e paro, não tentando mais amortecer minha voz, "o perdi. Eu o perdi."

"O quê?", diz Noah abruptamente.

"É um beco sem saída", digo. "A rua faz uma curva, e de repente ela acaba. Acaba bem aqui."

"Ele deve ter voltado", diz Rosie. "E você não deve ter visto."

“Você deixou de olhar algum momento?”, pergunta Noah. “Foi distraída por alguma coisa?”

Por um segundo, não posso responder. Examino a memória.

“Não... Quer dizer, não o deixei passar”, digo, olhando em volta a rua vazia, que foi ficando cada vez mais estreita. Do lugar onde estou, ela não é muito mais do que uma viela, e estou sozinha. Seria impossível eu ter deixado de ver um carro ou um pedestre. Teria sido óbvio.

O Homem da Cicatriz não retornou. O Homem da Cicatriz *desapareceu*.

Fico um bom tempo ali parada, olhando a viela vazia e pensando naquela menininha que tinha certeza de ter visto a mãe ir por aquele caminho. Não é a primeira vez que tenho que me perguntar para onde foi a minha mãe e por que não consigo segui-la.

CAPÍTULO VINTE E UM



O Homem da Cicatriz é enfadonho.

Ao menos, é isso que ele finge ser nos três dias seguintes. Quando não está ao lado do primeiro-ministro, senta-se num bar na calçada, bebendo uma única xícara de café e lendo o jornal. Ele olha livros que não adquire, e compra mantimentos que deixa na loja para entregarem depois. Certamente não tem encontros clandestinos nos quais fala sobre ter matado a minha mãe. Pelo menos não que eu tenha detectado.

Acaba que Rosie fica de saco cheio e Noah, ocupado, e só a memória da minha mãe me acompanha, olhando vitrines de lojas e tomando sorvete nos dias quentes.

Tento seguir o Homem da Cicatriz de novo por contra própria, mas o perco no mercado. Tenho a impressão de que Dominic não é o único que foi tragado por um beco sem saída. Não há absolutamente nenhum outro lugar aonde minha investigação possa me levar. É por isso que estou na Ala das Embaixadas num dia nublado, olhando a rua onde ela faz a curva e sai do campo de visão. Estou procurando outro ângulo.

Então, vejo Alexei.

Ele está sozinho ao sair da embaixada russa. Anda até a porta vizinha e fala com um dos nossos fuzileiros, que balança a cabeça e ri. Alexei ri também. A cena parece surreal. Eu quase me sinto culpada – como se não devesse espionar Alexei.

O Alexei que tinha sumido dentro do palácio.

O Alexei que estava no andar superior justo antes de o Homem da Cicatriz se encontrar com algum cúmplice misterioso.

O Alexei que me viu no meu pior momento, o que eu nunca, jamais vou perdoar.

Talvez eu pense que de algum modo ele está envolvido. Talvez eu esteja aqui só para praticar. Ou talvez simplesmente porque goste da aparência de Alexei visto de trás. Eu não estou pensando em *porquês* ao observá-lo ir embora.

Alexei não me vê. Eu o observo passar do outro lado da rua, espero até ele estar bem à frente e saio para segui-lo. Não sei o que espero ganhar com isso. Só espero que não tenha nada mais a perder.

Quando Alexei vira e pega uma das ruas íngremes que levam ao palácio e ao centro da cidade, não penso duas vezes. Viro a esquina... e dou de cara com a Lila.

“O que você está fazendo aqui?”, pergunta ela, irritada.

Por cima do ombro dela, vejo que o pai de Alexei se encontra com ele na rua. Ele está gritando com o filho. Alexei sai de fininho, como se estivesse encrencado. Mas isso não pode ser possível. Alexei é a versão russa do Jamie. Alexei não faz nada de errado.

“Você está me ouvindo?”, grita Lila.

“Não, na verdade, não estou”, digo a ela. Lila cruza os braços. Ela não está tentando bancar a boazinha, nem eu.

“Ele não está aqui”, diz Lila antes de eu dizer outra palavra. Ela joga a cabeça na direção do portão que está batendo atrás dela. “Noah é a razão de você estar aqui, não é?”

Só então compreendo que na verdade estou diante da embaixada de Israel. Ela fica na interseção de duas ruas movimentadas em Valancia, mas Lila não dá a menor bola para isso.

“Nosso pai está jogando em algum torneio de futebol beneficente e fazendo o Noah jogar também.”

“O Noah é futebolista?”, pergunto, genuinamente surpresa.

Lila zomba da minha ignorância. “Ele é *jogador de futebol*”, diz ela. “E todo mundo sabe que o meu irmão joga. É a única coisa em que ele é mais ou menos decente. Então, como já disse, meu irmão está ocupado.”

“Hmm... Sei.”

Megan vem pela rua, e, quando vê Lila e eu juntas, por uma fração de segundo dá a impressão de que gostaria de fugir. De se salvar. E não posso dizer que a culpo.

“Oi, Megan”, digo. Não nos falávamos desde o dia em que ela invadiu o computador da senhorita Chanceler para mim.

“Tudo bem?”, pergunta Megan.

Lila ri.

“Estou bem”, digo. Alexei e o seu pai já estão longe colina acima, subindo para o palácio e o centro da cidade. “Na verdade, eu estava mesmo indo embora.”

“Por que a pressa?”, diz Lila. Ela dá um passo na calçada, bloqueando meu caminho. “Eu estava querendo falar com você.”

“Uau. *Você* estava querendo falar *comigo*. Ah, meu Deus!”, digo, derramando sobre ela meu entusiasmo debochado. “Eu estava esperando este dia chegar. Nós vamos ser melhores amigas para sempre? Porque eu realmente adoraria ser a sua melhor amiga para sempre... Mas só se este sempre for mesmo *para sempre*!”, acrescento, sussurrando e com uma piscadela.

“Alguém acha você tão engraçada quanto você pensa que é?”, pergunta Lila.

“Depende. Algum dia alguém achou que você tem tanto poder quanto você pensa que tem?”

“Escuta”, diz Lila, respirando fundo, como se estivesse propondo uma paz temporária. Ela dá um passinho e se aproxima ligeiramente, abaixando a voz e imprimindo mais força nas palavras. “Você precisa ficar longe do meu irmão.”

“O irmão que você detesta?”, pergunto.

“O irmão que já tinha problemas mais que suficientes antes de você dar as caras.”

“Que tipo de problemas o Noah tinha?”, pergunto. Pensar nisso quase me faz rir.

“Ele está melhor sem você”, diz Lila, ignorando a minha pergunta. “Ele não precisa de você. Está me ouvindo?”

“Sim, senhora”, digo.

“Estou falando sério”, diz Lila. “Noah não precisa que você o leve junto quando você cair.” Lila me olha lentamente de cima a baixo. Dá para sentir o peso da sua encarada, da verdade fundamental que há nas suas palavras ao dizer: “Porque pessoas como você sempre caem.”

Começa a chover, e Lila não quer se molhar. “Vamos, Megan”, diz ela abruptamente, e começa a andar. Mas, por uma fração de segundo, Megan não se move. Por uma fração de segundo, parece que Megan não quer ir.

Penso na garotinha que sempre aparecia trazendo suas Barbies, tento conciliá-la com o gênio da computação que tinha acabado de me prestar talvez um dos maiores favores da minha vida. E, finalmente, me lembro da expressão nos olhos de Megan ao dizer para eu ter cuidado. Mas, quaisquer que tenham sido os momentos que eu e Megan compartilhamos, eles acabaram há muito tempo.

“Megan!”, grita Lila.

Megan a segue.

Fico ali por um longo tempo, ouvindo o estalido dos seus saltos contra as ruas de calçamento de pedras. Soam como cavalinhos minúsculos, desaparecendo na distância.

Talvez Lila tenha olhado para trás. Talvez ela pense que realmente me pegou, que me queimou com a chama das suas palavras, e que por isso estou paralisada onde estou.

Mas ela não pode ver o que eu vejo.

O calçamento de pedras é antigo. Todos os turistas que visitaram Adria já ouviram falar dos romanos e dos mongóis, dos cruzados e dos turcos. Todos estiveram em Adria. Todos vieram, viram e venceram. E caíram.

Lila estava certa sobre esta parte. Uma hora, todo mundo cai.

Está começando a chover forte e a água corre nas sarjetas, enchendo as bordas da rua. Eu a observo ondular colina abaixo, presumivelmente para o mar.

Ainda estou lá, os olhos fixos no chão. Mas a coisa mais estranha está acontecendo. A água não está correndo direto. Na verdade, há um lugar em que ela para totalmente de correr. Como um redemoinho minúsculo no meio da rua. Ali, as pedras não são como as outras. O padrão é diferente. Ele desenha uma

espiral, como a água, e há um emblema no centro. Estendo a mão para a água fria e a sigo, sabendo no fundo da alma que já havia visto algo parecido antes.

Lila tem razão. Nós todos caímos.

E caímos.

Há uma risada na rua atrás de mim. Uma mulher segura um guarda-chuva numa mão e uma garotinha na outra. Juntas, elas correm na chuva. "Depressa, Grace!", diz ela na hora em que a garotinha pula numa poça.

Meus olhos se enchem de lágrimas, e eu pisco uma vez. Duas.

Quando vejo o Homem da Cicatriz com o canto dos olhos, não estou inteiramente certa de que não estou sonhando. Mas não, eu decido, ele é muito, muito real. Na mesma hora, me esqueço de tudo sobre Lila e Megan, sobre Alexei e o seu pai. Só há uma coisa na minha mente ao ver o Homem da Cicatriz andando sem guarda-chuva, a gola levantada, praticamente correndo colina acima. Aonde quer que ele esteja indo, está com pressa. Então, faço o que toda garota mentalmente desequilibrada de respeito faria.

Eu o sigo.

Corro o mais rápido a que me atrevo nas ruas molhadas e irregulares. Uma vez, até escorrego, mas consigo me recuperar antes de cair de cara na calçada. Os lojistas guardam seus mostruários. Pessoas se amontoam sob os toldos dos cafés ao ar livre. Nos ônibus de dois andares, todos se apressam para pegar lugares no andar de baixo.

Todos querem calor e proteção contra a chuva. Todos, exceto a adolescente americana desvairada, que corre o mais rápido que pode pela Ala das Embaixadas. Pareço apenas mais uma que a chuva pegou na rua, correndo para casa. Mas, quando chego à minha casa, continuo correndo.

Meu cabelo gruda no rosto. Minha camiseta cola em mim, fria e talvez de maneira levemente escandalosa. Não ligo. Não paro. Simplesmente continuo correndo pela rua sinuosa.

O Homem da Cicatriz está indo bem rápido, mesmo na chuva. Devo estar sobressaindo mais que o usual, mas é como se houvesse uma cortina de neblina e chuva entre nós. Ele não está preocupado se alguém o está seguindo.

Ele vai por uma viela estreita que nunca vi antes, e fico cuidadosamente para trás. Não quero ser encurralada. Não quero ser vista. Não quero ser derrotada.

Eu espero, contando, paciente.

Depois de estar bastante segura de que tempo suficiente se passou, viro a esquina e descubro que o Homem da Cicatriz sumiu completamente.

Isso não devia me alegrar, mas me alegra. Dou uma boa gargalhada e jogo a cabeça para trás, olhando o céu, sentindo a chuva no meu rosto. Então, olho para baixo, para os paralelepípedos. A água flui nas sarjetas e escorre dos telhados. Ali, em plena encosta, ela corre rápido em todos os lugares, menos um.

Prendo a respiração ao andar bem devagar na direção da água girando, redemoinhando. Uma pequena poça se acumulou no meio da rua em declive. Minha mão está fria, mas não é por isso que ela está tremendo ao afundar na água e tatear o emblema na pedra central.

Minha respiração para definitivamente quando eu a pressiono e observo, à medida que as pedras se deslocam lentamente, uma estreita abertura descendo para o escuro.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



Sei que é hora de ser inteligente. É hora de tomar muito cuidado. Por um instante, penso realmente na hipótese de buscar uma lanterna, mas ele poderia escapar. Já não consigo vê-lo na escuridão abaixo de mim. Não vou arriscar perdê-lo outra vez.

Há uma escada na parede lateral do buraco, e começo a descer por ela. Conto trinta degraus antes de estar sobre um piso áspero, frio e sólido. A água da chuva escorre pela abertura lá em cima.

Levanto o olhar a tempo de vê-la fechar-se. À luz indistinta e quase extinguida, vejo o sistema de polias que aciona as pedras. É antigo, percebo. E então me corrijo. É *ancestral*.

Não consigo deixar de pensar no que Rosie disse naquela primeira noite na Ala das Embaixadas: *existem quinhentos quilômetros de túneis debaixo da cidade.* Talvez mais. Provavelmente mais. E sei que estou neles. As misteriosas idas e vindas do Homem da Cicatriz começam a fazer sentido.

Finalmente, sinto como se talvez o Homem da Cicatriz não estivesse assim tantos passos à minha frente.

Por um instante, fico parada em silêncio e deixo meus olhos se adaptarem ao escuro. Há tochas nas paredes, alinhadas como bicicletas à espera dos seus

donos. Na extrema escuridão dos túneis, consigo discernir uma luz tremeluzindo à distância. O Homem da Cicatriz já escolheu uma tocha para guiar seu caminho, mas não me atrevo a pegar uma para mim. Não posso arriscar que ele saiba que não está sozinho. Além disso, não tenho como acendê-la. Passei os últimos três anos evitando coisas que queimam. Assim, começo a avançar pelo túnel na base da confiança, tateando o caminho.

As paredes são irregulares porém suaves, como se tivessem sido cavadas à mão e desgastadas com o tempo. O chão está um pouco escorregadio, e sigo a água que escoa, ciente de que estou descendo a colina. Como as ruas que correm acima, os túneis não são retos. Eles fazem curvas e serpenteiam, retornam. Às vezes, o peso fez desabar toda uma passagem. Às vezes, pego meu celular e o uso para jogar um pouco de luz, mas, na maior parte do tempo, confio no eco dos passos do Homem da Cicatriz e no brilho hesitante e distante da sua tocha para me orientar... Até que ela se apaga.

Não ouso pegar meu telefone e correr o risco de delatar minha presença. Na cegueira que resulta disso, vou engatinhando no túnel até meu pé bater na tocha caída no chão, ainda quente ao toque. Ele está voltando para pegá-la, eu simplesmente sei, mas não deixo o medo tomar conta de mim.

Tateio as paredes. O chão. Então, olho para cima e vejo uma pequena fissura pálida de luz, trespassando algo que parece ser a tampa de um alçapão.

A chuva deve ter parado, pois não há mais água no túnel. Não sei onde estou. Não tenho a menor ideia do que possa estar acima de mim. Mas também sei que só há uma maneira de descobrir. Prendo a respiração.

E subo.

Ao emergir num espaço escuro, meu primeiro pensamento é o de que estou num prédio, não na rua. Há um carpete, mas não do material felpudo e macio do palácio. O tecido sob a palma das minhas mãos é áspero, industrial. O tipo de

coisa feita para aguentar uma explosão nuclear ou um bando de turistas com os pés enlameados. Tão severo e moderno que o contraste parece uma chicotada – como se as minhas mãos e os meus joelhos tivessem me arrastado literalmente de um século para o seguinte.

As luzes estão apagadas, mas há uma janela estreita no alto da parede, provavelmente com vista para o nível da rua. Um pouco de luz ambiente entra por ali e preenche o espaço enquanto vou tateando as paredes, de reboco comum. Olho as lâmpadas fluorescentes suspensas acima de mim. O teto é baixo e não há nada nas paredes – nenhuma placa ou algo semelhante que indique onde eu possa estar. Devo ter seguido o Homem da Cicatriz até o seu escritório ou a sua casa, até o subsolo de qualquer casa ou empresa do país.

Não há absolutamente nenhum modo de eu saber onde estou, portanto trato de ficar completamente imóvel. Esperando. Prestando atenção. Então, ouço vozes.

Sequer me ponho de pé. Tenho medo demais de que o assoalho possa ranger, de que meus joelhos possam estalar. Enquanto vou de gatinhas dar uma espiada num canto, não me atrevo a fazer nada que rompa o fluxo do momento.

No final do corredor, há uma porta com uma frestinha aberta. Uma luz branda arde lá dentro, e consigo distinguir a forma dos ombros que estive seguindo há dias.

Reconheço a voz assim que o Homem da Cicatriz diz: “Haverá muitas oportunidades. Mais do que o suficiente.”

Do outro lado da porta, ouço murmúrios. Alguém fala com ele, mas não consigo decifrar as palavras. No subsolo, há água correndo em tubulações. Ar quente e ar frio fluem em respiradouros. A voz do outro lado da porta não alcança os meus ouvidos. Então me aproximo devagar.

“Vai ser um trabalho fácil”, diz o Homem da Cicatriz. Vejo que ele começa a se virar, então saio depressa. Recuo mais e mais rápido. É como se o corredor

estivesse em chamas e eu não pudesse parar por tempo suficiente para me levantar.

Porém, ao chegar ao alçapão, fico petrificada. A voz do Homem da Cicatriz ecoa nos meus ouvidos:

“Existem muitas maneiras perfeitamente adequadas de morrer. Só tenho que encontrar uma.”

Estou de volta ao túnel.

Estou correndo – caindo. O terreno está molhado e eu perco o equilíbrio. Caio de lado. Minha cabeça está girando, mas me obrigo a levantar, sem me preocupar mais se ele está me ouvindo. Não quero mais saber para onde ele está indo. O que está fazendo.

Corro cada vez mais rápido por túneis que espiralam e se ramificam. Logo, já não tenho mais ideia de por onde vim. Sem a luz do Homem da Cicatriz, estou enredada na escuridão. Investindo à minha frente. Usando as mãos.

Quando topo com outra escada, não tenho ideia de onde ela possa levar, mas minhas opções são subir ou morrer, então estico os braços para os degraus antigos enquanto um pensamento ocupa minha cabeça; há um fato que não consigo me fazer esquecer. Mas não há tempo para pensar nisso agora, então meto a mão na tampa do alçapão no alto da escada, empurro com mais e mais força, mas ela não cede.

A certa distância no túnel, posso ver uma luz tremeluzir. O Homem da Cicatriz está chegando mais perto. Ele vai me encontrar. Ele vai me matar. Então, jogo o ombro contra o alçapão. De novo, e de novo, e...

Ouço um estrépito quando a porta é arrombada, mas não paro para pensar quando salto para o outro piso, desconhecido, e bato o alçapão com força atrás

de mim.

Instantaneamente, luzes se acendem. Meus olhos, agora tão acostumados à escuridão, queimam com o clarão.

Há gritos e clamores numa língua que não conheço. Instintivamente me encolho em posição fetal, minha respiração ficando mais difícil à medida que os gritos vão ficando mais altos. Se entendo ou não as palavras, pouco importa. Há um pensamento martelando sem parar na minha cabeça.

O Homem da Cicatriz matou a minha mãe... E ele vai matar novamente.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



Meu avô não está nada contente. Para ser justa, não conheço muitos homens que fossem gostar de ter sua neta arrastada para casa à noite, desgrenhada e encharcada até os ossos, depois de aparecer na embaixada da Coreia do Sul, absolutamente sem ser convidada ou anunciada.

Quer dizer, eu sei que não sou *expert* em diplomacia. Mas aparecer no subsolo, molhada e apavorada, provavelmente não é a melhor maneira de fazer a sua entrada. Até eu sei disso.

Mas foi isso que eu fiz. E agora é hora de enfrentar as consequências.

O homem que me acompanhou até aqui manteve garras mortais no meu braço. Ficamos lado a lado à frente da escrivaninha do meu avô, como se estivéssemos ali para uma espécie de revista da tropa. Meu avô me fita nos olhos como um carrasco faria. A senhorita Chanceler espia por trás dos ombros dele, incerta quanto a rir ou a gritar. Ela já não olha mais para mim como se quisesse que fôssemos amigas. Estou segura de que ela provavelmente nunca mais vai tentar me dar um bombom de novo.

Meu avô e o meu captor conversam em coreano fluente. Ninguém se oferece para traduzir, mas, mesmo sem entender as palavras, sei exatamente o que eles estão dizendo. Quando meu avô abaixa a voz e fala mansamente, o homem solta meu braço e me olha. A verdade sobre o que o meu avô acaba de lhe contar está

escrita em todos os traços do rosto dele. Chamo esta expressão específica de *o sorriso da mãe morta*. É como ele está me olhando agora. A inclinação da cabeça. Os lábios ligeiramente revirados. *Ah, pobrezinha,* pensa ele. Quando fala novamente, sei que é isso que ele vai dizer.

É um passe livre, e meu avô sabe disso. Como eu supostamente deveria saber que é rude aparecer não anunciada em subsolos de governos estrangeiros? Não tenho mais uma mãe que me diga para não fazer isso.

“Gracie.” A voz do meu avô me traz de volta. “O que você tem a dizer em sua defesa?”

Há uma possibilidade de que se trate de uma pergunta capciosa. Assim, espero um instante antes de decidir falar. Cuidadosamente, olho do meu avô para o homem da embaixada da Coreia do Sul, e dele para a senhorita Chanceler, que sugere que eu vá em frente com um aceno discreto.

“Bem, eu estava passeando e... começou a chover”, digo bem devagar. “Aí, eu me perdi. Não sabia onde estava. A calçada estava escorregadia, eu caí por uma espécie de buraco e acabei num túnel. E não dava para voltar. Então, comecei a andar. Mas estava tão escuro lá embaixo. E eu estava molhada, com frio e com medo.” Olho para o nosso visitante. “Eu estava com muito medo”, digo a ele. Minha voz fraqueja de repente.

“Aí, eu vi uma escada e uma espécie de alçapão. Comecei a subir e... a próxima coisa que sei é que estava na sua embaixada. Mas eu não sabia que era a sua embaixada!”, apresso-me a acrescentar. Estou quase tremendo ao baixar os olhos fitando o chão. “Eu só estava tentado encontrar uma saída.”

Bem que eu queria estar exagerando, mas o terror que senti ainda está fresco demais, e há tanta verdade na minha mentira que essa talvez seja a coisa mais honesta que eu já disse na minha vida. Mas eles não sabem disso. Ficam

simplesmente me olhando por um longo tempo. É a senhorita Chanceler quem finalmente quebra o silêncio.

“Senhor Kim, eu lhe asseguro, ninguém lamenta este terrível acidente mais do que a própria Grace. Tenho certeza de que ela sente sinceramente por qualquer choque ou preocupação que tenha causado ao seu corpo de funcionários. Não sente, Grace?”

“Sinto, sim. De verdade”, digo.

O homem se vira para o meu avô e diz mais alguma coisa que não compreendo.

Meu avô ri, bate nas suas costas amigavelmente e o cumprimenta com um aperto de mãos.

“Combinado”, diz meu avô. Aí ele se vira para mim. “Gracie, o que você tem a dizer ao senhor Kim?”

Eu o cumprimento numa pronunciada curvatura e uso o meu tom mais reverente ao lhe dizer: “*Juay song hamnida*.”

Isso, finalmente, faz o homem sorrir. Ele se curva em resposta, aperta a mão do meu avô pela última vez, e parte.

“Isso foi muito impressionante, Grace”, diz a senhorita Chanceler, antes que meu avô possa falar.

Dou de ombros. “Eu sei pedir desculpas em sete línguas diferentes. É só uma coisa que você aprende quando você se chama Grace.”

Vovô, porém, não está satisfeito. “Grace, eu realmente não sei por que você estava lá...”

“Eu disse para você por que eu estava lá!”

“...mas você não pode ficar entrando às escondidas em lugares aos quais você não pertence.”

“Eu não estava entrando às escondidas! Eu estava perdida. Eu estava com medo! Eu estava...”, digo, minha voz morrendo quando me lembro de que não estou mentindo.

Eu daria qualquer coisa para estar realmente mentindo.

“Foi aquele garoto que fez você fazer isso?”

“Aquele... Espera. Que garoto?”

“O russo”, diz meu avô com rispidez, e tenho vontade de rir, de tão absurdo que é este pensamento. De que Alexei possa ser uma má influência para *mim*...

“E então, foi ele?”, insiste o meu avô.

“Eu não falo com Alexei desde...” Não quero dizer *desde aquela noite* ou *desde o meu ataque*. Não quero reviver aquilo de jeito nenhum. Então, simplesmente balanço a cabeça. “Eu não falo com o Alexei.”

“Que bom. A Guerra Fria, Gracie... foi coisa fácil comparada a isso.”

Isso o quê? Eu quero saber, mas não pergunto. Em vez disso, fico de cabeça baixa, assentindo muito discretamente.

“Eu estava com muito medo.”

Talvez seja a suavidade da minha voz, o leve tremor nas palavras. Talvez eu seja parecida com a minha mãe. Qualquer que seja a razão, nem meu avô nem a senhorita Chanceler me repreendem mais.

“Por hoje basta, então”, diz ele.

“Sim. Por hoje”, responde a senhorita Chanceler. “Nós devemos conversar com eles em mais ou menos uma semana para saber como estão. Talvez o embaixador coreano vá...”

“Ele vai matar de novo”, digo, mas as palavras mal chegam a ser um sussurro.

“O que foi?”, pergunta meu avô. Não dá para saber se ele não ouviu ou se está apenas fingindo, e então decido que é melhor deixar para lá.

“Não importa”, digo, dando de ombros e balançando a cabeça. “Você nunca se importou antes.”

Quero sair tempestuosamente, dar o meu recado batendo a porta com força. Mas, assim que chego ao corredor, posso ver que não estou sozinha.

“Grace, está tudo bem?”, pergunta Megan, e inclina a cabeça.

Não preciso do cuidado de Megan.

Não quero a compaixão dela.

Não tenho tanta “preocupação” dentro de mim, e neste momento não posso desperdiçar nenhum grama com ela.

“Espero que tenha gostado do espetáculo”, digo, e então saio impetuosamente, antes que ela possa dizer outra palavra.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



Se estão preocupados na manhã seguinte, os sul-coreanos não demonstram. Não há guardas extras. Nem câmeras novas. Provavelmente, o alçapão no prédio vai ser firmemente lacrado depois da minha visita, mas isso não produz nenhum impacto sobre mim. Não mais. O que eu preciso não está dentro da embaixada. Está em torno dela. Em algum lugar.

Não sei onde estive.

Durante pelo menos uma hora, fico do outro lado da rua, olhando sem parar para a embaixada sul-coreana. Entretanto, ninguém me olha de volta, o que fico contente de constatar. Os guardas sequer olham na minha direção. Sou jovem, pequena. Irrelevante. As pessoas que por acaso chegam a notar minha presença veem alguém que não é uma ameaça.

Não sei onde estive.

O Homem da Cicatriz estava se encontrando com alguém, mas não sei quem. Não sei onde. Se tivesse ao menos uma peça do quebra-cabeça, poderia conjecturar o restante. E então... o quê? Impedir um assassinato por um matador profissional internacional? Lançar meu corpo entre o Homem da Cicatriz e sua próxima vítima?

Não deixe acontecer de novo.

Sim. É o que vou fazer. Mas não paro para me preocupar agora. *Como* farei isso é problema para amanhã. Hoje a minha missão é simples.

Não sei onde estive.

Hoje tenho que resolver isso.

Deixo para trás os muros da embaixada do Egito e pego a rua sinuosa que sobe em direção ao centro da cidade, o tempo todo mantendo os olhos colados na pedras abaixo dos meus pés, procurando por qualquer irregularidade no padrão, pelo símbolo que marcava a entrada que encontrei na noite passada.

Quatro horas depois, vi três entradas de túneis, e tenho a forte suspeita de que estou na trilha de mais uma delas. Sem dúvida, a cidade é repleta de túneis, e eles podem levar a qualquer lugar. Mas não ligo para quantos são. Só sei que, se puder encontrar um número suficiente, talvez possa mapeá-los – calcular em que outros lugares a passagem que dava na Coreia do Sul podia levar.

Não sei onde estive.

No dia claro, não sinto medo. Não mais. Tenho um propósito, uma causa. Uma missão.

Uma sombra.

“O que você quer, Alexei?”, pergunto, dando meia-volta na calçada.

O sol está alto e Alexei aperta os olhos contra a claridade, tendo que levantar o rosto para me ver. As calçadas aqui são íngremes, subindo em direção ao palácio, e isso me deixa contente. Gosto de ser mais alta do que ele, mesmo que temporariamente. Uma ilusão.

Ele nem diz oi.

“Você está bem?”, diz, em vez disso.

“Estava bem até uns trinta segundos atrás”, digo.

“Eu soube...”, começa ele, então a voz diminui, provavelmente porque sou frágil demais. Ele acha que não quero ser lembrada do que aconteceu na noite anterior. O que eu quero de verdade é empurrá-lo ladeira abaixo. “Você está bem, Grace?”

“Sim! Estou. Está me ouvindo? Está tudo certo. Perfeitamente normal. Tranquilíssimo. Como é que se diz *numa boa* em russo?”

“Não estou brincando.”

Dou um passo para me aproximar e agora posso sentir o peito dele contra o meu. Estou olhando diretamente em seus olhos. “E eu estou rindo, por acaso?”

“Você invadiu uma embaixada, e depois apareceu no subsolo de outra? Se você está tentando começar uma guerra, está fazendo um bom trabalho.”

“Eu me perdi, Alexei. Estava na rua durante a chuva e caí num dos túneis. Foi um *acidente*.”

Assim que eu digo a palavra, tenho a impressão de que vou engasgar. Eu a ouvi com demasiada frequência, por tempo demais. Não quero dizê-la agora. Nem nunca mais. Mas tenho que fazê-lo. Digo novamente.

“Foi um acidente, Alexei. Eu estou bem.”

“Está? Está mesmo?” O modo como Alexei me olha dá vontade de correr – não para o quarto da minha mãe nem para a embaixada do meu avô. Não para algum lugar em que alguém possa pensar em me procurar. Quero desaparecer e nunca, nunca mais voltar.

Alexei se aproxima ainda mais. Quando ele inspira, o peito dele roça levemente o meu. Ele me encara com olhos que são mais azuis do que o mar, e estende a mão para pegar a minha. “Se você precisar de mim...”

“Não preciso.”

“Mas se precisar...”

“Eu não preciso de você, Alexei. Entendeu?” Não dá para suportar estar tão perto dele. Ele sempre foi dourado. Como o sol. Seu toque queima, e eu tiro a mão com um puxão, recuo para a posição de superioridade. “Agora você já pode ligar para o Jamie e dizer que estou bem. Que você cumpriu seu dever e já pode ser liberado da sua obrigação ou sei lá que juramento de sangue vocês andaram fazendo. Eu estou bem. Está me ouvindo?”

Eu esperava que ele reagisse. Ou, pior, que risse.

Mas ele só balança a cabeça. “Você acha que eu me preocupo porque você é irmã do Jamie? Talvez eu goste de você, Gracie. Talvez eu me preocupe com *você*.”

Essa é a pior coisa que ele podia me dizer. Porque agora vou ter que perder o pouco de respeito que tinha por ele. Ele devia saber.

Forço uma gargalhada. “Se eu quisesse começar uma guerra, nós já estaríamos numa agora.”

Isso, finalmente, o faz sorrir. “Isso é verdade.”

“Eu estou bem.”

“Você não está bem, Grace. Mas eu quero que você esteja.”

Quando Alexei se vira e volta pelo caminho em que veio, eu o observo afastar-se. Não me permito pensar na facilidade com que o Homem da Cicatriz poderia ter me pegado ontem à noite, em como ninguém me encontraria – talvez nunca. Rosie disse uma vez que as catacumbas e os túneis estão cheios de esqueletos, mas não me deixo pensar na facilidade com que eu poderia ter virado um deles.

Acordei esta manhã pretendendo explorar as ruas em torno da Ala das Embaixadas, as lojas e vielas. Acordei esta manhã pretendendo procurar entradas de túneis e talvez usá-las para fazer um mapa e tentar descobrir onde estive. Ser inteligente. Ficar fora de perigo.

Mas Alexei mudou isso.

Ser inteligente e ficar fora de perigo são as coisas mais distantes do meu pensamento, e agora só resta uma coisa a fazer. Só resta um lugar aonde ir.

E este lugar, eu sei, é lá embaixo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



O túnel parece diferente através do facho de luz de uma lanterna das forças armadas. Sei que devia estar com pressa, mas não posso deixar de admirar as paredes, as tochas antigas alinhadas à entrada. Desta vez, posso iluminar as engrenagens e os maquinismos que abrem e fecham a porta que cobre o poço. É genial, realmente. Tem centenas de anos e ainda funciona.

É o bastante para quase me fazer perder a noção do século em que estou, de modo que leva um instante até eu me lembrar de pegar a bússola que estive carregando o dia inteiro. Tomo a direção do caminho feito pelo Homem da Cicatriz na noite anterior. Sul, sudoeste. Começo a segui-lo.

Inicialmente, é fácil – os túneis não se ramificam, ou então apresentam teias de aranha e escombros antigos bloqueando a passagem, e não há dúvida de que sigo pelo mesmo caminho da véspera.

Sigo na direção sul, sudoeste durante vinte minutos. Depois para o leste por mais dez. Porém, quando o túnel dá numa pilha de engradados de madeira velhos e empoeirados e vira um beco sem saída, começo a me preocupar. Sei que fiz alguma curva errada ao longo do caminho.

Voltando por onde vim, presto muita atenção. O piso ganha inclinação e sobe. Em certo ponto, percebo que os túneis não vão apenas para a esquerda e para a direita. Também vão para cima e para baixo. Eu podia estar apenas debaixo de

uma rua, ou a dezenas de metros mais abaixo sob a cidade – estou andando por tanto tempo que é impossível saber.

Estou quase desistindo, quando ouço o *ping*, *ping*, *ping* de água caindo numa poça maior. De repente, o túnel está mais quente. Tiro meu cardigã preferido. Mesmo de camiseta e short estou começando a suar.

Aí, acontece a coisa mais estranha: o túnel acaba.

Em vez de uma entrada no teto, chego a uma porta e paro. O som da água pingando é mais claro agora. Sinto ainda mais calor.

Segundo a minha bússola, tenho quase certeza de que estou no extremo norte da Ala das Embaixadas.

Delicadamente, eu a empurro. Antes mesmo de a porta abrir, sei exatamente onde estou.

“Irã.”

A palavra é um sussurro que não chego a pronunciar em voz alta. Mas não há ninguém por perto para me ouvir, e trato de avançar lentamente, entrando com toda a cautela.

A cerâmica do piso em torno da piscina está escorregadia de umidade, que parece ter fixado residência permanente no subsolo da embaixada. Meu cabelo gruda na nuca enquanto ando na direção da piscina ornamentada e penso na história que meu avô contou – sobre fontes de águas termais que correm sob o palácio e pelo restante da cidade. Ao ver vapor subindo da água da piscina, compreendo que os iranianos devem ter tido sua própria fonte. Fontes termais *e* acesso à praia? Nem imagino o que Noah diria ao embaixador israelense para convencê-lo a tentar um acordo de troca de propriedades agora.

Mas Noah jamais saberá – nunca *poderá* saber – onde estou agora. E por quê. É uma missão para a qual não confio nem em mim mesma.

A condensação se acumula nas lajotas do teto e pinga, caindo num ritmo constante, inalterado. É quase tranquilizante. Se as espreguiçadeiras em volta da piscina não estivessem cobertas de fungos, bem que eu me deitaria para tirar uma soneca.

Mas então escuto um ruído. A porta começa a se mover. E sei que, mais uma vez, estou na embaixada iraniana.

E não estou sozinha.

Talvez o Homem da Cicatriz esteja vindo. Ou pode ser o homem com quem ele tem se encontrado. De qualquer maneira, nenhuma das opções me amedronta. Sinto como se talvez a minha vida nos últimos anos tivesse me levado até este momento, e me sinto grata por não ter mais que esperar. Não ter mais que me preocupar. Que ficar imaginando. Estou pronta para acabar com isso de uma vez.

A porta é pesada e as dobradiças estão enferrujadas por causa da umidade e de anos de pouco uso.

Ela agarra. Emperra. Sei que devia usar o tempo para correr ao andar de cima e dar o fora, através daquele pedaço quebrado de cerca na praia. Talvez eu devesse me esconder em algum lugar no interior da vasta fortaleza.

Em outras palavras, eu devia me salvar. É a coisa mais inteligente a fazer. Mas o lado ruim de passar a maior parte da vida ouvindo as pessoas dizendo que você está agindo de maneira estúpida é que, no fim das contas, você para de tentar fazer o que é inteligente.

Avanço lentamente para a porta.

Agarro o braço que se estende na minha direção.

Dou um puxão, desafiando quem quer que esteja do outro lado a tentar me machucar primeiro.

CAPÍTULO VINTE E SEIS



A palavra que ecoa é alta, rápida e (tenho quase certeza) obscena. Também é em português.

Noah joga a mão contra o peito e se dobra, respirando com dificuldade. “Você me assustou!”

“*Eu* assustei *você*?”, digo, dando-lhe um tapa no braço. “O que você está fazendo aqui?”

“Seguindo você”, acrescenta Rosie por trás dele, visivelmente feliz da vida. “Uau, nunca estive aqui embaixo deste jeito antes.” Ela empurra Noah pela porta, entrando em seguida no subsolo. Seus olhos sobem para o teto ornamentado antes de se voltarem para a piscina extravagante.

“Que legal”, diz ela.

“É. Mas por que você está...” Minha voz se esvai quando meu olhar cai sobre Megan, que está justo do outro lado da porta. É claro que ela está aqui. Estou começando a aprender que Megan está sempre por perto, para ver coisas demais, ouvir coisas demais. Saber demais. E isso faz algo estalar dentro de mim.

“Vão embora!”, grito, apontando os túneis atrás deles. “Rosie, Noah, vão para casa. Agora. Você também, Megan.”

“Nem sabemos onde estamos”, diz Noah.

“Não.” Balanço a cabeça. “Eu sei onde nós estamos. E vocês precisam ir embora.”

“Como é que você sabe?”, pergunta Megan.

“Porque já estive aqui antes.”

“Você já esteve aqui antes?”, pergunta Noah. “Então isso quer dizer...” Ele dá impressão de estar fazendo contas de cabeça. “Quer dizer que aqui é o...”

“Irã”, digo.

“Irã!”, conclui Noah ao mesmo tempo. Ele se vira e estende a mão para Rosie. “Venha. Temos que sair daqui.”

Mas Rosie se esquiva. “Que legal”, diz ela outra vez, andando em direção à água que é em parte piscina, em parte fonte termal.

Por incrível que pareça, Megan também não foge. Em vez disso, ela se abaixa e passa a mão na água, que é surpreendentemente limpa. “Incrível.”

“Incrível? Vocês estão tentando me matar?”, grita Noah.

“Ahhh, a gente devia entrar!”, diz Megan. “Da próxima vez, vou trazer meu biquíni.”

Noah recua cambaleando, como se tivesse levado um tiro. “Você *está* tentando me matar.”

“Noah tem razão”, digo. “Vocês deviam ir embora. Saiam daqui antes que vocês...”

“Antes que *nós* o quê?”, pergunta Noah. “O que vai acontecer com a gente que não vai acontecer com você?”

“Esta briga não é de vocês, Noah”, digo com aspereza.

“É, sim. Bem, passou a ser minha briga desde o momento em que eu...” A voz dele morre de repente, e eu daria qualquer coisa para saber o que ele estava prestes a dizer.

“O momento em que você *o quê*?”

“Eu...”

“O momento em que você me conheceu?”, arrisco o palpite. “O momento em que ouviu falar do homem com a cicatriz?” Não, ainda não é isso – dá para perceber. Então recuo mais no tempo. “Ou foi o momento em que a senhorita Chanceler pediu para você não deixar que eu me metesse em problemas? Ela não pediu só para você me mostrar a cidade, pediu?”

Bingo.

Noah foi pego, e está cambaleando para trás, tentando arranjar um jeito de sair do canto em que foi encurralado.

“Maravilha. Meu irmão arranjou Alexei para me espionar. Meu avô e a senhorita Chanceler arranjaram você. Estou *cercada*!”

“Grace, não...” Noah estende a mão para o meu braço, mas eu o rechaço.

“Como foi que vocês me encontraram?”, pergunto.

“Seguimos você”, diz Rosie, trivialmente.

“Não.” Balanço a cabeça. “Não cola. Andei por estes túneis durante horas. Nem *eu* tinha certeza de onde estava, então *como foi que vocês me encontraram?*”

Olho de Noah para Rosie e depois, finalmente, deixo meu olhar se fixar em Megan.

“Talvez tenhamos colocado um rastreador em você”, diz ela.

“Vocês *o quê*?”

Megan mostra um minúsculo dispositivo nas mãos. “É um receptor GPS. Coloquei um transmissor no seu suéter.” Ela olha para o cardigã bem sujo que tenho levado comigo para todo lado nos últimos dias. “Você realmente devia lavá-lo de vez em quando, sabia?”

“Por quê?”, pergunto.

“Bem, para começar, tem uma mancha na manga que está aí desde...”

Interrompo Megan. “Por que vocês estavam me seguindo?”

“Ah. Isso”, diz Megan. Por um instante, eles ficam em silêncio.

“Bem, veja...”, começa Noah bem devagar. “Ontem à noite, Megan me telefonou.”

“E Noah ligou para mim”, interpõe Rosie.

“Estávamos meio...”, diz Noah, esforçando-se para encontrar as palavras.

“Você está nos deixando loucos”, diz Megan de uma vez.

“*Vocês* estão preocupados *comigo*?”, pergunto.

“Bom, claro”, diz Noah, como se isso fosse a coisa mais óbvia do mundo.

“Não preciso da preocupação de vocês”, retruco em resposta. “E não quero a sua piedade.”

Vou forçando a passagem entre eles, voltando à porta, aos túneis e às respostas que não estou nem perto de encontrar.

“Talvez não”, grita Megan. “Mas você precisa da nossa ajuda.”

Paro instantaneamente. E lentamente – muito lentamente – me viro. “Bem, talvez eu não queira.”

Tem uma coisa que acontece quando se é a garota que é sempre deixada para trás. Foram tantas as vezes que olhei Jamie e Alexei desaparecem sem mim que fiquei de fato muito boa em me convencer de que era melhor estar sozinha.

Mas eu não era deixada sozinha, agora percebo.

Eu era deixada com Megan.

“Ele vai matar de novo”, diz Megan. “Foi isso que você disse ontem à noite, não foi? Que o homem que matou a sua mãe vai matar outra pessoa?”

“Isso não é problema seu”, digo, e encaro Noah tão duramente que ele acaba pondo Rosie na frente, como escudo humano.

“Você acha que é a única pessoa que um dia perdeu alguém?”, dispara Megan. Sua voz é gelada. “Você acha que é a única pessoa que um dia quis fazer alguém pagar pelo que fez?”

Nunca a ouvi falar desse jeito, nunca vi sua expressão assim. Ela não se parece em nada com a Lila agora. E nem com a garotinha que trazia suas Barbies. É como se tudo o mais tivesse sido um disfarce. *Esta* é a Megan que ela passou a vida inteira escondendo. E, pela primeira vez nos nove anos em que a conheço, percebo que Megan nunca tinha falado sobre o seu pai.

“Além disso”, diz ela categoricamente, “você realmente precisa da gente”.

“Não preciso”, digo.

“Diz a garota que passou o dia inteiro andando em círculos aqui embaixo”, diz ela.

“Conheço estes túneis melhor do que ninguém.” A voz de Rosie soa quase magoada. “Talvez, se você tivesse me perguntado, pudesse ter economizado um dia.”

“E eu morei na Ala das Embaixadas por mais tempo do que qualquer um”, diz Noah. “Tenho os recursos de duas embaixadas me apoiando. Você realmente acha que vai ficar melhor sem mim?”

Reviro os olhos e observo Megan. “Eu sou um gênio”, diz ela. Todos se viram para ela. “Bem, sou mesmo. Não adianta botar panos quentes. Além disso, minha mãe é uma espiã. Algum de vocês já fez treinamento de operações secretas num acampamento de verão? Ninguém? Pois é, foi o que eu pensei.”

Ela tem razão e, gênia que é, tenho certeza de que já sabe disso.

“Então, vai ou não vai contar para a gente agora?”, pergunta Rosie. Ela ergue a cabeça para me olhar com aqueles seus imensos olhos azuis. A sensação que dá é de que ela está me pedindo para ajeitá-la na cama e lhe contar uma história. “Grace, o que aconteceu ontem à noite?”

Olho para os três. Eles estão realmente aqui. E, realmente, não vão embora de jeito nenhum.

Eu poderia pensar numa dúzia de razões para mandá-los embora – numa centena delas. Não é seguro. Não é a briga deles. Seus pais poderiam perder seus empregos se alguém nos pegasse. As razões estão formigando na minha língua. Mas não consigo dizê-las.

Em vez disso, deixo escapar: “Eu segui o Homem da Cicatriz.”

Espero alguém protestar, mas ninguém diz nada.

“Sabe quando ele desapareceu naquele dia?”, pergunto a Rosie. “Bom. Deduzi que ele só podia ter vindo aqui para baixo. Para os túneis.”

“É claro!” Rosie parece furiosa consigo mesma. “Eu sempre vim pelas entradas públicas, onde eles organizam passeios, essas coisas. Nunca soube que havia entradas secretas. Devia ter pensado nisso. Me desculpe, Grace.”

“Não precisa se desculpar”, digo a ela. “Então... ontem. Eu o estava seguindo novamente quando ele veio aqui para baixo. Andamos um tempão e aí ele entrou num prédio qualquer.”

“Que prédio?”, pergunta Megan.

“Não sei. É o que estive fazendo o dia inteiro – tentando refazer nossos passos. Mas não consigo encontrá-lo.”

“E por que você precisa encontrá-lo?”, pergunta Noah. “O que você viu?”

“Eu o segui até lá dentro. Ele foi se encontrar com uma pessoa. Não vi quem era, mas eles estavam conversando sobre matar alguém. Ele disse, com estas palavras mesmo, ‘existem muitas maneiras perfeitamente adequadas de morrer’. *E ele só tem que encontrar uma.*”

Por um instante, não há nada no subsolo, exceto o eco das palavras do Homem da Cicatriz e o *ping, ping, ping* da água na piscina. É como areia passando na ampulheta, um lembrete constante e permanente de que meu tempo está acabando.

“E você sabe em que prédio estava?”, pergunta Megan.

“Não”, digo, frustrada.

“E como era o prédio?”, pergunta ela.

“Como qualquer prédio! Carpete. Portas. Luzes.”

“Era uma das embaixadas? Você viu alguma placa ou livro numa língua que pudesse ter reconhecido?”, tenta Noah.

“Vi uma porta e uma sombra, e o homem que matou a minha mãe dizendo para alguém que tinha outra missão!”

“Mas se nós soubéssemos...”, começa Megan.

“Eu não sei quem. Eu não sei quando. Só sei que ele vai matar de novo.”

“Não, não vai”, diz Rosie. Ela abre um sorriso largo e desafiador.

“É isso mesmo”, diz Noah. “Porque nós vamos impedi-lo.”

É a coisa certa a dizer – a fala perfeita. Eles estão tentando com toda a força ser convincentes, mas não estou convencida. Sei coisas demais. Vi coisas demais. Perdi coisas demais.

E agora olho para os três rostos com os olhos cravados em mim, rezando para não ter que perder mais ninguém.

* * *

Ao sairmos naquela noite, Rosie declara que consegue andar plantando bananeira o caminho todo do Irã até a Itália. Megan fica ao lado dela, contando seus passos, olhando seus pezinhos minúsculos ficarem incrivelmente firmes e espetados no ar, mas Noah e eu andamos à frente delas. Por um momento, estamos a sós.

“Então”, digo, “ouvi dizer que você é um craque no futebol”.

Noah ri. “Você deve estar me confundindo com o meu pai”, diz ele, mas então reconsidera. “A não ser, espere. Não, ninguém *jamais* me confundiu com o meu pai, deixa para lá.”

“Você é bom?”, pergunto.

Noah dá de ombros. “Dou pro gasto.”

“A Lila disse que você é bom. E ela não me parece o tipo de pessoa que ia superestimar as suas virtudes.”

“A Lila quer que eu seja bom, porque assim talvez eu pudesse deixar de ser... eu.”

“*Você* sendo definido como...”

“Um cara antenado. Um cara misterioso. Um cara de muitos talentos. Na verdade, tipo um James Bond, com um bando de mulheres bonitas ansiosas para me ajudar a impedir um incidente internacional.”

“Um bando, é?”, pergunto.

“É”, diz Noah. “Estou dizendo, Grace, eu sou perigoso.” Ele me olha firme e com muita seriedade. “Tenho licença para matar.”

“Bom saber”, digo. Noah ri.

“É claro que eu geralmente mato por incompetência generalizada e decepção familiar.”

“Conheço esse sentimento”, digo, e então a ficha cai: a enormidade do que estou pedindo – do risco que estamos correndo. “Por que você está fazendo isso, Noah?”, pergunto, antes mesmo de perceber que as palavras estão saindo.

Noah olha para mim, aturdido: “O que você está querendo dizer? Eu sou seu amigo. E amigos se ajudam quando estão... você sabe... enfrentando assassinos profissionais internacionais e coisas assim.”

“Talvez seja má ideia. Talvez você não queira ser meu amigo”, digo a ele, mas Noah apenas sorri.

“Tarde demais. Além disso, sei que você nunca me deixaria sozinho se eu estivesse prestes a fazer uma coisa estúpida.”

“Talvez deixasse.”

“E que você nunca mentiria para mim.” Ele passa a mão nos cabelos pretos, puxando-os para trás, deixando-os ainda mais espetados que o normal. “Foi por isso que meus pais se separaram. Talvez tenha sido por causa do trabalho deles ou sei lá o quê, mas eles sempre tinham que esconder coisas um do outro. Havia tantos segredos e mentiras. Você não faz ideia do quanto eu odeio quando as pessoas mentem para mim.”

Eu devia contar para ele, penso. Devia contar o que vi na noite em que minha mãe morreu e o que aconteceu depois. Sobre o Homem da Cicatriz e os Homens da Cicatriz. Devia dizer a ele para não confiar em mim, para não gostar de mim, para não acreditar numa palavra que eu disser, pois há momentos tarde da noite em que nem eu mesma consigo acreditar em mim.

Mas não posso dizer nenhuma destas coisas. Não consigo afastá-lo, mesmo sabendo, no fundo do coração, que provavelmente deveria.

Os fuzileiros estão vigiando a rua quando chegamos aos portões dos Estados Unidos. Posso ver a luz acesa no gabinete do meu avô. Se ele sabe que estive fora o dia todo, não creio que esteja preocupado. “Bom, boa noite, Noah.”

“Boa noite, Grace.”

Ele parte em direção a Israel, então para e me chama: “Ei, Grace...”

“O quê?”

Suas mãos estão no bolso e o luar brilha no seu rosto. “Cá entre nós, não sou tão bom quanto a Lila diz.”

“Tudo bem.”

Seu sorrisinho se expande até virar um sorriso arrogante de orelha a orelha. “Sou melhor.”

Ele se vira e vai embora. Apenas sorrio atrás dele, pensando: *eu tinha certeza disso*.

CAPÍTULO VINTE E SETE



“Você só pode estar brincando!”

Honestamente, não sei o que é mais preocupante: o que Megan está dizendo ou o fato de ela fazê-lo com Barbies. Mas talvez o mais chocante seja o o fato de que Megan está sendo completamente o oposto de Megan neste momento.

Ela está usando uma regata preta, calças de combate largas e camufladas e tem um marcador de texto amarelo enfiado no cinto como uma faca. A maior parte dos seus cabelos pretos brilhantes está enfiada num gorro de esqui, mas há umas poucas mechas à mostra. Uma boa porção delas tem agora um tom muito escuro de fúcsia.

“Isso é permanente?”, pergunto, estendendo a mão para tocar seus novos cabelos cor-de-rosa, antes de ela afastá-la com um tapa.

“Estou tentando uma coisa nova”, diz ela, destemida. Aponta para a Casa dos Sonhos da Barbie e diz: “Vamos entrar pela claraboia do quarto principal. Aqui.”

Rosie aponta para o jipe da Barbie e diz: “Onde vamos arranjar nossa unidade móvel de observação?”

“Noah vai pegar a van da mãe dele emprestada”, diz Megan.

Rosie assente, mas Noah simplesmente diz: “Eu vou?”

“Vai”, diz Megan. “Agora, alguém tem alguma pergunta?”

“Quem é você?”, pergunto. “O que você fez com a Megan?”

Mas ela apenas me dá uma olhada penetrante.

“Então, não podemos ter certeza da disposição dos cômodos na casa de Dominic, mas, a julgar pelas plantas arquivadas na sociedade de preservação histórica, aquela quadra de casas geminadas foi reconstruída depois da guerra e as seguintes modificações foram permitidas. A claraboia é nossa janela de investigação. Perdão pelo trocadilho. Enfim...”

“Não tenho tanta certeza”, digo. E olho, pela claraboia da Barbie, para as pulseiras de amizade que estão servindo de cabo para rapel, e para os adesivos de unicórnio que representam câmeras.

“O plano é bom”, diz Megan. “É a nossa chance, e temos que aproveitar.”

“Eu sei disso, mas se alguém se machucar eu nunca vou me perdoar.”

“Se algum de nós se machucar?”, dispara Megan em retorno. “Você esqueceu que ouviu ele dizer que ia *matar alguém*? E se o alvo do Homem da Cicatriz for a minha mãe? Você pensou nisso? Ou o pai da Rosie? Ou um dos pais do Noah? E se ele estiver atrás do seu avô, Grace? Ainda seria muito arriscado?”

Enquanto fala, ela parece uma metralhadora. Uma pequena metralhadora que tem toda a razão.

“Está bem”, digo.

“Bom”, diz Megan, assentindo. “Vamos lá.”

Em Adria, a escuridão parece diferente da de qualquer outro lugar na Terra. O amarelo bruxuleante dos lampiões de rua se mescla ao branco superbrilhante da lua. Olho para cima e observo o luar ricochetear nas telhas das casas estreitas que se estendem lado a lado. Há varandas de ferro e jardineiras repletas de flores brancas nas janelas. Têm um quê de cartão-postal – de sonho.

Todas as casas geminadas têm, menos uma.

Suas persianas ficam bem fechadas, mesmo nos dias mais bonitos. As fechaduras são reforçadas e o dono nunca, jamais aparece no pórtico para conversar e rir com outras pessoas do quarteirão. Este homem vai e vem em horários irregulares, e ninguém é convidado a entrar.

Parece uma casa geminada.

Lembra uma fortaleza.

Às onze horas da noite, os prédios ganham um tom escuro de cinza contra o azul retinto do céu. Apesar disso, as cores são muito ricas. É quase como ver um desenho animado. Mas não se trata de nenhum desenho – certamente não a silhueta escura que corre pelos telhados, mergulhando e saltando como se fosse um pássaro voando baixinho. Quando faz um giro completo em pleno salto, sei que o pássaro está apenas se exibindo.

“Atenção, Rosie”, digo, esquecendo que ela não pode me ouvir.

“Tenho que me concentrar aqui, Grace”, responde ela, e eu me surpreendo. Há sempre vozes demais na minha cabeça. Realmente não preciso de mais três. Mas Megan insistiu que nós usássemos pequenos fones de ouvido que ela contrabandeou da central de segurança da embaixada. Voltei há menos de duas semanas e já transformei a garota mais meiga da Ala das Embaixadas em ladra e em teórica da conspiração. Mesmo para mim, é um feito impressionantemente rápido de corrupção.

“Tudo bem, pessoal.” Rosie parece um pouco sem fôlego, mas mais viva do que jamais a ouvi. “Estou no nosso ponto de entrada. Esperando o sinal verde.”

E então tenho certeza de duas coisas: 1. Nós vamos mesmo tentar esta coisa absurda. 2. Definitivamente, todos nós assistimos a filmes demais.

Megan pega um pequeno tablet que exibe o vídeo de circuito interno do gabinete do primeiro-ministro. Postado não muito longe ao lado dele, está o Homem da Cicatriz.

“Tudo limpo?”, pergunta Rosie outra vez.

“Vai. Vai. Vai”, diz Megan.

Noah e eu nos olhamos, e ambos levamos as mãos às portas da van. Em um segundo, estamos fora e atravessando a rua.

Megan tinha explicado os princípios básicos. O resto eu sabia pelo meu pai.

Invadir um local protegido não é questão de velocidade. É questão de eficiência. Ir rápido não trará nenhuma vantagem, se você passar metade do tempo desviando de luminárias e desligando alarmes.

Então, eu sei o que fazer. E sei como fazê-lo. Afinal, repassamos tudo uma dezena de vezes. Sonhei com isso outra dezena de vezes. Mas a sensação que tenho é de que outra pessoa está dentro do meu corpo – como se eu estivesse assistindo a tudo de longe – enquanto Noah, Megan e eu atravessamos a rua.

Pela remota possibilidade de algum vizinho estar observando, nós andamos, em vez de correr. Rio como uma garota normal riria (não muito alto), converso com os meus amigos (mas sem animação excessiva) e, acima de tudo, vigio a pequena janela na porta da casa, que quase sempre está escura. Quando o topo de uma pequenina cabeça aparece nela, estou pronta.

A porta se abre de repente.

“Por que demoraram tanto?”, diz Rosie com uma piscadinha.

A luzinha vermelha do sistema de segurança está piscando. Um bipe marca a contagem regressiva. Mas Megan já está com um dispositivo minúsculo na mão, fazendo alguma coisa com o teclado na parede ao lado da porta. Vejo números espiralando pela tela, explorando sequências uma a uma, separando o código.

Mas o bipe continua.

“Megan...”, adverte Noah.

“Só um segun...” Outro bipe soa, mais longo, mais alto. Então ele para. “Pronto.” Megan praticamente exala a palavra, se encosta à parede e respira fundo. Pela primeira vez, ela parece tão apavorada quanto Noah.

“Esse sistema é legal.” Rosie parece impressionada.

Noah se vira, examinando o primeiro andar. “Esse lugar não é legal.”

Ele tem razão. Com toda a parafernália de segurança que o Homem da Cicatriz tem, era de se pensar que ele estivesse protegendo objetos de arte. Joias. Pelo menos alguns equipamentos eletrônicos de alto valor. Mas a sala estreita em que estamos tem uma lareira e uma poltrona velha. Não há livros nas prateleiras. Vamos adiante e encontramos pouquíssima comida na cozinha.

“Parece um esconderijo”, diz Megan.

“Mas é a casa *dele*”, acrescenta Noah. É fácil esquecer que, segundo os registros públicos, o Homem da Cicatriz mora aqui há dez anos.

“Está bem”, digo. “Vamos nos dividir e fazer o que viemos fazer. Quero a gente fora daqui rápido.”

Ninguém reclama. Ninguém faz perguntas. Megan vai trabalhar no computador e Rosie sobe nos ombros de Noah e começa a implantar câmeras nas instalações de luz e nos detectores de fumaça.

“O que eu devo fazer?”, pergunto a Megan.

“Não quebre nada”, diz ela.

Queria muito uma tarefa – algo a fazer –, mas a verdade é que eu seria inútil. Megan não é inteligente apenas com computadores. Ela também sabe disso ao meu respeito. Estou na casa do Homem da Cicatriz e tudo o que posso fazer é ficar olhando para a cama, pensando: *O homem que matou a minha mãe dorme aqui*. No banheiro, me olho no espelho e imagino o rosto dele me encarando de volta. O rosto que eu vi através da fumaça e do fogo. O rosto que tem me assombrado há anos.

Cuidadosamente, corro os dedos sobre o tampo da cômoda. Há um pouco de dinheiro trocado na mesinha ao lado da cama. No closet, há cinco ternos escuros, de corte idêntico, e sete camisas brancas recém-chegadas da lavanderia, ainda nas capas de plástico. Parece mais um quarto de hotel do que uma casa. Como se ele estivesse totalmente pronto para empacotar tudo e ir embora imediatamente. Como se soubesse que um dia os fantasmas o alcançariam.

Ele só não sabe que esse dia é hoje.

Não sinto dor alguma quando minhas unhas se cravam na palma das minhas mãos. Não há sangue, só uma pulsação constante e firme me dizendo que ainda estou viva. Estou viva, mas a minha mãe está morta. E estou na casa do homem que a matou.

“Ah, não.”

A voz de Megan não é exatamente um grito, e é por isso que é assustadora.

“O que foi?”, pergunta Noah.

“Temos que ir. Temos que ir embora *agora*.”

“Cadê a Grace?”, pergunta alguém.

Sinto a pergunta nos meus ouvidos, mas não consigo tirar os olhos da jaqueta de couro pendurada no fundo do closet. É marrom escura, muito usada. As mangas são tão macias que eu sei que devia ser a sua favorita. A posição no closet diz que já não é mais.

Um passo adiante no closet, e já não estou mais na casa geminada. *Estou na rua. Vejo um homem pela vitrine da loja da minha mãe, seu porte alto e ombros largos, a jaqueta de couro marrom escuro que ele usa.*

Levo a mão à manga, trago o macio punho de algodão ao nariz. E, naquele espaço confinado, posso jurar que ainda cheira a fumaça.

O punho está enrijecido num ponto e eu passo o dedo, sabendo instantaneamente que é sangue seco.

O sangue da minha mãe está nas minhas mãos.

“Grace”, diz uma voz no meu ouvido, mas não me movo. Não posso. Meu corpo já não me pertence mais. Está congelado no passado.

“Grace!”, a mão de Noah está no meu braço. “Temos que sair daqui. Ele está vindo.”

“Não!” A voz de Megan ressoa justo quando, no andar de baixo, uma porta se abre e se fecha.

Olho para Noah. Ele balança a cabeça. “Ele está aqui.”

Cuidadosamente, ele estende a mão e fecha a porta. Ele me empurra mais para o fundo do closet. Estou espremida justamente contra a jaqueta de couro, me perguntando como Noah pode respirar tão profundamente num lugar tão pequeno e tão cheio de fumaça.

Há tanta fumaça.

“Você está bem?”, sussurra Noah.

Digo que sim com a cabeça e tento acalmar a respiração, mas ainda assim meu coração continua a bater forte. Acho que vou vomitar.

“O que aconteceu?”, cochicho. “Pensei que ele fosse ficar fora a noite inteira.”

Megan me ouve pelo microfone. “Ele deve ter um sistema secundário. Os detectores de movimento dispararam e agora... escondam-se!”

Já estamos escondidos, mas Noah não diz isso. Está ocupado demais olhando para mim.

“Grace, você está bem?”

“Estou.” Forço a palavra. Estou grata pela escuridão e pelo espaço estreito. Noah está apertado contra mim. Eu não poderia ver a porta, se quisesse. Não há absolutamente nenhum lugar para onde correr, nenhum espaço para eu me mover. Ele está tão em cima de mim que não posso nem tremer.

“O que a gente faz agora?”, pergunto.

“Não sei”, sussurra Noah. “O que as pessoas geralmente fazem nessas situações? Quer dizer... a gente pode se beijar?” Mesmo no escuro, ele lê a expressão que eu faço. “Ou não. Claro. Eu estava mesmo achando que não.”

Ouço passos no banheiro. A porta do closet abre e fecha rapidamente – só uma olhadinha superficial. Noah e eu continuamos envolvidos na penumbra.

O telefone toca e ouço o Homem da Cicatriz atender, mas não consigo entender o que ele diz.

Será a empresa de segurança verificando se há algum problema? Seu chefe telefonando para saber por que ele deixou seu posto? Engano?

Não dá para saber.

Não sei dizer há quanto tempo estamos no escuro. Tento me concentrar na minha respiração, no sobe e desce do peito de Noah. Mas não consigo parar de pensar na fumaça.

Daria tudo para parar de pensar na fumaça.

“Certo, pessoal. Ao meu sinal, seguir para a claraboia.” O sussurro de Megan é alto demais no meu ouvido.

“Qual é o sinal?”, pergunta Noah, mas quase antes de ele acabar de dizer nós ouvimos.

Há um estalido quando a claraboia é aberta. E então há gritos, berros.

Vamos até a porta do closet e a abrimos devagar, bem a tempo de ver um gato entrar voando pela claraboia. Ele cai de pé sobre a cama e dispara como uma flecha escada abaixo, onde o Homem da Cicatriz certamente o verá.

Noah e eu nos apressamos para sair do closet e ir até a claraboia, onde Rosie ainda está pendurada.

“Ali”, diz Rosie. “Isso deve servir de apoio.”

Nenhum de nós se detém para agradecê-la. Noah entrelaça as mãos para fazer escadinha e já estou pondo o pé para subir. Ele me empurra para cima como se eu não pesasse absolutamente nada. Seguro a borda e me puxo para cima, justo quando Noah salta e se agarra à borda do outro lado.

Estamos ambos no telhado em segundos. Rosie fecha a claraboia, empurrando-a muito silenciosamente. Então, por um instante, ficamos completamente imóveis, observando.

Vejo o Homem da Cicatriz entrar no quarto e olhar de um lado a outro. É como se ele estivesse começando a se perguntar se não está ouvindo coisas. Vendo coisas. É a vez dele de se perguntar se não está ficando louco.

Então ele se vira. Aninhado nos seus braços, há um gato preto muito assustado. Observo o Homem da Cicatriz coçar sua cabeça gentilmente, tranquilizando-o. Acalmando-o.

Ainda estou sem respirar quando ele se vira e desce as escadas.

CAPÍTULO VINTE E OITO



“Acho que a gente não devia estar aqui”, diz Noah na tarde seguinte. Ele tem razão, mas não admito. “Estamos no *Irã*”, diz ele novamente, mas nós três o ignoramos. “Eu sou o único que está preocupado com isso?”

“É”, dizemos Megan, Rosie e eu em uníssono.

Megan se senta com os pés na água, um laptop ao seu lado. Rosie planta bananeira do outro lado da piscina, seus calcanhares descalços apoiados contra o mosaico de ladrilhos. Quanto a mim, fico apenas sentada observando a luz tremeluzir palidamente através do teto, tentando não pensar na fumaça.

“Pronto”, diz Megan um instante depois. “Estamos ao vivo.”

Ela vira o laptop para que Noah e eu possamos ver. Imagens correm pela tela, alternando entre as câmeras do quarto, da sala de estar e da cozinha. Vejo o Homem da Cicatriz sentado na sua poltrona solitária, olhando para o nada. Percebo que ele ainda tem o gato, que está dormindo no seu colo. Parece que ele finalmente encontrou um amigo.

“Esse cara me dá arrepios”, diz Rosie.

“A mim também”, diz Megan, virando o laptop para o outro lado.

“Quanto tempo até ele encontrar as câmeras?”, pergunta Noah.

Megan dá de ombros. “Depende de quão paranoico ele é. Quer dizer, ele pode fazer uma varredura diariamente. Semanalmente. Ou nunca. Em todo caso, teremos as câmeras enquanto as tivermos. É o melhor que podemos esperar.”

“E quanto ao telefone dele?”, pergunto.

“O que é que tem?”, pergunta Rosie, dando um saltinho para ficar de pé.

“Alguém ligou quando a gente estava lá ontem à noite”, digo. “Quem foi?”

Megan balança a cabeça. “Era um número impossível de rastrear.”

“Impossível?”, pergunta Noah. “Achei que podíamos rastrear tudo.”

O olhar de Megan diz tudo: *Podíamos*.

“Ele está trabalhando para alguém”, digo. “Alguém está dando as ordens.”

“E esse alguém vai ser pego por alguém como nós?”, pergunta Noah. Ninguém responde. Provavelmente porque é uma resposta que nenhum de nós quer realmente ouvir.

Depois de horas de espera, Noah sai para pegar comida e Rosie pega no sono numa das espreguiçadeiras.

Megan e eu estamos a sós, observando o Homem da Cicatriz lavando a louça e guardando seus pratos um a um. Eu me pergunto se ele está tão entediado quanto nós. Mas Megan não se queixa. Ela se acomoda, esperando pacientemente – pelo quê, eu não sei.

“Ei, Megan...” Não sei de onde vêm essas palavras; não sei como detê-las. “Você foi ao funeral da minha mãe?”

A água pingando é uma constante no subsolo. As gotas pontuam cada palavra minha. Bem que eu queria poder diminuir o volume.

“Fui”, diz Megan, mas não me encara.

“Foi bonito?”, eu tinha que perguntar.

Megan assente, mas não diz nada por um instante. “Sinto muito que você não possa ter ido.” Megan balança os pés para a frente e para trás. Posso vê-la se perguntando se deve continuar ou não, mas finalmente ela diz: “O primeiro-ministro foi. E a princesa Ann, embora ela tenha entrado e saído por um acesso reservado. Acho que o público nem soube que ela estava lá.”

“Ela e a minha mãe cresceram juntas. Eram melhores amigas.”

“Faz sentido”, diz Megan. “Havia muitas flores.”

“Minha mãe adorava flores.”

“Seu avô fez o elogio fúnebre. Agradeceu a todos por terem ido e falou de como a sua mãe era uma pessoa admirável e bonita. Do quanto ela amava você e o seu irmão. Todos choraram.”

Pelo som da sua voz, acho que Megan está chorando agora. Pode ser que eu esteja também, mas não vou dar às minhas lágrimas permissão para caírem. Não mais.

“Ele estava lá?”, pergunto, meus olhos colados no homem da tela. “Dominic? Ele foi?”

Megan balança a cabeça. Pela primeira vez, ela me encara. “Se estava, eu não o vi. Foi na catedral nacional e estava lotada. Aposto que tinha umas quinhentas pessoas lá, e eu acho que não o vi. Ou pelo menos não me lembro de ter visto. Me desculpe.”

“Tudo bem”, digo a ela, mesmo que não esteja. Mesmo que eu tenha certeza de que nada vai estar bem novamente.

Um momento depois, a porta se abre e Noah pergunta: “Então, perdi alguma coisa?”

Rosie senta e se espreguiça, pegando o sanduíche que Noah joga para ela.

“Nada”, digo a Noah.

Ele me passa um sanduíche e, justo quando começo a atacá-lo, Megan, ao meu lado, diz: “Opa, isso é bizarro.”

“O que é?”, pergunta Rosie, mas Megan só olha para mim.

“O que houve?”, quero saber.

“Nada”, diz Megan, tentando fechar o laptop, mas não a tempo de impedir que Noah consiga roubá-lo dela. Por um segundo, ele fica só olhando a tela, espantado. Não posso ver o que ele está vendo, mas de algum modo sei o que está pensando. Talvez porque posso ver em seus olhos. Talvez porque tenha visto muitas vezes antes.

Noah não está irritado. Não ainda. Está magoado.

Não sei o que é, mas sei que fiz alguma coisa errada.

“Eu perguntei se você já tinha acusado outros homens com cicatrizes antes”, diz Noah.

“Noah, eu...”

“Eu perguntei, e você disse que era a primeira vez! Você disse...”

“Eu sei o que eu disse.”

“Então como você explica isso?” Noah vira o laptop para eu poder ver, e observo quatro fotografias que já havia visto antes. Fotografias que eu esperava nunca ter que ver de novo.

“O que é isso?”, pergunta Rosie. “O que está acontecendo?”

Megan dá um suspiro culpado, mesmo que não seja ela a pessoa que devia se sentir culpada. “Eu estava vendo os registros de segurança da embaixada para saber o que eles tinham sobre o Homem da Cicatriz, mas não encontrei muita coisa sobre ele. Em compensação...” Ela dá uma olhada para o computador, tomando-o nas mãos. “Descobri outros Homens da Cicatriz.”

Os olhos de Rosie se arregalam quando ela vê o arquivo, o equivalente eletrônico daquele que o meu avô jogou na minha cara.

“Não entendi”, diz Rosie, dando de ombros, como se este assunto já a tivesse entediado. Mas Noah não vai esquecê-lo assim tão fácil.

“Você mentiu, Grace.” Ele olha para mim como se eu tivesse quebrado não apenas a minha palavra, mas a confiança dele. “Você mentiu.”

“Noah”, diz Megan, colocando-se entre nós dois, “a gente devia escutar a Grace”.

“Você mentiu para mim!” Mesmo estando no subsolo de um prédio totalmente abandonado, quase chego a ter medo de que alguém vá ouvi-lo gritar. “Eu perguntei se você já havia feito isso antes, e você disse que não.”

“É ele! Eu juro que é ele desta...” Mas não termino a frase.

“Desta vez?”, completa Noah asperamente. “Era isso o que você ia dizer, não era? Que *desta vez* você tem certeza? Quantas vezes foram, Grace?”

“É ele”, digo.

“Quantas vezes foram?”, grita ele outra vez.

“Bem, o arquivo diz...”, começa Megan, mas Noah a interrompe. Seu olhar firme não se desvia de mim.

“Estou perguntando para a Grace.”

“Quatro. Antes desse, foram quatro. Eu estava enganada das outras vezes, mas agora não estou.” Olho o salão em volta.

“Acho que eu nunca vi tantos homens com cicatriz no rosto”, diz Rosie.

Noah balança a cabeça friamente. “Não é difícil quando você está procurando por eles.”

Em nenhum momento ele tira seu olhar intenso de mim.

“Noah, eu juro que vi...”

“Ouça o que você mesma diz! *Você* o viu encontrando-se com alguém aqui. *Você* o seguiu no palácio. *Você* o ouviu dizendo que ele ia matar mais alguém. Me diz, Grace, você já se perguntou por que é sempre você que ouve e que vê essas coisas?”, diz Noah, balançando a cabeça, desapontado comigo. “Se um homem com uma cicatriz ameaça alguém no meio da floresta, já se perguntou por que você é sempre a única a estar por perto para ouvir?”

Tudo foi dito, e percebo pela expressão de Noah que ele não lamenta nem um pouco – que uma parte dele vem se fazendo esta mesmíssima pergunta há dias.

“Mas Grace ouviu o sujeito dizer que ia matar alguém. Não ouviu, Grace?”, pergunta Rosie. “Ele disse isso.”

“Bom, não foi exatamente com estas palavras, mas... ele *estava* falando sobre matar alguém. Eu juro! Ele disse que há muitas maneiras de uma pessoa morrer

e que ele só tinha que descobrir uma. Ele disse isso", digo a eles. Tenho que fazê-los entender. "Foi exatamente isso que ele disse."

Não dá para saber se eles acreditam em mim. Ou se estão com medo de mim. Ou ambos.

Se forem espertos, a resposta será ambos.

"Tudo bem", intervém Megan, a voz da razão. "É tarde e estamos todos exaustos. Vamos para casa, e começaremos de novo amanhã."

"Sim", diz Noah, sem concordar realmente. "Vamos para casa."

"Noah...", digo.

"Megan?", interrompe Noah sem olhar para mim, e Megan para de recolher suas coisas por tempo o bastante para encará-lo.

"Sim?"

"Você ainda vai passar a noite com a Lila?"

"Vou."

"Bom. Eu levo você e a Rosie para casa."

Enquanto ele sai em direção à porta do túnel, eu pego seu braço e o imobilizo.

"Eu não sou louca", digo. E nem paro para pensar que isso é o que pessoas loucas quase sempre dizem.

"Não estou dizendo que você é louca, Grace. Estou dizendo que você é uma mentirosa." Sua voz é quase um sussurro, e eu sei que a minha traição é mais profunda e mais pessoal para ele do que para Megan e para Rosie. E deveria ser mesmo. Ele é o meu melhor amigo oficial.

Ou, pelo menos, era.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



Está tudo calmo no caminho até a embaixada. Megan e Noah estão bem à frente. Eles já deixaram Rosie nos portões alemães, e agora caminham para Israel. Não estão conversando. Não estão rindo. Espero que um deles ou os dois olhem para mim, talvez para dar um aceno de boa-noite, mas eles não olham.

Eu me sinto completamente só quando uma voz diz: “Olá, Grace.”

“Oi, Alexei”, obrigo-me a dizer.

Será que ele nos viu emergindo da entrada do túnel três quarteirões atrás? Há quanto tempo está observando? Eu me pego imaginando o que exatamente Alexei sabe, e digo a mim mesma que é por isso que estou diminuindo o passo e deixando-o me alcançar.

“E como você está hoje, Gracie?”

Paro de repente.

“Eu amo o Jamie. É por isso que deixo *ele* me chamar de Gracie.”

“Eu sei”, diz Alexei com um sorriso.

“Você não é o Jamie.”

Não falo isso como insulto, mas soa como se fosse. Que belo bônus! As palavras, porém, resvalam em Alexei. Ele é imune a mim e a qualquer arma idiota que ele pense que eu tenha. Apenas enfia as mãos nos bolsos e acerta o passo comigo. “Então, onde é que você tem se escondido?”

“Eu moro naquela ali”, digo, apontando para a embaixada dos Estados Unidos, logo à frente na rua.

“O que você tem feito?”

“Desculpe”, digo, virando-me para ele, “*por que* isso interessa você? E não me diga que é por causa de alguma promessa que fez ao Jamie. O Jamie disse a você para não deixar eu me envolver em problemas. E eu não tive nenhum problema.”

Ele me dá aquele sorrisinho outra vez. “*Até onde sei*, você não se meteu em nenhum problema. Mas há muita coisa que eu não sei, não é, Gracie?”

À noite, o ar marinho é gelado, mesmo no verão, mas sinto que estou começando a suar.

“Me diz o que está acontecendo”, pede ele.

“Nada a informar.”

“Ei!”, retruca ele. “Eu encontrei você caída na rua com o vestido de baile. Tão mal que tive que carregar você até em casa. E depois... você sumiu. Nunca está na sua embaixada quando eu venho vê-la...”

“Você veio me ver?”

“Você não vai a eventos com o seu avô. Que eu saiba, não quebrou nenhum osso. Então, o que está acontecendo?”

Não sei o que me detém – se as suas palavras ou o seu tom. Ele não está mais brincando. Não está se divertindo. Não se trata mais de torturar a irmãzinha

caçula do amigo, provocando-a por ser pequena demais, lenta demais, menininha demais para correr com os garotos.

“Você me assusta, Grace.”

Alexei soa como se ele não quisesse admitir isso. Mas admite.

“É.” Dou um pequeno passo na direção da embaixada. “Às vezes eu assusto a mim mesma também.”

Para seu próprio crédito, Alexei não me segue. Entretanto, posso sentir que está me observando, seus olhos azuis rastreando cada movimento meu.

“Você sabe que estou aqui se precisar, não sabe?”, grita ele.

Quando olho para trás, não há mais traço do seu sorriso convencido.

“Cuidado, Alexei. O mundo é um lugar perigoso.”

Quando Alexei desaparece, eu sei que deveria entrar. Ir para a cama. Descansar. Mas não consigo enfrentar as paredes vazias da embaixada. A cama da minha mãe, seus livros e suas fotografias ainda enfiadas na moldura do espelho. Ou talvez eu apenas não seja capaz de enfrentar o espelho. Em vez disso, escapo sorrateiramente de volta aos túneis.

Noah queria levar barbantes de cores diferentes e estendê-los pelos túneis, mas isso me faz pensar nos corredores do hospital para onde fui depois do incêndio.

Eles me puseram lá por causa da fumaça. Mas me seguraram por causa do que eu vi. Ou do que disse que vi. Chegaram até a me botar no que eles chamam de “quarto especial”. Contudo, não tentaram arrumar um nome sutil e agradável para as contenções que amarravam meus pulsos – ou para as drogas que

bombearam no meu corpo para me manter calma. Contanto que calma significasse calada. Ninguém queria ouvir o que eu tinha a dizer.

Por isso recusei a ideia de Noah. Além disso, não podemos correr o risco de o Homem da Cicatriz perceber que outras pessoas tinham descoberto aquela parte dos túneis da cidade. Não há excursões turísticas por aqui, os túneis nesta área da cidade estão, em teoria, abandonados, e nós precisamos de todos os elementos-surpresa com que possamos contar.

Ou precisávamos. As palavras de Noah ecoam nos meus ouvidos, e tenho que me lembrar de que provavelmente não existe mais "nós". De que estou sozinha. De novo.

Pequenos riscos na parede indicam quais túneis já explorei, então parto por uma das ramificações que ainda não tinha marcado.

É exatamente como todas as outras. Paredes toscas e irregulares, chão escorregadio. Apago a lanterna e tento imaginar o espaço em volta à luz da tocha do Homem da Cicatriz. Tento me imaginar fugindo dela ou correndo na sua direção.

Fecho os olhos, deixando-os se ajustarem à escuridão, e é então que eu ouço. Um remoinho regular e baixo que já escutei uma vez.

Na maior parte dos lugares, os túneis subterrâneos são tão fundos que os ruídos do mundo exterior desaparecem completamente. Você escuta insetos fugindo e água pingando, mas nada mecânico, moderno ou feito pelo homem consegue permear as velhas paredes de pedra. Aqui, contudo, é diferente. O ruído é igual a um canto de sereia, e eu nem penso. Só continuo andando.

Quando o caminho se bifurca outra vez, sigo o som até ele parar. Ele deve ir e vir, ligar e desligar, me dou conta. Talvez seja um aparelho de ar-condicionado, algo que só funciona parte do tempo. Mas eu ouvi. Eu realmente ouvi. Não penso sobre o que Noah falou – e não me pergunto se a minha mente bagunçada

imaginou a coisa toda. Não quando viro minha lanterna e o facho de luz ilumina uma escada. Não quando olho para cima e vejo claramente o alçapão, bem acima da minha cabeça.

Posso estar errada, digo a mim mesma. Pode acontecer algo parecido com o incidente na embaixada da Coreia do Sul. Não sei com certeza se encontrei o caminho de volta ao lugar em que o Homem da Cicatriz teve o seu encontro. Não há a menor indicação do que possa estar à minha espera do outro lado do alçapão.

Contudo, um alívio toma o meu peito, seguido por uma emoção que não consigo nomear. E, enquanto subo, há um pensamento martelando na minha cabeça: *Queria poder contar isso ao Noah.*

Assim que meus dedos tocam o carpete, sei que encontrei o prédio certo. É a mesma sensação áspera pinicando os dedos, a mesma luz fraca vinda de cima. Descobri o local de reunião do Homem da Cicatriz, mas ainda não sei onde estou.

Lentamente, eu me levanto e fecho o alçapão. O carpete é cortado em quadrados, e a porta do alçapão se encaixa perfeitamente no lugar, como uma peça de quebra-cabeça. Mesmo à luz da minha lanterna, mal consigo ver as fissuras.

Desligo a lanterna e a ponho no bolso, depois engatinho em silêncio até o corredor. Mais uma vez, não há placas nem sinais nas paredes. Nenhum livro. Nenhum relógio, nem pôsteres, nem qualquer tipo de pista.

À medida que vou contornando o canto, minhas mãos começam a tremer, meu coração começa a martelar. E é aí que percebo passos vindos da escada. Alguém está chegando. Não posso ser encontrada aqui. Não posso ser arrastada de novo para diante do meu avô sem uma boa desculpa sobre como vim parar dentro de um prédio onde não deveria estar.

Dou meia-volta e começo a correr quando ouço: “Grace?”

Conheço a voz, e é isso o que me espanta. Daria qualquer coisa para que fosse a voz de um estranho, mas não é.

“Grace, querida.” A senhorita Chanceler aciona um interruptor e instantaneamente o subsolo é inundado de luz. “O que você está fazendo aqui embaixo?”

“Explorando”, digo, enquanto as lâmpadas fluorescentes piscam e zunem, ganhando vida.

“Ah, bem, não é a parte mais bonita da embaixada, mas suponho que tenha de fato algum grau de mistério.”

Ela faz um floreio com as mãos e abre a porta para o cômodo em que o Homem da Cicatriz tinha estado. Acende outra luz, e vejo fileiras e mais fileiras de prateleiras empoeiradas. Há livros e velhas máquinas de escrever, um rádio e pelo menos uma dúzia de bandeiras dos Estados Unidos, todas corretamente acondicionadas e perfiladas.

Pode ser a sala mais inofensiva de todos os tempos, mas minha mente está a um milhão de quilômetros por hora e não posso deixar que ela perceba.

Não posso deixar que ela saiba.

“E *você*, o que veio fazer aqui?”, digo, a voz casual.

“Seu avô e eu vamos assistir a um filme mais tarde, mas só o temos em... Arrá!”

Ela pega um projetor de uma das prateleiras altas. É antigo, e a poeira cai em cascatas sobre o perfeito paletó do seu terninho. Ninguém usa aquela máquina há séculos, e parte de mim pensa que não vai funcionar. Mas ela está tão orgulhosa de si que não digo nada.

“Você devia assistir conosco”, convida a senhorita Chanceler. “*A princesa e o plebeu.* É sobre uma princesa que foge dos seus guardas em Roma, e Gregory Peck interpreta um jornalista americano que... Ah, não quero estragar a surpresa. Por favor, venha assistir conosco, venha?”

“Vou, sim”, murmuro, de alguma forma. “Talvez.”

“Olha, eu vou cobrar a promessa”, diz ela com uma piscadinha. Então ela se vira e parte rumo às escadas – os saltos altos estalando à distância –, deixando-me exatamente onde devo estar.

Estou dentro da embaixada dos Estados Unidos.

E aqui também estava o homem que matou a minha mãe, quando soube que devia matar novamente.

Tecnicamente, já estou em casa. É só subir as escadas. Fechar a porta. Deitar na minha cama de dossel e ser uma garota normal. Entretanto, toda e qualquer chance que tive de ser uma garota normal desapareceu três anos atrás.

Então, desço aos túneis novamente. Desta vez, não estou fugindo. Não há pulsação martelando na minha cabeça nem nas minhas veias. É como se eu estivesse em câmera lenta. Tenho a sensação de estar andando num sonho.

Em determinado momento, paro e me encosto às paredes ásperas para tentar recuperar o fôlego. Tenho medo de me perder de novo. Eu me preocupo com tantas coisas – o tempo todo. Mas vou em frente. E, quando finalmente subo à rua, disparo a correr cada vez mais rápido morro abaixo. O Homem da Cicatriz estava se encontrando com alguém na embaixada americana. É lá que o seu cúmplice mora – ou trabalha. Durante dias, eu me preocupei com o lugar em que o Homem da Cicatriz tinha estado – quem poderiam ser os seus cúmplices.

Agora não estou mais preocupada.

Agora estou aterrorizada.

Então, corro ainda mais rápido, os braços batendo contra o torso. Onde será que Noah está passando a noite, em Israel ou no Brasil? No Brasil, acho. Não, em Israel. Paro no meio da passada. Viro imediatamente na direção oposta.

Eu deveria estar correndo na direção oposta, mas minhas pernas pararam de funcionar. Meus braços não conseguem se mover. Tudo o que posso fazer é ficar ali parada, na rua deserta. E de olhos arregalados.

“Você”, digo.

O Homem da Cicatriz sorri. “Olá, Grace.”

CAPÍTULO TRINTA



Não vou gritar. Não vou correr. Não vou perder o controle. Porque, agora, meu controle pode ser tudo o que tenho.

O homem se aproxima, a passada larga e lenta de alguém que saiu para um passeio ao anoitecer. Suas mãos estão nos bolsos. Ao se aproximar de mim, seu sorriso se amplia.

“Eu sou Dominic”, diz o homem. “Perdoe-me se assustei você. Conheço o seu avô, então pensei em cumprimentá-la. Eu não devia ter...”

“Não estou assustada”, deixo escapar.

Mas ele parece saber o que está acontecendo. “Sou um velho amigo da sua mãe.”

O Homem da Cicatriz está aqui. O Homem da Cicatriz está olhando para mim, sorrindo e falando comigo sobre a minha mãe.

A lanterna no bolso do meu suéter é pesada e sólida, não é como uma dessas de plástico barato. Não é exatamente uma arma, mas é melhor do que nada. Meus dedos a envolvem, apertando forte. Afasto um pouco os pés, endireitando a postura, distribuindo meu peso.

“Você não me conhece, Grace.”

Há seriedade nas palavras dele. O fingimento acabou. Eu sei do que ele realmente está falando quando digo: “Eu sei o bastante.”

Ele se aproxima mais. Dou um passo para trás.

“E você nunca se enganou sobre nada? Nunca?”

Eu me afasto ainda mais, para o brilho de um lampião de rua. E, quando o Homem da Cicatriz se junta a mim, por um segundo não consigo ver sua cicatriz. Ela permanece oculta na penumbra, e estou olhando para um homem de ombros largos e cabelos escuros salpicados de fios grisalhos. Ele é tão bonito com seu queixo forte e a barba por fazer. E me pergunto por um segundo se ele ainda pareceria mau sem a cicatriz.

A resposta, decido, é um definitivo e retumbante sim.

Há algo em seus olhos quando ele diz: “Você se parece com ela. Quando a vi pela primeira vez, no baile, pensei que você fosse ela. Posso ver muita coisa da sua mãe em você. E isso é uma coisa muito boa.”

“Você não sabe disso”, digo.

Mas então acontece a coisa mais estranha. O Homem da Cicatriz ri.

“E você se parece com ela falando também”, diz ele.

“Você não sabe nada sobre ela!”, exclamo.

Mas isso não desconcerta o Homem da Cicatriz, em absoluto. “Nós crescemos juntos, Grace”, diz ele. “Eu conheci sua mãe durante toda a vida dela.”

Toda a vida dela. Até ele tirá-la.

“Ela gostava de sair às escondidas pela janela quando tinha a sua idade. Diga, foi assim que você saiu esta noite? Desceu pela árvore? Ou usou os túneis?”

Agora eu realmente não posso dizer nada.

A embaixada japonesa fica do outro lado da rua. Os portões da Austrália estão a menos de vinte metros. Haverá uma guarda postada. Eu poderia gritar. Sair correndo. Eu poderia...

Mas, antes que eu sequer conclua meu pensamento, o Homem da Cicatriz vai embora.

“É melhor você ir para casa agora, Grace.” Seu rosto está encoberto na penumbra. Sua voz é suave mas vigorosa. “Não quero que você se machuque.”

Leva um momento até o pânico chegar. Mas, quando chega, ele desce lentamente. Como se o oxigênio estivesse sendo inteiramente sugado da atmosfera. Pouco importa que eu esteja ao ar livre. Não faz nenhuma diferença que o vento continue a soprar do mar. Estou ficando sem ar.

Imagens passam rapidamente, como rajadas na minha mente. *Vejo a minha mãe na sua loja. O modo como a luz é refletida na arma. Ouço o tiro e sinto cheiro de fumaça.*

O Homem da Cicatriz segura o braço dela e eu tento gritar: “Não!”, mas a palavra é um soluço silencioso.

Minha respiração fica cada vez mais difícil. Meu coração está batendo muito forte. É como se os meus ouvidos fossem explodir. Ando com passos cautelosos e atentos, pois não quero perder o equilíbrio. Não consigo suportar uma queda.

Meus dedos roçam o muro da embaixada ao meu lado. Eu me curvo sobre mim mesma, tentando respirar. Mas, quando fecho os olhos, vejo a cara do Homem da Cicatriz, o lado esquerdo do seu rosto na luz. Não, não pode ser o lado esquerdo, pois não há nenhuma cicatriz. E, por alguma razão, isso faz minha respiração ficar mais penosa.

Vou sufocar no meio da rua. Vou morrer, traída pela minha fraqueza. Não sou forte o bastante para viver.

Quero ver o Noah. A Megan. Quero gritar para a Rosie disparar todos os alarmes da grande cidade murada, mas não posso procurá-los. Não posso mais. Então, eu me obrigo a seguir colina acima e a passar pela guarita onde os fuzileiros estão postados. A passar pelos portões de onde moro. Não ouso parar diante dos portões de quem quer que seja o traidor que o Homem da Cicatriz veio encontrar.

Continuo andando. E, ao chegar ao conjunto seguinte de portões, começo a bater. Há um guarda que não sabe como reagir. Ele fala comigo numa língua que não conheço.

Engasgada, despejo a única palavra em que sou capaz de pensar.

“Alexei! Eu preciso ver...”

“Grace.”

Ele está na rua atrás de mim. A angústia toma conta do seu rosto.

Sei que não devia – que devia ser mais forte –, mas corro para ele. E, quando seus braços me envolvem, eu não os afasto.

Ele não é o garoto que chamou a minha atenção, dizendo para eu não subir no muro. Ele é o garoto que segurou a minha mão com força quando eu estava caída no pátio, dizendo para eu não olhar para o sangue. Me acalmando. Dizendo que tudo ia ficar bem.

Ainda não consigo respirar e ele percebe. Segura meu rosto com a mão e me força a olhar nos seus olhos.

“Está tudo bem”, diz ele. “Você vai ficar bem.” Então, o garoto da casa ao lado me pega pela mão e me leva para longe do guarda, que nos olha detidamente.

Nós não somos americanos e russos – nem inimigos ou aliados. Somos apenas um garoto e uma garota com vontade de fugir.

Demoro um pouco para perceber aonde estamos indo. Há anos não vou à minúscula viela. Mas ela ainda está lá, um espaço diminuto entre os muros russo e norte-americano. Uma brecha. Uma terra de ninguém. Uma reminiscência da Guerra Fria que não é grande o bastante para se pôr uma lixeira, mas eu e Alexei cabemos ali perfeitamente. Sempre coubemos.

As pedras do muro são mais ásperas aqui, saliências que despontam de ambos os lados, e num espaço tão fechado que quase formam uma escada, subindo até a grande muralha que circunda a cidade. *Não estou conseguindo respirar*, digo para mim mesma. *Mas sempre fui capaz de escalar.*

“Quer que eu faça escadinha?”, pergunta ele com um sorriso, zombando de mim o suficiente para me fazer esquecer o pânico e o medo. Por um instante, estamos tão perto um do outro que posso sentir o coração dele bater.

“Vejo você lá em cima”, digo.

A sensação é familiar quando subo lentamente ao meu velho lugar no alto da muralha. Eu me sento, agarrando a borda, enquanto Alexei toma seu lugar ao meu lado, uma perna balançando sobre a beira da muralha, a outra às minhas costas.

Estive cercada por meninos e por homens a minha vida inteira, sempre presentes, fazendo com que eu me sentisse menor, mais fraca. Diferente. Nenhum deles jamais se sentou tão perto de mim quanto Alexei está sentado agora. Nenhum deles jamais se inclinou para mim como ele está se inclinando agora, como se a própria vida pudesse se equilibrar em cada uma das minhas palavras.

“Grace”, diz ele, inclinando-se e encontrando os meus olhos, “respire”.

É uma ordem. Um comando. E sei que devo obedecer. Então, obedeço. Fecho os olhos e aspiro o doce ar do mar pelo nariz e pela boca. Deixo meu coração continuar a bater profunda e regularmente.

Estou viva e estranhamente grata por isso. Quando Alexei diz: “Só para você saber, não precisa me dizer o que está acontecendo”, eu já havia quase esquecido que ele estava lá. “Você não precisa dizer nada. Só tem que ficar sentada aqui. E respirar.”

É o que faço. E, fiel à sua promessa, Alexei não fala outra palavra.

Ouço o mar e sinto a brisa, e pouco tempo depois minha respiração retorna sem que eu pense nisso. Pouco tempo depois, é como conversar com o vento.

“Meu avô me odeia. Você sabia disso? Isso figura na ordem do dia na Rússia? Bem, ele odeia. De verdade. Ele me odeia.”

“Seu avô adora você.”

“Adorava. Quando eu era pequena. E fofa. Eu fui bonitinha um dia – não que você se lembre.”

“Ele chamava você de Bola de Neve”, acrescenta Alexei com uma risada. É um detalhe que eu tinha quase esquecido; como nunca neva aqui, e o meu avô me observava correr por aí, meus cabelos brancos voando pelo ar como dentes-de-leão. Como neve. Ele me amava, então. Mas agora... Agora sou algo que ele despreza.

Ele é um homem inteligente.

Eu me desprezo também.

“Grace, respire. Tudo o que tem que fazer é respirar.”

E, por um segundo, eu me permito acreditar nele.

Estou em segurança, bem alto acima da cidade. Ninguém pode me encontrar aqui. Ninguém vai me pegar. Posso correr e correr e correr, dando voltas sobre a muralha. Ninguém – nem mesmo os meus fantasmas – é rápido o bastante para me seguir.

“Me conta uma coisa”, diz Alexei. “Sobre você. Sobre os últimos três anos. Me conta o que eu perdi.”

Então digo a única coisa que importa. “A minha mãe morreu.”

“Eu sei.” Alexei agora parece lamentar ter feito a pergunta. Ele olha para o mar. “Queria ter ido ao funeral, mas meu pai disse que não era apropriado. Eu devia ter comparecido. Desculpe.”

“Não precisa. Eu também não estava lá.”

Ele não me pergunta o porquê, e eu fico contente. Não quero dizer a ele que estava num hospital, amarrada a uma cama, com um batalhão de remédios anuviando meu cérebro e me fazendo ter sonhos terríveis.

Busco os meus punhos com as mãos. Ainda posso sentir as braçadeiras de contenção, o forro de pelo de carneiro, que provavelmente um dia foi macio, mas que ficou rijo depois de muitos anos de suor, de sangue e de terror. Ele não sabe que eu saltaria deste muro e quebraria alegremente uma perna antes de permitir que me amarrassem os punhos outra vez.

“Grace?”, diz Alexei quando o peso do meu silêncio se torna carregado demais.

“Eu vi o homem que assassinou a minha mãe. Ele está aqui. Eu falei com ele.”

Espero Alexei me dizer que estou errada. Espero que seus olhos digam que eu estou mentindo. Mas ele fica em silêncio, observando. Ouvindo.

Então, sussurro: “E ele vai matar de novo.”

Pronto, agora é a hora da repreensão, mas não. Alexei muda de posição e se inclina um pouco à frente, nossas mãos apoiadas entre nós.

“E você falou sobre isso com o seu avô?”

Balanço a cabeça. “Ele não acredita em mim. Mas eu ouvi, Alexei. Eu juro. Eu o vi. Eu o ouvi. E eu...”

“Eu acredito em você.”

É como se ele estivesse falando para o mar. Tenho quase certeza de tê-lo ouvido mal. Quero perder o respeito por ele, quero chamá-lo de bobo. Mas só continuo falando. Sobre tudo. Sobre nada. Conto a ele sobre os túneis e a ida do Homem da Cicatriz tarde da noite à minha embaixada, sobre a nova ameaça que ele representa, sobre ter encontrado com ele na rua. Falo como se nem estivesse falando com Alexei.

“Você devia ter me contado”, diz ele quando termino. Mas Alexei não sabe o que eu sei: que falar com as pessoas não ajuda em nada. Faz você ser amarrada a uma cama numa enfermaria psiquiátrica. Faz você passar por três anos de olhares tortos, medos e apreensões.

“Você não teria acreditado em mim.” Minha voz fraqueja e eu me odeio por isso. Eu me odeio muito, muito.

“Sim, eu teria acreditado. E você não teria ficado sozinha.”

Penso em Noah, em Megan e em Rosie. Contar a Alexei sobre eles dá um pouco a sensação de contar para um adulto. Como se talvez eu os metesse em problemas. Mas não quero esconder nada dele. Então eu conto.

“Agora”, digo, limpando o nariz escorrendo na manga da camisa, “eles não acreditam mais em mim”.

“Ouça, Grace. Ouça”, diz ele devagar. “Não fale com Dominic novamente. Não entre nos túneis sozinha. Não vá a lugar nenhum sem companhia. Está me ouvindo? Você tem que ter cuidado. E você vai me incluir nesta história.”

“Eu...”

“Não, Grace. Desta vez você não pode ser teimosa. Desta vez, você tem que ser cuidadosa. Está bem?”

“Está bem”, digo, sabendo que isso é maior do que eu e do que a minha infinidade de problemas.

“De agora em diante, somos uma equipe. Certo?”

Quando o vento sopra os meus cabelos no rosto, Alexei estende a mão e ajeita uma mecha atrás da orelha.

“Certo.”

“Agora, vamos.” Ele desce rápido pelo lugar por onde subimos. “Acho que é melhor eu acompanhar você até a sua casa.”

Ele não menciona Jamie.

Não há repreensão no seu tom nem nos seus olhos. Estamos quase nos portões da embaixada, e agora ele está mais perto de mim do que antes. Sinto o portão contra as minhas costas. A luz dos lampiões a gás fica mais fraca, e não existe mais nada, a não ser o batimento do meu coração no peito. Mais uma vez, não consigo respirar, pensando no quanto – neste exato momento – ele não se parece com o Alexei. Não o sinto como o melhor amigo do meu irmão. Ele é um velho conhecido muito familiar, ele é novo e intenso. As duas coisas. É o que eu sinto agora. Eu sinto todas as coisas.

CAPÍTULO TRINTA E UM



“Oi, Megan”, digo, no dia seguinte.

Tecnicamente, Megan e sua mãe não vivem na embaixada; elas residem num apartamento no terreno. Antigamente, esses aposentos constituíam a ala dos serviçais da grande propriedade, mas agora estão reservados aos funcionários mais cruciais. Sei que o trabalho da mãe de Megan é importante. E arriscado. E super, supersecreto.

Digo a mim mesma que é por isso que Megan não se dá ao trabalho de me convidar para entrar.

“E aí?”, diz ela, fechando a porta atrás de si. Por um instante, eu me pergunto se não há um menino lá dentro. Por outro, eu me pergunto se é Noah.

“Eu queria dizer uma coisa para você. Ou algumas coisas, na verdade.”

“Tudo bem.” Megan não parece tão zangada quanto poderia estar.

“Primeiro, eu sinto muito. Por não ter contado a vocês sobre... as outras vezes.”

Ela descarta isso com um gesto, como se eu a estivesse fazendo perder tempo, então respiro fundo e vou em frente.

“E a segunda coisa é que eu descobri aonde o Homem da Cicatriz foi na noite em que eu o segui. Eu sei aonde... se vocês ainda estiverem interessados.”

“Aonde?”, pergunta Megan.

“Aqui”, digo a ela. “Ele teve um encontro com alguém aqui. Na embaixada dos Estados Unidos. No subsolo.”

Megan leva um bom tempo para responder. E, quando responde, só diz: “Venha.”

“O que está acontecendo?”, pergunto, mas Megan continua andando.

Estamos subindo uma rua movimentada, indo na direção do palácio. Algo grande está atraindo Megan, fazendo-a galgar aquela colina, e estou quase com medo de segui-la.

“Sabe como a gente tem pensado em quem poderia ser o alvo do Homem da Cicatriz e tudo?”, diz Megan para mim.

“Sim.”

“Bem, nossa lista de possibilidades acaba de ficar muito maior.”

Dobramos uma esquina, e vejo bandeiras – dúzias delas – enfileiradas, guarnecendo o extenso gramado à frente do palácio. É propriedade real – um jardim público no qual jamais vi um membro do povo pôr os pés. Agora, um andaime se ergue no céu. Refletores cobrem a praça e há ecos de martelos e de serras na atmosfera – homens gritam, trabalhando o dia inteiro para levantar um palco. Arquibancadas se alinham na praça.

“O que é tudo isso?”, pergunto.

“Reunião de cúpula do G-20 esta semana. Devia ser em Praga, mas houve um problema com o local e mudaram para cá. Minha mãe me contou ontem à noite.” Megan olha de relance para a praça e depois para mim. “Pensa só... Presidentes. Primeiros-ministros. Reis e rainhas. Todos vão estar no mesmo lugar à mesma hora. Eu não estava tão preocupada porque a segurança para o G-20 é sempre muito rigorosa. Mas se ele já entrou na nossa embaixada...” Megan se cala. Não é difícil imaginar o que viria em seguida.

“Quer dizer que ele pode entrar em qualquer lugar”, digo.

Observo as equipes trabalharem, o tempo todo ouvindo as palavras do Homem da Cicatriz: *Existem muitas maneiras perfeitamente adequadas de morrer. Só tenho que encontrar uma.*

“Quem vem?”, pergunto.

“Oficialmente, a cúpula do G-20 é uma reunião dos líderes das vinte maiores economias do mundo.”

“E não oficialmente?”

“Há todo tipo de gente que alguém possa querer matar.”

Entrando na embaixada, Megan e eu podemos sentir instantaneamente a diferença. Temos que sair do caminho e permitir que uma procissão de gente carregando gigantescos buquês de flores se aperte para passar. Há escadas encostadas nas paredes, cobertas de operários de macacão limpando janelas. Quanto mais perto chegamos da cozinha, mais podemos sentir o cheiro de carnes e de pães assando. É como se todos os aromas da rua dos cafés e restaurantes tivessem sido bombeados para dentro dos nossos muros. E eu continuo andando, sabendo que aquelas não eram as únicas intromissões.

“A pessoa com quem ele se encontrou tem acesso à embaixada dos Estados Unidos”, cochicho no ouvido de Megan. “A pessoa para a qual ele está

trabalhando é de *dentro* da embaixada, seja lá quem for.”

Eu me sinto vulnerável, traída. Toda a minha vida me disseram que a embaixada era um porto seguro – o *meu* porto seguro. Não importava o que estivesse acontecendo, tudo o que tinha a fazer era chegar aos portões e então tudo estaria bem. É terrível perceber que tenho vivido uma mentira.

Quando um grupo de homens de terno escuro vem pelo corredor na nossa direção, parece um enxame de abelhas se aproximando. Megan e eu nos apertamos contra a lateral do corredor e os esperamos passar.

“Tem que ser um americano?”, sussurra Megan de volta. “Quer dizer... tem mesmo? Você entrou na embaixada pelos túneis. O Homem da Cicatriz também. Talvez fosse apenas o local do encontro, não?”

Os homens pararam no final do corredor, e posso ouvi-los falar de ângulos e linhas de visão, de câmeras novas e barreiras. Mas olho para Megan e já estou balançando a cabeça: “Um local de encontro muito arriscado.”

“Mas talvez *fosse* apenas um local de encontro”, diz Megan, esperançosa.

Estou disposta a dar razão a ela, especialmente porque seria algo que, com toda a certeza, faria com que eu me sentisse melhor.

“Você já se perguntou por quê?”, pergunta Megan após um instante.

“Por que o quê?”

“Por que ele faria isso? Sua mãe era uma comerciante de antiguidades, não era? Uma mulher legal. Nunca ouvi ninguém dizer nada contra ela. Então, por que alguém viajaria a metade do mundo para matá-la?”

Honestamente, é uma pergunta em que eu nunca pensei antes. E não aguento ficar pensando muito nela agora.

“Eles se conheciam. Talvez ele tenha sido namorado dela ou coisa assim. Talvez tenha sido pessoal.”

“É. Pode ser isso, acho.”

Posso perceber, pela voz de Megan, que ela não está muito certa. Tudo bem. Há anos eu não tenho certeza de nada.

“Isso vai ser *muito* difícil!”, ouço a voz da senhorita Chanceler flutuar no corredor. Pela primeira vez, noto que ela está no meio do enxame de homens. Seus cabelos estão puxados num coque e ela está de óculos. Está inteiramente focada no seu trabalho ao dizer: “Isso aqui não é o Hilton. Nossos vizinhos valorizam sua privacidade e segurança tanto quanto valorizamos a nossa.”

O líder olha para ela e disfarça uma risadinha, como se ela não soubesse com quem está falando. Não tenho coragem de avisá-lo que é ele quem está cometendo o erro.

A senhorita Chanceler tira os óculos. Dá ao homem seu melhor sorriso. “É claro, cavalheiros, que os senhores têm seus próprios protocolos. E eu sou particularmente grata a isso. É realmente muito impressionante. Mas temo que a cerca em questão seja tecnicamente propriedade da nação alemã, e não consigo imaginá-los receptivos e amigáveis à ideia de, como dizer, *plantar um franco-atirador no seu muro*. Mas, se os senhores quiserem discutir o assunto com eles, então, sim, absolutamente, ficarei feliz em telefonar. O embaixador é um amigo pessoal, muito querido.”

Isso parece tê-los calado.

“Creio que podemos buscar outras soluções”, diz o líder.

A senhorita Chanceler dá um sorriso solidário. “Creio que seria melhor. Agora, se me acompanharem, cavalheiros, eu lhes mostrarei o roseiral.”

Eles já estão saindo quando a senhorita Chanceler finalmente nos vê.

“Só um momento, senhores. Eu os encontrarei lá fora”, orienta a senhorita Chanceler, e volta completamente sua atenção para Megan e para mim. “Olá, meninas. Que prazer encontrá-las. Vejo que houve alguma evolução.”

“A cúpula do G-20 está vindo para a cidade”, digo como se a notícia fosse totalmente ultrapassada. E, a esta altura, já é totalmente.

“Sim”, diz a senhorita Chanceler, impressionada. “É tudo tão empolgante. Inesperado. Mas empolgante. E essa é a natureza da nossa profissão, não é mesmo, meninas?”

Em uníssono, Megan e eu entoamos: “É, sim, senhorita Chanceler.”

“E, é claro, como base de operações oficial dos Estados Unidos em Adria, cabe a nós promover um evento muito importante, para os nossos convidados muito importantes.”

“Com licença, senhora”, grita um dos Ternos Escuros do extremo do corredor. “É possível cortar a árvore junto àquele muro?”

“Não!”, dispara a senhorita Chanceler. “Não toquem na magnólia do embaixador!” Ela se retira, mas Megan grita às suas costas.

“Que evento?”

“Uma festa, querida”, grita a senhorita Chanceler em retorno.

“Que convidados?”, digo, embora, no fundo do coração, já tenha certeza da resposta. Sei quem é o alvo antes mesmo de a senhorita Chanceler se virar e nos dizer: “Bem, o presidente e a primeira- dama, é claro!”

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



Há uma grande sala na embaixada. No passado, acho que era usada como hall de entrada principal, na época em que o prédio era a casa do barão das especiarias. O teto está a quinze metros de altura. Há duas escadarias que se estendem em curva a partir dos pisos de parquete e se transformam numa sacada no segundo andar, que corre à volta de todo o salão.

É aí que damos as festas.

A senhorita Chanceler só precisou de 48 horas e cinco equipes de floristas para transformar o espaço. Há um palco no centro do cômodo, entre as duas escadarias em curva. Um quarteto de cordas toca Mozart, e a senhorita Chanceler flutua pela festa num vestido preto bem cortado e em saltos altíssimos.

Isso não é um baile. Não estamos no palácio. O vestido em que a senhorita Chanceler me enfiou desta vez bate nos meus joelhos e tem uma saia ampla com uma armação no forro – a saia pula de um lado para o outro, fazendo barulho quando eu me mexo. Mas não estou me mexendo.

Há muitos escritórios na sacada do segundo andar, portas que ficam permanentemente fechadas e trancadas. É lá que estou, observando, quando eles me encontram.

Megan deixou de lado as calças largas camufladas e está usando um vestido de verão com um pequeno suéter branco. Ela inclusive tem flores nos cabelos. Rosie está de vestido branco com uma saia longa e um grande arco de cetim. Parece que ela vai ser daminha de honra de alguém. E ela está odiando.

Porém, não consigo me concentrar nelas. Não quando Alexei está usando um terno escuro com gravata azul exatamente da mesma cor dos seus olhos. Quando ele me olha, compreendo que aquela noite na muralha não foi um sonho. E agora, quando olho para ele, não penso mais em Jamie.

“Tudo bem com você?” Quando Alexei fala, as palavras são baixas e quase murmuradas. Ele está falando só para mim – olhando só para mim. E a intensidade disso é quase excessiva. Tenho medo de pegar fogo.

“Estou bem”, digo, rápido demais.

“Não.” Alexei balança a cabeça. “Não está.”

Isso me dá vontade de brigar – de sair correndo. Não porque ele está errado, mas porque está certo, e eu odeio a facilidade com que ele vê dentro de mim.

Então, olho para outro lado – qualquer lugar, menos para ele.

“Tem alguma coisa acontecendo?”, diz Rosie, trepada na balaustrada, debruçando-se de um jeito que faria qualquer outra pessoa cair no andar debaixo. Mas a diferença é que eu sei que, secretamente, a Rosie pode estar esperando que isso aconteça.

“Não sei”, digo a eles, balançando a cabeça e examinando o andar. “Os convidados estão chegando, e tudo parece bem.”

Mas as coisas definitivamente não estão bem. Dá para sentir. Então apenas me encosto no parapeito, pensando no quanto tudo isso seria mais fácil se eu

pudesse contar a alguém o que está acontecendo, desejando ser o tipo de garota em quem as pessoas acreditam.

Continuo observando quando Noah e Lila passam pelo detector de metais à porta. Fuzileiros examinam a bolsa de Lila. Eles passam um bastão sobre os bolsos de Noah. Fico esperando Noah olhar para cima e me ver, e fazer aquela reverência exagerada, me fazer rir e sentir que tudo está bem.

Mas Noah não olha para mim, e não consigo afastar o sentimento de que nada vai ficar bem novamente.

“Quer dançar, Gracie?”, convida Alexei.

“Não”, digo.

“Grace!” O que quer que eu tenha dito, dá para perceber que Megan entendeu como um insulto, talvez para as mulheres como um todo. Mas não compreendo o porquê de tanta agitação.

“Não, obrigada, Alexei!”, tento novamente. Megan e Rosie apenas reviram os olhos, como se eu não estivesse entendendo nada.

Mantenho os olhos na porta, nos detectores de metais e nos agentes do Serviço Secreto que vigiam o perímetro do salão. Todos os que entrarem esta noite serão revistados. Todo o quadro de funcionários foi revistado esta manhã. Há alarmes em todas as janelas, guardas em todas as portas.

Bem, em quase todas as portas.

“Ela está segura?”, pergunto a Alexei, que assente.

“Ninguém vai abrir aquela passagem esta noite”, diz ele. “Nós a fechamos com uma barricada.”

“Isso”, acrescenta Megan. “Coloquei ali todas as armadilhas que conheço. E olha que conheço muitas. Pode confiar. Se ela se mexer uma vírgula”, diz, segurando seu telefone e me mostrando uma luzinha vermelha piscando na tela, “eu vou saber”.

Isso devia me dar uma boa dose de tranquilidade, mas não. Não dá. Não estou exatamente convencida de que a tranquilidade e eu possamos ser boas amigas novamente.

E foi então que eu o vi.

“É ele”, digo. “Lá está Dominic. Ele está aqui.”

O Homem da Cicatriz está abaixo de nós. Eu o observo atravessar os detectores de metal. Quando a máquina bipa e as luzes vermelhas piscam, ele levanta os braços e sai da fila para que um agente possa revistá-lo mais rigorosamente.

“Por que o estão revistando? Ele é chefe de segurança do primeiro-ministro”, digo.

Megan balança a cabeça. “Não importa. O Serviço Secreto não vai permitir que ninguém entre armado esta noite.”

Isso deveria me acalmar. Mas não acalma. Eu continuo pensando nas palavras do Homem da Cicatriz, na verdade do que ele falou:

Existem muitas maneiras perfeitamente adequadas de morrer. Só tenho que encontrar uma.

“Rosie”, diz Alexei. Ele parece tão seguro de si – da situação. Como se estivesse no controle. Eu nunca me senti no controle um dia sequer da minha vida, e uma parte de mim o odeia por isso. A outra parte está simplesmente grata por ele estar do nosso lado. “Por que não se junta à sombra dele?”

Rosie sorri. Sua expressão é a de quem esteve esperando por isso a vida inteira – como se, em algum momento, fadas tivessem vindo ao seu quarto, se inclinado sobre o seu berço e dito que um dia ela teria que seguir um assassino internacional por uma noite inteira. É como assistir a alguém finalmente encontrando seu destino quando ela diz: “Deixa comigo.”

Ela dispara escadaria abaixo, infiltrando-se entre os casais, driblando os garçons. É uma minúscula manchinha loira ao abrir caminho até o Homem da Cicatriz e assumir sua posição a menos de um metro dele.

“Certo, Megan”, diz Alexei, virando-se para ela. “Fique com a sua mãe. Fique perto dela, caso a gente precise informar as autoridades de alguma coisa.”

“Positivo.” Megan se vira para a escadaria e segue seu caminho.

Eu a observo se afastar, mas posso sentir que Alexei está olhando fixamente para mim.

“Não vai chegar a tanto”, diz ele.

Eu concordo com a cabeça, mas não me atrevo a falar.

“Grace...” A mão de Alexei está no meu braço, macia e confortável.

Ouço o riso de uma mulher. Vejo minha mãe andando pela sacada que envolve inteiramente o salão.

“Grace, tem alguma coisa errada?”, pergunta Alexei, genuinamente preocupado. Mas não ouso lhe dizer a verdade. Em vez disso, digo: “Sinto muito.”

“Por quê?”

“Pela outra noite. Por meter você nisso. Por...”

“Ei.” Alexei segura delicadamente meu queixo e encontra meus olhos.

“Sinto muito por você ter prometido ao Jamie que não ia deixar eu me meter em encrenca.”

“Sim, é por isso que estou aqui”, diz ele, num tom que sugere que não está concordando comigo em nada. “Porque prometi ao Jamie.”

“Naquela noite no palácio, para onde você foi?” Não sei de onde veio a pergunta, mas não tento retirá-la. De algum modo, ela estava lá, rondando a minha cabeça há dias. “Eu vi você subindo depois que a gente dançou. Por quê?”

“Meu pai e eu estávamos discutindo. Precisei de um tempo para clarear a cabeça.”

“Sobre o que vocês estavam discutindo?”

Leva um momento, mas Alexei finalmente baixa o olhar. Ele segura o corrimão e diz: “Você.”

Algo no olhar de Alexei me mantém em silêncio enquanto ele continua.

“Adria sempre foi importante, você sabe. Estratégica. No passado, foi a principal rota comercial que ligava a Europa ao Extremo Oriente e ao Oriente Médio. Sempre foi importante.”

Eu sei o que Alexei está dizendo, mas não tenho a menor ideia de onde ele quer chegar.

“Os Estados Unidos e a Rússia, bem, temos nossa própria história complicada. Nossos países nunca serão aliados, Grace. E há quem pense que, por causa disso, eu e você nunca poderemos ser amigos.”

Então, como se as palavras o tivessem evocado, o pai de Alexei aparece no meio da festa. Não há como confundir a expressão nos seus olhos ao ver o filho comigo.

“É melhor você ir”, digo.

“Estou bem aqui”, diz ele.

“Não. Não precisa deixar seu pai irritado só para me fazer companhia. Vá. Dê uma volta. Eu vou ficar aqui.” Alexei se vira. Ele dá dois passos, então para e se vira de novo para mim. “Você devia ir também”, diz, e indica com a cabeça o fundo da escada.

Noah.

Só percebo que estou correndo escadaria abaixo quando me dou conta do farfalhar da armação do vestido. Essa é a parte em que Noah deve rir, e debochar de mim e do meu vestido bufante. Mas ele simplesmente dá meia-volta e começa a forçar passagem pela multidão.

“Noah?”

Ele para e me encara. Como se estivesse olhando para uma desconhecida.

“Noah, espere.”

Quando estendo a mão para tentar pegar a sua, ele se afasta, e eu não tento de novo. Apenas digo: “O Homem da Cicatriz estava se encontrando com alguém na embaixada americana. É onde ele estava. E agora todos os líderes mundiais estão aqui e...”

“E daí, Grace?” Noah levanta os braços brevemente e os deixa cair sobre o corpo. É um gesto universal para *e o que você quer que eu faça a respeito?*.

Ele tem razão. Claro que tem.

“Eu só queria que você soubesse. E que eu sinto muito. Por ter mentido.”

“Você acha que eu estou chateado porque você mentiu para mim?”

“Ué, não é por isso?”

Noah revira os olhos e depois admite. “É. Estou. Mas não é *só* isso. Eu não apenas acreditei em você. Eu *confiei* em você. Falei sobre os meus pais e sobre Lila. Deixei você entrar na minha vida. Mas você não *me* deixou entrar. Você não confiou *em mim*.”

“Eu confiei em você, eu só...”

“O quê?”, diz Noah com rispidez.

“Eu não podia contar para você.”

“Por quê?”

Porque contar a ele significaria mudá-lo. Mudar-nos. Pois como eu poderia confiar em Noah se não podia confiar em mim mesma?

Porque eu sou louca.

“Porque... Eu simplesmente não podia, Noah. Eu não podia *dizer*.”

Noah não amolece. Sua expressão não muda.

“Boa noite, Grace.” Ele faz um cumprimento formal. “Boa festa.”

Observo Noah se afastar, compreendendo que, mesmo no meio daquela multidão, estou total e completamente só.

Uma hora depois, estou no alto da escadaria, e vejo Rosie lá embaixo, esquadrinhando o salão, seus cabelos louros pulando de um lado para o outro. Ela anda com passos apressados, frenéticos. Sem direção. Procurando.

Entrando em pânico.

Ouço o grupo musical parar. Meu avô anda até o palco, seus cabelos brancos brilhando à luz do refletor.

“Bem, olá para todos!”, diz ele com uma risadinha ao levantar a mão para proteger o rosto contra a luz forte. “Sejam bem-vindos. Bem-vindos à embaixada dos Estados Unidos. E bem-vindos a Adria, minha casa pelos últimos 45 anos. Ainda trago o Tennessee na minha voz, mas Adria está no meu coração.”

A multidão faz um *ohhhh* coletivo. Meu avô, não se deixe enganar quanto a isso, é um sedutor. Mas não consigo tirar os olhos de Rosie.

O quarteto de cordas começa a tocar outra vez. Não a valsa nem a música chata que tocou a noite inteira. É uma canção que eu conheço. Uma canção que faz todos no salão se postarem um pouco mais eretos. E, em uníssono, todos nos voltamos para a porta quando “*Hail to the Chief*”[2] preenche o salão.

Os refletores se deslocam e o presidente entra, sorrindo e acenando sob o brilho das luzes. Ele aperta mãos e distribui tapinhas nas costas enquanto abre caminho rumo ao palco.

“Rosie, o que aconteceu?”, pergunto ao vê-la subindo as escadas na minha direção.

“Não sei”, diz ela. “Perdi Dominic. Eu o estava seguindo, e de repente ele... sumiu.”

O quarteto ainda está tocando. O presidente ainda está andando – acenando em meio à multidão que abre passagem. E eu, de repente, me sinto uma idiota.

E se Megan tiver razão? E se ele não estivesse se encontrando com alguém *da* embaixada dos Estados Unidos quando o segui? E se ele estivesse se encontrando com alguém *na* embaixada dos Estados Unidos? E se – em vez de contrabandear uma arma esta noite – ele entrou com uma dias atrás?

Faz calor no salão de baile, com as luzes e a multidão, entretanto eu sinto o sangue nas minhas veias esfriar.

“Vai acontecer esta noite”, digo, sem ligar se alguém pode ou não me ouvir. “E vai ser agora!”

Lá embaixo, vejo o presidente subindo os degraus do palco.

Então ouço Rosie ofegar. “Grace, eu o encontrei.”

“Onde?”, praticamente grito.

“Lá embaixo”, diz Rosie.

Ele está tão perto da sacada que tenho que me debruçar sobre o corrimão para poder enxergá-lo. Ele está quase debaixo de mim, mas percebo que está *se afastando* do presidente.

Vejo o pai de Alexei esperando nos bastidores, e, quando ele me vê, uma expressão decepcionada cruza seu rosto. Mas não tenho tempo para me preocupar com ele nem com o motivo de ele me odiar – com todas as características que não fazem de mim boa o bastante para ser amiga do garoto da casa ao lado.

O presidente dos Estados Unidos está no palco. Ouço sua voz ecoar no salão. “É tão bom estar aqui esta noite com nossos amigos e vizinhos.” Ele ergue o copo na direção do presidente russo, que indica sua concordância com um gesto solene de cabeça.

A tensão entre os dois homens é palpável. Quase posso sentir a corda bamba na qual as duas nações têm que andar neste momento. E penso na expressão no rosto do embaixador russo quando eu estava no seu gabinete, uma adolescente pedindo desculpas por ter caído acidentalmente em cima dele no jardim.

Que tipo de caos desabaria sobre nós se algo pior acontecesse – se algo pior acontecesse com o presidente da Rússia? Se isso acontecesse *aqui*? Agora?

Significaria um banho de sangue.

Poderia significar guerra.

Penso no meu primeiro dia aqui, na visão das embaixadas, enfileiradas como peças de dominó, e sei que algo – ou alguém – está se preparando para derrubá-las.

O presidente russo está com o pai de Alexei, e o Homem da Cicatriz se aproxima deles rapidamente. Enquanto ele anda, noto algo em sua mão. Algo escuro e brilhante...

Ele está quase chegando.

É quase tarde demais.

“Não!”, grita alguém, e levo um momento para perceber que fui eu.

Não perco tempo pensando em mais nada. Nem no número de pessoas que estão no salão, nem na altura da sacada. Não estou pensando no meu vestido de festa bonito, nem na expressão no rosto do meu avô quando todo o salão parece se paralisar.

O presidente está apertando a mão do meu avô. Mas todos se viram para o som da minha voz. Todos estão olhando quando eu me lanço por cima da balaustrada. Nem mesmo o Serviço Secreto norte-americano tem tempo de fazer algo enquanto eu voo no ar e caio sobre as costas do Homem da Cicatriz.

---

2 O hino oficial do presidente dos Estados Unidos da América, que se traduziria como “Saudação ao Líder”. É tocado em aparições públicas do governante e em ocasiões oficiais. (N.E.)

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



Era um telefone celular o que o Homem da Cicatriz tinha na mão, eles me disseram. Meu avô está em reunião com o primeiro-ministro agora, desculpando-se e explicando a situação. Falando sobre mim e sobre todos os meus problemas.

O presidente dos Estados Unidos ainda chegou a fazer uma brincadeira qualquer no palco – sempre perspicaz – enquanto o Serviço Secreto se aglomerava à minha volta. O presidente russo e o pai de Alexei foram discretamente conduzidos a um canto reservado, para receberem explicações.

Não foi nada, todos repetiam, mas sei que não é verdade. No mínimo, é um constrangimento. *Eu* sou um constrangimento. Algumas coisas nunca mudam.

“Grace”, diz uma voz familiar, rompendo a escuridão, mas não ouso abrir os olhos. “Grace, eu sei que você está acordada.”

A senhorita Chanceler não permite que eu vá para o meu quarto. Ela insiste que eu fique no seu escritório, sentada na cadeira menos confortável, uma forma totalmente cortês de tortura. Um dos agentes do Serviço Secreto está sentado atrás de mim. Posso sentir os olhos do homem perfurando a minha nuca. Eu me pergunto se um dia alguém poderá perfurar fundo o bastante para extrair toda a loucura.

Provavelmente não, sugere o tom de voz da senhorita Chanceler.

“Que horas são?”, pergunto, meio atordoada, ao abrir os olhos.

Há uma bolsa de gelo nos meus joelhos. Tenho curativos em ambos os cotovelos. Não sou uma visão propriamente bonita, bem sei. Mas não consigo me preocupar com isso.

“Já passa da meia-noite.” A senhorita Chanceler põe as mãos juntas, segurando-as com suavidade ao se encostar na sua escrivaninha. É sua postura diplomática. Dá para perceber que ela está tentando reunir toda a sua delicadeza. Embora seja difícil.

“Agente Gregory”, diz a senhorita Chanceler, olhando para o homem de terno escuro, “creio que não precisaremos mais da sua assistência”.

O homem se levanta e abotoa o paletó escuro. “Com licença”, diz ele, e desaparece porta afora sem outra palavra.

Por um segundo, estou grata por ter escapado do seu olhar penetrante. Então compreendo que agora estou sozinha com a senhorita Chanceler, e daria qualquer coisa para ele voltar.

“Ele vai matar novamente”, começo, indo direto ao ponto.

“Grace...”, tenta a senhorita Chanceler, mas eu continuo falando.

“Ele estava aqui!”, grito. “Ele estava na embaixada americana na semana passada – encontrando-se com alguém. Eu o segui, e ouvi quando ele disse que ia matar novamente.”

“Você o seguiu?”, diz a senhorita Chanceler, mas não era uma pergunta. Era uma ameaça. “Pensei que o seu avô e eu tivéssemos sido muito claros a respeito de você deixá-lo em paz!”

“Você e o meu avô estavam errados.”

“Ah, Grace.” A senhorita Chanceler balança a cabeça lentamente. “O que você fez?”

Quando ela começa a contornar a escrivaninha, fujo da cadeira desconfortável.

“O que *eu* fiz? É ele quem fica andando aí pela cidade, encontrando-se com homens sombrios e planejando assassinatos!”

“Ele é o chefe de segurança do primeiro-ministro, Grace. Você sabe o que isso significa?”

“Claro. Significa que pessoas como você acreditarão sempre em pessoas como ele, em vez de acreditar em pessoas como eu.”

Seguro a respiração, à espera da réplica mordaz da senhorita Chanceler, mas ela apenas parece mais abatida. Quando fala novamente, sua voz é suave, amável e delicada.

“Grace, não temos nenhuma razão para acreditar que algum dia ele pudesse fazer uma coisa dessas.”

“Ele matou a minha mãe!” Estou tremendo agora, berrando tão alto que sei que as pessoas podem ouvir, mas não estou nem aí. Quero que o mundo ouça – e saiba. Estou cansada de segredos. “Ele a matou!”

A senhorita Chanceler pega calmamente um arquivo na sua escrivaninha – quase como se estivesse com medo do seu conteúdo. Não é apenas um arquivo, dá para perceber. É sua arma derradeira, seu último recurso.

“Dominic não matou a sua mãe, Grace.”

“Você não sabe”, digo.

“Sim.” Ela abre o arquivo e o deixa cair sobre a escrivaninha. “Eu sei.”

Por um segundo, não tenho certeza do que estou vendo. É apenas um jornal. Eu o pego e leio a manchete em adriano, alguma coisa sobre uma greve dos trabalhadores do serviço nacional de trens. Há uma foto do primeiro-ministro cumprimentando um homem que eu nunca vi antes. É o tipo de foto que sai em qualquer jornal do mundo todos os dias.

“É um jornal velho. E daí?”

“Olhe com mais atenção, Grace. Olhe de perto.”

A senhorita Chanceler põe uma fotografia em preto e branco sobre o jornal. A foto é brilhante e nova, mas apresenta a mesma imagem que a do jornal. Idêntica. Quase. É uma tomada um pouquinho mais ampla e, nela, dá para ver as pessoas ao fundo, assessores, guardas e...

“Olhe”, diz a senhorita Chanceler, apontando para o Homem da Cicatriz. Só o braço dele estava visível na foto do jornal, mas nesta pode-se ver Dominic claramente, ao lado do primeiro-ministro.

Reconheço os traços vistosos, o cabelo grisalho. Mas o rosto, eu sei, está diferente.

“Este é...”, começo a dizer lentamente.

“É Dominic.”

Mas não há cicatriz no lado esquerdo do seu rosto. A pele é lisa, seu rosto é bonito. Ele é espetacularmente belo.

“E aí? O que uma foto velha devia provar?” Jogo o arquivo para ela.

“Não é tão velha, Grace.”

“Estou dizendo”, começo outra vez. “Eu sei o que eu vi.”

“Sim.” A senhorita Chanceler se aproxima, soa quase desesperada ao dizer. “E você está dizendo que três anos atrás viu um homem com uma cicatriz matar a sua mãe. Não é isso?”

“Não.” Balanço a cabeça e aponto para Dominic. “Estou dizendo que vi *este* homem – com *aquela* cicatriz – matar a minha mãe.”

O rosto da senhorita Chanceler se enche de compaixão, e não sei por quê. Só sei que odeio isso.

“Olhe a data, Grace”, diz ela suavemente ao pegar o jornal e estendê-lo para mim. “Olhe a data.”

Faço o que ela diz, mas algo está errado. Alguma coisa não faz sentido.

“Levei um tempo para localizar a foto”, diz a senhorita Chanceler. “Eu esperava que você não precisasse ver isso – que talvez acreditasse em nós. Deixasse isso para trás. Mas agora...”

“Agora o quê?”, digo, a garganta seca demais – a voz áspera demais.

“Esta foto foi tirada três dias antes da morte da sua mãe, Grace”, diz ela.

“Não.” Estou balançando a cabeça e recuando. Tenho que sair desta sala – neste momento. Tenho que sair antes que ele me mate. “Não. Isso não é possível.”

“Ele não tinha cicatriz. Mesmo você deve compreender que uma cicatriz não pode se formar em três dias. No momento em que sua mãe morreu, *Dominic não tinha nenhuma cicatriz*.”

“Eu o vi. Ele estava lá.”

Não percebo que estou sentada novamente até minhas unhas começarem a escavar o estofado da cadeira desconfortável.

“Sei como deve ser, querer alguém para culpar.” A senhorita Chanceler se agacha à minha frente. Suas mãos são muito quentes quando ela as descansa sobre as minhas. “Mas toda esta condenação, Grace. Este ódio. É hora de deixar isso para trás.”

“Eu sei o que vi”, digo a ela, mas minha voz está fraca demais. Não consigo parar de pensar nas palavras de Noah: *Se um homem com uma cicatriz ameaça alguém no meio da floresta, já se perguntou por que você é sempre a única a estar por perto para ouvir?*

“Eu o vi. Eu vi...”

A senhorita Chanceler balança a cabeça e aperta as minhas mãos. “Ele é apenas um homem com uma cicatriz, Grace. Apenas um homem.”

Quero dizer que ela está errada – que ele tem realizado encontros no Irã e zanzado por túneis secretos.

Mas aí percebo que eu também tenho feito isso.

* * *

Estou no escuro, o dossel cor-de-rosa pendurado acima de mim. Há uma batidinha na janela. Ando até a vidraça e vejo um tufo de cabelos platinados aparecer à altura do peitoril enquanto Rosie se levanta, perfeitamente equilibrada, num galho da árvore lá fora.

“Grace!”, chama ela baixinho através da janela. “Me deixa entrar.”

Ela sorri. Seus olhos brilham ao luar e, no escuro, meu reflexo se mistura com a imagem dela. Tenho doze anos outra vez, trepo em árvores e corro atrás das crianças maiores.

Estou prestes a me machucar.

“Grace.” Rosie dá outra batidinha na vidraça. “Vamos.”

Levo a mão à janela e sorrio para ela.

“Tenha cuidado aí fora, Rosie”, digo, enquanto fecho as cortinas.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



“Bom dia, Grace”, diz a dra. Rainier dois dias depois. Ela é francesa e muito magra. Usa calças cigarette pretas e uma túnica branca de linho; é tão bonita que quase dói olhar para ela. É como ter sua cabeça examinada por Audrey Hepburn.

“Como você está hoje?”, pergunta ela.

Não respondo.

Não estou encenando uma rebelião. Não se trata de um protesto silencioso. Estou calada porque não quero perder o controle, e aprendi há muito tempo que, às vezes, a única maneira de silenciar os gritos é não emitir absolutamente nenhum tipo de som. Então, dou de ombros e mordo os lábios. Não digo sequer uma palavra.

“Você sabe por que está aqui?”, pergunta ela. Balanço a cabeça positivamente, pois eu sei. Estou aqui porque há 36 horas humilhei o meu avô e saltei da sacada. Estou aqui porque, desta vez, não quero que ninguém se machuque.

Nem mesmo eu.

“Bom”, continua ela. “Tive a oportunidade de conversar com alguns dos médicos com os quais você se consultou nos Estados Unidos. Todos eles me

pediram para dar um oi para você. Todos gostam de você, Grace. Todos querem que você fique bem.”

Dou de ombros, mas continuo sem dizer uma palavra. Mesmo que ela não esteja mentindo, sei que não há nenhuma possiblidade de ela estar certa.

TD BEM?

Olho a mensagem de texto de Jamie. Não respondi a nenhum dos seus telefonemas. Com certeza, a esta altura ele já conversou com Alexei. E com o vovô. Ele vai ficar preocupado, mas não quero mentir para ele, e não quero dizer a verdade, então não digo coisa nenhuma. Pelo menos papai está em missão e fora de alcance. Não acho que conseguiria lidar com ele irrompendo na embaixada e me levando para casa. Onde quer que ela seja.

Desligo o telefone e o coloco na mesinha ao lado da cama. Excepcionalmente, a embaixada está em silêncio. É o último dia da cúpula do G-20 e todo mundo está ocupado demais para se preocupar comigo.

Bem, quase todo mundo.

Quando Noah aparece no meu quarto, faz uma grande fanfarra. Ele não se limita a entrar. Tem que agarrar o entorno da porta e praticamente lançar-se para dentro – como uma espécie estilingue humano.

“Olá, estranha. Como tem passado?”, pergunta ele, mas não sustenta meu olhar ao dizê-lo. É como se não estivesse realmente procurando uma resposta. É a única pessoa esperta o bastante para saber que não vou responder.

“Então... o G-20 está fazendo as malas hoje à noite, e a Lila vai fazer uma festança no penhasco para a gente ver os fogos, aí eu pensei que *nós* podíamos...”

“O que você está fazendo aqui, Noah?”

“Vim ver a minha melhor amiga. Vim pedir desculpas a você por ser um... sei lá o que eu estava sendo. Estou aqui porque nós estamos sentindo a sua falta.”

“Nós?”

“Oi”, diz Megan da porta. Ela não tem a bravata natural de Noah, sua presunção ou seu charme. E ela também não é tão boa em fingir que estou bem. Talvez seja por isso mesmo que ela nem está tentando. “Como você está?”

“Louca. Você não soube?”

“Grace...” A voz de Megan é baixa. “Estou falando sério.”

“Eu também”, digo a ela.

“Grace”, diz Noah, desesperado. “Fala com a gente.”

“Acho melhor vocês irem embora.”

“Você parece diferente”, diz Megan.

“Os remédios.” Balanço a cabeça bem rápido, pisco com força. Quando balanço de um lado para o outro, não sinto mais. Só posso ver no reflexo do espelho da minha mãe, meu corpo como um pêndulo que não pode parar de se mexer. “Eu não como muito quando os tomo. Eles me deixam...”

Minhas mãos tremem. A luz é forte demais. As vozes deles são muito altas. Quero diminuir a intensidade de tudo, obscurecer o mundo até ele quase sumir. Mas não posso, porque eles não vão sair do meu quarto.

“Talvez você devesse parar de tomá-los.” A voz de Megan é mais firme agora. Ela está questionando a autoridade, e lamento imediatamente ter permitido que ela virasse minha amiga. Talvez seja a pior coisa que eu pudesse ter feito a ela.

“Não posso”, digo. “Preciso melhorar.”

“E é isso que é melhorar?” Noah nem tenta esconder o choque na sua voz, e não posso culpá-lo. Fiquei boa nisso de esconder a verdade. Até de mim mesma. Ele não tem culpa por ter conhecido a mentira primeiro.

“Eu não queria mentir para você”, falo, rápido demais. “É só que não gosto da ideia de mais uma pessoa saber a verdade.” Noah não diz nada, então baixo meu olhar. Tenho certeza de que estou me balançando mais forte. “Me desculpa por ser louca.”

“Grace...”

“Sinto muito”, digo a eles. “Sinto que tenham sido arrastados para isso. Sinto muito. Não vou incomodar mais.”

“Você não estava nos incomodando!” Noah parece ofendido.

“Vocês deviam ir embora”, digo de novo.

“Sim, vou mesmo. Vou convencer minha melhor amiga a deixar sua torre esta noite. Vamos assistir aos fogos e comer alguma coisa – não necessariamente nesta ordem. Eu estava pensando em crepes.” Noah assente de forma dramática. “Quer dizer, podemos fazer o que você quiser, mas tem um lugar que faz uns crepes de Nutella que, bom, vamos admitir que a paz mundial frequentemente dependeu deles.”

O dia está bonito e ele dá uma olhada para fora. “Vamos lá, vamos nos sentar na muralha e zoar a Lila. Vamos ao carrossel. Você tem que sair daqui.”

Tenho que melhorar.

Tenho que seguir em frente.

Tenho que reparar os meus erros.

Tenho que evitar que Megan, Noah, Rosie e Alexei façam outras coisas estúpidas.

Tenho que manter meus amigos longe de mim.

“Vamos nessa”, diz ele. “Você tem que comer alguma coisa.”

“Não!” Acho que devo estar gritando. Acho que posso estar chorando. Mas as lágrimas, na verdade, não caem. Não sei mais o que é real e o que não é. Não consigo nem confiar nos meus próprios olhos. “Eu não tenho que fazer coisa nenhuma!”

“Tem, sim.” Noah segura os meus braços, mantendo-me parada. “Você tem, sim. Você tem que sair deste quarto. Você tem que viver.”

“Você não percebe, Noah? Você estava certo. Há uma razão pela qual eu sou a única que vê o Homem da Cicatriz aparecer na floresta. Ou será que sou a Menina que Gritava ‘Homem da Cicatriz’?” Solto uma risada nervosa. “Não consigo decidir que clichê serve melhor. Qual você prefere? Não consigo decidir de qual gosto mais.”

Observo Megan olhar para Noah. Há algo entre eles que não estava presente um momento antes, uma pergunta não dita. Mas não consigo pensar sobre isso.

“Eu estava errada”, digo, minha voz não chega a ser mais que um sussurro. “A morte da minha mãe foi um *acidente*.”

Viro para a janela e olho a árvore grande, mas pela primeira vez não tenho o ímpeto de subir nela – de fugir. Ao contrário, queria que o Serviço Secreto viesse e a botasse abaixo.

“Grace”, começa Megan devagar, “sabe aquelas câmeras e outros troços que nós temos na casa do Homem da Cicatriz?”.

Repito as palavras da senhorita Chanceler. “O nome dele é Dominic. Ele é apenas um homem que tem uma cicatriz.”

“Sim, é isso, na casa de Dominic”, continua Megan, pondo as minhas palavras de lado. “Bem, eu carreguei as gravações ontem à noite, só para checar.”

Pela primeira vez, noto que ela está com seu laptop. Ela o abre e aparece uma imagem da casa de Dominic. Estamos vendo a mesma mobília esparsa. A mesma casca deprimente e vazia de uma vida. Pela primeira vez, sinto pena do Homem da Cicatriz.

“Ele está olhando um bando de fotografias”, diz Megan. “Achei meio estranho. Ele não faz este tipo sentimental. E, quando a gente dá zoom nas fotos, dá para vê-las. Olhe.”

Megan trabalha enquanto fala, e logo estamos vendo as mesmas imagens que Dominic.

“Essa é a minha mãe”, digo a eles, mas meus olhos estão grudados na tela. Vejo a velha fachada da loja e as vitrines antiquadas. “É a loja dela. Ela era comerciante de antiguidades, mas a gente se mudava demais para ela poder abrir sua própria loja. Aí a gente chegou a Fort Still... Deveria ser o último posto do meu pai. Íamos construir nossa vida lá. Ela realmente amava esta loja.”

“Não foi lá...” Megan para, depois recupera a coragem. “Não foi lá que ela morreu?”

Já estou balançando a cabeça. “Isso não quer dizer nada.”

Ninguém fala nada. O silêncio é pior do que qualquer coisa que eles possam dizer.

“O quê?”, pergunto, meus olhos rodopiando pelo quarto. *“O quê?”*, quase grito.

“Ele olhou para estas fotos durante quatro horas ontem à noite”, diz Megan. “Ele era obcecado por ela. E agora...”

Megan avança a gravação, mas Dominic mal se move. Finalmente, contudo, a imagem muda. Reconheço a rua e as luzes, mas é como se estivesse olhando para uma desconhecida. Mal reconheço a garota de cabelos louros que o vento sopra e esvoaça durante um passeio na Ala das Embaixadas.

“Agora ele está obcecado por *você*”, diz Megan, me estudando, esperando que ouvir isso mude as coisas. Ela não sabe o que eu sei: que o Homem da Cicatriz não tinha aquela cicatriz na noite em que a minha mãe morreu.

Nada do que Megan diga pode mudar este fato.

“Não foi ele que eu vi naquela noite.” Balanço a cabeça e faço que não, rejeitando a ideia. “Não vi ninguém. Foi um *acidente*”, repito muito, muito devagar, experimentando a versão oficial dos fatos.

Mas ela não se encaixa direito, então balanço a cabeça com mais força.

“Calma.” Noah se aproxima com cuidado. Ele põe a mão firme e fortemente sobre a minha. Pela primeira vez, fico parada. “Então, vamos...”

“Vocês têm que ir embora”, digo, esperando que seja pela última vez.

“Mas...”

“De verdade.” Caminho até a porta. “Está na hora.”

Megan dá a impressão de querer argumentar, mas não consegue encontrar as palavras. Noah apenas olha para mim – pela primeira vez, ironicamente – como se eu fosse uma estranha.

“Esta não é você, Grace”, diz Noah.

“Não. Esta sou eu, exatamente”, digo, e o empurro porta afora.

“Ah, qual é!” Noah bate na porta depois de eu fechá-la atrás dele. “Pelo menos venha assistir aos fogos! Vai ser divertido.” Quando não respondo, ele bate outra vez. “Pensei que você fosse uma guerreira! Pensei que fosse mais durona do que eu pareço!”

A voz de Noah está alta demais – perto demais. Ponho a mão sobre os ouvidos, mas não consigo impedir que as palavras entrem na minha mente. Meu gesto não silencia os gritos.

“Grace, não!”, grita minha mãe.

“Grace, pare!”

Quando o grito ganha a minha garganta, não tento prendê-lo. Há bile demais subindo dentro de mim. Agarro a coisa mais próxima que posso encontrar – um dos livros velhos na cômoda da minha mãe. Ninguém mexe ali há anos, e, quando eu o pego, ele deixa um contorno perfeito de poeira.

Não consigo me controlar. Jogo o livro contra a parede. Ele bate com um estalido, as páginas descoladas e amassadas. Instantanea- mente, odeio minha falta de consideração. Minha raiva.

O livro cai direto no chão, enquanto uma fotografia paira por mais alguns instantes, pousando aos meus pés. É apenas uma fotografia instantânea. Algo tirado rapidamente para capturar o momento. Algo guardado dentro do romance predileto da minha mãe e deixado lá por trinta anos.

Olho a imagem da minha mãe de pé na muralha, os braços estendidos. O mar atrás dela é azul e bonito. Seus cabelos esvoaçam pelo rosto, mas posso ver que ela está sorrindo, rindo. Ela tem a minha idade e há um garoto segurando a mão dela. Ele está sorrindo e rindo também.

Agora que conheço a aparência dele antes da cicatriz, eu o reconheço instantaneamente.

“Dominic”, digo, então alcanço outro livro e também o lanço contra a parede. E depois outro.

E outro.

E outro.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



As brochuras da minha mãe jazem dispersas à minha volta. O conteúdo do seu armário de remédios está espalhado pelo chão do banheiro. O Furacão Grace assolou o quarto da minha mãe, e ainda não acabei.

O balanço vem mais forte desta vez. Meu sangue está correndo com muita força e eu sei que deveria sair do quarto, dar um passeio ou uma corrida. Há muitas terminações nervosas vivas na minha pele. Estou quase pegando fogo.

Neste momento, porém, não quero impedir isso. Só quero que tudo o mais queime comigo, se eu tiver que pegar fogo.

Penso no arquivo no escritório da senhorita Chanceler – aquele com a fotografia do Homem da Cicatriz e o recorte de jornal. Quero saber o que mais ela pode estar guardando à chave. Então, me permito mais um ato tresloucado. Sequer olho para trás.

É bastante fácil chegar lá. Basta pôr roupas limpas, escovar os dentes e pentear os cabelos. Ninguém vai incomodar a neta do embaixador no último dia da conferência de cúpula do G-20. Há um monte de outras coisas a fazer.

Ao chegar ao escritório da senhorita Chanceler, forço a fechadura. O armário onde está o arquivo é fácil de abrir. Dentro dele, encontro muitos documentos diplomáticos, formulários de funcionários e informações de pessoal. A

embaixada tem salas inteiras para arquivar documentos. Essas são as coisas que a senhorita Chanceler considera mais valiosas e, talvez, de que precise mais frequentemente. Mas não é só isso. São coisas que ela não quer que outras pessoas guardem.

Rapidamente, folheio suas notas e registros pessoais. Não estou certa do que estou procurando, mas, no momento em que vejo, sei.

Caroline.

O nome da minha mãe me faz parar. Estou perfeitamente imóvel, sem abalos nem tremores. Até minha respiração se acalma quando vejo o nome cuidadosamente escrito e tiro o arquivo da gaveta.

Como sempre, a senhorita Chanceler é meticulosa. Ela tem uma cópia dos obituários da minha mãe – os que foram publicados nos Estados Unidos e aqui. Há cartas de condolências do presidente e do primeiro-ministro – e até do rei e da rainha.

Sei o que este arquivo imenso vai dizer, ou significar. Devo sair daqui sabendo que a minha mãe era adorada, estimada e amada. Devo sentir que não estou sozinha na minha dor, que a minha mãe me deixou com dezenas ou centenas de pessoas afetuosas e poderosas que querem assegurar que sua única filha esteja bem.

Mas não estou nada bem, e todo mundo sabe disso.

Especialmente eu mesma.

Ao chegar ao último documento no arquivo, quase o deixo passar. É apenas uma cópia comum, branca de um lado, e está grudada no fundo do arquivo. Eu a pego e fixo meu olhar nas palavras *Certidão de óbito*.

É só uma cópia, mas não estou surpresa de que a senhorita Chanceler tenha uma em seus arquivos incrivelmente meticulosos, em seu escritório incrivelmente arrumado. Ela certamente ia querer recolher toda a informação – todos os fatos. Ela ia querer guarda-los para o meu avô – como prova de que sua filha realmente partiu.

Eu sei que a minha mãe morreu.

Não preciso ver provas.

Contudo, não consigo tirar os olhos do papel.

Vejo o nome da minha mãe. A data. A assinatura do médico legista rabiscada no pé da página.

E, finalmente, as palavras –

Causa da morte: Ferimento no peito por arma de fogo.

A porta deve ter sido aberta e fechada. O tempo deve ter passado, mas não sinto nada disso. Estou paralisada, não tremo, mal respiro. Fecho os olhos e ouço a reverberação do tiro, então estremeço com o som. Três anos se passaram, e ainda não consigo parar de tremer. Estou a milhares de quilômetros e finalmente a detonação me atingiu.

“Grace”, ouço a voz da senhorita Chanceler, viro-me e a vejo de pé à porta. “Não era para você ver isso.”

Está muito difícil respirar. Quero chorar. Gritar. Morrer.

Penso honestamente que vou morrer.

“Ela levou um tiro”, digo entre uma respiração irregular e outra. “Ela não morreu no incêndio. Ela levou um tiro!” Agora estou gritando.

Três anos de mentiras turbilhonam à minha volta. *Vejo mais claramente a loja anuviada. O rosto da minha mãe. Realmente ouço o estampido da arma e me assusto, os olhos cerrados, rechaçando o barulho.*

“Grace.”

Posso sentir uma coisa fria na minha mão.

“Grace!”, grita a senhorita Chanceler, me sacudindo. Percebo que ela me deu um copo d’água. A condensação penetra entre os meus dedos.

“Beba, Grace. Respire. Respire fundo.”

Faço o que ela diz, sorvendo o líquido frio num longo gole.

“Bom”, diz a senhorita Chanceler.

“Você mentiu”, digo. “Ela *levou* um tiro.” Não foi um acidente. Foi...”

“Foi um acidente, Grace.” A senhorita Chanceler segura meus braços com firmeza.

“Ela levou um tiro! Está escrito aqui.” Mostro a certidão de óbito. “Ela levou um tiro”, repito.

“Sente-se, Grace. Beba outro gole”, ordena a senhorita Chanceler, e eu faço o que ela diz, subitamente dócil e submissa.

“Eu estava certa”, murmuro para mim mesma. E então chego ao único pensamento que me acalma. “Eu não estou louca.”

“Não, Grace.” Lentamente, muito lentamente, a senhorita Chanceler balança a cabeça. “Temo que não.”

As palavras estão erradas. O tom. A sensibilidade na sala se alterou. Olho para a senhorita Chanceler, que está se afastando de mim. Observo o copo, que está meio embaçado agora. Girando. Tento focá-lo, mas o cômodo está girando também. Meus braços parecem mais pesados do que deviam, e sei que, mesmo para mim, esta sensação não é normal.

“O que aconteceu?”, digo. “Por que estou me sentindo tão... O que você fez comigo?”

“Sinto muitíssimo que tenha que ser assim”, diz a senhorita Chanceler, mas a voz dela soa muito distante. As palavras ecoam. “É para o seu próprio bem, querida. Espero que acredite em mim. Sempre foi para o seu próprio bem.”

Quero discutir e exigir respostas, mas tudo o que posso fazer é me concentrar no copo que está caindo, espatifando-se no chão.

Dois segundos depois, eu caio também.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS



O chão é frio e duro, e a primeira coisa que percebo quando acordo é que não consigo parar de tremer. Eu bati a cabeça? Estou ferida? Será algum tipo de choque que nunca tive antes?

Então, um novo medo se espalha sobre mim: *Talvez eu esteja no hospital novamente.*

Ou pior. Talvez nunca tenha saído.

Instantaneamente, tenho certeza de que os últimos meses – ou mesmo anos – foram simplesmente um sonho, uma ilusão muito triste. Sinto falta de Rosie, Megan e Noah. De Alexei. Queria que os meus amigos fossem reais e não invenção da minha mente perturbada.

Poderia ficar prostrada aqui para sempre, chafurdando neste medo, exceto pelo fato de que o cheiro está errado. Não há nenhum odor forte de antisséptico. O ar que preenche o cômodo não é limpo a ponto de quase doer quando se respira. Não. O ar à minha volta é salgado e livre, e é por isso que abro os olhos. E então sei que tudo foi real.

Tudo.

Bem devagar, tento me sentar. É quando percebo a fita adesiva pesada que amarra minhas mãos juntas, apertando tanto os meus punhos que a pulsação lateja em alto-relevo no lugar em que pele encosta com pele.

Subitamente, estou de volta ao hospital. Balançando de um lado para o outro. As mãos tremendo sem parar, não importa quão desesperadamente eu tente mantê-las calmas. Mesmo estando livre para me levantar, para andar, para perambular, estou amarrada. Um grito irrompe na minha garganta, e não sou capaz de contê-lo. Não o faria, mesmo que pudesse.

Tenho treze anos outra vez. Estou com frio e confusa, sabendo que o mundo acabou. Não há lugar seguro para ir.

Mordo a fita adesiva, os dentes roçando a carne até o sangue escorrer dos meus pulsos, mas só sinto o calor. Finalmente, meus dentes rompem um pedaço da fita e consigo rasgá-la, arrancando-a da minha pele; mas não sinto dor, só a sensação de estar viva quando meus pulsos se libertam e posso começar a pensar novamente.

Ainda estou viva.

O terror desaparece e me ponho lentamente de pé, me arrastando até uma das quatro janelas que dão para fora, a norte, sul, leste e oeste. As janelas são longas e estreitas, construídas para arqueiros e vigias, perfeitas para uma cidade sitiada. Mas, quando olho para a cidade abaixo de onde estou, não há exércitos rivais. Quaisquer que sejam os inimigos que nos esperam, agora estão no interior das muralhas.

O Homem da Cicatriz. A senhorita Chanceler. Eles não me mataram, e eu deveria agradecer por isso, mas não consigo parar de me perguntar por quê. Talvez não tenham tido tempo. Talvez eu esteja trancafiada nesta torre antiga como uma espécie de moeda de troca, como refém. Posso pensar numa dúzia de razões pelas quais eles me deixaram viva, mas nenhuma delas é boa.

Não há vidro nas janelas. Umas poucas velas ardem em arandelas, a luz bruxuleando e dançando à brisa suave e ao sol poente. De muitas maneiras, não estou mais no século XXI. Não há nenhum telefone no meu bolso. Megan e seus fones de ouvido minúsculos estão longe, muito longe. Passei os últimos dois dias tentando convencer meus amigos a me deixarem trancada na minha torre, e agora quero chorar com a ironia da situação – a consciência de que absolutamente ninguém vai sentir a minha falta.

Fico na ponta dos pés e olho pela janela o mais longe que posso. O sol já quase se pôs. Só um fino raio de luz se desprende do mar, e logo o céu ficará azul-escuro retinto. A multidão já está se reunindo lá fora. Posso vê-los daqui. De cima da colina mais alta da cidade, dentro da torre mais alta, posso ver tudo. Posso ver até o futuro.

A cúpula do G-20 chegará ao seu encerramento esta noite, e o Homem da Cicatriz terá acesso até mesmo às áreas mais seguras do encontro. Todos os líderes mundiais estarão reunidos lá. Os primeiros-ministros da Inglaterra e de Adria, os monarcas do Oriente Médio. Os presidentes dos Estados Unidos e da Rússia.

A conspiração está longe de terminar; está quase na hora de todos os atores entrarem em cena.

E eu não vou estar lá para detê-lo. Não desta vez. Estarei encerrada numa torre como uma Rapunzel, amaldiçoando minha escolha por cabelos realmente curtos.

“Socorro!”, grito pela estreita janela do leste. Lá embaixo, as pessoas enchem as ruas. Levam estandartes e balões de cores brilhantes; Adria sempre gostou de um espetáculo. Eles adoram cerimônias e tradições, e esta noite o mundo inteiro vai estar assistindo. Vão querer que o momento perdure.

“Aqui em cima!”, grito novamente. “Socorro! Socorro! Olhem aqui!”

Mas ninguém olha. Minha voz é apenas mais uma na cidade, outra coleção de gritos. A escuridão já está chegando. Vejo a iluminação da rua ficando mais brilhante, e duvido que alguém seja capaz de enxergar tão longe, aqui em cima, no escuro.

Ninguém vai me ver. Ninguém vai me ouvir. Vou morrer sozinha nesta torre, sem jamais poder dizer ao mundo que não sou louca.

Eu desabo, me deixo cair no chão. Ferida. Derrotada. E então faço o que sempre faço. Explodo, chuto e grito. Estou quase feliz de que ninguém possa me ouvir. Ninguém vai dizer que estou me comportando como uma criança. Dou chutes com tanta força que meu pé dói. Eu me levanto e me lanço contra a janela, indo de encontro às pedras.

Mas então a coisa mais estranha acontece.

Uma das pedras se move.

Há um lado positivo, é claro, de estar trancafiada numa torre de mil anos, compreendo ao examinar a parede, a pequena fresta de luz do sol que brilha onde a argamassa está rachando e se abrindo. A pedra, na realidade, se desloca quando eu a toco, então empurro com cada vez mais força até que ela se desprenda da parede e mergulhe no céu, mas não ouço o barulho da queda. Não há nada lá embaixo para aparar as pedras – para me aparar –, mas eu as empurro mais e mais. Pedra após pedra, o buraco na parede lateral da torre vai crescendo até que eu finalmente possa meter a cabeça para fora e ver uma extensão de grama lá embaixo. Estou numa das partes turísticas do palácio, mas não há turistas agora. Todos estão a caminho das celebrações. Não há absolutamente ninguém para me ver, para me ouvir, para me amparar se eu cair.

Abaixo, não há nenhuma escada, nenhuma plataforma. Nada, a não ser a parede perpendicular. E eu.

Quero gritar novamente, mas a voz me falta. À distância, a música começou. Daqui a uma hora, haverá discursos, sessões de foto e fogos de artifício. Em algum momento durante tudo isso, eu sei, alguém vai morrer.

Enxergo um cabo incrustado na pedra, um pouco acima de mim e ligeiramente à direita. Corro o olhar pelo cabo até ele desaparecer no crepúsculo. Será que ele vai até o chão? Será que ele corre entre a torre e os outros prédios do palácio? Não tenho certeza. Só sei que mal chega a estar ao meu alcance, e que é minha única saída.

Tiro o suéter, meto as mãos na altura dos braços e enrolo as mangas várias vezes sobre elas, até ficarem parecendo patas infladas.

Com todo o cuidado, subo na borda do pequeno buraco que fiz na parede da torre.

Não olho para baixo.

Não penso no que vai acontecer se eu errar.

Concentro-me, em vez disso, em todas as razões pelas quais tenho que fazer isso.

“Eu não estou louca”, digo em voz alta, e então pulo o mais alto que posso, me esticando, tentando alcançar.

Minhas mãos agarram o cabo.

E começo a escorregar.

CAPÍTULO TRINTA E SETE



Meu primeiro pensamento quando chego ao chão é que estou livre. O segundo é que a minha situação não tem nada de segura. E eu sei qual foi a pior coisa que a senhorita Chanceler e o Homem da Cicatriz tiraram de mim. Não foi a minha liberdade. Foi a minha confiança. Eles me fizeram duvidar de mim mesma. E agora o mundo inteiro também duvida de mim.

Eu sou a Menina que Gritava “Lobo”. E agora sou a única pessoa que pode salvar os cordeiros.

Meus pés doem quando corro colina abaixo rumo ao parque. Um deles se apoia entre dois paralelepípedos, e meu tornozelo torce. Mas não caio. Apenas continuo correndo.

A multidão está se adensando agora, conforme chego mais perto das arquibancadas e do gramado à frente do palácio. Posso ouvir a música parar. Os discursos estão começando. Logo, o presidente e todos os outros líderes mundiais tomarão o palco. O Serviço Secreto estará presente, sim, mas não vão estar preocupados em defender o presidente de seus semelhantes de Adria. Depois do que aconteceu na embaixada, eles provavelmente não vão ousar questionar o Homem da Cicatriz de qualquer maneira que seja, temerosos de arriscar outro incidente internacional.

Então, corro ainda mais rápido.

Há barreiras. Pessoas enchem as ruas. Empurro e puxo, mas não consigo chegar mais perto.

“Me deixe passar!”, tento. “Eu tenho que passar!”

Mas é inútil. Mesmo que eu voasse sobre a multidão, não haveria como chegar atrás das barreiras, como passar pelo Serviço Secreto. Tenho que chegar até o meu avô. Tenho que avisá-lo sobre a senhorita Chanceler e o Homem da Cicatriz. Tenho que fazê-lo entender. De algum modo.

Sei exatamente onde fica a próxima entrada para os túneis. Não sinto medo quando mergulho na escuridão e vou tateando o caminho ao longo do túnel, até um lugar que possivelmente esteja atrás das barreiras. Há uma abertura no alto. Não tenho ideia do que há acima de mim, mas sei que é o único caminho. Então subo e abro o alçapão, olho devagar para fora, respiro fundo e tento me localizar.

Mesmo com o sol ainda se pondo, está escuro demais aqui. Devo estar debaixo das arquibancadas, pois há vigas acima da minha cabeça. Posso ouvir o som abafado da voz amplificada do primeiro-ministro. À minha direita, à distância, há algo parecido com uma área de concentração. Posso ver carros entrando e saindo, um monte de homens grandes de terno escuro. Todo mundo nesta área ou se move com incrível eficiência e objetividade, ou então está absolutamente imóvel. Nenhuma perda de tempo. Nenhuma lentidão. É onde eles reúnem os VIPs, e agora estou entre eles.

Há aplausos da massa. Quando terminam, ouço as vinte bandeiras que se alinham no passeio tremularem ao vento.

Só há uma coisa a fazer – só uma coisa que importa. Vou encontrar o Homem da Cicatriz. Vou encontrá-lo e então...

Não me permito pensar nisso.

“Você não devia estar aqui, Grace.”

A voz dele está atrás de mim. Ele me agarra quando tento girar.

Sinto a respiração do Homem da Cicatriz no meu pescoço, ouço sua voz no meu ouvido. E sei que não o encontrei; ele *me* encontrou.

Sei que é tarde demais para correr.

Mas, de algum modo, não estou apavorada. Não estou tremendo de medo, mas de raiva.

“Você não pode me matar, pode?”, pergunto, quase orgulhosa.

“Não.” Posso sentir que ele balança a cabeça lentamente. “Não posso matar você.”

“Porque, se pudesse, eu já estaria morta.”

“Sim. Temo que sim.”

As palavras deveriam soar ameaçadoras. Aterrorizantes. Deveriam me fazer querer fugir, mas apenas permaneço ali, exigindo respostas. Sinto que tenho direito a elas.

Mas o Homem da Cicatriz não me dá respostas. Em vez disso, ele simplesmente me levanta. Mais rápido do que Jamie, mais forte do que meu pai quando tenta me ensinar a dar socos e chutes. O Homem da Cicatriz não está brincando, e, antes que eu possa impedi-lo, estou em seus ombros e ele está me levando para longe das pessoas que enchem a área de concentração, para longe do Serviço Secreto e dos guardas.

Ao me levantar um pouco em seus ombros, posso ver o palco ficando menor. Posso ouvir os discursos ficando cada vez mais baixos. O Homem da Cicatriz está me levando para mais e mais longe de qualquer socorro.

Meu avô está naquele palco. O presidente russo estará perto dele. Quem quer que seja o alvo do Homem da Cicatriz, estamos ficando cada vez mais longe deles também. E estou grata pela distância. Pode ser a única maneira que eu tenho de mantê-los a salvo.

“Para onde você está me levando?”

A voz dele é fria. “Embora.”

Quando viramos uma esquina, ele me solta, então aponta uma das entradas do túnel e diz: “Entre. Depressa.”

“Não vou a lugar nenhum com você!”

“Grace”, retruca ele, me imobilizando, fazendo-me olhar para ele nos olhos. “Pare de brigar, por favor. Apenas ouça. Olhe. Está vendo?” Ele põe a mão no bolso e tira um punhado de documentos. Há um passaporte dos Estados Unidos com a minha foto, mas o nome de outra pessoa. O endereço de outra pessoa. Uma certidão de nascimento. E um segundo passaporte, esse com a fotografia dele.

“Por que você tem isso?”, grito. “O que está fazendo?”

“Pegue-os. Vá! Volte para a embaixada e espere por...”

“Não! Não vou sair e deixar você matar alguém. Eu não... *Por que você tem um passaporte com a minha fotografia?*” Posso sentir a raiva passando, e a confusão aumentando em seu rastro.

“Não temos tempo para isso, Grace.” Quando ele estende a mão para mim outra vez, seu paletó se abre, revelando a arma no coldre. Não estou pensando agora. Estou agindo por instinto, levada pelo medo, ao puxar a arma e apontá-la para ele.

“Afaste-se. Saia de perto de mim. Ou eu atiro!”, grito. Minhas mãos não estão tremendo. A arma parece tão leve quanto o ar. Meus nervos estão serenos, estáveis. “Eu puxo o gatilho.”

Os olhos do Homem da Cicatriz estão arregalados. É quase como se ele estivesse confuso, mas então ele olha para o chão e sussurra: “Eu sei.”

É o modo como ele diz isso – a expressão no seu rosto. Não há raiva nem culpa. Só compaixão e... amor. Ele está se lembrando de alguém que amou.

“O que você está me escondendo?”, grito.

“Você realmente não lembra, não é?”

“Lembrar o quê?”, pergunto.

O Homem da Cicatriz passa o dedo sobre a linha irregular que vai do seu olho até o queixo. “A noite em que eu arranjei isso.”

CAPÍTULO TRINTA E OITO



Eu me esforço para encontrar as palavras. *"A noite em que você..."*

Viajo de volta à fotografia que a senhorita Chanceler me mostrou – o homem que não tinha cicatriz três dias antes da morte da minha mãe. Não faz sentido, entretanto alguma coisa fica presa na minha mente, como um fiapo de suéter fica preso numa unha. Posso sentir meu mundo todo começando a se revelar.

"Pense, Grace", diz ele, aproximando-se devagar. "Pense! Eles passaram anos enchendo a sua cabeça com mentiras. E talvez estivessem certos de tentar fazer você se esquecer do que aconteceu naquela noite. Bem que eu gostaria disso. Desejo isso todos os dias. Mas você não pode esquecer, pode, Grace? E você não pode se lembrar direito. *Pense!* Pense, antes que isso mate você."

"Afaste-se!", digo a ele. "Você não pode me fazer mal. *Eu* estou com a arma."

"Não, Grace." Ele balança a cabeça devagar e estende as mãos para as minhas. Minhas mãos *vazias*. Ele as levanta para eu ver. "Não está."

Olho para as minhas mãos e, depois, estupidamente, para o chão em volta. Onde foi parar a arma? Quando a perdi? Não sei. Por isso me agarro à única coisa de que tenho certeza – o único fato que sempre vai importar.

"Você matou a minha mãe. Você a matou. Você..."

“Eu fui lá para salvar a sua mãe!” A voz do Homem da Cicatriz corta o ar frio da noite. “Eu estava lá. Você tem razão. Você realmente me viu. Pessoas queriam que ela morresse, mas eu nunca mataria a sua mãe, Grace. Ela era a última pessoa... Eu nunca mataria a sua mãe. Por isso fui lá para buscá-la, para levá-la embora, para escondê-la. Nós íamos encenar a morte dela, e então...”

“Você está mentindo.”

“A morte da sua mãe foi um acidente”, diz ele com brandura, mas não sabe que essas são justamente as palavras erradas. Antes sequer de eu perceber, meus punhos estão batendo nos ombros dele, golpes cegos que em nada o abalam. Não consigo parar de tremer.

“Não!”, grito. “Não houve nenhum acidente. Eu vi o atestado de óbito. Ela levou um tiro!”

“Grace”, diz ele, agarrando meus braços e me puxando contra o peito, me abraçando e balançando a cabeça muito devagar, “não tem necessariamente que ser uma coisa ou outra”.

Então seus braços me soltam, e estou me afastando, subitamente embotada. Até as lágrimas no meu rosto parecem congelar.

“Não sei do que você está falando”, digo.

“Sabe, sim, Grace.” Ele parece tão triste. “Eles tentaram fazer você esquecer – dizer que você estava vendo coisas, que suas lembranças estavam erradas. Mas você sempre soube.”

É demais para mim. Não consigo pensar. Não consigo sentir. Não consigo fazer nada, a não ser tremer.

O Homem da Cicatriz está tão perto de mim. Bem aqui. Olhando fixamente nos meus olhos. Então, eu lhe dou um chute com toda a minha força. Meu sapato

bate violentamente na canela dele. Ele se abaixa de dor e eu o golpeio no olho com o cotovelo.

E então começo a correr.

Fogos de artifício riscam o céu. Há sons que parecem canhões disparando, a noite é um caleidoscópio de cores, sons e fogos.

Há tantos fogos.

Tenho que correr mais do que a fumaça. Tenho que conseguir ajuda. Tenho que...

Paro com um tranco ao dar de cara com alguma coisa. Com alguém. Braços me envolvem. Mas o rosto que me encara não pertence ao Homem da Cicatriz.

“Bem, olá, Grace”, diz o homem. “Você se lembra de mim? Nós nos conhecemos no palácio. Eu sou...”

“O primeiro-ministro”, digo. Ou penso que digo. Como devo saber o que é real? “O senhor viu meu avô?”, pergunto, e então penso na senhorita Chanceler, a pessoa mais próxima a ele, e sei que ele não está em segurança. “Eu tenho que ver o meu avô!”

“Grace, querida.” O primeiro-ministro me olha, há preocupação nos seus olhos. “Você está bem?”

“Estou!”, grito, mesmo que, honestamente, sinta como se estivesse caindo aos pedaços.

Estou é caindo fora.

Há barreiras à minha frente. Placas de *Cuidado! Explosivos!* gritam em três línguas diferentes. Não tenho ideia da distância que corri, mas não há ninguém por perto. Longos cabos se estendem sobre o calçamento de pedras. Vejo pilhas

de equipamentos. Andaimes se erguem no céu. Os gritos da multidão continuam a ecoar à distância, mas não estou nem perto de estar em segurança.

“Você não devia estar aqui”, diz o primeiro-ministro, e de repente compreendo que ele não está falando da área restrita, repleta de pirotecnias, não está falando da cerimônia de encerramento. Nem sequer de Adria. Ele quer dizer aqui. Viva.

Eu não devia estar viva.

Lentamente, começo a me afastar. Quando ele estende as mãos para mim, eu recuo sobressaltada.

“Você não confia em mim?” O primeiro-ministro na verdade está rindo.

“Não confio em *ninguém*.”

“Menina esperta”, diz o primeiro-ministro. Há uma cerca às minhas costas. Não posso ir mais longe, e é neste momento que o primeiro-ministro dá o bote para me pegar, agarrando meus braços com suas mãos pesadas, apertando-os como um torniquete.

Não consigo mais pensar, então apenas começo a dar chutes, a gritar. Meu treinamento já era, instinto e emoções brutas estão assumindo o controle, martelando todo o meu corpo. Finalmente encontro algo em que possa bater. Alguém que eu possa fazer sangrar. Quando meu cotovelo bate no nariz dele, ouço um estalido nauseante e sinto um jato de sangue quente no meu pescoço, e então de algum modo me sinto justificada.

Quero bater mais.

“Solte-a.” A voz do Homem da Cicatriz é fria, dura e impassível, e essa é a única coisa que me detém.

“Já devia ter acontecido a esta hora!”, grita o primeiro-ministro para ele. Então, começo a reconhecer. “Por que não foi feito, Dominic?”

Mas o Homem da Cicatriz não responde. Apenas permanece onde está, resoluto, empunhando sua arma com a mão notavelmente firme. Pela primeira vez, percebo que a arma não está apontada para mim.

“Venha para cá, Grace”, diz o Homem da Cicatriz. “Agora!”

“Não! Não vou a lugar nenhum com você!”, grito de novo.

O primeiro-ministro ri. “A mocinha disse tudo. Ela tem razão de não confiar em você, você sabe.”

Mas nada pode fazer com que o Homem da Cicatriz recue.

“Afaste-se dele, Grace. Ele não vai machucar você. Ele não é do tipo que suja as próprias mãos. Nunca foi.”

“E por que deveria?” O primeiro-ministro ri. “Essa sempre foi a sua especialidade.” Aí ele sussurra no meu ouvido, dizendo: “Ele matou a sua mãe, Grace”, mas as palavras estão longe demais. Quando os fogos de artifício explodem, eu estremeço. A fumaça me envolve por completo. Ouço alguém chamar meu nome.

“Grace! Grace, querida, não!”

“Solte-a, senhor”, grita o Homem da Cicatriz, sempre um funcionário respeitoso.

“Não.”

E então minha mãe está no chão à minha frente. Ela jaz ao pé da escada, o corpo desconjuntado, partido. Vejo Dominic na sacada. Na verdade, ele está tirando uma foto dela, como se ela fosse uma espécie de prêmio.

“Grace, não!”, a voz soa outra vez.

Há uma bolsa a meus pés. Vejo facas, luvas e gasolina. Uma arma. Abaixo a mão e a pego.

“Afaste-se dela”, digo a ele.

“Grace, está tudo bem”, diz o Homem da Cicatriz. Sinto a mão dele no meu braço, mas o vejo no alto da escada. As duas coisas.

“Você matou a minha mãe!”, grito.

“Grace...”, começa o Homem da Cicatriz.

Sinto um empurrão e, subitamente, estou caindo, batendo com muita força no chão. Estou tonta. Meus olhos se turvam. E minha respiração fica mais difícil do que deveria.

A fumaça está ficando mais densa. Vejo o fogo lambendo as escadas. As prateleiras abarrotadas da loja da minha mãe estão se incendiando, um item empoeirado após o outro. Os dominós estão caindo agora, varrendo a sala.

“Não consigo respirar”, digo sob barulhos de combate, xingamentos e luta.

Fecho os olhos e vejo minha mãe se mover. Eu a observo sentar- se e olhar para mim, seu rosto em metamorfose, da confusão ao terror. Dominic está começando a descer as escadas na direção da minha mãe.

“Sai de perto dela!”, grito, tentando ficar de pé.

“Grace, não!”, grita a mulher outra vez.

Não sei o que é real e o que é lembrança, o que é verdade e o que é imaginação. Tudo o que sei é que o ar é precioso e fugaz. Reconheço a agitação ardente quando ele deixa meus pulmões e me joga estatelada no chão, desesperada por oxigênio, espaço e sanidade.

Eu vi a arma. Posso senti-la na minha mão.

Há gritos, apelos e pânico. E fumaça. Há tanta fumaça.

“Grace, corra!”, grita a mulher, mas a voz não parece a da mi- nha mãe.

Disparo a arma uma vez. Duas. Continuo atirando até a arma não disparar mais.

Mas o homem não cai porque minha mãe está de pé, correndo em direção a ele até não conseguir correr mais. E eu apenas fico lá, olhando minha mãe cair, ensanguentada e ferida, nos braços de Dominic.

A fumaça está mais densa agora.

Vejo a sacada oscilar, desabar.

Dominic deveria ter levantado os braços para se proteger, mas, em vez disso, ele abraça o corpo da minha mãe, debruçado sobre ela enquanto a sacada desaba em cima dele. O lado direito do seu rosto se aperta contra o alto da cabeça dela – um último abraço – enquanto fogo e escombros chovem sobre o lado esquerdo.

“Não.” Posso sentir que estou retrocedendo. “Não. Não. Não.”

Vejo o primeiro-ministro recuar cambaleando, mas por um momento não reconheço a figura desfocada que está atrás dele quando ele cai no chão, ensanguentado. Apenas fico lá, esperando a fumaça se dissipar.

“Grace, você está bem?” A senhorita Chanceler segura a arma destravada, caso precise disparar outra vez, mas não será necessário.

Na minha cabeça, continuo a ouvir os tiros sem parar, e de novo, e de novo. Na minha mente, é outra pessoa no chão. E, no meu coração, sei que sempre fui a única culpada.

Olho para o lugar onde o primeiro-ministro jaz, e então vejo o Homem da Cicatriz. Eu o vejo como se fosse de uma distância muito grande. Eu o observo renascer como uma fênix. Eu o vejo em dois lugares ao mesmo tempo.

Vejo um homem de terno à minha frente, agachado na penumbra.

E vejo o homem de jaqueta de couro marrom se levantar devagar em meio a um turbilhão de fumaça. O sangue escorre abundantemente do seu rosto. Seu olho esquerdo está inchado e fechado. E a pele do lado esquerdo do seu rosto está quase negra de sangue, com queimaduras e um corte medonho da sobrancelha até o queixo.

Que vai deixar uma cicatriz.

“Você está conseguindo dormir, Grace?”, pergunta a dra. Rainier. Faço que sim. Não é mentira. Eu *estou* conseguindo dormir. Durmo o tempo todo. É acordar que está sendo difícil para mim. Porque, enquanto puder dormir, posso sonhar, e, enquanto puder sonhar, posso viver num lugar em que aquela noite tenha um final diferente.

Mas ela jamais terá.

“Como você está se sentindo?”, pergunta a médica.

Minhas roupas parecem grandes demais. Não consigo me lembrar da última vez em que lavei os cabelos. Meus amigos tentam me visitar, mas não sou capaz de encará-los. Ainda não. A senhorita Chanceler traz comida e eu acho que como. Mas talvez não. Não me lembro, e, mesmo que me lembrasse, não confiaria na minha memória de todo modo. Não confio em nada – em ninguém. Especialmente em mim mesma.

A maior parte do tempo, fico deitada na cama, sentindo cheiro de fumaça.

A maior parte das vezes, tento voltar no tempo.

“Eu atirei na minha mãe.” Digo as palavras que têm me assombrado há dias. Na verdade, há mais tempo do que isso. Anos. Elas têm me assombrado há anos. As memórias das semanas no hospital estão voltando lentamente. Eu me lembro em fragmentos dispersos por que meu pai pediu transferência, quando tinha jurado apenas poucos meses antes que nós nunca mais teríamos que nos mudar. Sei por que o meu avô não consegue olhar para mim, sua neta – a adolescente egocêntrica e inconsequente que atirou e matou a única filha dele.

Sei que o Homem da Cicatriz estava certo – a verdade é como uma corda bamba e um dia eu teria que cair. Parte de mim só deseja que a queda tivesse me matado. Parte de mim celebra que eu esteja tão dolorosamente viva.

“Eu sou a razão pela qual ela está morta.”

“Não.”

Nunca ouvi a dra. Rainier falar com tanta firmeza antes, com tanta resolução. Quase como se eu a tivesse irritado.

“Foi um acidente.” Não posso acreditar nas palavras até elas saírem da minha boca, vertidas em soluços dolorosamente derramados. As mesmas palavras que eu passei os últimos três anos desprezando. Mas elas estavam certas, não estavam? Minha família não mentiu para mim. Eles apenas nunca me contaram a verdade.

“O Jamie sabe?” Finalmente faço a pergunta que mais temia. “Ele... ele me odeia também?”

“Seu irmão não odeia você, Grace.” A médica sorri com tristeza e assente lentamente. “E, sim, ele sempre soube que você disparou a arma.”

“Que eu matei a minha mãe”, digo.

“Foi um acidente”, diz a médica, e então começo a chorar.

A dra. Rainier me passa um lenço e continua. “A mente humana é uma coisa miraculosa. De algum modo, ela sabe o que nós somos capazes de aguentar. É assim que ela se autolimita. E, três anos atrás, você sabia que não estava pronta para processar esta informação. Você se permitiu esquecer. E as pessoas na sua vida não tiveram coragem de lembrá-la. Elas pensaram que era melhor assim.”

Era? Ainda não tenho certeza. Eu quero voltar a antes de saber. A raiva é uma emoção muito mais fácil de se lidar do que a culpa.

“O luto e a culpa foram demais para você, então sua mente simplesmente escolheu esquecer. Mas ela não pôde esquecer tudo.”

“O Homem da Cicatriz”, digo.

A dra. Rainier concorda com um leve assentir. “Você sofre de uma condição médica chamada transtorno de estresse pós-traumático. Você está doente, Grace. E nós vamos ajudar você a melhorar.”

Ela sorri ao dizê-lo. Tento sorrir de volta, sabendo que não se pode dar um nome a quem eu sou e ao que fiz.

“Venha”, diz a médica, levantando-se. “Há uma coisa que nós achamos que está na hora de você ver.”

“Nós?”, pergunto.

Quando a porta se abre, a senhorita Chanceler está lá, sorrindo para mim. “Venha logo, Grace. Chegou a hora.”

Fico em silêncio ao seguir a senhorita Chanceler pela rua. Não pergunto onde estamos indo. De uma maneira ou de outra, já sei que ela não vai me dizer.

“Seus amigos têm perguntado por você, Grace. Eles querem vê-la. Noah, Megan e Rosie vêm aqui quase todos os dias.”

“Eu sei”, digo, e então percebo que está faltando alguém. “Alexei?”

“Bem, infelizmente Alexei voltou para Moscou. Há algumas... *mudanças* em curso entre os vizinhos.”

Alexei está indo embora?, eu me pergunto. E então compreendo que não, que Alexei já foi. E tenho um breve momento de alívio. Fico contente por ele ter ido. Ele está em segurança. E longe, longe de mim.

A senhorita Chanceler vira numa pequena rua que fica atrás da embaixada da Costa Rica. Percebo que nunca passei por aquele caminho antes, mas apenas sigo, ouvindo o ruído dos seus saltos altos nos paralelepípedos, quando uma densa névoa começa a cair. Ainda assim, ela não se apressa.

“Você matou o primeiro-ministro”, digo.

“Na verdade, ele está em coma no momento. Mas eu atirei nele, sim.” Ela para e me encara. Há uma força nos seus olhos castanhos. “E eu ficaria feliz de fazê-lo novamente, se fosse preciso para salvar você. Eu faria qualquer coisa para salvar você.”

Estou apenas começando a dizer alguma coisa quando a senhorita Chanceler se vira e examina a viela à nossa volta. “Aqui vamos nós!”, diz ela ao localizar o estranho símbolo na pedra e apertá-lo.

Não digo uma palavra quando as pedras começam a se mover, revelando a entrada de um dos antigos túneis. É engraçado vê-la descer pela velha escada com sua saia e seus saltos altos, mas ela o faz com um bocado de elegância, é claro. Quase como se fizesse isso todos os dias.

“Por que tenho a impressão de que há um monte de coisas que você não está me contando?”, pergunto após um momento. “Vai me contar agora?”

“Sim, Grace. Agora vou contar tudo a você.”

Do lado de fora, a chuva fica mais forte, e ouço a água cair dentro dos túneis. O ar está quente e úmido. É como andar por um nevoei- ro muito abafado.

“Em primeiro lugar”, começa a senhorita Chanceler, “presumo que você tenha compreendido que o primeiro-ministro mandou Dominic matar sua mãe. Mas Dominic foi leal a ela.”

Leio a verdade nos seus olhos, o fato que ela não pode mencionar propriamente. “Ele estava apaixonado por ela, não estava?”

A senhorita Chanceler confirma com um delicado aceno de cabeça. “Eles eram namorados de infância. Sua mãe cresceu e se casou com seu pai, mas acredito que Dominic amou Caroline a vida inteira. Então, ele recebeu ordens para matá-la. É claro que não ousou recusar a ordem do primeiro-ministro, porque não podia correr o risco de que outra pessoa fosse contratada para cumprir a missão. Foi então que Dominic elaborou um plano.”

“Ele encenou a morte dela. Eu vi pela janela e parecia que ela estava morta”, digo, meio que explicando a mim mesma. Como se houvesse qualquer explicação. Meu corpo está entorpecido. “Eu vi minha mãe morta.”

“Sim, minha querida. Você viu. Ou você *pensou* que viu. Ele ia tirar uma fotografia para provar que estava feito e, depois, pôr fogo na loja e levá-la para um esconderijo. Ele já havia arranjado outro corpo. Eles falsificaram os registros dentários dela. Realmente, ele tinha pensado em tudo, menos...”

“Em mim.”

“Sim”, diz a senhorita Chanceler suavemente. “Quando sua mãe de fato morreu, Dominic voltou para cá e reassumiu seu antigo emprego. O primeiro-ministro supôs que ele havia matado a sua mãe e Dominic conseguiu se aproximar cada vez mais do seu chefe. Mas quando você voltou para a Ala das Embaixadas e começou a dizer que tinha visto o ‘Homem da Cicatriz’ matar sua mãe, o primeiro-ministro entrou em pânico. E mandou Dominic matar novamente.”

“A mim.” As palavras são pouco mais que um sussurro. “Ele devia me matar, não é?”

“Sim, Grace.” A senhorita Chanceler inclina a cabeça. “Se você não tivesse identificado Dominic como o assassino de sua mãe, nunca teria sido vista como uma ameaça. Mas você identificou. E se tornou uma ameaça.”

“Ele estava se encontrando com você, não estava?”, pergunto a ela. “Naquela noite na embaixada americana.”

A senhorita Chanceler sorri. É como se eu tivesse finalmente lhe dado um motivo para ter orgulho de mim. “Sim, de fato. Naquela noite, Dominic veio me falar sobre sua nova missão, e juntos tentamos montar um plano para manter você a salvo. Ou pelo menos mais segura. Sinto dizer que não tivemos o sucesso que gostaríamos. Ele ia deixar o país e levá-la com ele, mas agora... Bem, agora nossos planos mudaram outra vez.”

E então penso na pergunta de Megan – aquela que nenhum de nós jamais conseguiu sequer começar a responder.

“Por quê?” Eu paro, forçando a senhorita Chanceler a se virar e a me olhar cuidadosamente. “Por que o primeiro-ministro queria a minha mãe morta?”

“Essa, querida, é uma excelente pergunta. E uma pergunta que – mesmo depois de três anos – não temos muita certeza de como responder.” A senhorita Chanceler dá um passo na direção das portas duplas, mas para, as mãos repousando sobre elas. Como se aquele limiar fosse importante – como se aquela

pergunta fosse importante. Como se, depois dela, nenhuma de nós fosse capaz de voltar.

“A única coisa que sabemos”, continua a senhorita Chanceler, “é que provavelmente teve algo a ver com o trabalho da sua mãe”.

“O trabalho dela?” Dou uma risada. “Ela era esposa de militar – vendedora de antiguidades.”

Aí é a vez de a senhorita Chanceler rir.

“Não, Grace. Sua mãe era tudo isso, claro. Mas não era *só* isso. Havia aspectos da vida dela que ela não podia contar a ninguém. Nem mesmo a você.”

Quando a senhorita Chanceler empurra as portas para abri-las, estou esperando outra coisa – talvez outro trecho de túnel. O que vejo não faz sentido. Há mais portas depois do umbral. E mais do que portas. Reconheço as engrenagens e as rodas – o mesmo tipo de mecanismo que abre e fecha as entradas de túneis espalhadas pela cidade.

E lá no centro de todas as rodas e engrenagens, vejo o mesmo emblema que eu nunca tinha realmente parado para examinar.

A senhorita Chanceler põe a mão sobre o emblema e empurra. Instantaneamente, os mecanismos começam a vibrar. Girando, espiralando, movendo-se como uma máquina bem azeitada. Partes da parede começam a se deslocar, descendo juntas uma após a outra, até que surge um grande buraco redondo no lugar onde a parede estava.

Eu percorri estas passagens durante dias. Conheço os tetos baixos e os corredores com cheiro de mofo como conheço a palma da minha mão. Mas, na verdade, não sei de nada, percebo, enquanto sigo a senhorita Chanceler através do grande buraco redondo.

A sala que nos recebe não é sequer uma sala de verdade. Parece mais uma catedral, a estender-se sob a cidade. O teto alto e arqueado se ergue acima de um piso de mármore. Com apenas uma olhada, posso perceber que é antiga. Não, antiga, não. *Ancestral.* Estou um pouco amedrontada de seguir a senhorita Chanceler sobre a plataforma que se estende ao redor da imensa sala, elevando-se acima de fileiras e mais fileiras de livros. Uma extensa parede de pedra é ornada com armas – espadas, escudos e lanças. Olho para a senhorita Chanceler.

“Você vai ficar bem, Grace”, diz a senhorita Chanceler, as palavras quase me fazendo perder o equilíbrio.

“Eu vou ficar bem”, repito, então me agarro ao antigo corrimão à minha frente, olhando para o passado lá embaixo.

A senhorita Chanceler levanta a mão, fazendo um gesto para eu segui-la. “Venha, Grace. Há muitíssimas coisas para você aprender.”

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)

C323e

Carter, Ally, 1974-.

Em queda livre / Ally Carter ; tradução Renato Aguiar. – Rio de Janeiro (RJ): Guarda-Chuva, 2015. – (Segredos Diplomáticos ; v.1)

352 p. : 14 x 21 cm

Título original: All fall down: an embassy row novel
ISBN 978-85-99537-40-4

1. Literatura americana - Romance. I. Aguiar, Renato. II.Título.

CDD-823


Star Books Digital

Copyright © Ally Carter, 2015

Coordenação editorial: Alice Galeffi

Produção editorial: Fernanda Cosenza

Tradução: Renato Aguiar

Revisão: Guilherme Semionato

Diagramação: José Jorge Cunha

Capa e projeto gráfico: Bettina Birmarcker

[2015] Todos os direitos desta edição reservados à Editora Guarda-Chuva Ltda.

Rua Jardim Botânico, 674 - sala 316 22461-000 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: +55 21 2239-4023

editoraguardachuva.com.br